

from the author of The Uncanny and The Vanishing Girl

THE BARGAINER SERIES BOOK ONE

rhapsodic

LAURA THALASSA

make

a

deal

if

you

dare

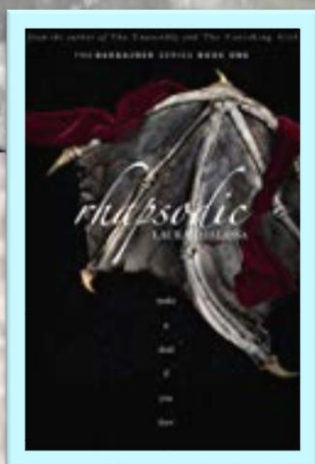




DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT
TRADUÇÃO: LAGERTHA
REVISÃO: MARGO CALDERON
LEITURA FINAL: PANDORA PATRUNI, ANDRESA
FORMATAÇÃO: LAGERTHA CALDERON



THE BARGAINER SERIES





SINOPSE

Callypso Lillis é uma sereia com um problema muito grande, que se estende por seu braço e vai muito para o seu passado. Nos últimos sete anos, ela vem colecionando uma pulseira de contas pretas no pulso, promessas mágicas de favores que ela recebeu. Apenas a morte ou um reembolso pagarão os favores. Só então as contas desaparecerão.

Todo mundo sabe que se você precisa de um favor, você vai ao negociador para que isso aconteça. Ele é um homem que pode conseguir o que você quiser... Por um preço. E todos sabem que, mais cedo ou mais tarde, ele sempre cobra.

Ele nunca pediu reembolso para nenhum de seus clientes. Até agora. Quando Callie encontra o rei da noite fae em seu quarto, com um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos, ela sabe que as coisas estão prestes a mudar. No começo é apenas um beijo casto - o valor de uma única miçanga - e uma promessa de mais.

Para o negociador, é mais do que apenas uma questão de reacender um velho romance. Algo está acontecendo no Outro Mundo. Guerreiros fae estão caindo um por um. Apenas as mulheres são devolvidas, cada uma em um caixão de vidro, uma criança agarrada ao peito. E depois há os sussurros entre os escravos, sussurros de um mal que foi despertado.

Se o negociador tem alguma esperança de salvar seu povo, ele precisará da ajuda da sereia que ele rejeitou há muito tempo. Só que seu inimigo tem um gosto por criaturas exóticas, e Callie só acontece de ser uma.





GLOSSARIO

Arestys: Uma terra rochosa estéril que pertence ao reino da noite; conhecida por suas cavernas; menor e mais pobre das seis ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite.

Barbos: Também conhecida como a cidade dos ladrões; a maior das ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite; ganhou uma reputação por seus salões de jogos, gangues, enseadas contrabandistas e tabernas.

Changelings: Uma criança trocada ao nascer; pode alternativamente referir-se a uma criança fae criada na Terra ou a uma criança humana criada no Outro Mundo.

Fae das trevas: Uma fae que abandonou a lei Desmond Flynn: regente do Reino da Noite; também conhecido como o Rei da Noite, Imperador das Estrelas Vespertinas, Senhor dos Segredos, Mestre das Sombras e Rei do Caos.

Fae: Um termo que denota todas as criaturas nativas do Outro Mundo.

Faes: As faes mais comuns no Outro Mundo; pode ser identificada por suas orelhas pontudas e, na maioria dos casos, asas; conhecida por seus truques, natureza secreta e temperamentos turbulentos

Encanto: Hipnose mágica; torna a





vítima suscetível a influência verbal; considerada uma forma de controle mental; empunhado por sereias; eficaz em todos os seres terrestres; ineficaz em criaturas de outros mundos; proibido pela Casa das Chaves por causa de sua capacidade de tirar o consentimento de um indivíduo.

Homem verde: Rei consorte de Mara Verdana, Rainha da Flora.

Casa das Chaves: O corpo governante global do mundo sobrenatural; sede localizada em Castletown, Ilha de Man.

Ilha de Man: Uma ilha nas Ilhas Britânicas localizada entre a Irlanda a oeste e o País de Gales, Inglaterra e Escócia a leste; o epicentro do mundo sobrenatural.

Janus Soleil: governante do Reino do Dia; também conhecido como o Rei do Dia, Senhor das Passagens, Rei da Ordem, Contador da Verdade e Portador da Luz.

Karnon Kaliphus: Governante do Reino da Fauna; também conhecido como o Rei da Fauna, Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem e Rei das Garras.

Reino do Dia: Outro reino que preside todas as coisas referentes ao dia; reino transitório; viaja pelo Outro Mundo, arrastando o dia com ele; localizado em frente do Reino da Noite; as onze ilhas flutuantes dentro dele





são as únicas massas de terra que podem reivindicar residência permanente dentro do Reino do Dia.

Reino da Morte e da Terra Profunda: Reino do Outro Mundo que preside todas as coisas que morreram; reino estacionário localizado no subsolo.

Reino da Fauna: Outro reino que preside todos os animais; reino estacionário.

Reino da Flora: Outro reino que preside toda a vida vegetal; reino estacionário.

Reino do Mar: Outro reino que preside todas as coisas que residem em corpos de água; reino estacionário.

Reino da Noite: Outro reino que preside todas as coisas referentes à noite; reino transitório; viaja pelo Outro Mundo, arrastando a noite com ele; localizado em frente do Reino do Dia; as seis ilhas flutuantes dentro dele são as únicas massas de terra que podem reivindicar residência permanente dentro do Reino da Noite.

Linha ley: Estradas mágicas dentro e entre os mundos que podem ser manipulados por certas criaturas sobrenaturais Lephys: também conhecida como a cidade dos amantes; uma das seis ilhas flutuantes dentro do Reino do Dia; acredita-se que seja uma das cidades mais românticas do Outro Mundo.





Mara Verdana: Governante do reino de Flora; também conhecida como Rainha da Flora, Senhora da Vida, Senhora da Colheita e Rainha de Tudo que cresce.

Outro Mundo: Terra dos faes; acessível da terra através de linhas ley; conhecido por suas criaturas cruéis e reinos turbulentos.

Academia Peel: Internato sobrenatural localizado na Ilha de

Phyllia e Memnos: Ilhas irmãs ligadas por ponte; localizado dentro do Reino da Noite; também conhecida como a Terra dos Sonhos e Pesadelos.

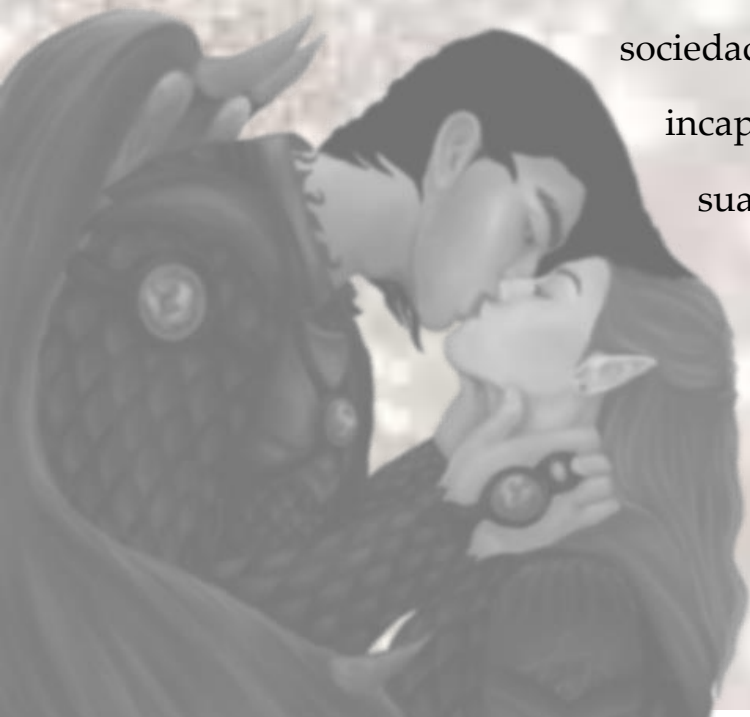
Pixie: Fae alado que são aproximadamente do tamanho de uma mão humana; como a maioria dos fae, são conhecidos por serem intrometidos, secretos e travessos.

Politia: A força policial sobrenatural; jurisdição global.

Portal: portas ou pontos de acesso a linhas ley; pode se sobrepor vários mundos.

Sete Sagrados: Também conhecidos como os dias proibidos; os sete dias que cercam a lua cheia quando os shifters se afastam da sociedade; costume estabelecido devido a incapacidade de shifters para controlar sua transformação de humano para animal durante os dias mais próximos da lua cheia.

Somnia: Capital do Reino da Noite; também conhecida como a





Terra do Sono e da Pequena Morte Vidente: Um sobrenatural que pode prever o futuro Shifter: Um termo geral para todas as criaturas que podem mudar de forma.

Sereia: Criatura sobrenatural de extraordinária beleza; exclusivamente feminina; pode encantar todos os seres terrestres para fazer o seu lance; propensa a tomar más decisões.

Comunidade sobrenatural: Um grupo que consiste em todas as criaturas mágicas que vivem na Terra.

Ladrão de Almas: O indivíduo responsável pelos desaparecimentos de guerreiros faes.

Lobisomem: Também conhecido como um licanthropo ou shifter; um humano que se transforma em lobo; governado pelas fases da lua.





PROLOGO

Maio, oito anos atrás

HÁ SANGUE NAS MINHAS MÃOS, sangue entre os dedos dos meus pés, sangue salpicado no meu cabelo. Ele está espalhado pelo meu peito e, para meu horror, posso sentir algumas gotas em meus lábios. Há muito disso manchando o chão polido da cozinha. Ninguém pode sobreviver a essa perda de sangue, nem mesmo o monstro aos meus pés.

Meu corpo inteiro treme, adrenalina ainda bombeando nas minhas veias. Eu deixo cair a garrafa, o vidro quebrando quando atinge o chão, e caio de joelhos.

Sangue encharcando meu jeans.

Eu olho para o meu torturador. Seus olhos vidrados perderam o foco e sua pele, sua cor. Se eu fosse uma pessoa mais corajosa, teria colocado meu ouvido em seu peito para ter certeza de que seu coração frio e enegrecido parou. Eu não suporto tocá-lo, mesmo agora. Mesmo que ele não possa mais me machucar.

Ele se foi. Ele finalmente se foi.

Um soluço desesperado sai de mim. Pela primeira vez no que parece uma eternidade, posso respirar. Eu choro novamente. Deuses, isso é bom. Desta vez, as lágrimas seguem.





Eu não deveria sentir alívio. Eu sei disso.
Eu sei que as pessoas devem lamentar a perda de
uma vida. Mas eu não posso. Não a dele, de
qualquer maneira. Talvez isso me faça má. Tudo o que
sei é que hoje à noite eu enfrentei meu medo e sobrevivi.

Ele está morto. Ele não pode mais me machucar. Ele morreu.
Leva apenas mais alguns segundos para que minha ficha caia.
Oh Deuses. Ele está *morto*.

Minhas mãos começam a tremer. Tem um corpo e sangue,
muito sangue. Estou encharcada. Ele mancha meu dever de casa, e
uma gota gorda obscurece o rosto de Lincoln em meu livro de
história.

Um arrepio passa por meu corpo.

Eu olho para as minhas mãos, me sentindo como Lady Macbeth.
Saia maldita gota! Eu corro para a pia da cozinha, deixando um rastro
de pegadas sangrentas.

Oh, Deuses, eu preciso tirar o sangue dele de mim agora.

Eu lavo minhas mãos furiosamente. O sangue nas minhas
cutículas e sob minhas unhas, eu não posso
tirá-lo, mas isso não importa, porque eu
noto que o líquido vermelho cobre meus
braços. Então eu esfrego eles, mas
então estão em minha camisa, e eu
posso ver isso congelando em meu
cabelo.





Eu choramingo quando faço isso. Não importa. Não está saindo.

Porra.

Eu me inclino sobre a bancada de granito e avalio a mistura rosada de sangue e água que mancha o chão e a pia. Não posso me esconder disso.

Relutantemente, meus olhos deslizam para o corpo. Uma parte ilógica de mim espera que meu padrasto se levante e me ataque. Quando ele não faz exatamente isso, começo a pensar de novo.

O que eu faço agora? Chamo a polícia? O sistema de justiça protege as crianças. Eu vou ficar bem, eles só me chamarão para um interrogatório.

Mas eles vão me proteger? Não é como se eu tivesse matado qualquer um. Eu matei um dos homens mais ricos e intocáveis que já respirou. Não importa que fosse em legítima defesa. Mesmo na morte, homens como ele se safam do impensável o tempo todo.

E eu teria que falar sobre isso – tudo isso. Náuseas rolam em mim.

Mas eu não tenho escolha, eu tenho que me entregar – a menos que...

O monstro sangrando em nossa cozinha conhecia um homem que conhecia outro homem. Alguém que poderia limpar uma situação





confusa. Eu só tinha que vender um pouco da minha alma para falar com ele.

Sem policiais, sem perguntas, sem assistência social ou prisão.

Quer saber? Ele pode ter o que sobrou da minha alma. Tudo que eu quero é me livrar.

Eu corro para a gaveta de quinquilharias, minhas mãos trêmulas tendo problemas para abri-la. Quando consigo, é um trabalho curto pegar o cartão de visita e ler as informações do contato peculiar. Há uma única frase escrita nela, tudo que tenho que fazer é recitar em voz alta.

O medo me atravessa. Se eu fizer isso, não há como voltar atrás.

Meu olhar passa pela cozinha. *Já é tarde demais para recuar.*

Eu aperto o cartão em minha mão. Respirando fundo, faço como o cartão de visitas instrui.

—Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.





CAPITULO 1

Presente

UMA PASTA DE ARQUIVOS cai na mesa em minha frente.

—Você recebeu algumas cartas, vadia.

Eu abaixei minha caneca de café fumegante, meus olhos saindo rapidamente do meu laptop.

Temperance “Temper” Darling – Juro por Deuses que esse é o nome dela – Minha parceira de negócios e melhor amiga, está do outro lado da minha mesa, um sorriso tímido no rosto.

Temper cai no assento em frente a mim.

Eu tiro meus tornozelos da minha mesa, estendendo o braço para arrastar o arquivo para perto de mim.

Ela acena para a pasta. — Isso é um dinheiro fácil, garota. — Eles são todos dinheiros fáceis, e ela sabe disso.

Seus olhos percorrem meu escritório do tamanho de um armário, parecido com o dela.

—Quanto é a oferta do cliente? — Eu pergunto, levantando meus pés mais uma vez na borda da minha mesa.

—Vinte mil para uma única reunião com o alvo, e ela já sabe quando e onde você vai interceptar o alvo.





Assobio. Dinheiro fácil, de fato.

—Hora do encontro com o alvo? —

Pergunto.

—Oito da noite, hoje à noite no Flamencos. É um restaurante chique, para sua informação, então — seu olhar cai para minhas botas arranhadas, — você não pode usar *isso*.

Eu reviro meus olhos.

—Oh, e ele estará lá com os amigos.

E aqui estava eu, ansiosa para chegar em casa relativamente cedo.

—Você sabe o que o cliente quer? — Eu pergunto.

—O cliente acredita que o tio, nosso alvo, está abusando da tutela da mãe dele, a avó dela. Os dois vão à tribunal sobre o assunto, ela quer economizar algum dinheiro com advogados e obter uma confissão diretamente da boca do cavalo.

Agora, essa excitação familiar faz minha pele começar a brilhar. Esta é a chance de, potencialmente, ajudar uma velha senhora a punir o pior tipo de criminoso — alguém que ataca sua própria família.

Temper percebe minha pele brilhando, seu olhar paralisa. Ela estende a mão antes de controlar a si mesma. Nem mesmo ela é imune ao meu encanto.

Ela sacode a cabeça.

—Garota, você é uma filha da puta doente.





Essa é a verdade sincera de Deuses.

—Precisa de uma para reconhecer a outra.

Ela bufa. —Você pode me chamar de Bruxa Malvada do Oeste.

Mas Temper não é uma bruxa. Ela é algo muito mais poderoso.

Ela verifica seu telefone. —Merda, — ela diz, —eu adoraria ficar e conversar, mas meu suspeito estará em Deli de Luca em menos de uma hora, e com o tráfego da hora de almoço de Los Angeles... Eu realmente não quero ser forçada a atravessar a 405 como o Mar Vermelho. Merdas assim pareceria suspeito. — Ela se levanta, empurrando o telefone em seu bolso. —Quando Eli voltará?

Eli, o caçador de recompensas que às vezes trabalha para nós e às vezes trabalha para a Polítia, a força policial sobrenatural. Eli, que também é meu namorado.

—Desculpe Temper, mas ele ficará fora por mais uma semana.
— Eu relaxo um pouco enquanto digo as palavras.

Isso é errado, certo? Gostar do fato de que seu namorado não está e você estará sozinha?

Provavelmente também é errado achar o amor dele sufocante. Eu tenho medo do que isso significa, especialmente porque nós não deveríamos estar namorando em primeiro lugar.





A primeira regra no livro é não se envolver com os colegas. Uma noite de bebidas depois do trabalho seis meses atrás, e eu quebrei essa regra como se ela nunca tivesse existido em primeiro lugar.

E eu quebrei de novo, e de novo, e de novo até que eu me encontrei em um relacionamento que eu não tinha certeza se queria.

—Ugh, — diz Temper, seu cabelo afro pulando um pouco quando ela inclina a cabeça para trás, seus olhos se movendo para o céu. — Os bandidos sempre adoram fazer merdas quando Eli não está aqui. — Ela caminha até a minha porta, e com um olhar de despedida, ela sai do meu escritório.

Eu olho para o arquivo por um momento, então eu o pego.

O caso não é nada de especial. Não há nada particularmente cruel ou difícil sobre isso. Nada para me fazer pegar o Johnnie Walker que guardo em uma das gavetas da minha escrivaninha. Eu acho que quero de qualquer maneira, minha mão coça para puxar a garrafa.

Muitas pessoas más neste mundo.

Meus olhos se movem para as miçangas de ônix que envolvem meu braço esquerdo enquanto eu tamborilo meus dedos contra a mesa. As miçangas parecem engolir a luz em vez de refleti-la.

Muitas pessoas ruins e muitas lembranças dignas de serem esquecidas.





O RESTAURANTE POMPOSO em que entro às oito da noite está com a luz, das velas piscando fracamente em cada mesa de dois lugares.

Flamencos é claramente um lugar onde as pessoas ricas se juntam.

Eu sigo o garçom, meus saltos estalando suavemente contra o chão de madeira enquanto ele me leva a uma sala privada.

Vinte mil. É muito maldito dinheiro. Mas eu não estou fazendo isso pelo pagamento. A verdade é que eu sou uma conhecedora de vícios, e este é um dos meus favoritos.

O garçom abre a porta da sala privada e eu entro.

No interior, um grupo de pessoas conversa amigavelmente em torno de uma grande mesa. Suas vozes se acalmam um pouco assim que a porta se fecha atrás de mim. Eu não faço nenhum movimento em direção à mesa.

Meus olhos pousam em Micky Fugue, um homem careca de quarenta e tantos anos. Meu alvo.

Minha pele começa a brilhar quando deixo a sereia em mim vir à tona. — Todos saiam. — Minha voz é melodiosa, sobrenatural. Convincente.

Quase como um só, os convidados se levantam, com os olhos vidrados.





Este é meu lindo e terrível poder. O poder de uma sereia.

Obrigar os dispostos – e indispostos – a fazerem e acreditarem em qualquer coisa

Encanto. É ilegal. Não que eu realmente me importe.

— A noite foi ótima, — digo a eles enquanto passam. — Vocês adorariam fazerem isso em algum momento no futuro. Ah, e eu nunca estive aqui...

Quando Micky passa por mim, eu agarro seu braço. — Você não.

Ele para, preso na teia da minha voz, enquanto o resto dos convidados sai. Seus olhos vidrados piscam por um momento e, nesse instante, vejo sua confusão enquanto sua consciência luta contra minha estranha magia. Então passa.

— Vamos sentar. — Eu o guio de volta ao seu lugar, em seguida, deslizo para o assento próximo a ele. — Você poderá sair assim que terminarmos.

Ainda estou brilhando, meu poder aumentando a cada segundo

que passa. Minhas mãos tremem um pouco

enquanto luto contra meus outros

impulsos – sexo e violência. Considere-

me como uma moderna Jekyll e

Hyde. Na maioria das vezes eu sou

simplesmente Callie, a

Investigadora Particular. Mas





quando preciso usar meu poder, outro lado de mim surge. A sereia é o monstro dentro de mim, ela quer tomar e tirar. Para causar estragos, para se deliciar com o medo e a luxúria de suas vítimas.

Eu tenho dificuldade em admitir isso em voz alta, mas controlá-la ainda é difícil.

Pego um pedaço de pão de uma das cestas no centro da mesa e deslizo sobre um prato pequeno que um dos convidados não tocou. Depois que eu derramo azeite, e em seguida, vinagre balsâmico no prato, eu mergulho o pão nele e dou uma mordida.

Eu olho o homem ao meu lado. Esse terno sob medida que ele veste esconde sua barriga grande. Em seu pulso, ele usa um Rolex. O arquivo dizia que ele era um contador. Eu sei que eles fazem um dinheiro decente, especialmente aqui em L.A, mas eles não ganham tão bem assim.

—Por que não vamos direto ao ponto? — Digo. Enquanto eu falo, eu configuro meu celular para que a câmera registre nossa conversa. Para não correr nenhum risco, pego um gravador de mão e ligo-o.

—Eu vou gravar essa conversa. Por favor, diga sim em voz alta e dê seu consentimento para esta entrevista.

As sobrancelhas de Micky se juntam enquanto ele luta contra o encanto na minha voz.





Desnecessário. — Sim, — ele finalmente diz entre os dentes apertados. Esse cara não é bobo, ele pode não entender o que está acontecendo com ele, mas ele sabe que está prestes a ser desmascarado. Ele sabe que *já está* sendo desmascarado.

Assim que ele concorda, eu começo.

— Você esteve desviando dinheiro de sua mãe? — Uma mãe demente e com uma doença terminal. Eu realmente não deveria ter lido o arquivo. Eu não deveria me envolver emocionalmente nos casos e, no entanto, quando se trata de crianças e idosos, eu sempre me vejo ficando com raiva.

Esta noite não é exceção.

Eu dou uma mordida no pão, observando-o.

Ele abre a boca —

— A partir deste momento até o final da nossa entrevista você dirá somente a verdade, — eu comando, as palavras saindo da minha língua.

Ele para e o que quer que esteja prestes a dizer morre em seus lábios. Eu espero que ele continue, mas ele não o faz. Agora que ele não pode mentir, é apenas uma questão de tempo antes que ele seja forçado a admitir a verdade.





Mickey luta contra o meu encanto, mesmo sendo inútil. Ele está começando a suar, apesar de suas feições flácidas.

Eu continuo comendo como se nada estivesse errado.

A cor mancha suas bochechas. Finalmente, ele engasga, — Sim, como diabos você—

— Silêncio. — Imediatamente ele para de falar.

Esse doente. Roubando dinheiro da mãe moribunda. Uma velhinha doce que o maior fracasso foi parir esse perdedor.

— Há quanto tempo você vem fazendo isso?

Seus olhos piscam com raiva. — Dois anos, — ele grita contra sua vontade. Ele olha para mim.

Eu tomo meu tempo comendo o último pão.

— Por que você fez isso? — Eu finalmente pergunto.

— Ela não estava usando e eu precisava. Eu vou devolver, — diz ele.

— Oh, você vai? — Eu levanto minhas sobrancelhas. — E quanto você... Pegou emprestado? — Eu pergunto.

Vários segundos silenciosos passam.

As bochechas coradas de Mickey estão ficando cada vez mais vermelhas. Finalmente, ele diz, — Eu não sei.

Eu me aproximo dele. — Dê-me seu melhor palpite.





—Talvez duzentos e vinte mil.

Só de ouvir esse número envia uma fatia de raiva através de mim. —E quando você ia pagar a sua mãe de volta? — Eu pergunto.

—A-Agora, — ele gagueja.

E eu sou a Rainha de Sabá.

—Quanto dinheiro você tem disponível em suas contas no momento? — Pergunto.

Ele pega o copo de água e engole em seco antes de responder.

—E-Eu gosto de investir.

—Quanto dinheiro?

—Um pouco mais de doze mil.

Doze mil dólares. Ele esvaziou os cofres de sua mãe e está aqui vivendo como um rei. Mas por trás dessa fachada, o homem tem apenas doze mil dólares à mão. E aposto que o dinheiro será liquidado em breve também. Esses tipos de homens têm dedos de manteiga, o dinheiro escorrega por eles.

Eu dou a ele um olhar desapontado. —Essa não é a resposta certa, — agora, eu digo, com a sereia em mim me pedindo para ser cruel, —onde está o dinheiro?

Seu lábio superior suado se contrai antes de responder.

—Acabou.





Eu agarro e desligo a câmera e o gravador.
Minha cliente conseguiu a confissão que queria.
Mas infelizmente para Mickey, eu não terminei com
ele.

—Não, — digo, —não acabou. — As poucas pessoas que
me conhecem bem, reconhecem que meu tom mudou.

Mais uma vez as sobrancelhas dele se juntam enquanto sua
confusão se espalha.

Eu toco sua lapela. —Este terno é legal, muito legal. E o seu
relógio, Rolexs não são baratos, são?

O encanto faz com que ele balance a cabeça.

—Não, — eu concordo. —Veja, para homens como você, o
dinheiro não desaparece. Vai para... Como você chama? — Eu olho
em volta procurando a palavra antes de estalar meus dedos. —
Investimentos. Movem um pouco, mas isso é tudo. — Eu inclino me
aproximando. —Vamos mover um pouco mais.

Seus olhos se arregalam. Agora vejo Micky – não o fantoche
controlado pela minha magia, mas o Micky que ele era antes de eu
entrar nessa sala. Alguém astuto, alguém
fraco. Ele está totalmente ciente do que
está acontecendo.

—Qu-Quem é você? — Oh, o
medo em seus olhos. A sereia não
pode resistir a isso. Eu aproximo e
acaricio sua bochecha. —Eu-eu vou





—Você vai se sentar e ouvir, Micky, — eu digo, —e isso é tudo o que você vai fazer, porque agora você — é — impotente.





CAPITULO 2

Maio, oito anos atrás

O AR OSCILA em minha cozinha, como se eu estivesse olhando para uma miragem, e de repente, ele está aqui, enchendo a sala como se fosse dono dela.

O Negociador.

Puta merda, funcionou.

Tudo o que posso ver dele são uns bons dois metros de homem e um monte de cabelo platinado amarrado por um cordão de couro. As costas do Negociador estão viradas para mim.

Um apito quebra o silêncio. — Esse é um homem bem morto, — diz ele, olhando para a minha obra. Suas botas pesadas ressoam enquanto ele se aproxima do corpo.

Ele veste preto sobre preto, a camisa esticada sobre os ombros largos. Meus olhos caem para o braço esquerdo, coberto de tatuagens.

Callie, em que você se meteu?

A ponta da bota do Negociador cutuca o cadáver. — Hmm, correção. *Quase* morto.

Isso me tira do meu transe.

— O quê? — Ele não pode estar vivo. O medo que corre em minhas veias é uma coisa viva que respira.





— Isso vai te custar provavelmente mais do que você está disposta a oferecer, mas eu ainda posso ressuscitá-lo.

Ressuscitá-lo? O que esse cara fumou?

— Eu não quero ele *vivo*, — eu digo.

O Negociador vira e, pela primeira vez, dou uma boa olhada nele.

Eu apenas olho e encaro. Eu imaginei um homem horripilante, mas por mais perverso que o homem na minha frente possa ser, ele não é nenhum nojento.

Nem um pouco.

O Negociador é lindo de uma forma que apenas alguns raros homens são. Ele não é robusto, apesar da mandíbula forte e do brilho duro em seus olhos. Há uma simetria em seu rosto, uma exuberância em cada uma de suas características que você vê com mais frequência em mulheres do que em homens. As maçãs do rosto proeminente, lábios perversos e curvos, olhos prateados cintilantes. Não que ele pareça feminino. Isso é impossível com a sua estrutura larga e musculosa e seu traje fodão.

Ele é simplesmente um homem bonito.

Um homem *realmente* muito bonito.

Ele me avalia. — Não.





Eu fico olhando para ele intrigada. — Não o quê?

— Eu não faço negócios com menores.

O ar brilha e, *oh meus deuses*, ele está indo embora.

— Espere, espere! — Eu estendo a mão. Agora não é apenas o ar que brilha. É a minha pele. Tem feito muito isso ultimamente — brilhar suavemente.

Ele faz uma pausa para olhar para o meu braço. Algo passa por aqueles olhos, algo mais selvagem que o choque, algo mais indomável do que excitação. O ambiente à sua volta parece escurecer, e às suas costas, juro que vejo algo grande e sinuoso.

Tão rapidamente quanto aparece, ele some. Seus olhos se estreitam. — O que você é?

Minha mão cai. — *Por favor*, — eu imploro. — Eu realmente preciso fazer um acordo.

O Negociador suspira, soando cansado. — Ouça, eu não faço negócios com menores. Vá a polícia. — Apesar de seu tom, ele ainda está olhando para a minha mão, agora usando uma expressão distante e perturbada.

— Eu *não posso*. — Se ao menos ele soubesse. — Por favor me ajude.

Seu olhar se move da minha mão para o meu rosto.

O Negociador range os dentes, franzindo a testa como se





tivesse cheirado algo ruim. Olha para mim em toda a minha glória sangrenta e desgrenhada. Mais dentes rangendo.

Seus olhos varrem o ambiente, demorando-se em meu padrasto. O que ele vê? Ele pode dizer que foi um acidente?

Meus dentes começam a bater. Eu abraço meus braços firmemente contra meu peito.

Contra a sua vontade, seus olhos voltam para mim, seu olhar suaviza brevemente antes de voltar a endurecer.

— Quem é ele? — Eu travo.

— Quem. É. Ele? — O Negociador repete.

— Meu padrasto, — eu falo de uma vez.

Ele olha para mim, seu olhar inabalável. — Ele mereceu?

Eu solto uma respiração estremecida, uma lágrima escapando apesar de eu não querer. Sem palavras, eu aceno.

O Negociador me examina por um longo tempo, seu olhar se movendo para a lágrima deslizando pela minha bochecha.

Ele olha para longe, fazendo uma careta. O homem esfrega a mão na boca, dá dois passos para trás antes de se virar para mim. — *Tudo bem*, — ele diz. — Eu vou ajudar você — mais dentes rangendo e outro olhar rápido que faz uma pausa na lágrima na minha





bochecha – sem nenhum custo. — Ele praticamente engasga com as palavras. — Só desta vez. Considere isso minha boa ação para o século. — Eu abro minha boca para agradecê-lo, mas ele levanta a mão,

Seus olhos se fechando. — *Não*.

Quando ele abre os olhos, eles passam pela sala. Eu sinto o pulso mágico dele. Eu sei sobre esse lado do nosso mundo – o lado sobrenatural. Meu padrasto construiu seu império com sua habilidade mágica.

No entanto, nunca vi esse tipo de magia em ação – uma magia que pode fazer com que as coisas aconteçam inexplicavelmente. Eu ofego quando o sangue se dissolve do chão, e depois da bancada, e depois das minhas roupas, cabelos e mãos.

A garrafa quebrada em seguida. Um momento está lá, no outro, desaparece. Qualquer que seja o encantamento, faz cócegas na minha pele quando passa pela sala.

Depois de terminar a cena do crime, o Negociador dirige-se para o corpo.

Ele faz uma pausa quando chega lá, olhando curiosamente para o homem morto. Então ele continua. — É quem eu acho que é?

Agora, provavelmente não é um bom momento para dizer ao





Negociador que matei o Hugh Anders, o mais poderoso analista do mercado de ações e o homem que, pelo preço certo, poderia dizer-lhe praticamente tudo o que você queria saber sobre o futuro. Quando um tráfico de drogas ia acontecer, se a ameaça em sua vida era inofensiva ou real, se você ia ser pego pela morte de um inimigo. Se ele não fosse o melhor vidente do mundo, ele era pelo menos um dos mais ricos. Não que isso o salvou da morte.

Oh, a ironia.

O Negociador solta uma série de xingamentos.

—Malditas sereias amaldiçoadas, — ele murmura. —Sua má sorte está me atrapalhando.

Eu recuo, bem familiarizada com a predisposição das sereias para o infortúnio. Foi o que causou a minha mãe uma gravidez indesejada e uma morte prematura.

—Tem algum parente? — Pergunta ele.

Eu mordo meu lábio inferior e balanço minha cabeça, me abraçando mais forte. É apenas eu, eu mesmo e apenas eu no mundo.

Ele xinga novamente. —Quantos anos você tem?

—Eu vou fazer dezesseis anos em duas semanas. — O aniversário que eu estava esperando por anos. Na comunidade sobrenatural, dezesseis anos era a idade legal da





idade adulta. Mas agora esse fato poderia ser usado contra mim. Uma vez que eu atingisse esse número mágico, eu poderia ser julgada como uma adulta.

Eu estava a duas semanas da liberdade. *Duas semanas.* E então isso aconteceu.

— Finalmente, — ele suspira, — algumas boas notícias. Arrume suas malas. Amanhã você está se mudando para a Ilha de Man.

Eu pisco, minha mente lenta em processar. — O que? Espere — *Amanhã?* — Eu tenho que me mudar? E tão cedo? Minha cabeça gira com o pensamento.

— A Peel Academy tem aulas de verão daqui a algumas semanas, — diz ele.

Localizada na Ilha de Man, uma ilha entre a Irlanda e a Grã-Bretanha, a Peel Academy é o principal internato sobrenatural. Eu estava sonhando em ir para lá por tanto tempo. E agora eu vou.

— Você vai participar das aulas a partir de então, e não vai contar a ninguém que você matou o maldito Hugh Anders. — Eu me encolho com isso.

— A menos que, — ele acrescenta, — você prefira que eu deixe você aqui com essa bagunça.

Oh Deuses. — Não — por favor, fique!





Outro longo suspiro de sofrimento. — Eu vou lidar com o corpo e as autoridades. Se alguém perguntar, ele teve um ataque cardíaco.

O Negociador me olha com curiosidade antes de se lembrar que está irritado comigo. Ele estala os dedos e o corpo levita. Demora alguns segundos para processar o fato de que um cadáver está flutuando na minha cozinha.

O Negociador parece imperturbável. — Há algo que você deveria saber.

— Uh-hum? — Meu olhar está fixo no corpo flutuante. Tão assustador.

— Olhos em mim, — o Negociador repreende. Minha atenção se vira para ele.

— Há uma chance de minha magia se desgastar com o tempo. Eu posso ser poderoso, mas essa maldição muito pequena que todas vocês sereias tem pairando sobre suas cabeças podem anular até mesmo a minha magia. — De alguma forma, ele consegue parecer arrogante mesmo quando está me dizendo que seus poderes podem ser insuficientes.

— O que acontece se for esse o caso?

— Eu pergunto.

O Negociador sorri maliciosamente. Imbecil. Eu já o tenho de perfil.





— Então é melhor você começar a usar suas artimanhas femininas, querubim, — diz ele, seus olhos passando rapidamente por mim. — Você vai precisar delas.

Com essa fala, o Negociador desaparece, junto com o homem que matei.





Dias atuais

PODER.

Esse é o meu maior vício. Poder. Eu já fui esmagada pelo peso disso, e quase me engoliu inteira.

Mas isso foi há muito tempo atrás. E agora eu sou uma força formidável.

A sala privativa do restaurante brilha suavemente sob a luz das velas. Eu me inclino para Micky. —Então é isso que vai acontecer. Você vai devolver o dinheiro que você desviou da sua mãe.

Seus olhos que antes estavam vagos se concentram em mim.

Se olhares pudessem matar... —Vai. Se. Foder.

Eu sorrio e sei que pareço predatória.

—Ouça-me atentamente, porque este é o único aviso que vou lhe dar: Sei que você não faz ideia do que sou. Mas garanto-lhe que posso arruinar a sua vida e sou idiota o suficiente para fazer isso. Então, a menos que você queira perder tudo o que importa para você, você terá respeito.

Mortais normais sabem que os sobrenaturais existem, mas nós tendemos a nos separar dos seres não-mágicos, sendo que merdas divertidas como caças às bruxas





tendem a aparecer quando os mortais são intimidados por nós sobrenaturais.

Eu alcanço minha bolsa.

— Agora, já que você não consegue ser um bom filho por conta própria, eu vou ajudá-lo, — eu digo. Pego uma caneta e uma série de documentos que meu cliente me deu da minha bolsa.

Empurrando o prato de Micky para fora do caminho, coloco na frente dele.

Uma é uma confissão escrita de culpa e a outra é uma nota promissória, ambos os documentos redigidos pelo advogado do meu cliente.

— Você vai pagar cada centavo que você roubou — *com* dez por cento de juros.

Micky faz um pequeno barulho.

— Você quer aumentar para quinze por cento, foi isso que eu acabei de ouvir? — Ele balança a cabeça furiosamente.

— Foi o que eu pensei. Agora, darei dez minutos para você folhear o documento e assinar o contrato.

Passo dez minutos provando o vinho e a comida que os hóspedes de Micky deixaram para trás, chutando meus saltos porque, ugh, *stilettos*.

Quando o tempo acaba, eu junto os documentos que estão com





Micky. Enquanto os folheios, espio o próprio homem. Seu rosto agora está coberto com um brilho doentio de suor e aposto que se ele tirasse o paletó, eu veria anéis enormes debaixo das axilas dele.

Eu confiro os documentos. Quando termino, deslizo-os de volta na minha bolsa.

— Estamos quase terminando aqui.

— Qu-Quase? — Ele diz a palavra como se nunca tivesse ouvido falar disso.

— Você não achou que eu te liberaria com apenas algumas assinaturas insignificantes, não é? — Eu balanço a minha cabeça, e agora minha pele está iluminando a sala mais do que a pequena iluminação. A sereia em mim ama isso. Brincando com sua vítima. — Oh, Micky, não, não, não.

E é aqui que paro de brincar com Micky e vou para o ataque final. Eu me aproximo dele me inclinando, colocando tanto poder na minha voz quanto consigo. — Você vai corrigir seus erros. Você nunca mais fará isso novamente e passará o resto da vida trabalhando para ser uma pessoa melhor e ganhar o perdão de sua mãe.

Ele acena com a cabeça.

Eu pego minha bolsa. — Seja um bom filho. Se eu ouvir que você não está sendo – se eu ouvir alguma





coisa ruim sobre você – você me verá novamente,
e você não quer isso.

Ele balança a cabeça, sua expressão vazia. Eu
estou de pé. O meu trabalho aqui terminou.

UM ÚNICO COMANDO é tudo o que é preciso.

Esqueça que existo. Puff, sua memória esquece da minha
existência.

Não olhe para mim. Seus olhos se movem em todos os lugares,
menos em mim.

Me conte seu segredo mais sombrio. Sua boca e mente te traem.

Me dê suas riquezas. Você limpará sua conta bancária em um
instante.

Afogue-se.

Afogue-se. Afogue-se. Afogue-se. Você morre.

Essa era a favorita de alguém quando o mundo era jovem,
quando as sereias conquistaram sua reputação de persuadir
marinheiros para a morte.

Afogar.

Às vezes, quando sou deixada
sozinha com meus próprios
pensamentos – o que é bastante
frequente – pergunto-me sobre
aquelas mulheres, aquelas que





ficam nas rochas chamando os marinheiros e persuadindo-os para a morte. Aconteceu mesmo assim? Elas queriam que eles morressem? Por que elas atacam esses homens em particular? As histórias nunca dizem.

Eu me pergunto se alguma delas era como eu – se a beleza delas as tornaram vítimas muito antes de lhes darem poder. Se algum marinheiro em algum lugar abusou daquelas mulheres antes que elas tivessem uma voz. Se elas ficaram bravas e cansadas como eu e usaram seu poder para punir os culpados como pagamento.

Eu me pergunto o quanto da história é verdadeira e quantas de suas vítimas eram inocentes.

Eu caço homens maus. Esta é minha vingança. Meu vício.

Subo a escada da minha casa na praia de Malibu, com os pés doloridos pelas horas gastas em pé nos saltos. Na minha frente, a tinta cinza da minha casa se desprende das ripas de madeira. Um mofo verde brilhante cresce ao longo das telhas do telhado. Esta é a minha casa perfeitamente imperfeita.

Eu entro, e aqui, o ar cheira como o oceano. Minha casa é simples. Ela tem três quartos, as bancadas de azulejos estão lascadas e, se você andar descalço, terá areia entre os dedos dos pés. A sala de estar e o quarto ficam de frente para o oceano, e toda a





parede dos fundos dos dois quartos são nada mais do que portas gigantes de vidro que podem abrir completamente para o quintal.

Do meu pequeno quintal, o mundo desaparece. Uma escada de madeira serpenteia pelo rochedo litorâneo em que minha casa está empoleirada e, no fundo, o gelado oceano Pacífico beija a arenosa costa da Califórnia – e seus pés, se você permitir.

Este lugar é meu santuário. Eu sabia disso no momento em que o agente imobiliário me mostrou há dois anos.

Eu ando pela minha casa no escuro, sem me preocupar em acender as luzes enquanto tiro minhas roupas peça por peça. Eu as deixo onde elas caem. Amanhã vou pega-las, mas hoje tenho um encontro com o mar e depois com a minha cama.

Através das janelas da minha sala de estar, a lua brilha intensamente e meu coração se enche de tal desejo sem fim.

Eu secretamente fiquei feliz que Eli tenha que ficar longe de mim até a lua cheia passar. Como um licantropo, ele tem que ficar longe de mim durante os Sete Sagrados, a semana em torno da lua cheia, quando ele não pode controlar sua mudança de homem para lobo.

Eu tenho minhas próprias razões para querer ficar sozinha por





volta dessa época, razões que não têm nada a ver com Eli e tudo a ver com meu passado.

Eu saio do meu jeans quando entro no meu quarto para pegar meu maiô. Assim que coloco minha mão nas minhas costas para soltar meu sutiã, uma sombra mais escura que o resto se move.

Eu sufoco o grito borbulhando em minha garganta. Minha mão tateando contra a parede ao meu lado até encontrar o interruptor de luz. Eu ligo as luzes do quarto.

Na minha frente, descansando em minha cama, está o Negociador.





CAPITULO 3

Outubro, oito anos atrás

—OLÁ, ESTE É o inspetor Garrett Wade da Polítia. Eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre a morte do seu pai...

Minhas mãos começam a tremer quando ouço a mensagem. A Polítia está investigando isso? Eles são como a versão sobrenatural do FBI. Apenas mais assustadores.

Não deveria haver perguntas. As autoridades deveriam ficar longe. O Negociador havia se assegurado disso.

Essa maldição muito pequena que todas vocês sereias tem pairando sobre suas cabeças pode anular até mesmo a minha magia.

Eu me sento pesadamente na minha cama e esfrego minhas têmporas, telefone apertado em minha mão. A chuva cai contra a janela do meu dormitório, obscurecendo minha visão do Peel Castle, o castelo que virou a escola onde todas as minhas aulas são realizadas.

Faz apenas cinco meses desde aquela noite fatídica. *Cinco meses.* Muito pouco para desfrutar da minha liberdade, mas muito tempo para parecer inocente para as autoridades novamente.

Perdi minha oportunidade no momento em que aceitei a proposta do Negociador.

A Peel Academy e a vida que fiz aqui podem ser tiradas de mim.





Tudo em um instante. Eu respiro fundo.

Do jeito que eu vejo, eu tenho três opções.

Uma, eu posso fugir e desistir da vida que eu fiz para mim. Duas, posso chamar o policial de volta, ser interrogada e esperar pelo melhor.

Ou três, posso entrar em contato com o Negociador e pedir que ele corrija isso. Só que desta vez eu ficaria lhe devendo.

É uma escolha fácil.

Eu me movo da minha cama e vou para o meu armário. Eu pego uma caixa de sapatos da prateleira de cima e a abro. O cartão de visita preto do Negociador estava escondido sob outros papeis, a inscrição em bronze um pouco desbotada desde a primeira vez que o segurei.

Tirando da caixa, eu viro o cartão de novo e de novo em minha mão. Olhando para isso traz aquela noite de volta e todos os seus detalhes sangrentos.

Não posso acreditar que se passaram apenas cinco meses.

Minha vida é tão diferente agora, eu trabalhei duro para enterrar meu passado.

Onde uma vez eu era fraca, agora sou poderosa. Uma sereia que pode dobrar a vontade de uma pessoa – que pode até quebrá-la se eu quiser. Esse conhecimento é uma espécie de armadura que eu coloco toda





manhã quando acordo. Só até o cai tarde da noite quando minhas lembranças tiram o melhor de mim.

Eu passo meu polegar sobre o cartão. Eu não preciso fazer isso. Eu prometi a mim mesma que não entraria em contato com ele novamente. Eu me livrei de um assassinato – literalmente – da última vez que eu o conheci. Eu não vou ter essa sorte duas vezes.

Mas esta é a melhor das três opções ruins.

Então, pela segunda vez na minha vida, eu chamo o Negociador.





Dias atuais

EU CONGELO na porta.

O Negociador senta contra a minha cabeceira, parecendo aos olhos do mundo todo como um predador. Poder, elegância e olhos perigosos. Ele também parece muito confortável em minha cama.

Sete anos. Sete longos anos se passaram desde que ele saiu da minha vida. E agora aqui está ele, descansando na minha cama como se quase uma década não tivesse se colocado entre nós. E eu não tenho a mínima ideia de como devo reagir.

Seus olhos se movem sobre mim preguiçosamente. —Você atualizou sua lingerie desde a última vez que te vi.

Jesus, fale sobre ser pega com as calças abaixadas.

Eu ignoro o jeito que suas palavras me cortam. A última vez que ele me viu eu era uma adolescente apaixonada, e ele não queria nada comigo.

—Olá, Desmond Flynn, — eu digo, invocando seu nome completo. Tenho certeza de que sou uma das poucas pessoas que sabem disso e que essa informação o torna vulnerável. E agora, como eu estou vestida com nada além do que a minha lingerie, tenho que aceitar o fato de que o *Negociador está no meu quarto*, eu preciso dele vulnerável.





Ele me dá um lento e sensual sorriso que faz vibrar o meu estômago, mesmo quando isso aperta o meu coração. —Eu não sabia que você queria revelar segredos hoje à noite, Callypso Lillis, — diz ele.

Os olhos do Negociador devoram minha pele exposta, e eu me sinto como aquela adolescente desastrada de novo. Eu respiro fundo. Eu não sou mais aquela garota, mesmo que o homem na minha frente pareça exatamente o mesmo que ele parecia na minha juventude.

A mesma roupa preto sobre preto, a mesma forma imponente, o mesmo rosto estonteante.

Eu ando pelo quarto e pego meu roupão de algodão do local onde ele está pendurado atrás da porta do banheiro. O tempo todo eu posso sentir seus olhos em mim. Eu me afasto dele para vesti-lo.

Sete anos.

—O que você quer, Des? — Eu pergunto, apertando o roupão em minha cintura.

Eu finjo que isso é normal. Que ele estar em minha casa é normal, quando não é. Deuses, não é.

—Exigente como sempre, eu vejo.

Eu grito quando sua respiração faz cócegas em meu ouvido. Eu giro para encará-lo.

O Negociador não está nem a um metro de mim, tão perto que





sinto o calor do seu corpo. Eu não o ouvi levantar da cama e atravessar o quarto. Não que eu deva ficar surpresa. A magia que ele usa é sutil, na maioria das vezes, se você não estiver procurando, não perceberá.

—Uma imperfeição estranha no seu caráter, — continua ele, estreitando os olhos—considerando o quanto você me deve. — Sua voz está rouca e baixa.

Tão perto dele eu posso ver cada faceta complexa de seu rosto. Altas maçãs do rosto, nariz aristocrático, lábios sensuais, mandíbula esculpida. Cabelo tão pálido que parece branco. Ele ainda é bonito demais para um homem. Tão bonito que não consigo desviar o olhar quando sei que deveria.

São os olhos dele que sempre me cativaram mais. Eles são todos os tons de prata, mais escuros em suas bordas, onde uma faixa grossa de cinza carvão os toca e mais claros perto de seus centros. A cor das sombras e do luar.

Dói olhar para ele, não só porque ele é desumanamente bonito, mas porque ele rasgou meu coração frágil há muito tempo.

O Negociador pega minha mão e, pela primeira vez em sete anos, fico cara a cara com a manga das tatuagens que ele ostenta.





Eu olho para baixo para as nossas mãos entrelaçadas enquanto ele empurra a manga do meu manto para cima, expondo meu bracelete de ônix.

Minha pulseira cobre a maior parte do meu antebraço, e cada miçanga é uma recompensa mágica por um favor que eu comprei do Negociador.

Ele vira meu pulso várias vezes, avaliando seu trabalho. Eu tento puxar minha mão, mas ele não deixa. — Minha pulseira ainda fica bem em você, querubim, — afirma.

Sua pulseira. A única peça de joalheria que não consigo remover. Mesmo que não tenha sido amarrada com seda de aranha e, mesmo assim, ainda é forte demais para ser cortada, a magia que a prende ao meu pulso me impede de removê-la até que eu pague minhas dívidas.

A mão do Negociador aperta a minha. — Callie, você me deve muitos favores.

Minha respiração fica presa em minha garganta quando meu olhar encontra o dele. O jeito que ele olha para mim, o jeito que seu polegar está esfregando círculos na pele macia da minha mão... Eu sei porque ele está aqui. Em algum nível, eu sabia desde que eu o vi pela primeira vez





na minha cama. É isso, o momento pelo qual
esperei sete anos.

Eu exalo. —Você finalmente está aqui para
coletar.





EM VEZ DE ME RESPONDER, a outra mão do Negociador desliza pelo meu pulso cativo, sobre todas as dezessete fileiras do meu bracelete, sem parar até que ele chegue ao final delas até que os dedos dele segurem a última das minhas 322 miçangas.

—Vamos jogar um pequeno jogo de Verdade ou Desafio, — diz ele.

Seus olhos se movem para os meus e eles brilham com malícia. Meu coração bate no meu peito. *Ele está finalmente coletando seu pagamento.* Eu não consigo pensar direito.

Sua boca se curva de forma sedutora. —O que vai ser Callie, verdade ou desafio?

Eu pisco algumas vezes, ainda atordoada. Dez minutos atrás, eu teria rido se alguém me dissesse que Desmond Flynn estaria esperando que eu voltasse para casa para que ele pudesse cobrar minhas dívidas.

—Um desafio então, — ele diz alegremente, preenchendo meu silêncio por mim.

O medo aperta meu coração. O Negociador é infame por seus pagamentos exorbitantes. E raramente é dinheiro que ele pede, ele não tem necessidade disso. Não, ele geralmente leva algo mais





peçoal, e todo pagamento vem com juros adicionais. Considerando que eu tenho 322 favores não pagos, o homem essencialmente é dono da minha bunda. Se ele quisesse, ele poderia ordenar que eu acabasse com uma pequena aldeia, e eu estaria magicamente obrigada a fazer até que cada miçanga desaparecesse.

Ele é um homem perigoso e, no momento, está rolando uma miçanga entre os dedos e me observando com aqueles olhos calculistas.

Eu limpo minha garganta. —Qual é o desafio?

Em vez de me responder, ele solta meu pulso e invade meu espaço pessoal. Nunca tirando os olhos dos meus, ele inclina minha cabeça para trás e coloca as mãos ao lado delas.

O que ele está fazendo?

Eu olho para ele. Um pequeno sorriso dança em seus lábios, e noto que seu olhar se aprofunda um momento antes de se inclinar.

Eu endureço quando seus lábios tocam os meus, e então meu corpo relaxa quando sua boca desliza contra eles. Imediatamente minha pele se ilumina quando a sereia acorda. Sexo e sangue, é disso que ela gosta.

Eu envolvo uma mão ao redor do braço que embala minha cabeça. Meus dedos pressionam contra a





pele quente do seu pulso. Por baixo, eu posso sentir o músculo inflexível de Desmond.

Ele é real, isso é real. É todo tempo que tenho para pensar antes que o beijo termine e ele se afaste.

Ele olha para o meu pulso e eu sigo seu olhar. A última miçanga no meu bracelete brilha por um momento e depois desaparece. O beijo tinha sido o meu desafio, o primeiro pagamento que o Negociador cobrou.

Eu passo meus dedos em meus lábios, o gosto dele ainda na minha boca. —Mas você não gosta de mim, — eu sussurro, confusa.

Ele estica a mão até meu rosto e passa os dedos sobre a minha pele brilhante. Se ele fosse um homem, ele estaria completamente sob o meu feitiço no momento. Mas ele é algo completamente diferente.

Os olhos do Negociador brilham, cheios de emoções que passei um ano memorizando e depois sete anos tentando esquecer.

—Eu volto amanhã à noite. — Seu olhar varre sobre mim novamente, e ele levanta uma sobrancelha. —Considere o seguinte conselho um favor de graça: esteja preparada para mais do que apenas um beijo.



AO NASCER DO SOL, eu ainda estou acordada, ainda com meu roupão, e ainda não tenho ideia do que diabos está acontecendo. Sento-me na grama à





beira da minha propriedade, respirando o ar salgado do mar. Meus joelhos estão puxados para o meu peito e uma garrafa quase vazia de vinho descansa ao meu lado. Eu já liguei para Temper e disse a ela que eu não estaria no escritório hoje. O bom de administrar seu próprio negócio? Você consegue suas próprias folgas. Eu vejo as estrelas escurecerem e o reino do Negociador se aproximar enquanto o céu lentamente se ilumina.

Eu olho para o meu pulso. Eu poderia jurar que parece diferente agora que uma miçanga se foi. Só restam 321 favores e o resto é certamente mais doloroso que o primeiro.

Eu traço meus lábios com um dedo. Eu estava errada anteriormente. Em determinado momento, *Des gostou* de mim. Mas não como eu gostava dele – como se ele tivesse pendurado a própria lua. O dia em que ele me deixou rasgou meu coração, e nunca curou direito, e nenhuma quantidade de álcool, homens ou trabalho poderia consertá-lo.

Apesar da enorme dívida que ainda lhe devo, não me arrependo de comprar os favores, nem um pouco. Eles me tiraram de um monstro, eu teria vendido minha alma por isso. Mas o mal-estar desliza através de mim pelo preço que posso ter que pagar. Pode ser qualquer coisa.





Eu precisava ligar para Eli, era hora de acabar com as coisas.

— Ei querida, — Eli atende o telefone, sua voz baixa e grave. Ele é um homem de poucas palavras e ainda menos segredos, o último está se tornando um problema cada vez maior para mim. Tenho quase tantos segredos quanto o Negociador, um homem que ganha a vida recolhendo-os.

Eli está ciente de que tem muita coisa que eu não compartilho, e o alfa nele tem me empurrado para ser mais aberta. Shifters são tão francos. Eles operam sob todo esse princípio de compartilhar e cuidar.

Eu me inclino em meu balcão. — Eli... — Isso é tudo que eu consigo dizer antes de esfregar meu rosto. Eu me preparei para este dia há muito tempo, mas isso não facilitou nada. Eu tento de novo. — Eli, eu preciso dizer algo sobre mim que você não vai querer ouvir.

Esta deveria ter sido uma conversa rápida – despejá-la e terminar a ligação. E eu considerei fazer exatamente isso. Mas terminar com ele por telefone é uma merda. O mínimo que eu poderia fazer é dar uma explicação ao homem.

— Está tudo bem? — Há ameaça letal em sua voz. O lobo está no comando. Essa não era a hora de deixar essa bomba cair.

Deveria ter dito a ele meses atrás.
Meses atrás, quando vocês eram o





que um para o outro? Amigos com benefícios?
Colegas trabalhando depois de horas juntos?

Em nenhuma versão da minha vida eu teria
derramado meus segredos para Eli, o shifter que
mantinha a lei sobrenatural durante o seu trabalho e que era a
lei em sua matilha. Não, a maioria dos meus segredos me colocaria
em muitos e muitos problemas.

— Eu estou bem... é, você sabe a pulseira que eu uso? — Deuses,
é isso. Momento da verdade.

— Sim, — ele rosna.

— Essa pulseira não é apenas uma peça de joalheria.

Uma pausa. Então, — Callie, podemos falar sobre isso quando
eu voltar? Agora não é um ótimo momento...

— Cada miçanga é um favor que eu devo ao Negociador, — eu
corro para explicar. O segredo queima deixando minha garganta.

Para a maior parte do mundo sobrenatural, o Negociador é mais
mito que homem. E aqueles que sabem um pouco sobre ele sabem
que ele não deixa nenhum de seus clientes comprar mais do que dois
ou três favores de cada vez, e ele nunca
espera tanto tempo para cobrar suas
dívidas.

O outro lado da linha está
quieto, o que não é um bom sinal.
Finalmente, Eli diz, — Diga-me que





você está brincando, Callypso. — Um grunhido baixo soa em sua voz.

—Eu não estou, — eu digo baixinho.

Seu rosnado se intensifica. —O homem é um criminoso procurado.

Como se eu não soubesse desse pequeno fato.

—Aconteceu há muito tempo. — Eu não sei porque eu me esforço para me defender.

—Por que você está me dizendo isso agora? — O lobo nele quase abafou suas palavras.

Eu respiro fundo. —Porque ele me visitou ontem à noite, — eu digo. —Ele... Te visitou? Noite passada? Onde? — Ele exige.

Eu fecho meus olhos. Essa ligação só vai piorar. —Minha casa.

—Diga-me o que aconteceu. — A julgar pela maneira como a voz de Eli está grossa, duvido que ele vai segurar a conversa por telefone por muito mais tempo.

Eu olho para o esmalte lascado das minhas unhas.

Apenas diga de uma vez.

A única outra pessoa além de Des que sabia sobre minhas dívidas era Temper. —

Eu tinha trezentos e vinte e dois favores que lhe devia. Agora eu tenho menos um. Ele vai recolher o resto a partir desta noite.





—*Trezentos e vinte e dois favores?* — Eli repete. — Callie, o Negociador nunca iria...

—Ele iria – ele *fez*, — eu insisto.

O silêncio do outro lado da linha é sinistro.

Ele deve estar se perguntando o que fez o Negociador mudar sua tática de negócios tão completamente. E eu sei o momento em que ele chega a sua própria conclusão.

Eu afasto o telefone do meu ouvido enquanto Eli ruge, e eu ouço algo quebrar. —O que você estava pensando, fazendo acordos com o Rei da Noite?

O Rei da Noite. Ser o Negociador era apenas um show paralelo para Desmond.

Eu não respondo Eli. Eu não consigo me explicar, não sem revelar segredos mais terríveis.

—O que ele fez você fazer? — Um grunhido abafa a maioria de suas palavras.

Meu medo aumenta. Minha vida está prestes a ser virada de cabeça para baixo. Conhecendo o Negociador, seja qual for o pagamento que ele me pede, vai envolver quebrar a lei, no mínimo.

Eli nunca suportaria isso. Eu tenho que dizer a ele.

—Eli, eu não posso estar com você, — eu sussurro. As palavras têm ecoado em minha mente desde





o início do nosso relacionamento. Eu tinha tantas razões para não as dizer que ignorei a verdade.

E agora que as falei, o alívio me atravessa. É a reação errada. Terminar um relacionamento é triste, eu deveria me sentir triste, não... Livre. Mas eu me sinto livre. Eu tenho seduzido esse pobre homem, tentando desesperadamente consertar meu coração quebrado e cheio de cicatrizes nos braços de alguém que não era certo para mim. — Callie, você não está falando sério, está? — O lobo dentro dele solta um gemido.

Fecho meus olhos contra a mágoa que ouço através da linha, é um som doloroso e quebrado e combina com a voz dele.

Melhor assim.

— Eli, — eu continuo, — eu não sei o que o Negociador vai me pedir para fazer, e eu tenho mais de trezentos favores que eu devo a ele. — Minha voz se quebra.

Eu estou deixando Eli pelo o que? Memórias e poeira. O homem que quebrou meu coração há muito tempo me fará fazer coisas a seu pedido, e o tempo todo eu terei que lembrar que eu trouxe isso para mim.

Há muito tempo atrás, eu achava que ele era meu salvador, e como uma idiota eu comprei favor após favor, determinada a mantê-lo em minha vida, o tempo todo me apaixonando por ele.





Eu troquei minha vida por um amor que não era nada além de sombras e cortinas de fumaça.

—Callie, eu não vou te deixar só porque...

—Ele me beijou. — Eu o interrompi. —Ontem à noite, o Negociador me beijou. Essa foi a primeira dívida que ele me fez pagar.

Eu pretendia poupar os sentimentos de Eli o máximo possível, porque ele é um bom homem, mas também preciso que ele fique longe. Eu sei que o líder da matilha quer me proteger – me salvar. E se ele acreditar que eu também quero isso, ele vai caçar Des até os confins da terra, e isso não vai acabar até que um dos dois homens esteja morto.

Eu não posso ver isso. Não quando esta situação é minha culpa, e essas dívidas são meu fardo.

Eu forço o resto das minhas palavras saírem. —Eu não sei o que ele vai pedir de mim esta noite, mas seja o que for, eu vou ter que fazer isso. Eu sinto muito, — eu digo. —Eu nunca quis que isso acontecesse.

Eu ouço algo como um gemido do outro lado da ligação. Eli ainda não falou, e eu tenho a impressão que é porque ele não pode.





Eu aperto a ponta do meu nariz. Agora vou para a parte especialmente desagradável.

—Eli, — eu digo, —se ele me obrigar a fazer algo ilegal, algo que machuque alguém, você poderá fazer... — Eu paro e esfrego minha testa.

Como um caçador de recompensas sobrenatural, parte do trabalho de Eli é fazer os caras maus paranormais desaparecerem. E agora eu posso me tornar um desses caras maus.

—Eu não acho que você precisa se preocupar em machucar alguém, — diz Eli, sua voz ameaçadoramente aguda. —O bastardo tem algo maior reservado para você.

CAPITULO 4

Outubro, oito anos atrás

—NÃO, VOCÊ DE NOVO, — diz o Negociador, quando ele aparece no meu quarto do dormitório.

Eu tropeço quando o vejo. Esta é a segunda vez que eu o chamei, e eu ainda não deveria estar surpresa que ele possa simplesmente aparecer à vontade, mas eu estou.

Eu me endireito. —Sua mágica está falhando. — Supostamente soaria como uma acusação, mas ela sai como um apelo.





Ele olha meu pequeno quarto. —Eu te avisei que poderia falhar, — diz ele, indo até a janela e olhando para a noite chuvosa.

Eu já perdi a atenção dele.

—Eu quero garantir que isso não aconteça.

O Negociador vira e me avalia. — Então a Bebê Sereia quer fazer outro acordo? — Ele diz, cruzando os braços. —Eu não consegui te assustar o suficiente na primeira vez?

Meus olhos se movem sobre o cabelo branco e braços grandes e esculpidos.

Ele me assustou um pouco. Há algo sobre ele que o faz parecer um pouco feroz. Feroz e estranho. Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

—O que você estaria disposta a me dar? — Ele diz, rondando em minha direção. —Que segredos obscuros e terríveis você compartilharia? — Pergunta ele, aproximando-se. —Você já ouviu falar que os segredos são os meus favoritos, não é?

Eu quero dar um passo para trás, mas um tipo primitivo de medo me enraíza no lugar.

Seus olhos passam por mim. —Mas para uma sereia... oh, eu faria uma exceção. Qualquer coisa que eu queira, você teria que me dar. Diga-me, querubim, você poderia me dar qualquer coisa que eu quisesse?





Eu engulo quando ele chega perto.

—Você poderia matar por mim? — Ele pergunta, sua voz baixa. Seus lábios escovam minha orelha. —Você poderia dar seu corpo para mim?

Oh Deuses, ele está dizendo a verdade? Ele poderia fazer com que eu faça essas coisas?

Ele corre o nariz pela minha bochecha e ri do meu medo óbvio.

Afastando-se de mim, ele diz, —Como eu lhe disse antes, eu não negocio com menores. Não estrague sua vida devendo algo a mim.

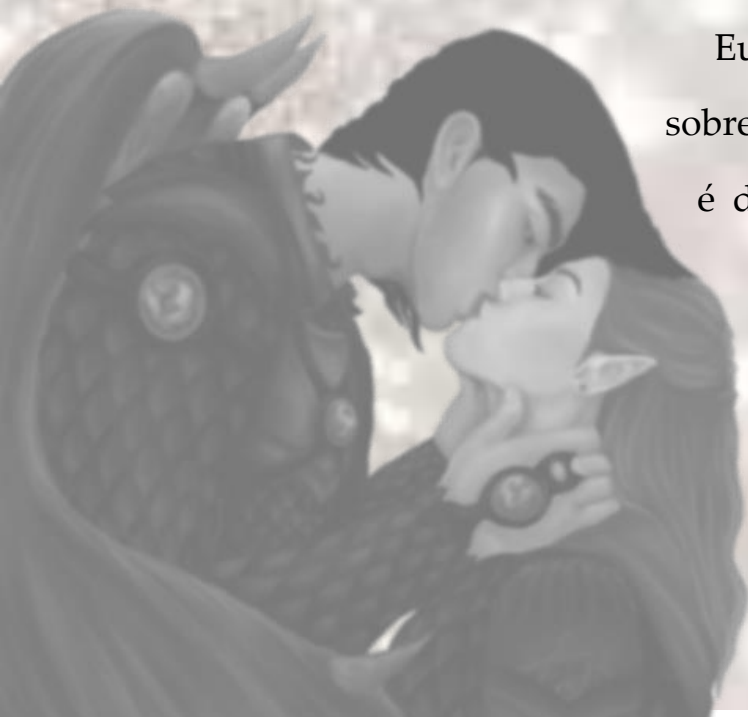
O ar brilha.

Ele pode ter assustado a merda fora de mim, mas neste momento, eu estou longe demais. Eu não posso deixá-lo sair. É simples assim.

A sereia emerge, logo abaixo da minha pele. Eu vou para ele e agarro seu pulso, minha mão está brilhando. —Faça um acordo comigo, — eu digo, colocando o máximo de encanto na minha voz quanto possível. —Eu não sou menor de idade.

Eu realmente não sou. Na comunidade sobrenatural, a idade legal da idade adulta é dezesseis anos. É alguma lei arcaica que ninguém nunca se incomodou em mudar.

E agora, não estou reclamando.





O Negociador encara minha mão, como se ele não acreditasse no que está acontecendo, e eu sinto um instante de remorso. É uma porcaria tirar o livre arbítrio de alguém.

Tempos desesperados.

Suas feições endurecem, as sobrancelhas se juntam, o resto do rosto se tornando, em uma palavra, sinistro.

Ele arranca o braço da minha mão. — Você se atreve a me encantar? — Seu poder monta sua voz, e é petrificante, enchendo toda a sala.

Eu recuo. Ok, encantá-lo pode ter sido uma ideia de merda. — Isso não funciona em você? — Que tipo de sobrenatural é imune ao encanto?

O Negociador se aproxima mais de mim, suas botas tinindo sinistramente. Ele está furioso, isso é óbvio.

Ele se inclina, tão perto que várias mechas de seu cabelo loiro branco fazem cócegas em minhas bochechas. — Você quer estragar sua vida fazendo um acordo? — Sua boca se curva um pouco, seus olhos brilhando com interesse. — Tudo bem, vamos fazer um acordo.





Dias atuais

—EU TENHO QUE DIZER, o sono não te cai bem.

Eu rolo na cama e esfrego meus olhos. Quando afasto a minha mão, vejo o Negociador de pé ao lado da cama, com os braços cruzados e a cabeça inclinada. Ele está me estudando como se eu fosse uma ave exótica, o que tecnicamente eu meio que sou.

—O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, ainda grogue de sono.

—Caso você não tenha notado, o dia acabou. Estou aqui para coletar mais do meu pagamento. — A maneira como ele diz *pagamento* envia arrepios em meus braços. Atrás dele, a lua brilha no quarto.

Eu gemo. Eu dormi o dia inteiro. Desde aquele telefonema...

Ele estala os dedos e os cobertores que me cobrem escorregam.

—Des, o que você está....

Ele me interrompe. —Seu pijama também não te favorece, querubim. Eu estava esperando que isso melhorasse com a idade também.

Eu sufoco um bocejo e me empurro para fora da cama. —Porque eu me importo com o que você pensa, — murmuro, passando por ele. Onde ontem a sua presença me encheu de dor antiga, esta noite tudo o que





sinto é aborrecimento. Bem, e um pouco de luxúria e uma tonelada de mágoa. Mas agora estou me concentrando no aborrecimento.

Eu faço o meu caminho para o banheiro, limpando discretamente um pouco de baba da minha boca.

O Negociador me segue, aproveitando o quanto ele está arruinando a minha noite. — Oh, mas eu acho que você se importa, — diz ele.

Em resposta, eu fecho a porta na cara dele. Provavelmente não é a maneira mais sábia de lidar com o Rei da Noite, mas agora eu realmente não me importo muito.

Eu dou dois passos me afastando da porta do banheiro, e ela se abre. Eu giro e olho para o Negociador, seu corpo enchendo o espaço. Minha porta pendurada pelas dobradiças em um ângulo engraçado.

— Eu não terminei, — ele diz calmamente. Seus olhos brilham enquanto me observam, ele é lindo e terrível de se ver.

— Você me deve uma nova porta, — eu respondo.

Ele dá uma risada que está cheia de promessas sombrias. — Por que não trabalhamos em pagar suas dívidas atuais antes de falar sobre o que eu devo a você?

Eu olho para ele, porque ele tem minha atenção agora. — O que é tão importante que você teve que





arrancar a minha porta para me dizer? — Eu pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

Um relógio se forma sobre seu pulso tatuado e ele dá umas batidinhas no vidro dele. —Tempo, Callie, tempo. Eu tenho alguns compromissos importantes para manter. Você precisa estar pronta em vinte minutos.

—Tudo bem. — Eu ando até o meu chuveiro e o ligo. Isso teria que ser um banho rápido.

Quando eu me viro para a porta, o Negociador se acomoda na bancada de azulejos do meu banheiro. Ele se inclina contra a parede ao lado do espelho, uma de suas pernas cobertas de couro esticada na frente dele, a outra perna dobrada no joelho.

—Saia, — eu digo.

Ele me dá um sorriso preguiçoso. —Não.

—Eu não estou brincando.

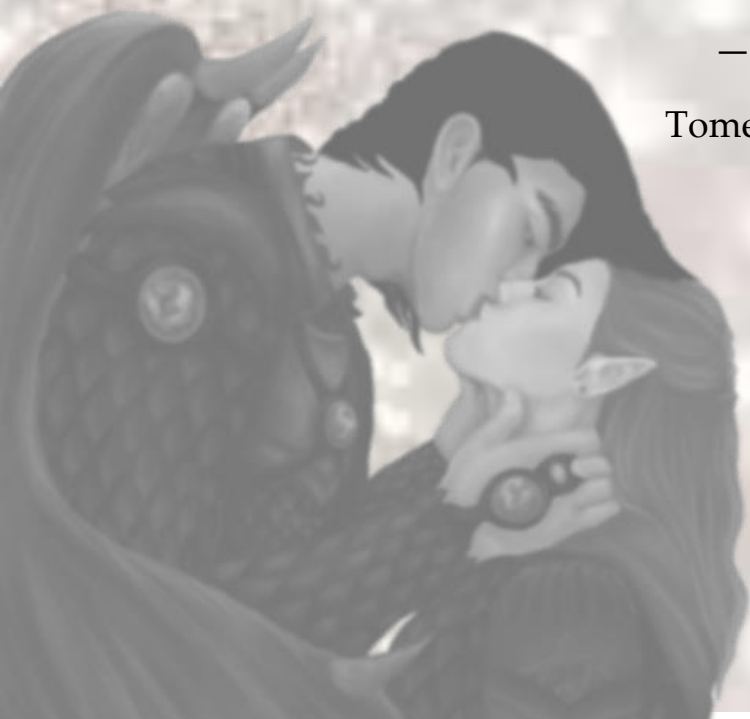
Uma de suas sobrancelhas se ergue. —Nem eu.

Eu corro a mão pelo meu cabelo. —Eu não vou ficar nua na sua frente.

—Isso está bom para mim, — diz ele. — Tome banho com suas roupas.

Ah, porque isso é razoável. —Se você não vai sair, eu vou para outro lugar.

—O chuveiro do seu banheiro de hóspedes não funciona, — diz





ele, descobrindo meu blefe. Meus olhos se arregalam antes que eu me lembre de que é da sua conta conhecer segredos.

Ele não vai embora.

—Tudo bem, — eu digo, tirando a minha camiseta. — Aproveite o show, isso é tudo que você vai conseguir de mim.

Sua risada desliza pelo meu braço. —Não se iluda, querubim. Você tem um pulso cheio de dívidas e eu tenho muitas, muitas exigências.

Dou-lhe outro olhar desagradável quando entro no chuveiro para tirar o resto da roupa, sem me importar que a água esteja rapidamente encharcando o material. A cortina de chuveiro me esconde completamente dele.

Saio da calça do meu pijama, certificando-me de que quando eu as atiro sobre a haste da cortina, acerte em Des.

Ele ri sinistramente, e eu sei sem olhar, ele impediu que as roupas o atingissem. —Jogar coisas não vai mudar seu destino, Callie.

— Mas parece muito bom. Eu chuto meu sutiã esportivo, então minha calcinha para ele. Vários segundos depois de jogá-los, ouço-o cair inutilmente no chão com um plop maçante.

—Parece que o seu pijama não fica melhor molhado do que seco. Que pena.





— Parece que você ainda pensa que eu me importo, — eu respondo. Ele não responde e o banheiro fica rapidamente em silêncio.

Isso não é imensamente estranho ou nada do tipo, eu penso quando eu começo a enxaguar.

— Por que você está aqui, Des?

— Você já sabe o porquê, — diz ele.

Para coletar.

— Quero dizer, por que agora? Já passaram sete anos.

Sete anos de silêncio. E pensar que esse homem e eu já fomos quase inseparáveis...

— Você contou nossos anos separados? — Des diz com falsa surpresa. — Se eu não soubesse melhor, eu diria que você sentiu minha falta. — Um leve traço de amargura prende suas palavras.

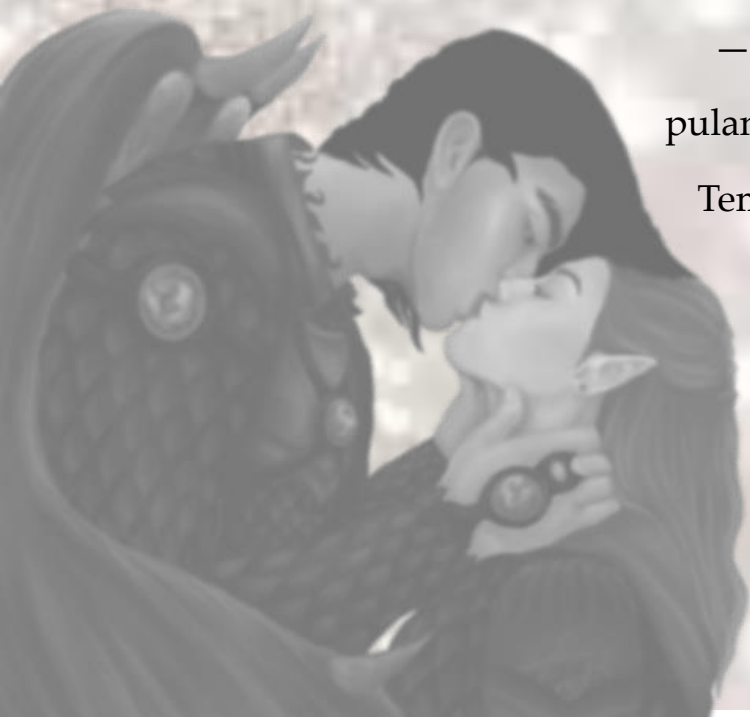
Eu desligo a água, serpenteando um braço ao redor da cortina para pegar uma toalha.

— Mas você sabe melhor. — Eu envolvo a toalha em volta de mim e saio.

— Paus e pedras, querubim, — diz ele, pulando do balcão. — Agora, ande rápido.

Temos pessoas para ver, lugares para ir.

— E com isso, ele sai.





EU ESTOU COLOCANDO minha calça, minha lingerie de merda em exibição total, quando o Negociador olha para o relógio.

Desde que ele saiu do meu banheiro, ele está descansando em uma cadeira no meu quarto, esperando que eu termine de me arrumar. Uma perna coberta de couro balança enquanto ele espera. Não posso deixar de sentir que ele está se certificando que eu não tente fugir.

Como se, de nós dois, eu fosse a pessoa conhecida por fugir.

—O tempo acabou, Callie. — Ele se empurra para fora da minha cadeira e caminha na minha direção. Há algo de predatório na maneira como ele se move.

—Espere — Eu recuo e esbarro na minha cômoda. Meu cabelo ainda está molhado e meus pés estão descalços.

—Não, — ele diz assim que ele se aproxima de mim.

Consigo abrir minha gaveta e tirar um par de meias antes que ele me pegue em seus braços. Ele costumava me segurar assim antes de ir embora. Ele costumava me apertar contra ele e me balançar em seus braços enquanto eu chorava. E quando eu adormecia, ficava deitado ao meu lado por horas, só para que ele pudesse me acordar dos meus pesadelos.

Mas ele nunca me beijou – ele nunca tentou. Não até aquela





última noite, e então, aquilo tudo tinha sido eu.

— Isso é realmente necessário? — Eu pergunto, referindo-se onde eu estava em seus braços. Eu empurro um arrepio. Seu corpo ainda se parece como lar, assim como parecia quando eu era adolescente, e eu odeio isso.

Eu nunca estive livre dele. Quando o sol bate no meu rosto, é a sua sombra que vejo na calçada. Quando a noite se aproxima, é a escuridão dele que cobre meu quarto. Quando adormeço, é o rosto dele que assombra meus sonhos.

Ele está em todo lugar e em tudo, e nenhum número de amantes pode fazer meu coração esquecer.

Desolha para mim, seus olhos prateados suavizando apenas um pouquinho. Talvez ele também esteja se lembrando de todas as outras vezes que sua pele pressionou a minha. — Sim, — é tudo o que ele diz.

Desajeitadamente, eu puxo uma meia por cima do meu pé. A outra meia desliza do meu alcance, e eu xingo quando ela cai.

Um momento depois a meia se levanta ao nosso lado e pousa no meu estômago.

— Você pode pegar meus sapatos?

— Eu pergunto.

Os olhos do Negociador se movem para as botas descansando ao lado da porta de vidro do meu





quarto. Enquanto eu assisto, elas levantam do chão e flutuam em minha direção. Eu as pego no ar.

—Obrigada, — eu digo, dando-lhe um sorriso genuíno. Eu assisti ele fazer esse pequeno truque cem vezes, e eu fico sempre encantada com isso.

Por apenas uma fração de segundo, seus passos vacilam. Ele franze a testa enquanto olha para mim, suas sobrancelhas se juntando. E então ele recomeça a andar novamente.

A porta de vidro deslizante se abre. O ar frio da noite me atinge quando o Negociador sai.

—Verdade, ou desafio? — Ele diz assim que eu termino de colocar minhas botas.

Meus membros ficam tensos. O pagamento está começando.

Hoje cedo eu estava pronta para isso, mas agora não estou. Ele ainda não respondeu porque, depois de todo esse tempo, ele escolheu esse momento para voltar à minha vida. Ou por que ele foi embora em primeiro lugar. Mas eu sei melhor do que esperar uma explicação.

Conseguir segredos dele é mais difícil do que dar banho em um gato.

—Verdade.

—Você disse desafio? — Ele pergunta, erguendo as sobrancelhas enquanto olha para mim. Seu cabelo não está amarrado hoje, e os fios





brancos emolduram seu rosto. — Vocês sereias sempre sabem como apimentar as coisas.

Eu não me incomodo em responder. O Negociador é sempre assim, então suas palavras não me surpreendem nem um pouco.

Mas o que ele faz em seguida sim.

O ar atrás dele brilha e se aglomera até que um conjunto de asas dobradas aparece, subindo acima das omoplatas.

Minha respiração fica presa na minha garganta.

Toda a minha animosidade, toda a minha mágoa, toda a minha dor, tudo fica quieto enquanto olho para aquelas asas.

A pele escura e prateada se estende sobre os ossos, tão fina em certas áreas que posso ver as delicadas veias por baixo. Suas asas estão cheias de garras brancas como osso, a maior delas quase do tamanho da minha mão.

Eu só vi as asas de Desmond uma vez antes, e foi porque ele perdeu o controle de sua magia. Isso não parece espontâneo, isso parece premeditado. Eu não posso imaginar porque agora depois de tanto tempo ele decidiu revelá-las, e para mim de todas as pessoas.

Eu me aproximo do seu ombro e passo meus dedos sobre a pele lisa de uma. Seus braços ficam tensos em minha volta e eu posso sentir sua respiração parar.





—Elas são lindas, — eu digo. Eu queria dizer isso a ele há muito tempo, eu nunca tive a chance.

Os olhos do Negociador percorrem meu rosto até meus lábios. Ele olha para eles por um instante. — Estou feliz que tenha gostado delas. Você vai ficar olhando para elas um pouco esta noite.





CAPITULO 5

Outubro, oito anos atrás

Eu torço a minha pulseira em volta do meu pulso, ansiosamente mexendo com a única miçanga preta amarrada ao longo dela, um favor que devo ao Negociador por tirar as autoridades das minhas costas.

À minha frente, o próprio homem aparece pela segunda vez no meu dormitório. Ele está vestido da cabeça aos pés de preto, a camiseta vintage do AC/DC que ele usa abraçando seus ombros esculpidos e costas largas.

Assim que ele me vê, ele cruza os braços sobre o peito. —Minha magia ainda está forte, — diz ele, —então o que mais você poderia precisar de mim?

Eu torço a pulseira em volta do meu pulso novamente, meu coração batendo como um louco pela visão dele. —Eu quero fazer outro acordo.

Ele estreita os olhos para mim.

Eu espero que ele diga alguma coisa, mas ele não diz. Hora de seguir em frente. —Eu, uh...

Ele levanta uma sobrancelha.

Apenas fale de uma vez, Callie.

—...Quero comprar você por uma noite.

Oh. Meu. Deuses. Do. Céu.





Porra, boca. Vai se foder nas profundezas do inferno.

Todas as expressões se limpam do rosto do Negociador.

—Perdão, *you* quer o *que*?

Minhas bochechas e pescoço ficam vermelhas. Eu vou morrer de vergonha. Não, eu queria poder morrer de vergonha. Melhor do que apenas ficar aqui, minha boca abrindo e fechando como um peixe fora d'água.

O Negociador começa a sorrir, e de alguma forma isso torna tudo ainda pior.

Nunca deveria ter feito isso.

—Eu só quero sair com você, — corro para dizer. —Seria completamente platônico.

Ugh, e agora pareço desesperada. Mas quem eu estou enganando? Estou desesperada, desesperada por companhia. Quando cheguei à Peel Academy, pensei em me adaptar e fazer amigos, mas isso ainda não aconteceu. E estou tão sozinha.

—Que pena, querubim, — diz ele, começando a bisbilhotar meu quarto. — Eu estava gostando mais da sua oferta quando não era platônica.

Eu juro que minhas bochechas queimam ainda mais, meus olhos





de repente atraídos para o torso construído do Negociador.

Seu olhar desliza para o meu, e agora seu sorriso se alarga, seus olhos brilhando maliciosamente.

Ele sabe exatamente onde está minha mente.

—Seria apenas por uma noite, — eu digo, observando-o enquanto ele pega uma garrafa de perfume do topo da minha cômoda e cheira. Ele se encolhe com o cheiro, apressadamente colocando-o de volta onde ele encontrou.

—Eu tenho um trabalho, — diz ele. E, no entanto, ele não sai. Ele está disposto a ser convencido.

Mas como convencê-lo? A última vez que eu o encantei, só serviu para irritá-lo. Eu não acho que a lógica iria influenciá-lo, e além disso, não há lógica nisso. Na verdade, eu querer sair com ele por uma noite é loucura.

A primeira vez que o convenci a me ajudar, o que eu fiz?

Meus olhos se arregalam quando lembro.

— Negociador, — eu digo, indo até onde ele está olhando meu cartaz *Keep Calm and Read On*. Quando estou perto o suficiente, estendo a mão e toco seu antebraço, meu estômago apertando no contato. —Por favor?

Eu juro que sinto seu corpo tremer sob a minha mão. Ele olha





para onde nossa pele se encontra, minha mão cobrindo algumas de suas tatuagens.

A primeira vez que o convenci, não foram minhas palavras, mas sim meu toque.

Quando seus olhos prateados encontram os meus novamente, eu juro que algo desonesto brilha neles. —Você está empurrando sua sorte, bebê sereia.

Seus dedos roçam meus dedos. —Uma noite, — diz ele.

Eu concordo. —Apenas uma noite.

Dias atuais

PERTO DO LIMITE de minha propriedade, o Negociador para de andar, mas ele não me coloca no chão. Muito abaixo de nós está o oceano, uma queda de doze metros nos separa de lá.

Suas asas se estendem para trás e eu inspiro com a visão. Sua envergadura é incrível – quase seis metros de diâmetro – e, com





exceção do tom prateado, parecem muito com asas de morcego.

Eu encontro seus olhos, eu sei o que ele está prestes a fazer. — Des, não...

Ele me lança um sorriso malicioso. — Segure firme, Callie.

Eu mordo meu lábio para abafar o meu grito quando ele pula do penhasco. Por um segundo nós caímos e meu estômago deu uma cambalhota. Então as asas do Negociador pegam o vento e a corrente de ar nos puxa para cima.

Eu envolvo minhas mãos em volta do seu pescoço e enterro meu rosto contra seu peito. Tudo o que me impede de mergulhar na minha morte são dois braços.

Meu cabelo molhado bate no meu rosto, os fios agora gelados enquanto subimos.

— Você está perdendo a vista, querubim, — diz ele sobre o uivo do vento.

— Eu estou tentando não vomitar, — eu digo, não tendo certeza se ele pode me ouvir.

Eu tenho medo de altura, minha casa está em um penhasco, mas ser carregada pelo ar por um fae não está na minha pequena lista de atividades divertidas.





Mas eventualmente eu levanto a cabeça e olho para baixo. A água brilha muito abaixo de nós, e à nossa frente, o resto de Los Angeles acena, a terra se ilumina como uma árvore de Natal.

Quanto mais alto subimos, mais frio fica. Eu tremo contra Des, e seus braços se apertam mais em minha volta. Ele me ajusta um pouco para que mais do meu corpo esteja pressionado contra o dele.

Assim como eu temia, estar tão perto dele me faz lembrar de todas as outras vezes que ele me segurou perto.

—Onde estamos indo? — Eu grito com o vento.

—...para o local do seu segundo desafio. — O grito constante do vento arrebatava a maior parte das palavras do Negociador, mas não as mais importantes. Eu meio que gostaria que tivesse.

Eu não posso imaginar o que está reservado para mim e, considerando meu passado sórdido, isso não é uma coisa boa.

De modo nenhum.



—VOCÊ TEM QUE ESTAR brincando comigo. — Eu cruzo os braços, observando o estacionamento em que aterrissamos e o prédio além. —Foi por isso que você explodiu minha porta? — Eu digo, meus olhos se movendo sobre





os sofás e mesas em exibição nas vitrines da loja.

— Uma loja de móveis?

Sua boca se contorce. — Estou redecorando meu quarto de hóspedes, ou melhor, você está.

Eu reviro meus olhos. Escolher móveis, esse é o meu desafio. — O lugar fecha em quinze minutos, — diz o Negociador. — Espero que você escolha e compre o mobiliário apropriado para um quarto antes disso.

Assim que ele termina de falar, sinto o manto de sua magia se acomodar em meus ombros como um peso, me obrigando a agir.

Eu começo a me mover, resmungando para mim mesma. De todas as tarefas idiotas e vazias, ele me dá essa. É para isso que serve a Internet.

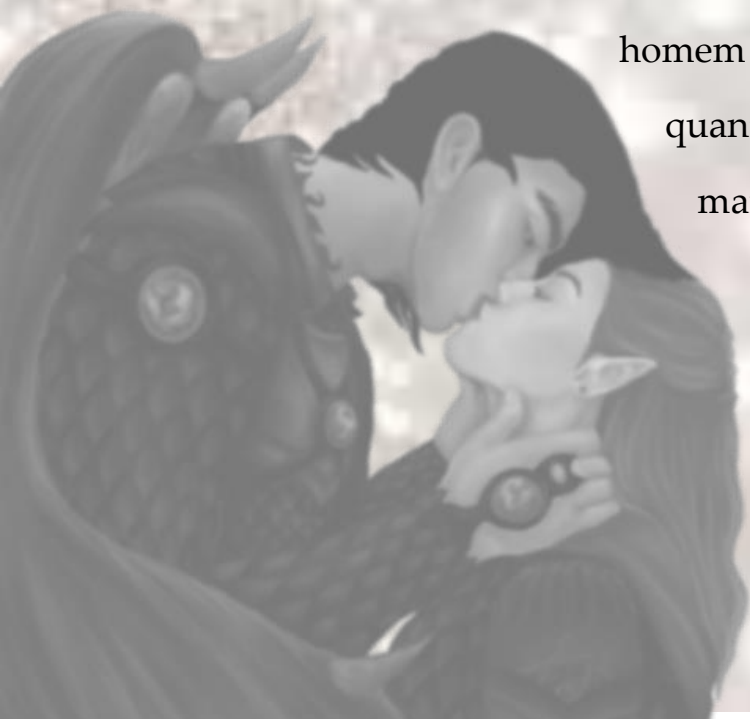
Eu não deveria reclamar, poderia ser pior.

Deveria ser pior. Já vi o suficiente das barganhas de Des para saber o que envolve o pagamento. Nunca é tão fácil.

O Negociador entra em cena ao meu lado, suas asas brilhantes desaparecendo. E me esforço ao máximo para não olhar para ele. O

homem não é nada além de uma miragem, quanto mais perto eu acho que chego dele, mais fora de alcance ele parece.

Eu abro a porta e entro na loja. O que se espalha diante de mim é um mar de móveis. Quinze minutos





não são tempo suficiente para ver nem metade do que está aqui.

A magia de Desmond envolve meu estômago, a sensação estranha e desconfortável.

—Que móveis você quer? — Eu pergunto, mesmo quando o feitiço que Des colocou em mim me puxa para frente.

O Negociador enfia as mãos nos bolsos, caminhando até uma mesa e olhando para o lugar. Ele parece comicamente fora do lugar com seus grandes músculos viris e a desbotada camisa do Iron Maiden que ele usa.

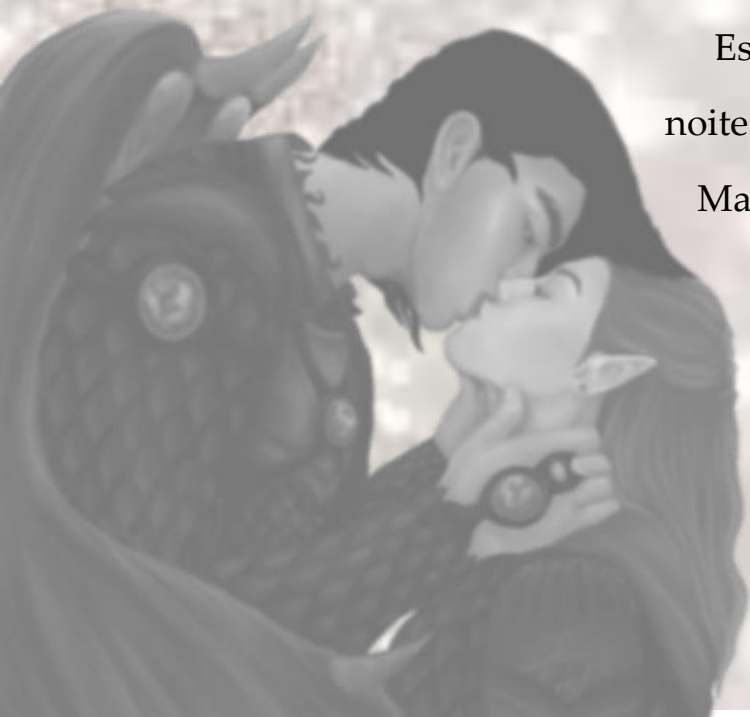
—Isso, querubim, é para você decidir.

Foda-se, eu não tenho tempo para me preocupar com o gosto desse homem. Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, sinto um puxão insistente da magia, fazendo minhas entranhas se contorcerem.

Des me lança um sorriso perverso de onde ele se deita esparramado em um dos sofás, e percebo que deveria estar mais preocupada com essa tarefa do que ele.

Esse favor está muito longe do beijo da noite passada. Lá eu não senti a magia.

Mas talvez eu sinta a força quando eu resista. O pensamento me deixa enojada comigo mesmo. Ontem à noite eu deveria ter lutado mais contra esse beijo.





Eu me movo pelos corredores, indo para os móveis mais feios que posso encontrar. Meu pequeno ato de rebelião. É o que acontece quando você não dá boas instruções.

Eu dou uma rápida olhada para o Negociador, e ele me observa extasiado.

Ele definitivamente tem outra carta na manga.

Não se concentre nisso agora.

Tão rápido quanto eu posso conseguir, eu pego as etiquetas de preço nas peças que eu escolho e vou para o caixa. A magia é uma batida insistente em minhas veias, acelerando a cada minuto.

O tempo todo os olhos do Negociador ainda estão em mim. Eu sei que ele está se divertindo. Desgraçado.

Deuses, sua magia parece tão invasiva. Como uma coceira debaixo da minha pele. E enquanto uma pequena parte doente de mim se emociona com a sensação de sua magia em mim, a parte maior e mais prática acha isso perturbador como o inferno.

A mulher que trabalha no caixa parece alarmada quando despejo as etiquetas de preços no balcão. —
Madame, você não deveria remover as etiquetas das mobílias.

Minha pele brilha levemente. — Tudo bem —
nada para se preocupar, — eu





digo, usando a sereia em mim para obrigar a balconista da loja.

Ela acena com a cabeça e começa a escanear os códigos de barras. Atrás de mim, ouço o riso ríspido do Negociador.

—Hmmm. — A mulher no caixa olha para seu computador e suas sobrancelhas franzem. — Isso é estranho.

—O quê? — Eu digo, só sabendo que isso vai ser mais difícil do que eu esperava.

—Eu poderia jurar que acabamos de receber uma nova remessa desses na quinta-feira, mas diz que estamos todos esgotados. — O item que ela se refere é uma cadeira rosa com estampa de leopardo.

Ela coloca a etiqueta de preço de lado. —Deixe-me passar o resto dos seus itens e, em seguida, vou tentar verificar o depósito para ver se temos ela.

—Esqueça isso. — A magia está começando a respirar no meu pescoço. Duvido que tenha tempo para a funcionária verificar o depósito.

Ela me dá um olhar estranho antes de seus olhos se moverem para o relógio montado na parede da minha esquerda.

Eu sei que ela deve estar pensando em quão perto seu turno está de acabar. —Se você tem certeza...





—Eu tenho, — eu me apresso para dizer.
Peguei etiquetas de preço suficientes para
mobilier totalmente o quarto do Negociador.

Ela escaneia o próximo código de barras — de um
sofá estofado em um padrão repetitivo de rosas e laços doces
e doentios — e o mesmo problema surge.

Meus olhos estão cerrados e olho de novo para o Negociador.
Ele levanta o pulso e toca a face do relógio. A magia se contrai em
volta de minhas vísceras e, antes que eu possa ajudar, eu me curvo
um pouco. A magia está se tornando mais do que desagradável.

Eu levanto a mão trêmula e o mostro o dedo do meio antes de
voltar minha atenção para a mulher.

Todos os outros itens que ela passa tem o mesmo problema
misterioso. Um problema que conheço melhor como Desmond Flynn.

A magia está fazendo meu coração disparar, e está piorando a
cada segundo que passa. Está claro que, além do fechamento da loja,
o Negociador impôs um limite de tempo próprio.

Essa tarefa idiota.

Eu me inclino sobre o balcão e engulo.
—O que no seu sistema está atualmente
disponível para compra?

A funcionária digita algo em
seu computador. Suas sobrancelhas
franzem. —No momento, parece
que temos apenas uma cama de





dossel, um lustre de ferro forjado, um sofá de dois lugares e um espelho dourado. — Ela parece desesperadamente confusa.

—Eu vou levar um de cada, — eu digo, empurrando meu cartão de crédito para ela, minha mão começando a tremer. Gotas de suor ao longo da minha testa.

Eu não seria morta por algum mobiliário feio. Assustada, ela aceita. —Mas ma...

—Por favor, — eu praticamente imploro. A magia está começando a pegar meus pulmões. Mais uma vez, sinto o riso do Negociador às minhas costas.

A caixa olha para mim como se eu tivesse perdida. Então a cabeça dela se inclina. —Ei, você é aquela atriz... você sabe, da —

—Pelo amor de tudo que é sagrado, por favor, passe meu cartão logo! — A magia está contorcendo as minhas entranhas, eu vou desmaiar se eu não completar isso em breve.

Ela recua como se eu tivesse batido nela. Se eu não estivesse com dor física, me sentiria mal por ferir seus sentimentos. Mas tudo o que posso pensar agora é como a magia parece estar se duplicando.

Ela funga e balança a cabeça, mas faz o que eu peço. Um minuto agonizante passa onde ela repassa os métodos e os prazos de entrega,





mas depois passa o cartão pelo sistema.

Eu suspiro quando a magia me libera e eu caio contra o balcão. Eu olho para o meu pulso a tempo de ver duas miçangas desaparecerem.

Eu vou matá-lo.

— Encontrou problemas? — Pergunta o Negociador inocentemente, levantando-se do sofá.

Passo por ele e saio da loja.

No estacionamento escuro, ele se materializa na minha frente, de braços cruzados. Naturalmente, ninguém percebe que ele pode aparecer e desaparecer à vontade.

Enquanto tento passar, seu braço dispara e pega meu pulso.

Eu me viro para encará-lo. — *Duas?* — Eu praticamente grito. — Você me faz redecorar seu quarto estúpido em menos de vinte minutos, eu quase morro, e isso só elimina duas miçangas?

Eu não deveria estar tão chateada. Ele ainda não pediu nada realmente horrível de mim, mas a sensação de dedos mágicos apertando meus órgãos quase me desfez.

O Negociador entra no meu espaço pessoal. — Não gostou muito dessa tarefa?

— Pergunta ele, com a voz baixa. Seus olhos brilham ao luar.

Eu sou inteligente o suficiente para ficar quieta. Ele parece





especialmente predatório agora, e quando ele está assim, eu sei melhor do que provocá-lo.

Ele chega ainda mais perto. —Eu tinha mais tarefas como essa planejada, mas se você realmente a odiou, então talvez possamos fazer algo que seja um pouco mais... Confortável.

No momento em que as palavras saem de sua boca, percebo que apenas estraguei um grande momento. Eu joguei direto nas mãos dele.

O Negociador envolve seus braços em minha volta, seu olhar fixo em meus lábios.

Eli estava certo.

O bastardo tem outra coisa em mente para mim.

Mas quando eu acho que ele vai me beijar, suas asas se abrem.

E então nós estamos subindo, voltando para a noite.

Vinte minutos depois, o Negociador pousa graciosamente no meu quintal, segurando-me nos braços. Suas enormes asas prateadas se dobram assim que tocamos o chão e, um momento depois, elas desaparecem.

Sem palavras, o Negociador leva-me à minha porta de vidro deslizante. Sem avisar, ela se abre e ele entra.

Ela se fecha atrás de nós, e o Negociador me coloca na minha cama e se agacha diante de mim.





Seus olhos nunca deixam os meus enquanto suas mãos se movem para os meus tornozelos.

Estou começando a ficar nervosa. O que mais ele vai exigir de mim esta noite? O homem nunca me viu nua. Além disso, sei que o Negociador não me faria retribuir em sexo, a menos que eu já estivesse a bordo da ideia.

E eu não estou. Certo?

Des remove primeiro uma bota, depois a outra. Ele as joga de lado e tira minhas meias uma de cada vez. —Diga-me, Callie, — diz ele, seu olhar deslizando em mim, —você está nervosa?

Ele não está exigindo o pagamento agora, não preciso responder a ele. Mas eu me encontro relutantemente assentindo de qualquer maneira.

—Então você não esqueceu tudo sobre mim, — diz ele. —Que bom.

Ele agarra um dos meus pés em suas mãos e coloca um beijo carinhoso no meu tornozelo. —Verdade ou desafio?

Minha respiração falha. —Verdade.

Seu aperto no meu tornozelo aperta. — Por que você acha que eu deixei você todos esses anos atrás? — Ele pergunta.

Ele teve que ir direto para o golpe fatal. Meu coração parece que está no fundo da minha garganta e engulo minha emoção.





Eu puxo uma respiração irregular. O passado não pode mais me machucar. Nada. Só existe na minha memória.

—Des, porque isso importa?

Sua magia explode em minha garganta, embora não seja dolorosa como era antes. Apenas um lembrete de que tenho que responder à pergunta dele.

Ele espera, deixando sua mágica crescente falar por ele.

Meus dedos arrancam um fio solto do meu edredom. —Eu te forcei. — Eu levanto o meu olhar. —Eu te empurrei longe demais e fiz você ir embora. — Eu sinto o feitiço me soltar assim que as palavras saem da minha garganta.

O passado pode não ser capaz de me machucar, mas com certeza parece uma coisa viva que respira. Incrível que algo e alguém que entrou e saiu da minha vida quase uma década atrás ainda possa ter esse tipo de influência sobre mim.

Os olhos do Negociador se fixam nos meus, a prata deles brilhando ao luar. Eu não consigo ler a expressão dele, mas isso faz meu estômago apertar desconfortavelmente.

Ele acena uma vez e fica em pé. O homem está quase na porta da varanda antes que eu perceba que ele está indo embora.

Esse pensamento me machuca. Estou tão farta do meu





coração estúpido. Se eu pudesse, eu mesma o quebraria por simplesmente ser tolo o suficiente para se suavizar por esse homem quando minha mente quer empurrá-lo o mais longe possível.

—Sério, Des? — Eu chamo. —Correndo de novo?

Seus olhos brilham enquanto ele gira para me encarar, uma mão na minha porta de vidro deslizante. —Você é mais esperta do que pensa, querubim. Você me forçou a deixar você. Sete anos é muito tempo para esperar, especialmente para alguém como eu. Uma palavra de aviso: Eu não vou embora de novo.





CAPITULO 6

Novembro, oito anos atrás

UM ACORDO SE TORNA dois, dois se tornam quatro, quatro se tornam oito... Até que de alguma maneira, uma pulseira cheia de miçangas circula meu pulso. Era para ser somente uma vez. Mas como uma viciada, eu voltei para ele por mais. Mais noites, mais companhias. Eu não sei qual a história do Negociador. Ele não tem razão para continuar a me ajudar.

E mesmo assim, ele continua...

Eu olho para minhas miçangas e me lembro do aviso do Negociador.

Qualquer coisa que eu queira, você terá que me dar. Diga-me, querubim, você poderá me dar qualquer coisa que eu queira?

...Você poderá dar seu corpo para mim?

Eu deveria ficar com medo dessa ameaça. Ao invés disso, uma onda de antecipação tomou conta de mim.

Eu não estou bem da cabeça.

—Em que você está pensando, querubim? — ele pergunta.

Hoje à noite, o Negociador se fez confortável na minha cama, seu corpo tão largo, seus pés balançando na beira da cama. A





visão dele deitado ali, combinada com os meus pensamentos...

Eu sinto um calor subir pelas minhas bochechas.

—Ah, *definitivamente* em algo inapropriado. — Ele se ajeita contra o meu travesseiro, deslizando as mãos atrás da sua cabeça.

E quando eu pensei que ele ia me provocar por causa disso, os olhos do Negociador se movem pelo meu quarto. Meu olhar segue o dele, passando pela minha caixinha barata de joias e pela minha bolsa de maquiagem em cima da minha cômoda. Eu olho os pôsteres pendurados na minha parede – um dos Beatles, uma foto em preto e branco da torre Eiffel, e aquele maldito pôster *Keep Calm and Read On*. Meus cadernos estão empilhados na minha mesa, ao lado de uma xicara e latas de saquinhos de chá.

Livros, roupas, e sapatos estão no chão.

De repente, eu me sinto muito nova. Nova e inexperiente. Eu não posso imaginar quantas mulheres o Negociador já visitou, mas

eu aposto que seus quartos pareciam bem mais maduros que o meu, com os meus pôsteres bobos e meu triste jogo de chá.

—Não tem colegas de quarto?

— Ele pergunta, notando a cadeira situada no lugar onde outra cama deveria estar.





—Não mais.

Ela se mudou com sua amiga, que estava em um quarto particular e queria uma colega de quarto. Eu estava tanto desapontada como aliviada em vê-la ir. Eu gostava da companhia, mas na verdade, nós duas não nos demos muito bem. Ela era engraçada e animada, e eu era... *problemática*.

O Negociador me deu um olhar cheio de pena. —Tendo dificuldades em fazer amigos, querubim? — Ele pergunta.

Eu me encolho. —Pare de me chamar assim, — eu disse, sentando na cadeira do meu computador e colocando minhas pernas em cima da minha mesa.

Querubim. Me faz pensar em bebês anjos gordinhos. E isso me faz me sentir ainda mais nova.

Ele apenas sorri para mim, realmente se fazendo confortável. — Qual é o seu nome? — Eu digo.

—Não vai falar sobre o problema de amigos? — Ele pergunta.

—Isso se chama esquivar, — eu digo, balançando minha cadeira para trás enquanto falo com ele, —e você está fazendo isso também.

Seus olhos dançam. Eu duvido que ele vá admitir isso, mas estou começando a acreditar que ele gosta de me visitar. Eu sei que eu gosto de ter ele por perto. Mantem meus





demônios calmos por um pouco mais de tempo do que normalmente ficam.

—Você realmente acha que eu dou o meu nome verdadeiro aos meus clientes, querubim? — Ele pega um pedaço de papel da minha cômoda.

—Pare. De. Me. Chamar. Assim.

—Quem é George? — Ele pergunta, lendo do papel.

E agora eu quero morrer. Eu puxo o papel da mão dele, amassando e o jogando no lixo.

—Ah, sim. *George*. — Apenas o jeito com que ele fala isso é o suficiente para que eu lute contra o calor que sobe pelo meu pescoço novamente. —É sobre ele que você está tendo pensamentos impróprios?

Bem que eu queria.

—Porque você se importa? — Eu pergunto.

—Quando um garoto te dá o número dele, é porque ele gosta de você. E você guardou. Na sua cômoda. — O Negociador diz isso como se a cômoda fosse algo importante.

O que eu deveria responder? Que o único garoto em que eu estava interessada no momento era o próprio Negociador?

Não, obrigada.

—Não é como se nós fossemos a um encontro. — Eu murmuro. —





A irmã dele é amiga de uma garota que não gosta de mim.

Eu não preciso dizer o resto. O Negociador levanta as sobrancelhas. — Ah. — Eu posso sentir seu olhar estudando minha linguagem corporal.

E o que ele vê? Minha vergonha? Minha frustração? Minha humilhação?

Ele se levanta da minha cama, a ação repentina me assustando.

Ele estica uma mão para mim e me levanta. — Pegue um casaco.

— Porque?

— Porque nós vamos sair.

Dias atuais

NA MANHÃ ANTES de eu ir para o trabalho, eu vou até meu banheiro para inspecionar minha porta quebrada.

Consertada. O Negociador a consertou sem fazer um acordo. Meu coração bate mais forte com essa realização. O Negociador é um malandro, tudo vem com um preço. Então porque isso não?

E a frase que o Negociador disse antes de sair. Eu fecho meus olhos apertados. Algo que ele disse está grudado em minha mente.





*Sete anos é muito tempo para esperar,
especialmente para alguém como eu.*

O Negociador não espera por ninguém,
especialmente por uma cliente apaixonada que um dia
estava mais do que ansiosa para pagar de volta todos os
favores. Mas parece que isso é exatamente o que ele fez – ele esperou.
Não faz sentido.

Eu viro minha pulseira ao redor do meu pulso, contando, e
então recontando minhas miçangas.

Faltam trezentas e dezesseis delas. Isso significa que o
Negociador removeu algumas depois que eu comprei seus moveis
preciosos. Diversas miçangas em troca do segredo que eu revelei.

Eu esfrego o meu rosto.

Agora, mais do que nunca, eu acho que odeio o Negociador.
Odeio que ele voltou correndo para minha vida quando eu estava
perto de fazer algo dela. Odeio que eu tive que terminar com o Eli *por
telefone* porque eu não sabia que tarefa Des exigiria de mim. Mas, eu
o odeio porque é mais fácil odiá-lo do que me odiar.



EU ENTRO NA West Coast
Investigações vinte minutos
atrasada, uma caixa de papelão rosa
debaixo do meu braço.





Nos últimos seis anos, Temper e eu estivemos no negócio de PI¹. Embora o que fazemos seja um pouco mais questionável do que o que o trabalho implica. A West Coast Investigações pode obter praticamente qualquer coisa para você – uma pessoa desaparecida, uma confissão, prova de um crime.

— Ei, — eu falo da recepção, — Eu comprei café da manhã. — O barulho de alguém digitando do escritório de Temper para.

— Donuts? — Ela pergunta cheia de esperança.

— Não, eu comprei algumas frutas. Pensei que hoje seria um ótimo dia para começarmos a trabalhar em nossos corpos para o verão, — eu digo, colocando uma caixa de Donuts em uma mesa na nossa sala de espera, uma pequena nuvem de poeira voando ao redor.

Lembrete: preciso limpar a sala de espera.

— Corpos para o verão minha bunda. — Temper vem quase correndo de seu escritório, me dando um olhar como se eu tivesse blasfemado. — Você acha que eu quero parecer como uma vadia magrela?

Seu olhar cai na caixa de Donuts.

— Eu comprei o velho blueberry e cheio de geleia, — eu digo, a entregando o café também. — Recheado de frutas.





Ela bufa. —Vadia, eu gosto do jeito que você pensa.

—Eu também, amor. — Eu ando até meu escritório.

Esses são os mesmos escritórios que nos mudamos cinco anos atrás quando, na noite da formatura, nós juntamos tudo e saímos correndo da Peel Academy, nosso internato, em busca de algo melhor. Nosso espaço ainda tem aquele mesmo sentimento de excitação, desespero, que tinha naquela época, quando nós duas estávamos correndo – eu do meu passado, e Temper, do seu destino– e excitadas para fazer algo novo por nós.

Eu sorri quando eu vi o cheque da minha última missão na minha mesa. Colocando minhas coisas no chão, sento na minha cadeira e pego o cheque, colocando na minha bolsa. Eu espero que Mickey, o filho de merda, esteja tratando sua mãe bem. É um privilégio ter uma.

Colocando meus saltos em cima da mesa, ligo meu computador. Enquanto espero, verifico minhas mensagens no telefone do escritório.

Uma era de um caso antigo, um stalker chamado Sean que estava seguindo uma de nossas clientes. Tanto eu quanto Temper tivemos que nos envolver nesse caso, e claramente nós deixamos uma





impressão, julgando pela sua linguagem colorida. Eu deletei a mensagem e segui para a próxima.

As três mensagens seguidas eram de clientes em potencial. Eu peguei um caderno e uma caneta, e comecei a anotar os nomes e contatos que eles deixaram.

E então tinha a última mensagem.

Meus músculos se contraíram quando eu ouvi a voz grave e calma. —Baby, nós não terminamos. Não desse jeito. Quando eu voltar, nós vamos conversar sobre isso.

Minhas costas ficam rígidas. Não, não, *não*.

— Até lá, — a mensagem continua, — eu movi alguns pauzinhos e coloquei o Negociador como prioridade na lista dos mais procurados. — Isso quer dizer, nos dez mais procurados.

Merda.

Isso é exatamente o que eu não queria que acontecesse. Eli pegando minha bagunça e fazendo-a dele.

Assim que meu computador ligou, eu abri o site da Polícia, indo para a lista dos mais procurados.

A lista vai até o número cem, mas os dez criminosos mais procurados estão na frente e no meio, as fotos próximas ao nome.

O número três da lista: O *Negociador* (nome real desconhecido).





—Filho da puta, — eu murmuro, chutando o gabinete de arquivos próximo de mim.

Eu não sei porque estou tão incomodada. O Negociador pode lidar com sua própria merda, e eu posso lidar com minha própria merda. Ou eu podia, antes de eu me envolver com um alfa-fodido- lobisomem.

Meus olhos se movem para o desenho do rosto do Des. A Politia não tem uma foto dele, e o desenho mesmo... poderia ser qualquer pessoa. A única coisa que eles acertaram foram os olhos cinzas e o cabelo branco. O que, para ser justa, é o suficiente.

Eu aperto no link, imaginando quantas oficiais femininas Eli precisou bajular para o Negociador ficar no top dez. Des sempre esteve na lista dos mais procurados, mas eu não sei se algum dia ele já ficou tão no alto assim.

A pagina abriu totalmente para mostrar suas descrições detalhadas. E diferente do desenho de Des, essas são mais exatas, falando até dos seus braços tatuados. Porém, eles não mencionaram, suas orelhas pontudas ou suas asas.

Não sabem que ele é um fae.

Mas mesmo assim, o que eles têm é perigoso.

Eu abro a última gaveta da minha mesa e puxo uma garrafa de Johnnie Walker.

Hoje é um daqueles dias.





Temper entra no meu escritório cinco minutos depois. Quando ela me vê bebendo, ela aponta para a garrafa. Relutantemente, eu a deslizo pela minha mesa.

—O que está acontecendo, garota? — ela pergunta, tomando um gole.

Ela sabe que quando o Johnnie aparece, algo ruim aconteceu.

Eu respiro fundo e balanço minha cabeça.

Ela se encolhe com a queimação do uísque, esperando por mim para dizer mais algo.

Eu olho para a minha pulseira. —Meu passado veio ao meu encontro.

Ele passa a garrafa de volta para mim.

—Precisa que eu machuque alguém? — ela pergunta, super séria.

Ela e eu somos mais próximas do que amigas podem ser, e nós estamos assim desde o último ano do ensino médio. E no centro da nossa amizade, está um pacto: nada vai puxá-la para um futuro que ela não quer, e nada vai me puxar de volta para um passado que eu lutei para esquecer.

Nada.

Eu rio secamente. —Eli já ganhou de você nisso.





—Eli? — ela diz, levantando uma sobrancelha. —Garota, eu estou magoada. Vadias antes de namorados, lembra?

—Eu não pedi que ele se envolvesse. Eu terminei com ele, e então ele se envolveu...

—O *que!* — Ela agarra a mesa. —Você terminou com ele? Quando você ia me contar?

—Hoje. Eu ia te contar hoje.

Ela está balançando a cabeça. —Vadia, você deveria ter me ligado.

—Eu estava ocupada demais terminando um relacionamento.

Ela se senta novamente na cadeira, —Que merda garota, Eli vai parar de nós dar um desconto.

—É com isso que você está mais chateada? — Eu digo, tomando outro gole de uísque.

—Não, — ela diz. —Eu estou feliz que você tomou tendência e terminou com ele. Ele merece coisa melhor.

—Eu vou jogar essa garrafa de uísque em você.

Ela levanta suas mãos para me apaziguar. —Eu estou *brincando*. Mas sério, você está bem?

Eu não consigo parar de olhar para a tela do computador.

Eu exalo. —Honestamente? Eu não tenho uma fodida ideia.





EU ESTOU TOMANDO um gole saudável de vinho quando minha porta de trás se abre e o Negociador entra.

—Tentando beber até não sentir mais nada de novo, querubim?

Meu coração acelera com a visão dele em sua camisa preta apertada e o jeans desgastado.

Eu abaixo minha taça de vinho e o livro que eu estava lendo. — *De novo?* — Eu digo, levantando uma sobrancelha. —Como você sabe como eu lido com isso?

—Rumores, — ele diz suavemente.

Eu aperto meus olhos. —Você tem perguntando sobre mim?

Minha voz some quando o Negociador atravessa a sala, pega minha taça de vinho, e vai até a pia da cozinha. Ele derrama o conteúdo ralo a baixo.

—Ei! — Eu digo, —Isso é um Burgundy muito caro...

—Eu tenho certeza que seu bolso está chorando, — ele diz. Não tem uma grama de remorso em sua voz.

Eu o sigo para a cozinha. —Você não deveria gastar bom vinho com princípios.

Ele se move se afastando da pia, e eu arfo quando eu vejo minha garrafa de vinho levitar da mesa de café e atravessar a sala de estar até a





cozinha, parando na mão do Negociador.

Ele vira a garrafa para baixo, e eu ouço o barulho do vinho precioso caindo e batendo na bacia de porcelana da minha pia.

—O que você está *fazendo*? — Eu estou muito chocada com sua audácia para fazer mais do que suspirar quando a última gota do vinho cai ralo a baixo.

—Não é assim que você resolve seus problemas, — Negociador diz, balançando a agora-garrafa vazia de vinho para mim. Indignação agora troca de lugar com o meu choque. —Eu estava tomando um gole de vinho, seu psicopata, não a merda da garrafa toda.

Ele derruba a garrafa na pia, e eu pulo quando ouço o vidro se quebrando. —Você está em negação. — Os olhos de Des estão raivosos. Ele agarra meu pulso fortemente, nunca tirando seus olhos de mim.

Ele coloca um dedo em uma miçanga.

—O que você está fazendo? — Os primeiros movimentos de trepidação aumentam o meu batimento cardíaco.

—Cuidando de você, — ele diz, me encarando com a mesma intensidade.

Eu não consigo controlar, eu olho para suas mãos porque sua





expressão está fazendo eu me contorcer na cadeira. Embaixo do seu dedo, uma miçanga desaparece.

Eu levanto minhas sobrancelhas. Qual quer que seja o pagamento que ele acabou de pedir, eu sei que não vou gostar.

— Você vai me dizer o que essa miçanga acabou de me custar?

— Você vai descobrir logo.





CAPITULO 7

Novembro, oito anos atrás

DESDE QUE O NEGOCIADOR me levou para sair na semana passada – para tomar café de todas as coisas - nós passamos metade das nossas noites no meu dormitório, e a outra metade dentro de uma padaria do outro lado da Ilha de Man.

Ele tem tido o cuidado de manter as coisas platônicas, apesar do fato de ele estar pagando pelo café e macarons franceses que eu peço toda vez que visitarmos o Douglas Café, a melhor padaria da Ilha de Man. Ou que ele passou a maior parte das noites no último mês comigo.

Esta situação não está certa.

Eu não quero que isso mude.

—Então, qual é o seu nome verdadeiro? — Eu pergunto pela centésima vez.

Esta noite estamos no meu quarto. Eu estou deitada em minha cama, os créditos do filme que assistimos rolando pela tela do meu laptop, que fica do meu lado na cama.

Uma parte de mim tem medo de virar e ver o rosto do Negociador. Ele tem que estar entediado, sentado na minha cadeira desconfortável e assistindo *De Volta Para o Futuro* em uma pequena tela entre nós.





Mas quando eu olho, não vejo um homem entediado. Eu vejo um confuso. Suas sobrancelhas estão apertadas e seus lábios formam uma linha fina.

—Negociador?

—Por que você matou seu padrasto? — Ele pergunta, seu olhar se movendo para o meu.

Eu me sento, minha reação imediata. O velho medo me atravessa, acompanhado por lembranças indesejáveis. O hálito azedo do meu padrasto, o cheiro do perfume caro dele.

—Por que você me perguntou isso? — Eu não consigo manter a emoção fora da minha voz.

Ele se inclina para trás na minha cadeira, enfiando as mãos atrás da cabeça. Um de seus pés repousa sobre a outra coxa. O homem não parece estar indo a lugar nenhum tão cedo.

—Acho que tenho direito a algum tipo de explicação, — ele diz, —visto como eu sou seu cúmplice.

Eu engulo. Eu nunca deveria ter negociado a presença desse homem.

Eu sou uma garota estúpida, estúpida.

—Você não vai conseguir uma, — eu digo. Não é que eu não confio nele — porque eu confio, mesmo que eu não deveria.





Mas a ideia de compartilhar essa parte do meu passado com o Negociador... Eu me sinto enjoada com o simples pensamento.

Ele me observa por um longo momento, em seguida, seus lábios se curvam em um sorriso. —Diga-me, pequena sereia, você está gostando de guardar segredos? — Ele parece quase orgulhoso.

Mas então evapora, e ele fica sério novamente.

Ele apoia aqueles braços assustadores e fortes em suas coxas. — O que quer que seja que ele fez com você, é-

—*Pare com isso.* Pare de falar. — Eu estou de pé, meu laptop quase caindo da minha cama na minha corrida louca para sair do colchão.

O Negociador *sabe*. Não que fosse necessário ser um gênio para descobrir por que uma adolescente aparentemente inocente atacaria seu padrasto.

Eu silenciosamente imploro para ele não empurrar mais nada. Eu sei que estou usando meu coração na manga, que minha alma quebrada e machucada está olhando através dos meus olhos.

A forma do Negociador se desfaz. Em algum momento eu devo ter começado a chorar, mas só noto isso agora, quando não consigo mais vê-lo claramente.





Ele amaldiçoa em voz baixa e balança a cabeça. —Eu preciso ir. — Eu pisquei para a umidade nos meus olhos sair.

Ele está indo embora? Por que me sinto tão desolada com esse pensamento quando, há instantes atrás, eu estava desejando exatamente o oposto?

Enquanto ele se levanta, o olhar do Negociador segue as lágrimas que escorrem pelas minhas bochechas, e eu posso ver seu arrependimento. Isso facilita minha dor. Um pouco.

Apenas quando eu acho que ele vai se desculpar, ele não se desculpa.

Ele diz algo melhor. —Desmond Flynn.

—O que? — Eu digo.

O ar já está se movendo, mudando enquanto sua magia toma conta.

—O meu nome.

E só depois que ele sai que eu percebo que ele nunca adicionou uma miçanga pela informação.



Dias atuais





DES NÃO ME DIZ para onde ele está me levando, nem que tarefa ele tem em mente para esta noite. Enquanto nós dois sobrevoamos o oceano, tudo o que sei é que ele está descendo a costa, e não para o interior da ilha. Agora que me acostumei a voar nos braços do Negociador, olho para o mar e para as estrelas cintilantes. Embora seja escuro, a vista é algo para se contemplar. Eu posso sentir o cheiro do sal no ar e o vento tocando meu cabelo. Isso me faz ansiar por algo que eu esqueci – ou perdi.

Eu viro minha cabeça, meus olhos caindo para a garganta de Des e a parte inferior de sua mandíbula forte.

Uma fae está me levando para um passeio. Isso soa como todas as histórias que eu já li sobre elas.

Subo meu olhar para aquelas belas e familiares características dele. Ele olha para baixo, me pegando olhando para ele. Seus olhos são astutos, mas o que ele vê nos meus faz com que eles se suavizem.

Meu coração se aloja na minha garganta. Eu desvio meu olhar antes isso possa ficar sob a minha pele.

Nós nos afastamos da costa, indo em direção ao mar. O que poderia estar lá fora para nós?

Eu descubro pouco depois, quando a partir da neblina costeira, a Ilha Catalina aparece. Ao longo da costa de Los Angeles, Catalina é um





lugar onde os moradores locais vão para as férias de fim de semana. A maior parte da ilha é desabitada. Passamos por Avalon, a principal cidade da ilha, movendo-se ao longo da costa de Catalina.

Passamos pela curva das falésias e uma casa de pedra branca aparece, iluminada no meio da escuridão. Torna-se claro pela forma como o Negociador nos manobra no ar que este é o nosso destino.

Eu aprecio à vista disso. Ela está no topo de um penhasco, muito parecida com a minha, a parte de trás da casa dá lugar a um pátio no terraço que termina bem na borda da propriedade.

Quanto mais nos aproximamos, mais magnífico o lugar aparece. É feito de vidro e pedra branca e, à medida que nós voltamos para a frente, vislumbro os jardins elaborados que a cercam.

O Negociador desliza sobre o gramado da frente e, com um mergulho final, nós tocamos o chão.

Eu saio de seus braços e olho em volta. —O que é este lugar? — Parece algo saído de um sonho. Uma casa palaciana no limite do mundo.

—Bem-vinda à minha casa, — diz Des.

—*Sua casa?* — Eu digo, incrédula. —Você vive aqui?

—De tempos em tempos.





Eu nunca pensei que o Negociador tivesse um lugar seu, mas é claro que ele tem. Ele visita a terra com bastante frequência.

Eu vejo a buganvília² de escalada e a fonte gorgolejante no pátio da frente. Além disso, sua casa é majestosa.

—Este lugar é inacreditável, — eu digo. De repente, minha pequena casa parece sombria e dilapidada em comparação.

Ele olha ao redor, e tenho a impressão de que ele está tentando ver sua casa através dos meus olhos. —Estou feliz que você gostou. Você é minha primeira convidada.

Eu me surpreendo com isso. —Mesmo?

Primeiro ele me mostra suas asas. Agora ele me mostra seu esconderijo. Ambas as revelações são obviamente importantes, mas não consigo entender os motivos do Negociador.

—Isso te deixa desconfortável? — Pergunta ele, com a voz baixa. —Eu trazendo você aqui para minha casa?

Tenho a nítida impressão de que ele quer que eu fique desconfortável.

Ele está fazendo um bom trabalho também.





—Curiosa, não desconfortável, — eu digo, desafiando-o com meus olhos. Afinal, ele esteve em minha casa centenas de vezes quando eu era mais jovem.

O canto dos lábios dele se levantam, seus olhos escurecendo com qualquer esquema que esteja se formando naquela mente dele. Ele estica a mão. — Então venha para dentro, temos muito a discutir.

EU ME MOVO LENTAMENTE pela entrada, observando as tábuas de madeira polidas e as luminárias de metal. Sem ferro, percebo.

Minhas sobrancelhas franzem quando vejo duas máscaras venezianas penduradas ao longo da parede. Eu costumava ter um par idêntica na Academia Peel. Eu sinto arrepios ao longo da minha pele.

Não significa nada.

Uma série de fotografias panorâmicas se alinham na entrada e se derramam na sala de estar, cada uma tirada de um canto diferente do mundo. Os brilhantes bazares de Marrocos, as montanhas austeras do Tibete, os telhados vermelhos de Cuzco. Eu os vi pessoalmente, graças ao homem ao meu lado.





Eu posso sentir os olhos de Des em mim, observando cada reação minha.

Tentativamente, faço meu caminho até a sala de estar, um sofá de couro gasto repousa sobre um tapete de pele felpudo. Sua mesa de centro é um baú gigantesco de madeira, as fivelas de latão embotadas pela idade.

—Diga-me o que você está pensando, Callie.

Eu amo sua casa.

Quero enterrar meus pés descalços naquele tapete desgrenhado e sentir o pelo fazendo cócegas nos dedos dos pés. Eu quero me esparramar no sofá e passar um tempo com o Negociador como costumávamos fazer.

—Eu nunca percebi o quão perto você vivia, — eu digo em vez disso.

Seus olhos estreitam, como se ele soubesse que eu não falo o que penso.

Eu levanto meu pescoço e tento percorrer um corredor escuro.

—Quer uma turnê do lugar? — Ele pergunta, encostado em uma de suas paredes. Com seus jeans baixos e cabelos bagunçados pelo vento, ele parece ter inventado a palavra sensualidade, o que é realmente irritante quando você está determinada a endurecer seu coração contra alguém.





Estou assentindo antes de pensar melhor.

Tanto para endurecer meu coração.

E assim o Negociador me mostra sua casa, da cozinha chique ao quarto de hóspedes que eu acabei de mobiliar. Deixando uns únicos quartos sem me mostrar, o quarto que contém um portal para o Outro Mundo – a terra dos faes – e dois, seu quarto, os dois quartos mais interessantes de sua casa.

Nós acabamos de voltar para a sua cozinha, uma área da casa que, embora muito mais polida do que a minha, não deixa de ser um lugar que você passaria um tempo.

—Por que você me trouxe aqui? — Eu pergunto, abrindo ociosamente uma vasilha de cobre que está contra a parede. No começo eu acho que estou olhando para farinha, mas quando a luz bate nela, ela brilha.

Pó de fae?

Em vez de responder, Des coloca a lata que eu seguro de lado e agarra meu pulso. Ele passa a mão pela minha pulseira. —Hoje à noite eu quero uma verdade de você, — diz ele, seus olhos brilhando com malícia. —Diga-me, querubim, o que você tem feito nos últimos sete anos?

Assim que as palavras saem da sua boca, posso sentir a magia me obrigando a falar. Não é insistente como foi ontem à noite, porque não





há limite de tempo para isso, mas cobre minha língua, me obrigando a falar.

—Eu fiquei na Academia Peel por mais um ano, — eu começo, —e foi quando eu conheci minha melhor amiga Temper.

Eu juro que o vejo reagir até mesmo a esse pequeno detalhe. Ele uma vez ocupou a posição de meu melhor amigo, um par estranho que nós éramos.

—Ela me fez aguentar o último ano. — Eu não preciso elaborar para ele entender que a coisa que eu *estava tentando* aguentar era ele.

A mão que ainda segura meu pulso agora se aperta.

—Na noite da formatura, Temper e eu saímos do Reino Unido. Nós nos mudamos para L.A e começamos nosso próprio negócio.

—Ah, sim, a West Coast Investigações, certo? — Ele diz.

Meus olhos se arregalam antes que eu possa me controlar. — Você sabe sobre isso?

Ele solta minha mão. —Eu sou o Negociador, eu sei tudo sobre o seu pequeno negócio. — Ele diz isso como se soubesse de todo mundo. —Parece que não sou o único a extrair segredos hoje em dia.

Eu não sei dizer se ele está satisfeito ou irritado.

—Isso incomoda você? — Eu pergunto.





— Isso me agrada. E me *irrita* que me agrade. — Ele franze a testa, cruzando os braços sobre o peito. — Eu nunca quis que você acabasse como eu. — Todo o charme se foi de sua voz quando ele diz isso.

— Eu não percebi que você se importava de uma forma ou de outra.

Isso é amargura na minha voz? Eu acho que é.

Ele me dá um sorriso triste. — Conte-me sobre o seu negócio. — Ele diz isso inocentemente, mas eu ainda sinto sua magia na minha língua, forçando-me a responder.

— Temper e eu estamos trabalhando em investigação privada. Ela usa seus feitiços para pegar criminosos, encontrar pessoas desaparecidas e — assustar pra caramba as pessoas - *outras coisas*. Eu uso o meu encanto para obrigar as pessoas a confessar, ou a agir contra sua natureza básica. — Eu penso em Mickey, meu último cliente, quando digo isso.

Des estala a língua dele. — Callie, Callie, fazendo um negócio violando a lei. Nossa, como isso está soando familiar.

Então eu modelei meu negócio parecido com o dele. Grande coisa.

— Copiar é a forma mais sincera de bajulação, — eu digo.





O Negociador se inclina para frente. — Querubim, isso talvez é sincero demais. Embora, como eu disse, isso me agrada... Você está tomando precauções para se proteger contra as autoridades, não é?

Você não será pega em breve, não é?

Eu juro que parece que ele realmente se importa. Tudo isso vindo do terceiro homem mais procurado no mundo sobrenatural.

—Estou bem. — Eu puxo um dos banquinhos em sua cozinha e me sento. —Isso é o que eu tenho feito nos últimos sete anos.

Eu me giro em sua banqueta.

—Você está omitindo alguns detalhes, — diz ele, virando-se para o outro lado do bar em que me sento.

Ele não precisa me dizer isso para eu sentir a magia me pressionando, exigindo que eu diga mais.

—O que eu não estou falando?

Des se inclina contra a ilha em sua cozinha, seus olhos inabaláveis.

—Sua vida pessoal.

Eu posso sentir meu rosto corar enquanto dou a ele um olhar estranho.

Por que ele, alguém que me desprezou há muito tempo, se preocupa com minha vida pessoal?

Eu sou apenas uma cliente. É a





magia que me leva a falar. — Você quer que eu fale sobre todos os relacionamentos que tive nos últimos sete anos? Não há nada para contar.

Ele levanta uma sobrancelha. — Você não esteve com ninguém todo esse tempo?

Jesus, isso é pior do que contar ao meu ginecologista sobre minha história sexual.

— E você? — Eu exijo. — Com quem você esteve?

— Eu não estou perguntando sobre mim, e você ainda precisa responder à pergunta.

A magia afunda suas garras, apertando minha garganta.

— Oito. OK? Eu estive em oito “relacionamentos”. — Eu faço aspas com a mão porque minha ideia de relacionamento é realmente uma piada. Nenhum durou mais de seis meses.

Eu tenho problemas de compromisso.

A magia de Des ainda me segura.

— E alguns casos aqui e ali no meio, — eu digo, meu rosto aquecendo enquanto eu falo.

Deuses, isso é embaraçoso, considerando que estou dizendo isso ao objeto da minha paixão adolescente. E quanto mais tempo eu estou perto dele, mais eu acho que ele não era uma paixão somente adolescente. Não, quanto mais ele olha para mim





com aqueles olhos de sexo dele, mais eu sinto a armadura em volta do meu coração desmoronar, como se ela fosse feita de nada mais do que papel mâché.

Enquanto eu falo, o rosto de Des endurece. Eu fico um pouco excitada com a possibilidade de ele estar realmente chateado com a ideia de eu estar em um relacionamento.

— Você amou algum deles? — Pergunta ele.

Eu inclino minha cabeça para ele. — Isso não é da sua conta, — eu digo, mais confusa do que qualquer coisa.

— *Au contraire*, desde que você me deva, é da minha conta.

— Você realmente vai me fazer dizer isso? — É uma pergunta retórica, eu posso sentir a magia arrastando minha resposta pela minha garganta.

— Não, eu não amei nenhum deles. — *Finalmente* a magia me libera. — Você está feliz?

— Não, querubim, — diz ele, sua expressão dura, — eu não estou.

Eu olho para ele de cima a baixo. Todos esses pagamentos foram uma farsa. Um beijo, alguns móveis e algumas confissões. Isso é tudo que ele pediu até agora.

Eu vi esse homem sozinho forçar um político a mudar a lei





sobrenatural como pagamento. Eu o vi tirando segredos de homens que preferem morrer a confessar.

Eu inclino meus cotovelos contra a bancada de granito. — Por que você voltou para a minha vida — e não me diga que é só porque você decidiu aleatoriamente que eu precisava pagar minhas dívidas.

Ele também se inclina se aproximando, nossos rostos a menos de 30 centímetros de distância. — Eu não decidi isso aleatoriamente, Callie. Isso foi muito, muito pensado. — Ele diz isso como se as próprias palavras fossem pesadas.

Eu procuro seu rosto. — Por que, Des?

Ele hesita e vejo a primeira rachadura em sua fachada, algo que não é raivoso, amargo ou indiferente. Algo... vulnerável.

— Eu preciso da sua ajuda, — ele finalmente admite.

Des fez um império sobre segredos e favores. Certamente não posso oferecer nada que ele já não possa conseguir em outro lugar?

— O infame Negociador precisa da minha ajuda? — Eu digo isso sarcasticamente, mas estou intrigada.

— Há algo acontecendo no Outro Mundo, — ele explica, — algo que nem meus segredos podem descobrir.

Outro Mundo. Apenas a menção disso me arrepia. É o reino das fae e outras criaturas cruéis





demais para a Terra. Todos os sobrenaturais sabem disso, e aqueles com um pingo de sentido temem isso.

—Como eu posso ajudar? — Eu pergunto, quando a geladeira se abre atrás dele. Já estou com medo do que ele possa dizer.

Uma garrafa de cidra espumante sai da geladeira. Assim que a porta se fecha atrás dele, uma garrafa de vinho escorrega da bancada distante. Um momento depois, um armário se abre e dois copos de vinho saem dele. Todos os quatro itens pousam na frente do Negociador, que então começa a nos servir bebidas.

—Eu preciso de você para obter algumas informações de alguns dos meus alvos.

Ele desliza um copo de cidra espumante para mim. Eu franzo a testa, mas tomo um gole disso de qualquer maneira.

—E você não pode? — Eu pergunto, minhas sobrancelhas subindo.

Ele balança a cabeça, os olhos longe. —Eu posso, até certo ponto. Além desse ponto... eles morrem.

—Eles *morrem*?

Jesus. O que esse homem está falando?

—Como você, eu posso obrigar as pessoas. Mas há





uma diferença fundamental entre nossas habilidades.

Havia muito mais do que uma diferença fundamental entre nossas habilidades. Des não brilhava toda vez que ele a usava, nem tentava foder com a pessoa encantada como a sereia em mim, aquela vadia excitada.

—Seu encanto não dá ao seu alvo a capacidade de recusar pedidos, — continua ele. —Você quer que eles falem — e eles falam. Você quer que eles dançam nus nas ruas, eles dançam nus nas ruas. Não há outra opção.

Ele desliza a taça de vinho para frente e para trás entre as mãos.

—Com o meu poder, — ele diz, —uma pessoa pode optar por não ser compelida — mas vai matá-los. Então, se eles quiserem, eles podem optar por morrer completamente vestido ao invés de dançar nus nas ruas. Ou podem optar por morrer em silêncio, em vez de derramar um segredo.

Eu nunca percebi...

—Mas você faz todo mundo falar, — eu digo.

O Negociador toma um longo gole de seu vinho antes de responder. — A maioria das pessoas querem viver.

Eu deixei essa revelação penetrar. —Então, seus súditos estão escolhendo a morte em vez de compartilhar informações?





Ele balança a cabeça, olhando para o copo.
Credo. Eu não posso imaginar por qual
segredo valeria a pena morrer.

— Há uma coisa errada com o seu plano, — eu
digo. — Eu não posso encantar faes.

Seus olhos se levantam para os meus. — Eu não estou pedindo
para encantar faes.

Isso me faz parar. — Então o que você está pedindo?

Seus olhos iluminados pela lua são tão misteriosos como
sempre foram. Fazendo algum tipo de decisão, ele contorna o balcão
e, pega outra banqueta, puxa-a para perto.

— As coisas no Outro Mundo estão... Erradas. — Sua voz é mais
suave, como se ele precisasse gentilmente aliviar as palavras. — Meu
reino está inquieto — assim como os outros. Houve desaparecimentos—
muitos, muitos desaparecimentos. Soldados desaparecendo sem
deixar vestígios. Apenas as mulheres... retornaram. Preciso descobrir
o que aconteceu com eles.

— Por que as mulheres não te dizem o que aconteceu? —

Pergunto. — Elas não podem. — A expressão
de Des é agonizante.

— Elas estão mortas?

Ele sacode a cabeça. — Não é
bem assim. Elas não estão vivas nem
mortas.





Eu giro meu copo de cidra espumante. —
Eu ainda não entendi. O que você quer que eu
faça, Des?

—As faes não vão falar comigo. — Ele escolhe
suas próximas palavras com cuidado. —Mas as faes não são
os únicos que vivem no Outro Mundo.

Tudo de uma vez, eu entendo.

—Os changelings³, — eu sussurro. Humanos que foram
arrebatados por faes e levados para o Outro Mundo. A maioria vive
lá como escravos.

—Eu preciso proteger o meu reino.

Eu endureço. É raro fazer com que Des fale sobre a outra
metade de sua vida, a metade em que ele não é apenas um fantasma
briguento durante a noite. A metade onde ele é realmente um rei,
aquele que governa sobre todas aquelas criaturas que vagam pela
noite.

—Então você quer me levar para o seu mundo, — eu digo. —E
você quer que eu encante seus escravos?

—Eles não são escravos, — ele rosna.

—Não me faça de idiota, Des. Só
porque isso é tudo o que eles





conhecera, não significa que eles escolheriam essa vida se pudessem.

—Nenhum de nós pode escolher nossas vidas, — diz ele, e seus olhos estão um pouco penetrantes demais.

—Você quer que eu force a verdade dos seres humanos que vivem em seu reino, mesmo que seja antiético, e isso provavelmente os fará pior do que mortos.

—Você nunca se importou com a ética do encanto antes, — diz ele.

—Porque nenhuma das pessoas que eu encantei eram vítimas. Todos eles eram criminosos de um tipo ou outro.

Eu continuo. —Você nunca considerou que, se o Rei da Noite, com todos os seus truques e promessas, não consegue convencer essas pessoas, não devemos deixá-las em paz?

—Callie, — diz Des, se inclinando, — faes estão morrendo. Humanos estão morrendo. Algo está acontecendo com o Outro Mundo, e está acontecendo bem debaixo do meu nariz.

—E se eu disser não, que eu não farei isso?

Ele me estuda por vários segundos, apertando a mandíbula.

—Eu faria você fazer isso, de qualquer jeito.





Isso foi o que eu pensei. Ele preferia minha permissão, mas ele usaria minhas habilidades de qualquer maneira.

—Então não há escolha, — eu digo. —Eu vou fazer isso. — E assim, voltei a trabalhar ao lado do Negociador.





CAPITULO 8

Dezembro, oito anos atrás

— ENTÃO, O QUE VOCÊ faz quando não está fazendo acordos? — Pergunto a Des, que está esparramado no chão, folheando um dos meus livros.

Ele tem uma caneta na mão, e eu o vi rabiscando coisas nas margens. Eu estou seriamente com medo que ele esteja desenhando paus dentro do meu livro, mas quando eu dou uma olhada, eu me vejo em vez disso. Ele desenhou uma parte do meu rosto e, caramba, ele é um artista muito bom, apesar de todo o resto.

— Além de arruinar a mente de uma pequena sereia? — Ele diz.

— Além disso, — eu digo, sorrindo suavemente.

No corredor do lado de fora do meu quarto, ouço alguns dos meus colegas rindo enquanto eles saem para jantar. Eles batem na porta ao lado da minha, convidando Shelly e Trisha para jantar com eles. Eu ouço seus passos vindo em direção ao meu quarto, e uma pequena parte de mim espera que eles batam na minha porta, mesmo que Desmond esteja aqui.

Seus passos passam pela minha porta sem pausa.

— Eles não podem nos ouvir, você sabe, — diz Des, não olhando para cima de seu trabalho.

Eu *não* sabia, mas eu me perguntava por que ninguém no





meu andar perguntou sobre a voz masculina vindo do meu quarto. As paredes aqui são finas como papel.

— Isso foi gentil da sua parte, Des, — eu digo.

— Eu gosto da minha privacidade. Não teve nada a ver com você.

— Certo. — Deuses proíba o Negociador de obter uma reputação de alguém com bondade.

— E meu nome é Desmond — e não... *Des*. — Sua voz goteja com desdém.

Então o apelido o incomoda? Que bom.

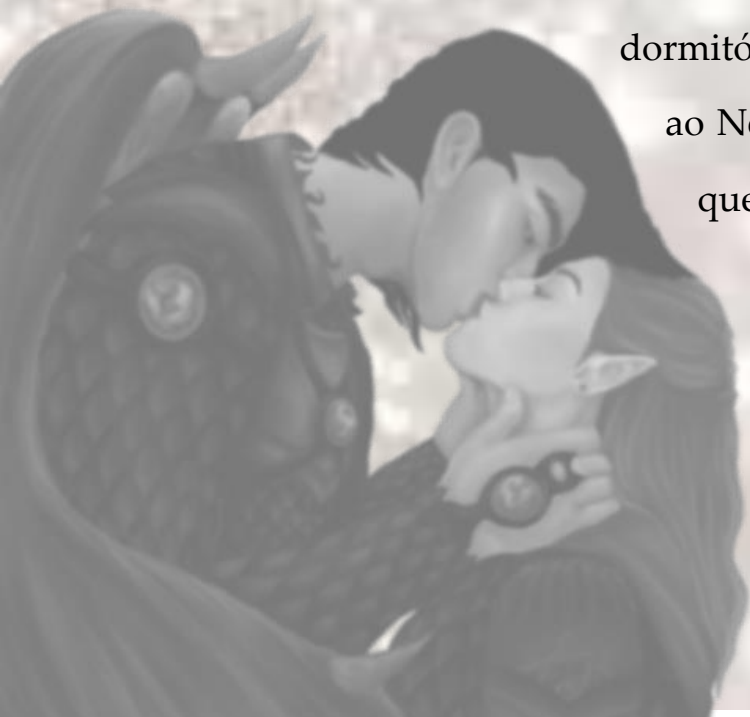
— Vou parar de te chamar de Des assim que você parar de me chamar de querubim.

Ele resmunga com isso.

Sento-me na cadeira do meu computador e vejo-o trabalhar por alguns segundos. E enquanto eu fico sentada lá, olhando para ele, sinto meu estômago revirar.

Se eu fechar meus olhos, posso fingir que não estamos no meu dormitório obscuro, que não estou pagando ao Negociador para me fazer companhia, que Des gosta de mim tanto quanto eu gosto dele.

Mas então eu lembro que eu fico com ele por não mais do que quatro horas do dia dele. Eu vivo





por essas quatro horas, mas e quanto a ele? Eu provavelmente sou apenas o equivalente a férias pagas.

O que ele faz quando não está roubando segredos ou cobrando dívidas? Qual é a ideia deste homem de diversão?

Provavelmente roubando doces de bebês ou algo horrível assim.

—O que você faz no seu tempo livre? — Eu pergunto novamente.

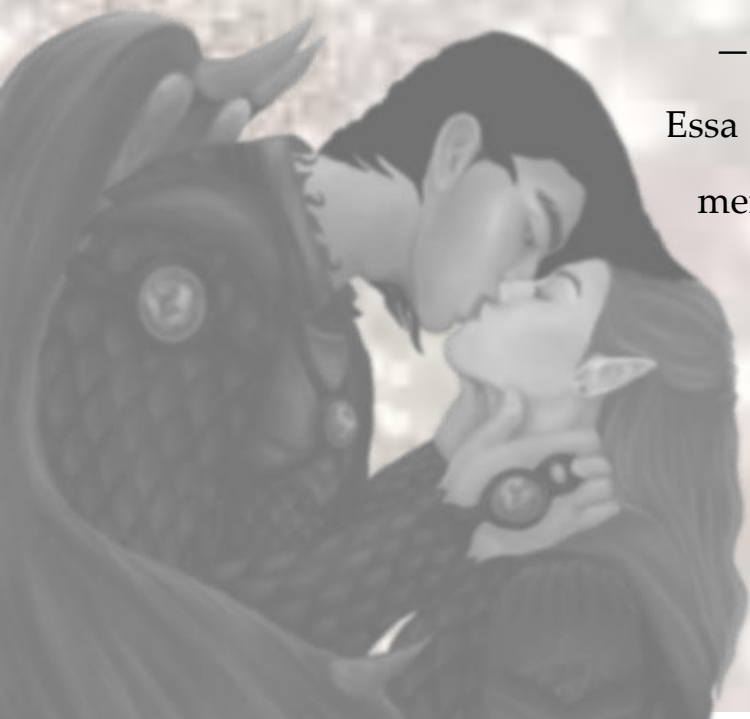
Ele vira outra página do meu livro. —Isso vai lhe custar, — diz ele.

Eu dou de ombros. Eu já tenho duas filas de miçangas. O que é mais uma? — Adicione uma miçanga.

Eu olho meu pulso no momento em que outra miçanga negra e opaca se forma.

—Eu governo. — Ele nem sequer olha para cima quando diz isso. Eu espero mais, mas isso nunca vem.

—Oh, vamos lá, é isso? — Eu digo. — Essa resposta foi duas palavras. — Eu mereço uma resposta melhor do que isso, considerando o preço que eventualmente terei que pagar pelo favor. Com toda a probabilidade, algum dia este bracelete de





miçangas se transformará numa versão muito real de Foder, Caçar, Matar.

—Assim como o meu nome. Você não reclamou. — Ele começa a desenhar minha boca.

—Você não adicionou uma miçanga para essa resposta, — eu digo. —Uma generosidade que não estou interessado em repetir. — Suas palavras estão cortadas.

Eu aperto meus dentes.

Caindo no chão ao lado dele, eu pego a caneta da mão dele. — O que exatamente você governa? — Eu exijo.

O Negociador rola para o seu lado, apoiando a cabeça em cima de uma mão, um sorriso no rosto, uma mecha de cabelos loiros brancos caindo em seus olhos. Ele me estuda por um segundo, depois cede. — Eu sou o Rei da Noite.

—O Rei da Noite? — Repito. Que tipo de título é esse?

—No Outro Mundo, — ele elabora, tirando a caneta de mim.

O Outro Mundo.

Eu olho para ele.

O Outro Mundo.

Putá merda, esse cara é uma fae.

Não, não apenas uma fae, um rei fae.

Líder de uma das raças mais implacáveis de seres.

E eu tenho sido *malvada* com ele.





— Então você é... Realmente importante, —
eu digo.

Ele inclina a cabeça ligeiramente, ainda
parecendo divertido. — Um pouco.

Ok, foda-me, eu não percebi.

Eu olho para o seu cabelo branco indisciplinado, sua
estrutura larga, seu braço tatuado e seu traje preto sobre preto.

— Você não parece um rei, — eu digo.

— E você não parece o tipo de garota que faz acordos com o
Negociador, querubim. O que me diz?

Ele me tem aí.

Rei da noite. Apenas o nome soa foda. — Onde estão suas asas?

— Eu pergunto. Ele me encara com um olhar irritado. — Longe.

Des deve perceber que vou continuar importunando-o porque
ele fecha meu livro e o coloca de lado.

Ter toda a atenção do Negociador é como pegar a atenção de
um tigre. Tudo o que você queria fazer era acariciar a criatura, mas
assim que ela olha para você, percebe que isso simplesmente vai
acabar com você.

— Diga-me, querubim, você gostaria
de visitar o meu reino um dia? — Ele
pergunta, sua voz suave como
veludo.





Isso é uma armadilha? Eu sinto como se estivesse prestes a entrar em uma armadilha.

—Você me levaria? — Pergunto.

Eu tento não parecer muito animada ou assustada. Tudo que aprendi sobre o Outro Mundo me aterroriza. Mas a ideia do Rei da Noite me dando uma visita guiada ao seu reino é incrivelmente atraente.

—Oh, eu vou levá-la, — ele promete, um brilho perverso em seus olhos. —Nesse dia eu não te darei uma escolha.

Dias atuais

POUCO DEPOIS DE concordar em ajudar Des, ele me leva de volta para casa. Agora que estou a bordo, ele tem preparativos para fazer por conta própria. Amanhã nós vamos repassar os desaparecimentos. No dia seguinte, eu vou entrevistar os changelings. Isso significa visitar o Outro Mundo e ver pela primeira vez na minha vida o reino que Des governa.

Eu fico do lado de fora do meu quintal, observando o Negociador voar de volta para a noite, uma grande parte de mim querendo segui-lo.

Hoje à noite, ele não precisava me mostrar a sua casa, mas ele mostrou. Assim como ele não





precisava me mostrar suas asas, mas ele também mostrou. Se ele está tentando me confundir, ele está fazendo um bom trabalho.

Uma vez que Desmond desaparece, eu retorno para dentro e vou para a cozinha. Mais cedo, ele tirou uma miçanga logo depois que ele me pegou bebendo vinho. Ele nunca explicou o motivo pelo qual ele a tirou, embora eu tenha minhas suspeitas.

Agora minha curiosidade tira o melhor de mim. Hora de testar minha teoria e esperar por Deuses que eu esteja errada.

Agarrando uma garrafa de uísque Jameson do meu armário, eu tiro a tampa, pegando primeiro o cheiro da bebida. Eu paro por um segundo. Se seu pagamento antecipado for o que eu acho que é, isso pode ser desagradável. Aquela preocupação mesquinha segura minha mão apenas por um momento, e então eu inclino a garrafa na minha boca e tomo um longo e profundo gole dela.

O uísque é como o âmbar líquido descendo, eu já posso sentir ele queimando meus nervos. Eu fecho meus olhos e desfruto da dor inicial no fundo da minha garganta e o calor que se enrola dentro do meu estômago.

Um momento depois, eu relaxo.

Eu pensei que ele tinha me proibido de beber álcool, mas obviamente minha teoria estava errada.





Eu afasto o uísque, aliviada.

É só quando estou de volta ao meu quarto que sinto. Meu estômago se agita. Eu engulo e faço uma pausa. A sensação desaparece e eu começo a andar novamente. Três passos depois, meu estômago convulsiona. A sensação ondula meu torso e quase caio de joelhos, eu posso sentir ele subindo todo o caminho até a minha garganta.

Aquele bastardo malvado.

Corro para o banheiro e mal consigo chegar a tempo. Meu corpo inteiro espasma enquanto vomito o uísque. Eu posso sentir os fios de magia forçando minhas entranhas a se livrarem completamente do álcool, e é tão invasivo quanto era a primeira vez que eu senti sua magia mexer dentro de mim.

Meus dedos ficam brancos quando aperto na porcelana. Agora eu sei porque o Desmond tirou aquela miçanga.

Sobriedade.

Esqueça os caçadores de recompensas sobrenaturais que estão atrás dele, aquele filho da puta é meu.



NAQUELA NOITE, QUANDO
Desmond Flynn abriu a porta de vidro e
entrou na minha sala como se fosse
dono do lugar, eu estava pronta
para ele.





— Eu. — Arremesso uma garrafa de uísque na cabeça do Negociador. — Odeio. — Agora um copo de vinho. — Você. — Agora uma garrafa de cerveja.

A forma do Negociador desaparece no momento em que cada item deveria entrar em contato com ele. Um momento depois, ele reaparece, seu corpo entrando e saindo da existência enquanto ele caminha em minha direção. Cada recipiente de vidro bate contra a parede atrás dele, âmbar e líquido marrom espirrando contra ela e pingando nas tábuas de madeira abaixo.

— Isso não foi legal, — ele rosna.

Eu pego mais munição. Todas as minhas bebidas estão alinhadas no balcão. Decidi usá-las para praticar tiro ao alvo, pois está claro que não terei outro uso para elas agora.

O Negociador desaparece novamente e, quando ele reaparece, está na minha frente.

— Temos trabalho a fazer hoje.

— Você pode pegar o seu trabalho, — eu rosno, — e enfiá-lo no seu-

— Ah, ah, ah, — diz ele, pegando meu queixo e me pressionando de volta contra o balcão. — Cuidado com o que você deseja perto de mim. Eu gostaria de nada mais do que pegar





meu trabalho e enfiá-lo em algum lugar onde o sol nunca possa alcançar.

Eu sei de experiências passadas que, quando de mau humor, o Negociador adora distorcer as palavras de seus clientes. O pensamento faz a sereia em mim cantar – a vadia. O resto de mim está mais nervosa que o inferno.

O Negociador parece estar ciente da minha reação conflituosa porque suas pupilas se dilatam. — Hora de ir.

— Não, — eu digo obstinadamente.

— Eu não estava pedindo. — Ele me arrasta para longe do balcão e nos leva pela minha sala até a porta dos fundos.

Cacos de vidro e gotículas de álcool erguem-se das paredes e do chão, o líquido faz um caminho para a pia e o vidro para o lixo. Ele está limpando para mim novamente.

Eu luto contra seu aperto no meu pulso, todo o caminho. — *Desmond*. Me solte. *Agora*. — Minha sereia tomou conta da minha voz, fazendo meu comando irritado soar sedutor.

Em vez de me soltar, Des me joga por cima do ombro. —

Continue falando comigo assim, querubim,
— diz o Negociador.

— Você não sabe o quanto isso me excita. — Ele dá um tapinha na minha bunda e eu vejo vermelho.

— Coloque-me no chão, seu idiota!





Mas, em vez de me abaixar, ele me ajeita de modo que minhas pernas estejam enroladas na cintura dele e meus braços ao redor do seu pescoço.

Eu tento me contorcer para sair, mas o seu aperto é como uma gaiola, mantendo-me no lugar.

Eu belisco suas costas. Ele xinga, e o copo e líquido que ele está limpando atrás de nós cai no chão.

—Droga, Callie, — ele diz, — não me faça desperdiçar uma de suas contas ao imobilizar você.

Eu olho-o nos olhos enquanto ele me leva para fora. —Eu te desafio a fazer isso, Des.

Seus olhos brilham. —Não me teste. Eu vou fazer, e vou gostar de sentir cada centímetro de sua pele enquanto você é forçada a ficar quieta.

Eu me concentro em olhar para ele. — Isso foi errado, — eu digo, — tirar a minha capacidade de beber.

—Não é a pior coisa que eu fiz, querubim, — diz ele. —E não é permanente se você aprender a beber com responsabilidade.

A *coragem* desse homem. Como posso aprender a beber com responsabilidade se *não posso beber?*

Eu agarro ele enquanto suas asas se materializam. —Eu estava indo muito bem antes de você se intrometer na minha vida.





Ele dá um riso irônico. — Isso é discutível.

Antes que eu possa responder, ele nos lança no ar. Eu solto um grito de surpresa, e ele esfrega pequenos círculos em minhas costas, provavelmente em uma tentativa de me tranquilizar. Eu quero tirar essa mão, mas para isso preciso soltar o pescoço dele, e eu não posso.

Em vez disso, eu fixo meus olhos no céu acima de mim, determinada a contar as constelações num esforço para ignorar o homem que tanto me irrita e me confunde.

E naturalmente, vejo três estrelas no céu – e uma delas pode ser um avião. Então, resolvo simplesmente ignorar Des, o que prova ser quase impossível. Estou respirando o cheiro dele, o cabelo dele está fazendo cócegas nas costas das minhas mãos, e tudo que eu posso ver além da noite escura é o arco ameaçador de suas asas.

Algo como dez minutos, eu desisto e descanso minha cabeça no canto entre o pescoço e o ombro.

O Negociador aperta seu abraço em mim e eu sinto o roçar áspero de sua bochecha enquanto ele me faz um carinho. Estou começando a notar um padrão, ele fica carinhoso quando estou em seus braços.

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos assim, mas eventualmente sinto que começamos a descer. Eu espreito o





mundo abaixo de nós e vejo a Ilha Catalina crescer e a casa do Negociador a vista.

Quinze minutos depois, entramos em sua sala de estar. Hoje, folhas e folhas de anotações manuscritas e desenhos cobrem sua mesa de café. Eu me inclino para dar uma boa olhada neles. Eu trabalhei em casos suficientes como PI para reconhecer um arquivo de caso quando vejo um.

Pego um dos esboços, reconhecendo imediatamente o trabalho de Des. Ele costumava desenhar retratos e paisagens no meu quarto na Academia Peel. Embora nenhum como este.

No esboço, filas e filas de mulheres se encontram no que parecem ser caixões, com os olhos fechados, os braços cruzados sobre o peito.

Santa merda.

—Estas são... As mulheres?

Eu sinto o ar agitar, um momento depois, Des está às minhas costas, olhando por cima do meu ombro, e estou muito consciente dele.

—São. Cada uma é devolvida em um caixão de vidro.

Ontem à noite Des me disse que essas mulheres não estavam mortas, mas elas *parecem* mortas.





Ele se inclina ao meu redor e tira outra imagem, essa de um único caixão, no que parece ser um grande salão.

O palácio de Des. É um pensamento tão estranho.

Minha atenção se volta para a mulher adormecida, usando seus couros de batalha. Em uma mão ela segura uma arma e na outra – Meus olhos devem estar me enganando. — Aquilo é uma...?

— Sim. É uma criança.

EU OLHO PARA o desenho.

Criança não é a palavra correta para a minúscula vida aninhada no peito da guerreira fae adormecida.

Infantil. *Bebê.*

Nos braços de uma mulher que poderia estar morta.

Como investigadora particular, vi e ouvi meu quinhão de merda distorcida.

Faes sempre conseguem superar isso. — O bebê está morto? — Eu pergunto.

— Oh não. — O jeito que Des diz que me faz virar para olhar para ele.

— Então, está vivo? — Eu sondo.

— Muito vivo. As humanas que você vai entrevistar? Elas são enfermeiras para algumas dessas crianças.





Minhas sobrancelhas se uniram. O que um bando de enfermeiras poderia saber?

Eu deslizo um olhar para suas anotações, escritas em seus rabiscos.

...Guerreiros masculinos ainda estão desaparecidos...

...atende pelo nome "Ladrão das Almas" ...

Des tira os esboços das minhas mãos. —Para me ajudar, primeiro você precisa aprender sobre o Outro Mundo – mesmo antes de aprender os detalhes desse mistério em particular. Ignorância, você vê, vai te matar no meu mundo.

Eu sufoco um arrepio. O Outro Mundo já soa pior do que eu temia.

Eu me sento no sofá dele. —Eu sou toda ouvidos, Des.

Ele senta ao meu lado. Da pilha de notas espalhadas diante de nós, ele produz uma caneta e uma folha de papel em branco. — Aqui está o básico: o mundo dos faes é uma enorme hierarquia. — Ele desenha uma pirâmide. —Os jogadores poderosos estão no topo, nenhum tão poderoso quanto a rainha e o rei dos faes – Titânia e seu rei consorte, Oberon, ou a Mãe e o Pai, como nós os chamamos. Eles são alguns dos antigos anciões ainda vivos. Você não precisa se preocupar muito com eles. Ambos estão longe sob a montanha e estão no sono eterno.





—Hum, em português, — eu digo.

—Eles estão em estado de coma. Sem consciência, mas não mortos.

—Um pouco como as mulheres guerreiras, — eu digo.

Des me dá um olhar afiado. —Sim, — diz ele lentamente, —um pouco como elas, eu suponho.

Sua mão desliza mais abaixo na pirâmide e ele desenha outra linha. —Abaixo deles estão os quatro maiores reinos. Seus livros de história podem se referir a eles por seu nome tradicional, cortes.

—Esses quatro reinos são: Noite, Dia, Flora e Fauna.

Eu reconheço a casa de Des imediatamente e mais uma vez fico impressionada com o quão poderoso esse homem é.

—Há duas casas adicionais que geralmente não são reconhecidas, mas são igualmente poderosas – o Reino do Mar, que reina sobre todos os corpos da água. E o Reino da Morte e Terra Profunda. Essas duas casas mantêm-se separadas – a Morte não gosta de brincar na terra dos vivos, e o Reino do Mar gosta de ficar em suas profundezas aquáticas na maioria das vezes.

—Em relação às quatro casas, eu governo o Reino da Noite. Meu povo me conhece alternadamente como Sua Majestade Desmond Flynn, Imperador das Estrelas Vespertinas,





Senhor dos Segredos, Mestre das Sombras e Rei do Caos.

Eu levanto uma sobrancelha. —Ninguém te chama de Negociador?

Eu não mencionei essa dor estranha que sinto por aprender sobre a outra vida de Des. Quanto mais ele me diz, mais percebo o quão pouco eu realmente o conheço.

—No Outro Mundo, não.

Voltando ao seu trabalho, Des começa a escrever novamente. — Em oposição direta ao Reino da Noite está o Reino do Dia. Governado por Janus, Senhor das Passagens, Rei da Ordem, Contador da Verdade, Portador da Luz, Babaca Supremo.

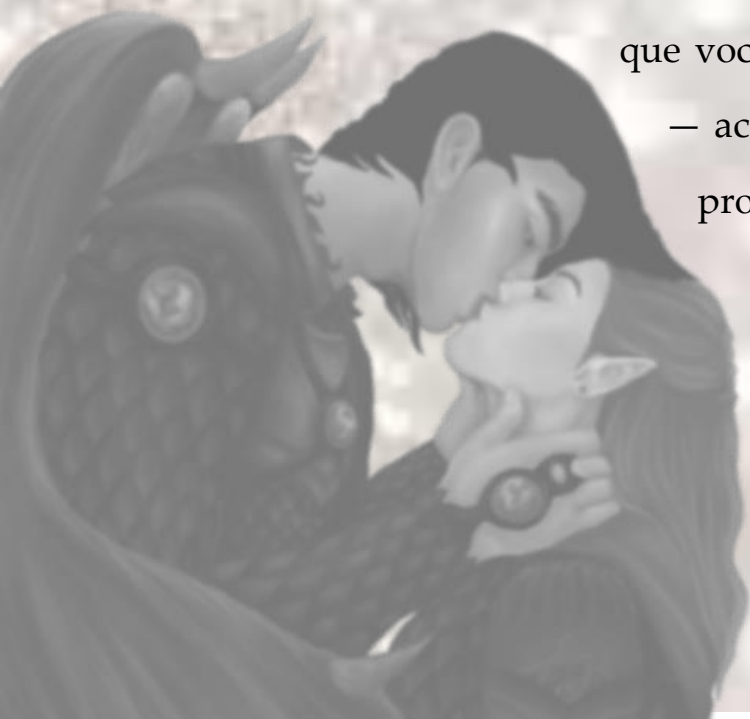
Eu quase não percebo o final.

Uma risada surpresa escapa. —Não gosta do cara? — Eu pergunto.

Des não ri comigo. —Ele é a luz da minha escuridão. O bem para o meu mal. A verdade e beleza para minha decepção e maldade. Ele é meu oposto, eu fui feito para não gostar dele, — diz ele. —Não

que você deva compartilhar minha opinião, — acrescenta ele. —Se você o conhecesse, provavelmente gostaria dele. Todo mundo gosta.

Eu olho para Des enquanto ele olha para as pessoas que ele





desenhou, e eu noto algo em seu rosto. Inveja?
Arrependimento? *Saudade*?

Mais uma vez, sinto uma dor estranha, desta
vez por este homem.

Eu coloco uma mão na perna dele, chamando a atenção
de Des. — Talvez eu gostasse dele – e talvez não. Meu apreço pela
verdade e beleza morreu há muito tempo.

Des olha para mim, e um sussurro de um sorriso levanta o canto
de sua boca antes que ele volte sua atenção para a folha de papel.

—O reino da Flora é governado por Mara, Rainha de Tudo que
Cresce, e seu rei consorte, o Homem Verde. Ela governa toda a vida
vegetal. — Ele escreve os nomes na folha de papel.

—E por último, há o Reino da Fauna, governado por Karnon,
Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem, Rei das Garras.
Também conhecido em certas partes como o rei louco por suas
tendências reclusas e suas... Excentricidades.

—Enquanto você está no meu reino, você deve seguir as regras
da minha terra. Quando você está no Reino do Dia, você deve seguir
a deles – até eu, um rei, devo obedecer às
regras deles.

Ei, ei, ei. —Eu não vou para o
Reino do Dia ou para qualquer
outro, certo? — Porque eu não
tenho tempo suficiente para
aprender as leis e a etiqueta de





todos os diferentes reinos. Não se Des e eu
fossemos visitar o Outro Mundo amanhã.

—Você estará no meu reino e só meu, e aí você
tem a minha proteção absoluta.

Eu ouço algo como comando em sua voz.

—Isso é tudo que você precisa saber sobre o Outro Mundo – por
enquanto. — Ele desliza seu desenho da pirâmide para o lado, sua
atenção voltando para suas notas espalhadas.

Meus olhos, sem querer, voltam para a imagem da mulher
adormecida segurando um bebê contra o peito. —Então, todas as
mulheres voltam com crianças? — Pergunto.

Desmond acena com a cabeça, seus dedos arrastando sobre o
desenho.

—De quem são as crianças? — Pergunto. Faes têm o mau hábito
de levar crianças que não são delas.

—Elas vêm do útero dessas mulheres, — afirma Des. Não vou
perguntar como eles descobriram isso.

—E o pai? — Eu pergunto.

O início de um sorriso irônico se
espalhou pelos lábios do Negociador, mas
depois se transformou em uma careta.

—Apenas mais um mistério, —
diz ele.

Ele embaralha os papéis em
uma pilha limpa. —Por enquanto,





nada disso importa, exceto... — ele tira uma folha de papel da pilha, — isso.

Eu pego o papel dele, olhando para o lado. Uma lista de perguntas abrange quase toda a extensão da página, cada uma mais estranha que a anterior. —O que é isso?

— Isso, querubim, são as perguntas que você vai fazer amanhã.

MESMO DEPOIS DE DES ter colocado de lado as anotações do caso e eu ter afastado minha folha de perguntas, ele não faz nada para terminar a noite. Em vez disso, uma porção de queijo e bolachas chegam à sala de estar da cozinha, um conjunto de copos e bebidas logo em seguida.

Eu pego a Coca-Cola que flutua logo acima do meu colo, enquanto o Negociador tira a tampa de sua cerveja, tomando um gole saudável.

Eu dou um olhar feio para ele, lembrando mais uma vez que não posso beber álcool junto com ele, antes de começar a beber meu refrigerante.

Des se senta no sofá, sua camisa subindo enquanto ele coloca os braços sobre os encostos dos bancos.

Ele toma um gole de sua cerveja, me olhando por cima da borda e parecendo tão pecaminoso.





Isso não parece o fim de uma noite, parece o começo. Também não parece como um pagamento.

A coisa toda é um pouco íntima demais para isso.

—O que, diga-me, está acontecendo na mente da minha pequena sereia? — Ele diz, seus olhos se movendo sobre mim.

Minha pequena sereia.

—Eu não sou nada sua, — eu digo.

Ele toma outro gole de sua cerveja, sorrindo ao redor da borda.

Uma vez que ele tira a bebida da boca, ele gira o líquido âmbar dentro de sua garrafa. —Você já foi minha cliente, — diz ele, —e então você era minha amiga, e agora... — Seus lábios se curvam maliciosamente, seus olhos prateados brilhando. —Talvez não devemos colocar um rótulo sobre o que somos agora.

A atmosfera na sala muda, tornando-se pesada, quase sensual. Eu não sei se é a mágica dele, ou apenas o magnetismo natural de Des, mas isso me faz mudar de lugar.

—Por que vir a terra? — Eu pergunto, desesperada para tirar o foco do nosso relacionamento — ou a falta dele, na minha opinião. —Por que fazer isso se você é um rei?

Parte do calor na sala se dissipa. Ele toma outro gole de sua bebida antes de responder. —Você





quer a explicação apropriada, ou a verdadeira?

— Ambos, — eu digo, tirando meus sapatos, para que eu possa me enrolar no sofá dele.

Des nota a ação, sua expressão fica quase satisfeita.

— A resposta apropriada é que tenho tempo para isso. Leis e política à parte, meu reino faz o meu trabalho mais importante por conta própria, — diz ele, chutando os pés no sofá e cruzando-os nos tornozelos. — Arrastando a noite através do Outro Mundo.

— Outra parte do meu trabalho como Rei da Noite é ter certeza de que o caos exista, e o caos — esse é o estado natural das coisas, mesmo aqui na terra. Mais uma vez, o universo faz o meu trabalho por mim.

— Então há aquelas outras ações que melhor acontecem sob o manto das trevas. Violência, sono e — ele corre o olhar por um dos meus braços e sinto um dedo fantasma deslizando pela minha pele — *sexo*.

Minha sereia se agita.

— Vamos chamá-los de impulsos mais básicos. E, novamente, esses não precisam de muita gestão.

Eu estou ouvindo-o corretamente?

Eu coloco minha bebida na mesa de café. — Então, você





incentiva... as pessoas a transarem? — Não acredito que nunca falamos sobre isso. Ele sempre agia como uma freira ao meu redor. Eu nunca teria imaginado que isso seria parte do trabalho dele.

Uma de suas sobrancelhas arqueia. — Você gostaria de uma demonstração?

A sereia em mim está acordando. Todas as coisas que ele governa ela se alimenta. Violência, caos, *sexo*.

Ela ficaria feliz em pegar um monte de miçangas em troca de tal demonstração.

Ele vê meu silêncio pelo que é — consideração. Um momento ele está esparramado na ponta do sofá, colocando a bebida no chão, no seguinte, ele desaparece. Eu pulo quando ele reaparece ao meu lado no sofá.

— Você iria se divertir, Callie, — diz ele, se inclinando. Perto de mim, sua presença é esmagadora. Seus lábios escovam minha orelha. — Eu me certificaria disso.

Ele nunca foi assim comigo antes. Só agora estou aprendendo que ele lutou contra sua natureza mais inata para ser apropriado comigo. Mesmo quando eu coloquei todos os movimentos nele que eu poderia pensar.





Eu limpo minha garganta. — *Des.* — Estou me afogando em *anos* de desejo por esse homem.

—Pense nisso. — Ele se afasta. — Nada me agradaria mais.

Meu coração está trovejando, a sereia tentando desesperadamente sair quanto mais eu olho para ele.

—Você estava mencionando suas razões para visitar a terra? — Minha voz está rouca quando eu forço a pergunta. É um último esforço para impedir que o que está acontecendo continue.

Seu humor muda, seus olhos se fecham quando ele volta para o canto do sofá. — Ah, sim, o motivo oficial. Os deveres que tenho para governar meu reino ainda me deixam com muito tempo para trabalhar nas relações inter-mundos – relacionamentos - reais, na verdade. Como Negociador, é o que estou fazendo. Eu me misturo com os sobrenaturais aqui, uso minha magia para conceder-lhes favores insignificantes – “favores como o meu” – e eu cobro o pagamento com juro. Essas coisas tornam meu reino mais rico, mais seguro.

Ele pega sua cerveja de volta e toma outro gole. — E qual é o motivo não oficial?

— Pergunto.

Ele me olha por um longo tempo, seus olhos ficando distantes.

—Eu fui puxado até aqui por razões que há muito tempo me intrigam.





O eterno andarilho.

Seus olhos se movem sobre a sala de estar,
seu olhar ainda sem foco. Onde quer que sua mente
tenha passado, não está aqui.

—E continuam?

Sua atenção se volta para mim. —Continuam o quê?

—Intrigando você.

Um músculo em sua bochecha salta. —Não, querubim, eles não
intrigam.





CAPITULO 9

Dezembro, oito anos atrás

DES E EU, ESTAMOS em um canto escuro do campus, onde um muro baixo de pedra separa os terrenos da Academia Peel da beira dos penhascos que margeiam essa área da Ilha de Man. Bem abaixo de nós, o oceano se agita quando bate contra as rochas. Eu juro que posso ouvir aquela água sussurrando para mim, me implorando para me aproximar. Não é difícil acreditar que o mar deu origem a sereias. Chamam ao meu eu interior e obscuro, da mesma forma como minha voz chama aos homens.

Bem, homens *mortais*, de qualquer maneira.

Eu me pergunto que tipo de sobrenatural era imune ao meu encanto. Agora eu tinha minha resposta.

Faes. Criaturas que não são deste mundo.

Eu olho para o terreno do campus, onde os estudantes se movimentam entre o Castelo Peel à minha esquerda – que abriga as salas de aula da escola, refeitórios e bibliotecas – e os dormitórios à minha direita. O local é iluminado por lâmpadas, mas, mesmo assim, entre o nevoeiro costeiro e a noite escura, é difícil ver as pessoas.

— Eles não podem nos ver, — diz Des. O Negociador chega perto e o calor de sua magia roça em mim.





—Mas isso não importaria de qualquer maneira, importaria? — Ele diz.

Eu dou um passo para longe dele. —O que isso deveria significar?

Des avança. —Pobre Callie. Sempre do lado de fora, sempre olhando para dentro.

Eu franzo a testa, meus olhos voltando para os grupos de estudantes que atravessam o gramado. Mesmo daqui eu posso ouvir suas risadas e pedaços de sua conversa.

—Diga-me, querubim, — continua ele, —como alguém como você, — seus olhos se movem incisivamente sobre mim, —acabam sendo uma excluída?

Brevemente, meu olhar cai para meus jeans rasgados e botas de cano médio, depois para minha jaqueta de couro e o lenço que toca meu pescoço. Fisicamente, eu me encaixo. É tudo debaixo da minha pele que me diferencia.

—Por que estamos falando de mim? — Eu pergunto, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Seu olhar segue minha mão. —Porque às vezes você me fascina.

Meu coração pula uma batida. Eu tinha assumido que o interesse era somente de um lado.

Ele ainda está olhando para mim, esperando por sua resposta.





—Não são eles, sou eu.

Suas sobrancelhas se juntam.

Eu olho de volta para as minhas botas e chuto um pedaço de grama. —É difícil fingir ser normal depois de... Você sabe. — *Depois que você elimina alguém.* Eu exalo. —Acho que tenho que me recompor antes de fazer amigos. Amigos de verdade.

Eu não posso acreditar que acabei de admitir isso. Eu raramente admito essas coisas até para mim mesma.

Des levanta o meu queixo, seu rosto sério. Ele não diz nada por um tempo, embora eu tenha certeza de que um milhão de coisas diferentes estão acontecendo em sua mente desonesta.

—Que tal eu te fazer uma rainha por uma noite? — Ele finalmente diz.

Eu dou a ele um olhar esquisito. Mas antes que eu possa ler suas intenções, uma linha de pequenas luzes cintilantes aparece sobre seu ombro. Quando eles se aproximam, ouço o zumbido de suas asas.

Vaga-lumes. Um grupo inteiro deles. Eles voam em uma única linha ordenada.

Meus olhos desviam para Des, que está sorrindo suavemente.

Este é claramente seu trabalho.

Os vaga-lumes cintilantes circulam-me antes que – o horror





dos horrores – descerem para o topo da minha cabeça.

—Eu tenho insetos em meu cabelo, — digo a ele, meus ombros tensos.

—Você tem uma coroa, — ele corrige, sorrindo e inclinando-se contra a parede de pedra.

Esta é a sua ideia de uma coroa? Eu posso senti-los se movendo sobre o meu cabelo, e leva tudo em mim para não golpear todos eles.

Eu não sou realmente uma pessoa que gosta de insetos.

Um dos vaga-lumes cai, pousando em meu cachecol. Em seguida, ele rasteja por baixo do meu cachecol e desce pela minha camisa.

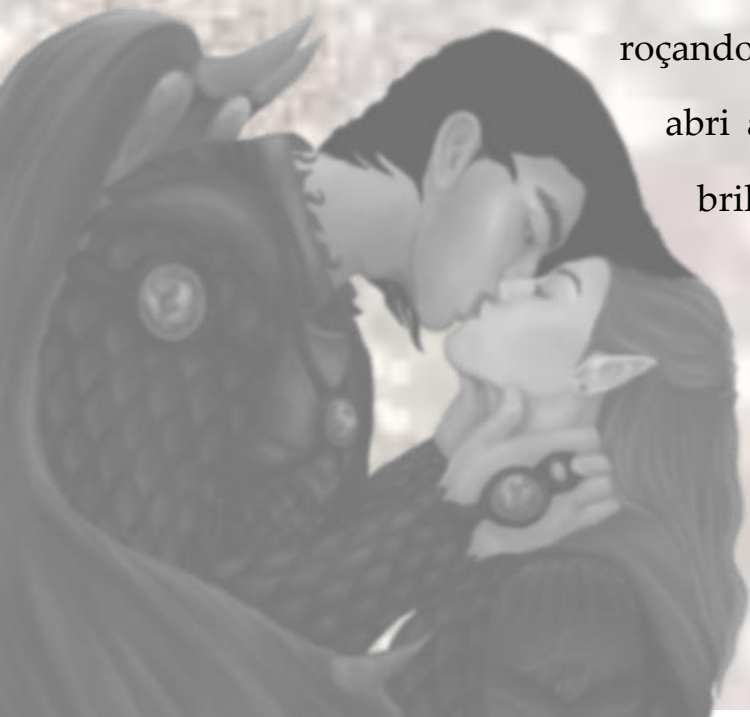
—*Oh meu Deuses!* — Eu grito.

—Insetos safados, — Des reclama, se aproximando e me ajudando a tirar o vaga-lume, —fique longe dos lindos seios humanos.

Ele acabou de dizer que meus seios são lindos?

O Negociador captura o inseto com o punho, seus dedos roçando minha pele. Ele se afasta de mim e, abri a palma da mão, liberando o bicho brilhante. Nós dois assistimos ele voltar bêbado ao meu cabelo.

Eu mal posso distinguir seus corpos luminescentes piscando





acima de mim. A coisa toda é tão ridícula e estranha que eu começo a rir.

—Des, você está tentando me animar?

Mas quando dou uma boa olhada nele, ele não está rindo. A luz dos insetos dança em seus olhos enquanto ele olha para mim, os lábios entreabertos.

Des pisca, e é como se ele estivesse voltando de onde quer que sua mente vagasse.

Ele pega minha mão. —Vamos sair daqui. Você está com fome?

— Ele pergunta. —O jantar é por minha conta.

Eu aperto a palma da mão, sentindo que algo entre nós mudou para melhor. Mas eu não falo sobre isso; não há nada como uma boa confissão para assustar o Negociador.

—O jantar é por sua conta? — Eu digo em vez disso. —Agora isso parece interessante...

Ele me lança um sorriso perverso, seus olhos brilhando. — Querubim, eu posso te transformar em um fae algum dia.

Dias atuais

Estou afundada em meu trabalho quando Temper entra na





West Coast Investigações, abrindo com tudo a porta do seu escritório. Essa mulher é como um furacão.

Eu a ouço clicar em sua máquina de mensagem e, um momento depois, ouço o som metálico de uma mensagem.

Tomando meu café, eu mais uma vez verifico a lista dos mais procurados.

O Negociador ainda é listado como o terceiro criminoso mais procurado no mundo sobrenatural. Quaisquer que sejam as cordas que Eli puxou, elas ainda estão firmes.

Eu suponho que se a Polícia me pegar com o Negociador, eu serei vista como uma cúmplice.

Filho da puta.

É precisamente por isso que guardo segredos. A lei e eu não estamos completamente de acordo.

— Hooooo! — Temper grita do outro escritório. Eu ouço o clique de seus sapatos enquanto ela corre para o meu.

— *Garota,* — diz ela, parando dramaticamente na minha porta. Hoje seu cabelo cai em ondas soltas em volta dos ombros, — você ouviu-

— Sobre o cliente de cem mil?

— Eu termino por ela.





Eu giro na minha cadeira, os saltos das minhas botas raspando no topo da mesa. —Sim, eu já tenho um arquivo escrito para ele.

O cliente em questão também ligou para o meu telefone, solicitando especificamente para trabalhar comigo. Porque ele precisava da minha ajuda não era claro, apenas que ele estava disposto a pagar o resgate de um rei por isso.

Eu aponto o arquivo que criei para ele. —Parece um pouco estranho, — eu admito. Não estranho o suficiente para recusar, mas o suficiente para levantar bandeiras vermelhas.

Temper diz, —Se você não pegar, eu vou. Eu tenho uma cozinha para remodelar.

—Eu vou pegar, eu vou pegar, — eu resmungo. —A propósito, — eu pego uma pilha de arquivos à minha esquerda e atiro-os para ela, —estes são oficialmente seus.

Ela pega as pastas e vira as páginas. —Excelente. Oh, olhe para essa joia preciosa – um espancador de esposa que eu tenho que enfeitiçar. Pobre bebê, ele *não faz ideia*. — Temper sai de sua cadeira.

—Tudo bem, é melhor eu começar a trabalhar. Tantos criminosos, tão pouco tempo — ela faz uma pausa quando percebe meu rosto. —Ei, como está você?

O que quer que ela veja na minha expressão deve estar





mostrando um pouco do meu tumulto interior. Minha vida pessoal nunca é muito boa, mas agora está em um nível mais baixo que o normal.

Eu levanto um ombro. — Não

— Não bom, ou não ruim?

— Não eu não tenho certeza? — Eu respondo.

Ela se inclina sobre a mesa e coloca a mão sobre a minha. — Eu tenho sido uma má amiga. Eu assumi que aquela coisa com Eli... Era apenas uma aventura.

Eu retiro a minha mão debaixo da dela e balanço. — Pare de ser doida. Isso não é sobre Eli.

— Ah, *que bom*, — ela relaxa, endireitando. — Eu estava prestes a me sentir massivamente culpada. — Ela franze a testa enquanto me observa de novo. — Então... o que está errado?

Eu coloco meu café na mesa e esfrego meu rosto. — Meu passado.

— Ah, — diz Temper, — o passado misterioso que você ainda não me contou sobre...

— Eu vou, — eu insisto, — eu só...

Você gostaria de uma demonstração?

Você iria se divertir, Callie. Eu me certificaria disso.

Des poderia muito bem-estar aqui na sala, eu posso ouvir sua voz tão claramente agora.





—... não sei como me sinto sobre isso no momento, — termino.

Temper acena com simpatia. —Ok, vamos parar de falar sobre isso. Quer tomar umas bebidas hoje à noite, irritar um barman por sermos barulhentas e pegar alguns solteiros elegíveis?

—Hum, passo. — Não teria de beber e namorar em um futuro próximo para mim.

—Hmmm, bem, você vai me deixar saber se tudo não estiver bem, não vai? — Ela pergunta.

Não.

—Claro.

—Você é uma maldita mentirosa, Callie, — diz ela, balançando a cabeça. — Tudo bem, diga-me quando estiver pronta.

Mas quando se trata do Negociador, é o seguinte: não tenho certeza se estarei.

DEPOIS DE CUIDAR de várias probabilidades e finalidades — incluindo a memorização da lista de perguntas para entrevistas que o Negociador me deu na noite passada — saí do escritório e fui entrevistar a principal pessoa em um dos casos em que estou trabalhando. A maior parte do meu trabalho é





simplesmente isso: encurralar as pessoas, encantá-las e forçá-las a confessar tudo o que sabem.

Hoje é sobre a filha desaparecida de um cliente.

—Onde ela está? — Eu exijo, cruzando meus braços.

O suspeito: Tommy Weisel, de 24 anos, traficante de drogas local, abandonou a faculdade e é ex-namorado de Kristin Scott, de dezesseis anos, que atualmente está desaparecida.

Tommy está sentado em uma das cadeiras de sua cozinha, preso no lugar pelo meu encanto. Ele se contorce em seu assento, incapaz de ficar de pé, sua garganta trabalhando enquanto ele tenta suprimir sua resposta.

Como de costume, é tudo em vão.

—Ela, ela está no porão, — diz ele, seu lábio superior tremendo. Depois que as palavras saem, ele franze a testa para mim. — Sua vad-

O resto da sentença morre em sua garganta.

Outra ordem que eu dei a ele: sem palavrões e sem xingamentos. É realmente para o bem dele. A sereia em mim não ama nada mais do que recompensar o ódio com crueldade.

—Como Kristin foi parar no seu porão? — Eu pergunto.





Tommy lambe os lábios, olhando para o meu celular, que está fora do alcance dele e atualmente captura tudo isso em vídeo.

— Eu... *A conduzi* até lá, — diz ele.

O lado da minha boca se curva, e eu me aproximo mais dele, acariciando seu rosto com as costas da minha mão brilhante.

— Conduziu? Você está tentando ser inteligente? — Eu digo, balançando a cabeça. — Foi uma boa tentativa. Deixe-me reformular: Kristin está lá contra a vontade dela?

Ele aperta os olhos enquanto as gotas de suor escorrem pela testa.

— Me responda.

— Siiiiiiim. — A palavra sai dele com esforço, e então ele está ofegante, tentando recuperar o fôlego. Seus sapatos batem contra o piso de linóleo e ele grita de frustração. — Sua filha da pu — Sua voz corta rapidamente.

Eu me inclino na direção dele, ignorando seu cabelo oleoso e o cheiro de suor flutuando de suas roupas. — Isso é o que você vai fazer,

— eu digo. — Você vai liberar Kristin, então você vai se entregar e confessar sobre tudo

do que é culpado, e você vai trabalhar com a polícia para provar sua culpa.

E você nunca, nunca vai prejudicar Kristin, sua família e quaisquer





outras namoradas ou exs que você tiver novamente.

Ele estremece quando meu encanto se apodera dele. —Agora levante-se e solte sua namorada.

Sem mais estímulos, Tommy leva-me até Kristin, que está encolhida em seu porão.

Alguns minutos depois, uma chorosa Kristin e eu estamos na sala da casa de Tommy.

O traficante de drogas parece assustado e irritado enquanto nos observa, forçado a ficar a três metros de mim e Kristin graças a outra ordem que eu dei a ele.

Eu levo Kristin até a porta da frente, usando minha jaqueta para girar a maçaneta. Nunca é demais ter cuidados especiais para evitar deixar impressões digitais para trás. Caras como Tommy são às vezes mais inteligentes do que parecem.

Eu levo Kristin para o lado de fora, depois faço uma pausa, olhando de volta para Tommy, que está me encarando.

—Lembre-se, — eu digo, —você vai se entregar logo depois disso. — Eu começo a fechar a porta antes de fazer uma pausa novamente. —Ah, e eu nunca estive aqui.





ASSIM QUE CHEGO em casa, deixo minhas coisas no chão e vou para o meu quarto buscar meu maiô. Hoje irei para o oceano.

Agora que eu oficialmente não bebo, nadar é uma das únicas maneiras de aliviar a tensão. E interagindo dia a dia com algumas das pessoas mais gananciosas e menos escrupulosas de L.A, tenho *muita* tensão para aliviar.

Eu não consigo chegar na minha sala de estar.

Minha porta da frente estremece, então o metal geme quando alguém quebra minha maçaneta. Um momento depois, a porta se abre.

Eu só tenho tempo suficiente para chamar a sereia para a superfície.

Na mesma hora, uma forma familiar aparece.

Eu agarro meu peito. —Merda, Eli, — eu digo, minha voz etérea, —você me assustou. — E então eu percebo que Eli acabou de invadir a minha casa.

Eu olho de volta para a porta. —Você estava... Esperando por mim?

Ele não responde, e há uma intensidade em suas feições que me deixa tensa.

Ele cruza a entrada, sua atenção focada inteiramente em





mim. Sem falar, ele fecha a distância entre nós e me puxa para seus braços, beijando-me com força.

—Uou, — eu digo, conseguindo tirar meus lábios dos dele. O resto de mim ainda está esmagada nele. —O que está acontecendo?

Minha mente está tendo problemas para se recuperar. Eli na minha casa. Eli está me segurando.

—Eu tinha que ver você, baby. — Ele volta a me beijar, e eu estou tão confusa.

Eu viro minha cabeça para olhar o calendário que eu tenho.

A lua cheia ...

—Eli, você não deveria estar aqui.

Estamos apenas a um dia da lua cheia, e quanto mais perto da lua cheia, mais o lado humano de um shifter dá lugar ao animal. É perigoso para os não-shifters ficarem perto deles.

—Eu não podia ficar longe. — Seus lábios estão de volta nos meus, e eu estou tentando muito não ficar assustada, mas suas mãos estão tremendo e eu posso sentir Eli lutando para se manter dessa forma. —Por que ninguém te impediu de sair?

—Ninguém fica no meio dos negócios de companheiros, — diz ele, fazendo tudo que pode para ficar fisicamente perto de mim.

Negócios de companheiros.





Companheiros. Negócios.

Não.

Não, não, não.

Acho que estou começando a hiperventilar. Tudo que eu queria era nadar e, em vez disso... Essa pilha fumegante de merda.

—Mas eu não sou... Eu não sou sua companheira, — eu digo. Eu não sou nem mesmo a namorada dele. Não mais.

Eu posso ouvi-lo rosnar baixo em seu peito. — Eu ia perguntar. Assim que eu voltasse, ia perguntar.

Oh, oh.

—Perguntar o quê?

Por favor, não me pergunte o que eu acho que está em sua mente.

Nós estávamos juntos há seis meses. Ainda estou me acostumando com o fato dele ter uma escova de dentes no meu banheiro.

Todo esse relacionamento, ele está empurrando. Empurrando para mais toque, mais intimidade, mais abertura — *apenas mais*.

Ele faz uma pausa longa o suficiente para me olhar nos olhos. —Se você quer ser minha companheira.

Eu posso ser a pessoa mais horrível do mundo porque, com suas palavras, eu me arrepio. Não é o bom tipo de arrepio também.





—Hum. — Eu não posso me afastar dele, presa em seus braços como eu estou. Ele nem está agindo como humano no momento. Eli é sensível geralmente, mas ele nunca foi assim — nunca enlouquecido com a necessidade de marcar e me reivindicar como dele.

Meus olhos deslizam para a janela, onde o sol está se pondo.

—Devemos falar sobre isso quando não estivermos perto da lua cheia.

Quando eu saberei que você não será um grande lobo mau para mim.

Seu peito ronca com desaprovação. —Eu não quero falar sobre isso, Callie. Eu não quero analisar o que sinto por você. Eu quero que você diga sim, e então eu quero foder você até que você esteja dizendo meu nome como um mantra.

Foi dessa forma que esse homem conseguiu acabar em minha cama em primeiro lugar. Essa manipulação sexual. Ou oral — ou eu não sei, mas ele definitivamente sabe como conquistar a sereia.

—Eu tenho um anel, — diz ele, beijando meu queixo, suas unhas se transformando em garras, depois de volta para as unhas humanas. —Merda, — ele diz, um pouco do seu lado humano aparecendo, —nada disso está saindo certo. Apenas, seja minha.

Um homem tão sexy quanto Eli não pode simplesmente falar





coisas assim. Minhas partes femininas querem tomar conta do meu cérebro.

—Por favor, Eli, — eu digo enquanto ele esfrega sua bochecha contra a minha, me marcando com seu perfume. —Precisamos conversar sobre isso.

Espera. O que estou dizendo?

Isto não é uma negociação. Não há nada para falar. Quando você termina um relacionamento, você não deve uma explicação à outra pessoa, por pior que seja.

Além disso, eu já dei uma explicação a ele.

Seu peito ronca. —Tudo bem, vamos conversar mais tarde.

Ele recomeça me beijar com a mesma paixão animalesca que ele entrou em minha casa. Só que agora, está ainda mais forte que o normal. O homem está dando lugar à fera, mesmo quando o sol se põe.

Eu não sei o que fazer. Eu terminei meu relacionamento com esse homem. Ele está agindo como se nada tivesse acontecido.

Eu me afasto o tempo suficiente para dizer, —Nós terminamos.

—Eu pensei sobre isso depois que conversamos. — Ele me beija, depois se afasta novamente. —Que tipo de companheiro eu seria se não ficasse ao seu lado quando você precisa de mim?





O alfa nele está me dizendo que esse é o fim da conversa e, por alguns momentos, sou arrastada para baixo.

Eu pisco através da névoa de seu domínio, o mesmo domínio que ele exerce desde o momento que ele me envolveu em seus braços, eu não tinha notado isso até então.

Ele não pode decidir que estamos juntos novamente. E mesmo que ele esteja bem comigo recebendo atenção de dois homens ao mesmo tempo – e um alfa nunca aceitaria ser o segundo violino – eu não estou.

Suas mãos estão começando a vagar. *Isso está indo muito rápido.*

—Espere, Eli, — eu digo. Mas ele não está ouvindo minhas palavras, ele está ouvindo meu corpo, e meu corpo está curtindo as carícias pesadas.

—Eli, — eu digo novamente, mesmo quando a sereia aparece.

A mão dele mergulha na minha calça e-

—*Eli, pare.* — Minha voz bate várias notas quando eu forço a sereia, a se retirar.

Eli para, obedecendo ao comando em minha voz.

Eu fiz um alfa se curvar à minha vontade. Nada bom, nada bom, nada bom.





Mas além disso, eu encantei Eli, o homem que proclamou me amar. Um caçador de recompensas que trabalha do lado certo da lei.

Estou fodida em todos os sentidos, menos que eu realmente aprecio isso.

—Você... Me encantou? — Sua voz se torna tão grave quando o predador tenta assumir o controle.

Eu engulo.

Eu encantei Eli antes. Existem certas situações em que isso é inevitável. Mas tenho sempre cuidado para evitar tirar à vontade própria dele. E num segundo atrás, sua vontade foi embora.

Atrás de mim, as portas de vidro da minha sacada se quebram e a noite entra, escurecendo a sala. Com isso vem uma onda de ameaça tão palpável que meu cabelo se arrepia.

Des sai das sombras, cada linha do corpo dele tensa. — Bem, isso não parece acolhedor, — diz ele, observando nós dois.

Eli começa a rosnar, algo tão profundo e sinistro que meus pelos ficam arrepiados, e isso nem foi direcionado para mim. — *Você*, — diz ele.

—Eu o que, cão? — Des responde, cruzando os braços.

Cão? O Negociador acabou de adivinhar que Eli era um shifter, ou ele sabia? Eu não contei a ele sobre





Eli quando ele perguntou sobre meus relacionamentos...

—Des, — eu avisei.

Eli me empurra para trás dele, como se o Negociador fosse o que todos nós deveríamos estar preocupados agora. —Fique fora disso, Callie, — ele ordena.

Agora veja isso — *isso* era o que sempre estive errado em nosso relacionamento. Eli assumindo o comando e achando que eu iria obedecer. E isso era o equivalente a ele cutucar a um ninho de vespas com uma vareta.

—Eu não acho que você esteja em posição de dar ordens, — diz Des. Ele inclina a cabeça. — Você realmente acha que alguém como Callypso iria querer algo mais de você do que seu pau? — Diz ele, dando um passo à frente, trazendo a noite nas suas costas com ele.

Eu posso sentir o puxão da magia de Desmond me atraindo para sair de trás de Eli, cujo rosnado está ficando mais alto a cada segundo que passa.

—O que você pode dar a ela além disso? — O Negociador continua. —Conversas intelectualmente estimulantes? — Seus olhos passam por todo um metro e oitenta de altura do shifter enorme e mal contido. —Isso é definitivamente um não. Tenho certeza de que ela está cumprindo essa necessidade em outro lugar.





O rosnado de Eli é tão alto que eu juro que a casa está vibrando com isso.

—Se você a tocar... — Eli mal consegue pronunciar as palavras. —Se você colocar uma mão-Des mostra um sorriso sinistro. —Eu já coloquei uma mão nela. E minha boca. E todos os outros tipos de coisas-

Eli solta um rugido, seus músculos tensos. Acho que ele vai correr até o Negociador, mas em vez disso ele dá um passo para frente, sua pele ondulando.

Eu nunca vi a mudança acontecer em pessoa, mas oh meu querido Jesus, eu estou prestes a ver. Em menos de um minuto, Des e eu ficaremos presos em uma sala com um lobisomem.

É por isso que os shifters ficam longe dos não-shifters durante a lua cheia.

A menos, claro, que eles queiram transformar um não-shifter em um shifter.

Não pode ser por isso que Eli está aqui, pode?

Eli sabia que eu não queria mudar, e mesmo se eu quisesse isso, uma bruxa deveria estar sempre por perto, caso a mudança não ocorresse, ou o corpo ficasse fraco demais, ou qualquer outro tipo de complicação surgisse.

Mas Eli não estava no estado de espírito certo desde que ele





chegou, seu cérebro já era mais lobo do que homem.

— *Você não vai mudar de forma,* — a voz de Des ressoa por toda a sala, e eu sinto a magia passar por mim, forçando-se em Eli. — Não nesta casa, não tão perto de alguém a quem você considera sua... *Companheira.*

Quanto ele tinha ouvido da nossa conversa?

Quanto ele já sabia?

Um gemido interrompe a sequência de grunhidos profundos vindos de Eli. Ele se vira para mim, seus olhos já âmbar. Não há nada do homem com quem eu me importo. Apenas os olhos ferozes de um lobo. No entanto, não tenho medo dele. O instinto de proteção de Eli é inato e faço parte de sua matilha.

Mas ele vai machucar Des. Des, que é a concorrência, Des que está em seu território, exercendo controle sobre sua — ugh — *Companheira.* Des, que eu posso sentir olhando para mim. Eu posso sentir sua crescente necessidade de me levar embora.

— Eli, — eu digo baixinho. Eu seguro seu olhar quando tons de marrom começam a aparecer de volta em suas íris.

Eu começo a relaxar, especialmente quando ele se endireita.





Então a cabeça de Eli se inclina para Des e o rosnado explode em seu peito novamente.

E então algo o faz estourar. Soltando um rosnado, ele corre até Des.

Meu coração quase para.

Medo, que eu não sinto há muito tempo, me atravessa.

— *Eli, não toque nele.* — Dessa vez, quando uso o encanto, sei o que estou fazendo. Minha voz é forte e inabalável.

Eli para um pouco antes de Des, ligado pela minha magia. Eu cruzei uma linha. Eu sei que cruzei.

Eu não me importo. Essa é a parte verdadeiramente assustadora. Eu tirei o livre arbítrio de Eli, e tudo que sinto é alívio porque Des está ileso.

O pânico que senti, o terror absoluto...

Meus olhos encontram os do Negociador. Eles estão ilegíveis. — É hora de ir, querubim, — diz ele enquanto Eli bufa confuso a poucos metros de distância.

Eu dou ao shifter um olhar preocupado. Eli pode ter me perdoado por ter usado o encanto nele uma vez. Mas duas vezes?

De jeito nenhum.

Ele faz um som de latido, algo que me corta profundamente. —





Callie, não, — diz ele. Ele está começando a se transformar de novo, seus olhos castanhos se mudando para o dourado. Nem mesmo a magia do Negociador pode conter a transformação por muito tempo.

Hesito, percebendo o que é isso — uma encruzilhada. Por um caminho está Eli e tudo o que ele representa, por outro está Des.

Se Eli matasse o Negociador, eu seria liberada das minhas dívidas. Des provavelmente merecia a morte. E com o Negociador fora de questão, eu teria outra chance na vida com Eli.

E eventualmente eu me tornaria sua companheira. Seria tão fácil dizer apenas sim, ter uma vida que milhares de outras mulheres gostariam. Mas eventualmente Eli iria querer que eu fizesse a transformação.

Eli já havia começado a falar sobre isso — e... Filhotes. Shifters eram pessoas com famílias grandes. Eu seria sua esposa, mãe de seus muitos filhos.

Eu não poderia ser apenas Callie, eu teria que ser sua Callie. Eu teria que viver a suas custas, ser subserviente a ele, como o resto de sua matilha era. Eu teria que colocar a matilha antes das minhas necessidades.

Ou eu poderia sair com Des. Des, que não garante nada. Des, que me deixou todos esses anos atrás, e





voltou rugindo de volta para a minha vida. Des que não quer me mudar.

Des, que não me ofereceu nada além de esperança e mágoa.

Des, meu amigo. Des, meu mistério.

Des.

Des.

E aí está a minha resposta.

Eli era o sonho de alguém, mas... Ele não era o meu.

— Eu sempre vou me importar com você, Eli, — eu digo, — mas você precisa voltar para o seu povo.

— Callie. — Sua voz se quebra.

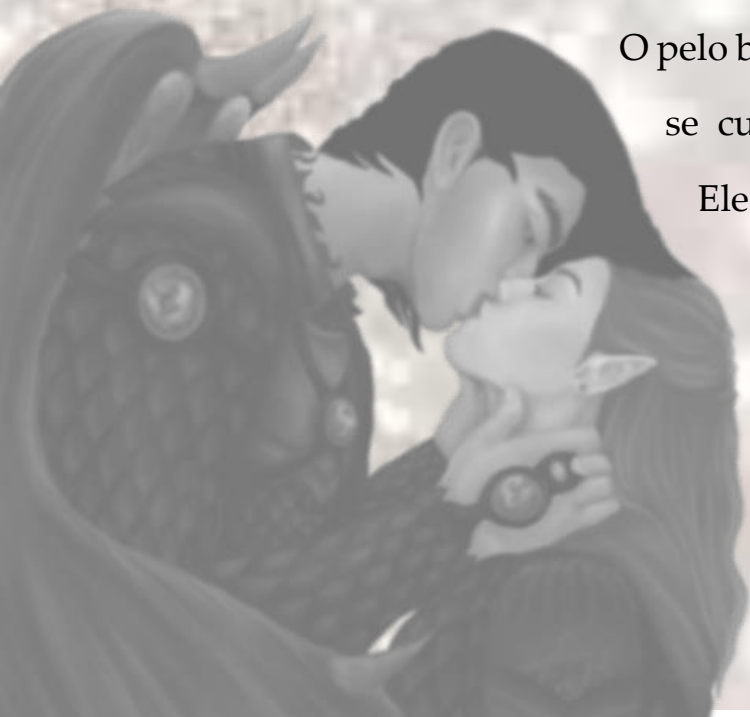
Sua dor está me quebrando. Eu não quero que ele fique magoado.

Sombras se juntam em mim. De repente, Des está passando o braço em volta da minha cintura. — Querubim, *precisamos* ir.

Nos ver juntos é o golpe final para Eli. Seus olhos se tornam totalmente dourados e perdem sua centelha de inteligência humana.

O pelo brota ao longo de sua pele. Suas costas se curvaram, seus músculos ondulando.

Ele joga a cabeça no ar e uiva, o som fazendo todos os meus nervos se erguerem.





O ar da noite gira ao meu redor enquanto
Des me puxa para o meu quintal.

Quando Eli cai de quatro, eu jogo a precaução
para o vento e corro, pegando a mão de Des e
puxando-o comigo.

O Negociador me abraça em seus braços, assim que um uivo
arrepiente enche o ar atrás de nós.

—Se segura, — diz Des com Eli correndo atrás de nós. Jesus,
esse é um lobo grande do caralho.

O corpo do Negociador está tenso, e então ele sai do chão.

Eu pego um vislumbre do lobo Eli se arremessando atrás de
nós, seus dentes estalando no ar vazio onde um segundo atrás o
tornozelo de Des estava.

Eu ouço os lamentosos uivos depois de estarmos no ar, o som
me assombrando.

Eu inclino minha cabeça no peito de Des, sentindo suas mãos
me apertando.

Para melhor ou para pior, eu o escolhi.

E eu ainda não me arrependo.





CAPITULO 10

Janeiro, sete anos atrás

—POR QUE VOCÊ não me leva com você? —

Pergunto.

O Negociador e eu sentamos dentro do Douglas Café, a luz quente iluminando nossos arredores. Lá fora começou a nevar.

Des se recosta no banco, mexendo o café à toa. —Para cobrar pagamento de meus clientes? — Ele levanta as sobrancelhas. —Não vai acontecer.

—Por que não? — Eu pergunto. Ou eu tento perguntar — sai mais como um gemido. Eu tenho que me forçar a não me encolher. A última coisa que quero é que ele pense que sou imatura.

—Querubim, você já considerou a possibilidade de que há coisas sobre mim que eu não quero que você veja?

—Eu não sou inocente, Des, — eu digo. —Eu já sei o que você faz. — Eu vi em primeira mão a primeira vez que liguei para ele. — Adicione uma miçanga. Deixe-me ir junto.

Ele se inclina avançando, empurrando a mesa ao fazê-lo. —Sua garota tola, — ele rosna quando eu avanço e pego minha xícara. —Essas miçangas não são uma piada.

—Se você é tão contra elas, então pare de entregá-las como doces. —Eu sei que minhas palavras vão apenas atraí-lo, mas





parte de mim – a parte mais selvagem e amaldiçoada – quer ver Des perder o controle.

O rosto de Des aguça. —Você quer saber o que meus favores acabarão custando a você? Bem. Eu vou te mostrar. Talvez então você fique longe. — Ele abaixa o resto do café e se levanta, sua cadeira rangendo atrás dele enquanto ele faz isso.

Espere? Estamos fazendo isso agora?

Quando eu não saio imediatamente do meu lugar, ele acena com a mão.

Minha cadeira começa a se inclinar, forçando-me a ficar de pé.

Em torno de nós, ninguém percebe.

Eu mal tenho tempo para pegar meu casaco e o último dos meus macarons antes dele pegar minha mão e me arrastar para fora.

Lá fora, a neve pega meu cabelo enquanto descemos a rua. Quase imediatamente o frio penetra em minhas roupas. Talvez isso tenha sido uma má ideia.

As sombras de Des fazendo curvas ao nosso redor como fumaça. Ele não fala comigo todo o caminho de volta ao Douglas Café, onde fica a entrada mais próxima das linhas ley.

As linhas Ley são essencialmente rodovias sobrenaturais. Em todo o mundo há certas rugas e lágrimas que tecem o





nosso mundo, que são pontos de entrada, ou portais, nessas linhas ley. De lá, se você for um certo tipo de criatura – digamos, um fae ou um demônio – que soubesse como manipular essas linhas ley, você poderia se mover através de mundos e entre mundos. Essa última parte é precisamente como Des poderia ser um rei no Outro Mundo, depois vir à Terra e barganhar com os mortais.

Quando chegamos a uma parte particularmente antiga do cemitério, as lápides tão antigas e desgastadas, a maioria dos nomes e datas estavam desgastadas, ele me puxa para perto, sua mandíbula cerrada. Seus olhos tempestuosos olham para mim. —Não faça eu me arrepender disso.

Antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa, nosso redor desaparece. Um momento depois, edifícios e canais substituem as lápides.

Eu fico olhando ao redor com admiração. —Veneza, — eu suspiro. Eu sempre quis visitar. E, ao estalar dos dedos do Negociador, estávamos aqui.

Vantagens de ser amiga de um rei dos Faes. —Fique perto, — ele adverte.

—Não é como se eu fosse para lugar algum, — murmuro, seguindo atrás dele. Ele praticamente estava estrangulando minha mão.





Nós dois atravessamos becos, e eu enruguei meu nariz com o cheiro de esgoto. Quando chegamos a uma porta pequena e desgastada pelo tempo, Des para.

Eu olho para ele. Sua mandíbula está cerrada, seus olhos prateados gelados.

Ainda chateado.

Fae mal-humorado. Não é como se ele fosse obrigado a me levar. Ele é um rei, pelo amor de Cristo; tenho certeza de que não é a primeira palavra em seu vocabulário.

Eu ouço uma maçaneta se mover, me tirando dos meus pensamentos, e então a porta na nossa frente se abre por conta própria.

Na nossa frente há um corredor escuro. Exatamente o tipo de lugar que você não visita se quiser ficar longe de problemas. Acho que é por isso que o Negociador decidiu vir para cá.

Des entra no corredor, me puxando atrás dele. Atrás de nós, a porta se fecha.

—Bem, isso é acolhedor, — eu digo.

—Ssshhh, querubim — ele diz, —e já que estamos no assunto, tente não falar.

Eu mostro minha língua para ele. —Eu vi isso, — diz ele, sem se virar.





Olhos na parte de trás da cabeça dele, esse
aí.

Nós entramos no prédio, descemos um lance
de escadas até chegarmos a uma área mal iluminada
que não tem nada mais do que uma rede de pilares, passarelas
de cimento e grandes boias semelhantes a barris. E entre as passarelas
e embaixo das boias está a água.

Muita e muita água.

Veneza está afundando, eu lembro.

Um homem de aparência escorregadia, quase careca e uma
enorme pança sai das sombras.

—Eu liguei para você uma hora atrás, — diz ele, com seu
sotaque escandinavo grosso. Ele joga o cartão de negócios do
Negociador que estava na mão dele.

Des observa atingir o chão. — Eu não sou seu cão de colo, — diz
Des. — Não gosta dos meus métodos, ligue para outra pessoa.

O Negociador faz seus clientes esperarem? Eu meio que tive a
impressão de que ele era tão rápido com todos os outros quanto ele
era comigo.

Agora me sinto como um floco de
neve especial.

O homem sacode o queixo para
mim —Quem é a garota? —
Pergunta ele.





—Não importa porra. Não olhe para ela, —
diz o Negociador.

Mas o homem não consegue se controlar. Eu
sou uma sereia, eu sou feita para distrai-lo. Seus olhos
se movem sobre mim, sua expressão se tornando faminta.

Ao meu lado, sinto o ar começar a vibrar com o poder de Des.
A escuridão começa a se arrastar pelos cantos da sala. Eu não preciso
olhar para ele para saber que ele está tenso.

—Ouça o que o Negociador lhe diz, — eu digo ao homem,
colocando poder em minha voz.

Relutantemente, seus olhos me abandonam.

E agora sinto que preciso lavar minha pele. O cara tem idade
para ser meu pai.

—O que você quer? — Des pergunta, cruzando os braços.

—Eu quero que minha filha entre na Royal Academy of Arts.⁴

O Negociador assobia. —A última vez que ouvi, quase todas as
vagas para a próxima aula do ano que vem estavam cheias. Eu teria
que mexer muitos pauzinhos...

—Você sabe que eu estou bem com isso,
— diz o homem.



4 o equivalente sobrenatural de Juilliard. É uma escola de artes performáticas que atende alunos com habilidades especiais.





Eu ouço o suave barulho da água quando passa pelas boias e as passarelas aqui embaixo.

—E o que você vai me dar? — Pergunta o Negociador.

O homem limpa a garganta. —Eu tenho informações sobre uma série de entradas na linha ley que a Casa das Chaves está considerando destruir.

A Casa das Chaves é o governo do mundo sobrenatural. Não importava se você fosse americano ou argentino ou australiano, desde que você fosse um sobrenatural, você deveria seguir suas leis antes de mais nada.

—Hmmm, — diz o Negociador, —eu preciso que você faça melhor do que isso, se você quer o acordo. Preciso que você impeça que a legislação seja aprovada em primeiro lugar.

—Não tem jeito, — diz o homem. —É um sentimento público. As pessoas estão preocupadas com suas casas, seus bairros. Houve um aumento na população de changelings...

—Boa sorte com o futuro da sua filha. — O Negociador coloca a mão nas minhas costas e começa a nos tirar de lá.

Eu acho que recusar um acordo é simples assim.

Atrás de nós, o homem solta algumas desculpas e explicações.





Estamos quase na escada quando ouvimos.

— Espera, espera! Tudo bem, eu faço.

Eu lanço um olhar de lado para Des. Um sorriso perigoso se espalha em seu rosto.

— Então nós temos um acordo, — diz o Negociador, sem se preocupar em olhar por cima do ombro. — Certifique-se de que a legislação não seja aprovada. Seria uma pena se sua filha não fosse para nenhuma das escolas em que se candidatou.

E com isso, nós dois saímos.

De volta às ruas de Veneza, eu reavaliarei Des. — Isso foi muito frio, — eu digo quando começamos a andar, minhas botas batendo contra os paralelepípedos.

— Isso foi negócio, querubim. Se você quiser vir comigo, é melhor se acostumar com isso — coisas piores ainda.

— Sim, sim, você é um cara mau.

Ele acena para o meu bracelete. — Um dia você terá que pagar tudo de volta. Você está com medo agora?

Um pouco.

Mas quando olho nos olhos de Desmond, tenho a nítida impressão de que ele não quer que eu fique com medo. Que, apesar de tentar me assustar, ele não quer me afastar.

Eu acho que isso faz dois de nós.





—Eu estaria se você não estivesse usando seu cabelo em um pequeno rabo de cavalo feminino, — eu digo, pegando as pontas de seu cabelo branco.

Ele pega minha mão. — Não é educado provocar um fae. Temos uma pele notoriamente fina. — Apesar da ameaça, seus olhos brilham de excitação.

—Eu sinto muito, — eu digo, —seu rabo de cavalo é muito masculino. — Eu sinto que vai crescer uma barba em mim só de olhar para ele.

—Espertinha — diz ele, de maneira simpática.

Nós caminhamos ao longo do Grande Canal, passando turistas enquanto andamos. Eu vejo barcos descendo o canal. Olhando para fora, há lojas de presentes e restaurantes, com a luz quente se espalhando pelas ruas.

Veneza.

É ainda mais maravilhosa do que imaginei que seria.

—Antes de irmos, podemos fazer um passeio de gôndola? — Pergunto.

Os lábios do Negociador se enroscam quando ele vê um desses barcos passando por nós.

—Por que eu faria-





—E podemos ir a uma daquelas lojas de presentes para eu conseguir uma máscara?

Eu também gostaria de um pouco de sorvete
— e talvez de uma garrafa de vidro soprado — mas eu não vou empurrar minha sorte longe demais.

Ele geme.

—Você nunca ouviu a expressão ‘não misture negócios com prazer’?

Um sorriso malicioso se espalha pelo meu rosto.

—Aww, você está sugerindo que eu sou prazer? — Meu coração está batendo muito alto.

Ele franze a testa severamente para mim. — Eu definitivamente estou passando muito tempo com você.

Ele está mesmo.

—Vamos, vai ser divertido, — eu digo, pegando sua mão e puxando-o para uma pequena área ao longo do canal, onde várias gôndolas esperam.

Atrás de mim, o Negociador diz, — Eu só vou concordar com isso se você me fizer um favor-

Eu lhe fazer um favor? — Sim, qualquer coisa.

—Por favor, devolva minhas bolas no final da noite.

Dias atuais





Mesmo depois de aterrissarmos em frente à casa de Des e Eli estar há um oceano longe de nós, o Negociador não me libera imediatamente. Em vez disso, suas asas com ponta de garra roçam meu cabelo enquanto elas nos envolvem protetoramente.

—Des?

Suas asas se contorcem.

Ele solta um suspiro estremecido. —Eu fiquei pensando que algo ia acontecer com você, — ele sussurra, com a voz rouca. — Eu continuei vendo aquele animal se transformando em cima de você. Eu temia que eu não chegasse até você a tempo. — Seu corpo inteiro treme.

Agora eu me sinto estranhamente vulnerável com ele. Talvez seja a honestidade crua em suas palavras; Des sempre teve o cuidado de enterrar seus sentimentos sob a sagacidade e a vontade. Talvez seja porque eu senti o mesmo medo quando vi Eli se lançando para ele. E talvez seja por simplesmente estar em seus braços depois de escolher essa vida, e não aquela que eu deixei na minha casa.

Eu inclino minha testa contra a dele, colocando minha mão contra sua bochecha. —Obrigada por ter vindo por mim, — eu digo.





Eu temo o que teria acontecido se ele não viesse.

—Querubim, — ele diz, sua voz séria, — eu sempre irei até você.

Ficamos assim por mais um minuto, imóveis. É realmente legal ficar debaixo das asas dele, mas eventualmente fico ansiosa para colocar meus próprios pés no chão.

—Des, — eu digo, —você pode me colocar no chão. — Relutantemente, ele solta minhas pernas, me deixando em pé, mas ele mantém minha metade superior ainda presa em seus braços. Suas asas se afastam, mas elas não se dobram lindamente atrás dele. Em vez disso, eles continuam se espalhando e se retraindo, se espalhando e retraindo, parecendo agitadas.

—Ele visitou você durante um dos sete sagrados, — diz Des. — Ele pensou em você como sua companheira, e ele, conscientemente, colocou você em perigo. — Agora suas asas voavam ao redor dele, batendo com raiva, aquelas garras parecendo particularmente afiadas. Des me liberta.

—Ele não é um verdadeiro companheiro se ele pensou em fazer isso.

Des está certo, claro, mas eu não estou pensando em mim no momento. Tudo que eu posso ver quando fecho meus olhos é Eli atacando Des. Ele o mataria.





E então outro pensamento me atinge.

—Oh Deuses, — eu digo baixinho. —

Deixamos um lobisomem totalmente transformado em um bairro residencial.

—Eu já o contive; ele não pode se aventurar além da sua propriedade pela noite. Espero que pela manhã ele tenha conseguido se controlar. — Des olha para mim, desculpando-se. —Sinto muito pela sua casa.

Estou aliviada por ele não poder machucar mais ninguém no momento.

E então outro pensamento horrível me atinge.

Eu não vou poder voltar para casa hoje à noite.

Não a menos que eu queira arriscar outro encontro com um lobisomem furioso.

Eu esfrego meu rosto. Eu encantei e depois rejeitei um lobisomem alfa.

Uma vez que ele estivesse de volta ao estado de espírito certo, ele poderia emitir um mandado de prisão. Mesmo que ele decidisse não dar queixa, ele faria algo para me punir por encanta-lo, desprezá-lo, humilhá-lo. O alfa nele não exigiria nada menos.

Ele sabe exatamente onde eu moro e, mais cedo, deixou claro que uma porta trancada não o impediria de entrar.





Hoje à noite eu não posso voltar, mas eu poderei voltar amanhã? Ou na noite seguinte? Ou na próxima? Eu me sentiria segura sabendo da facilidade que ele invadiu e com que rapidez ele se transformou?

Os olhos de Des estão tristes. —Querubim, minha casa é sua casa, — ele diz, lendo meus pensamentos, — Pelo tempo que você precisar.

Eu olho por cima do meu ombro, para a casa atrás de mim. Todos os móveis que Des me fez comprar tinham sido todos para mobiliar um único quarto de hóspedes em sua casa.

Um quarto em que eu provavelmente ficaria.

E quando ele confrontou Eli, Des não agiu surpreso ou confuso com nada do que aconteceu em minha casa.

E a única razão para isso seria...

Eu me viro de volta para ele. —Você sabia, — eu digo, lembrando como ele provocou o meu ex mais cedo. — Você me beijou naquela primeira noite sabendo que eu estava com Eli.

Minha raiva está aumentando.

O Negociador conhece meu coração, ele sabia que eu nunca aceitaria ter um relacionamento com dois homens ao mesmo tempo. Tudo o que ele tinha que fazer era plantar a semente — me dar um beijo casto ao longo dos





meus lábios e sugerir que ele e eu seríamos íntimos. Mais fácil do que estalar os dedos, eu terminaria com Eli.

E agora há um quarto na casa de Des só esperando por mim.

Eu me sinto como uma mosca presa na teia do Negociador. Eu fui jogada direto na mão dele.

Eu fui de um homem controlador para um intrigante. A mandíbula de Des se aperta.

—Callie-

—Você faz isso com todos os seus clientes? Forçá-los a romper os laços com seus namorados? Mobiliар um quarto em sua casa só para eles?

Ele se aproxima de mim, com os olhos brilhantes de vivacidade.

—Eu não estou fazendo isso com você. Não essa noite.

—Não, você não vai, vai? — Eu desafio. Há fogo em minhas veias, o fogo que está crescendo desde o momento em que Des reentrou na minha vida. —Você simplesmente vai correr como sempre faz.

Ele pega meu rosto. —Parece que estou correndo, Callie? Parece que estou tentando sair do seu lado?

—Mas você vai, — eu digo fervorosamente.





Como essa conversa me fez transmitir
minhas próprias inseguranças?

—Você quer falar verdades, — diz ele com
veemência, —Aqui está uma para você: isso não é
sobre o cão, é sobre nós.

—Você vai parar de chamar Eli assim? — Eu digo.

O Negociador libera meu rosto e aperta os olhos em minha
direção.

—Você está o defendendo agora?

—Ele ainda significa algo para mim. — E eu o machuquei.
Profundamente.

Um músculo nas da bochecha de Des se contrai.

O Negociador chega perto, seus lábios se curvando em um
sorriso sardônico. —Você tem mais de trezentos favores para me
pagar. Quando terminarmos, você perceberá que Eli e todos os outros
homens eram apenas um sonho insatisfatório. Que isso, e apenas isso,
é real.





CAPITULO 11

Janeiro, sete anos atrás

DEITEI NA MINHA cama e brinquei com a minha pulseira. —Todos os seus clientes recebem pulseiras? — Pergunto ao Negociador. Eu sorrio com o pensamento de algum criminoso com sua delicada pulseira de miçangas pretas.

Apoiando suas costas no pé da minha cama, Des folheou a revista *Magic & Science* que ele pegou da minha mesa de cabeceira.

—Não.

Eu seguro meu pulso contra a luz, torcendo-o para um lado e para o outro, tentando fazer com que minha luz do teto reflita contra as miçangas polidas; parece que as miçangas absorvem a luz profundamente dentro delas.

—O que seus outros clientes recebem? — Eu pergunto.

Des vira outra página. —Tatuagens.

Eu me sento. —*Tatuagens?* Eles recebem tatuagens? — Distraidamente, meus olhos se movem para as duas máscaras venezianas penduradas na parede, que Des e eu escolhemos em Veneza – uma com o bico de um médico de peste e a outra com o rosto pintado de um arlequim.

—Por que eu não tive uma tatuagem? — Eu pergunto. A





pulseira que um momento atrás eu achava que era tão legal agora parece um substituto idiota.

O Negociador fecha a revista e coloca-a de lado. — Você quer uma tatuagem em vez disso?

— Claro, — eu digo distraidamente, perdendo a nota de aviso em sua voz.

Uma tatuagem seria muito mais legal do que uma miçanga frágil.

Des se vira de modo que esteja de frente para mim ao pé da minha cama.

E então ele sobe nela.

O Negociador está rondando minha cama — e estou nela enquanto ele faz isso.

Eu não posso respirar. Eu não acho que posso respirar.

O olhar perigoso em seus olhos interrompe todo pensamento coerente. Este pode ser o momento em que nosso relacionamento vai de um tipo estranho de amizade para algo mais.

Estou com tanto medo dessa possibilidade. Estou tão ansiosa por isso.

Ele fica em cima da minha cintura, suas poderosas coxas cobertas de couro me prendendo debaixo dele. Inclinando-se, ele pega minha mão, a que não está usando a pulseira.





Meu coração vai fugir do meu peito. Está galopando como um louco. Eu nunca estive tão perto de Des. E agora eu tenho certeza que nunca ficarei satisfeita até que seja natural estar tão perto dele.

Minha pele começa a brilhar, e Des é gentil o suficiente para ignorar o fato de que eu estou muito excitada.

Ele passa a palma ao longo do meu pulso e meu antebraço. Sob o seu toque, marcas pintadas aparecem na minha pele, filas e fileiras delas.

— Você preferiria ter isso do que miçangas? — Pergunta ele.

Eu arrasto minha atenção para longe de Des para ver melhor as marcações.

Elas são... Feias. Vil de uma maneira que eu nunca considerei uma tatuagem.

— Você pode ficar com minha tatuagem em sua pele, — diz ele, sua voz persuadindo. — Basta dizer a palavra e vou transferir tudo. Não vai te custar nem uma miçanga.

Des espera pela minha resposta. Quando eu não respondo, as marcas vão desaparecendo até sumirem completamente.

— Isso é o que eu pensei. — Ele solta minha mão e se afasta de mim. Se colocando contra o pé da minha





cama mais uma vez, ele pega a revista e retorna a folheá-la. —Eu não vou marcar você como um criminoso comum, — diz ele por cima do ombro, — e você não deveria querer isso de qualquer maneira. A

Politia procura por esse tipo de coisa. Eles teriam um aneurisma se vissem uma adolescente com mais de cem marcas.

—Por quê? — Eu pergunto, segurando o pulso que ele acabou de tocar. —Isso é incomum?

Ele não responde por um momento, mas posso dizer por sua quietude que ele não está mais lendo.

Finalmente, ele joga a revista de lado e fica de pé. Ele passa a mão pelo cabelo, evitando meus olhos. —Eu preciso ir.

Esse é todo o aviso que eu recebo antes que ele se vire e siga para a minha porta.

—Espere! — Eu me levanto e agarro seu braço. Como de costume, um pequeno arrepio passa por mim com o contato. —Não vá, por favor. — Sem querer, eu comecei a brilhar, meu encanto acidentalmente se deslizando em minha voz.

Os olhos de Des estão na minha mão, minha mão realmente curtindo a maldita sensação do braço dele.

—Querubim, você está cercada por mais de mil pessoas da sua idade. Eu preciso trabalhar e você





precisa fazer amigos melhores que eu.

— Eu só quero estar perto de você.

— Por quê? — Ele diz, seus olhos procurando os meus.

Porque não consigo controlar você. Porque você conhece meus segredos. Porque você me faz sentir normal. Porque apesar de toda lógica e razão, acho que posso estar apaixonada por você.

— Por favor, — eu digo.

Mas não é o suficiente. Suavemente, Des tira minha mão de seu braço, e então ele some.





Dias atuais

APENAS QUANDO PENSO que o
Negociador vai proclamar seus verdadeiros
sentimentos por mim, seu rosto se fecha.

Ele me leva para dentro, ambos tensos. Estou chocada por Eli,
por esta noite, mas acima de tudo por Des.

Eu ando a frente dele, sentando em uma de suas banquetas. —
Então, eu vou ficar aqui a noite?

Des está atrás de mim, encostado em um de seus armários. — A
menos que você prefira que eu deixe você voltar para a corrida de
cachorro que sua casa se transformou.

Eu apenas dou a ele uma olhada. Ele retorna, seu olhar
aquecido se movendo sobre mim. Suas asas ainda estão do lado de
fora. A sereia em mim realmente gosta disso. A mulher também.

Deslizo da banqueta e abro a geladeira. — Então, quando
vamos— eu soltei um barulho, distraída com a comida na geladeira.
A coisa está cheia com todas as minhas comidas favoritas - samosas,
pizza, massa, torta, arroz frito, salada de
macarrão. Por curiosidade, abro o freezer.

Sorvete, mini quiches, bolo de
sorvete – o que? – taquitos.

Eu lanço ao Negociador um
olhar apertado. — Você está tão
preparado para isso.





Ele levanta um ombro, mas seus olhos estão rindo.

Eu volto para a geladeira. — Você vai me engordar como um peru de Ação de Graças, — murmuro.

Sério.

Pego o pote de sorvete e o coloco no balcão. — Colher?

Ele abre a gaveta ao lado dele e joga para mim. Eu mal consigo pegar a coisa antes que isso arranque um globo ocular.

Estou prestes a dar uma mordida no sorvete quando vejo um saco de papel branco ao lado dele.

Sem. Maldita. Chance. — Isso são...? — Eu não posso nem perguntar.

— Macarons franceses do Douglas Café, — ele termina para mim. Esquecendo do sorvete, me levanto e vou até Des.

— Douglas é longe daqui. — Meio mundo de distância.

— Linhas de ley, querubim, — diz ele.

— Posso? — Eu pergunto, indicando a bolsa.

— Eles são para você. — Ele me observa quando eu estico a mão para ele.

Ele *planejou* que eu estivesse aqui esta noite. Eu me pergunto se ele planejou que a noite acabasse do jeito que tinha acabado, ou se ele





tinha algo mais na manga. Sabendo que ele é um trapaceiro, eu não ficaria surpresa com o último.

Seus olhos se movem para o sorvete. Ele sai da mesa, flutuando em direção ao freezer. Uma das portas de aço inoxidável da geladeira se abre e o sorvete desliza para dentro. A colher voa de volta para o outro lado da cozinha, a gaveta se abre a tempo de entrar.

Ver tudo isso traz um calor aconchegante até a boca do meu estômago, o tipo que vem com lembranças felizes e familiares.

Pego um macaron rosa e dou uma mordida.

Eu solto um longo e profundo gemido.

Está perfeito.

—Des, você é um deus, — eu digo entre as mordidas. Faz anos que eu não comia um macaron, e o do Douglas Café sempre foi o melhor.

—Rei, — ele corrige. Seus lábios se curvando, iluminando aquele olhar dele. Mas está ficando travesso.

Ele chega perto, tirando o saco de papel de mim e colocando-o de lado, junto com o macaron parcialmente comido. —Você teve uma noite difícil, Callie.

Eu olho para ele com cautela, me sentindo como aquele pequeno inseto preso em uma teia de aranha novamente.





—O que você acha de adiar ir ao Outro Mundo até a manhã? — Eu sinto sua respiração contra a minha pele. —E se hoje à noite nós nos divertíssemos um pouco?

Meu pulso começa a bater.

Esteja preparada para mais do que apenas um beijo.

—O que você tem em mente?

Mas já é tarde demais. Ele agarra meu pulso, seus dedos passando sobre todas as miçangas.

—Hora da verdade, querubim: o que você mais gostaria de fazer hoje à noite?

A magia envolve minha garganta, puxando minha traqueia. Há um milhão de coisas que minha mente suja ficaria feliz em fazer, então fico surpresa quando digo, —Eu quero nadar no oceano.

Eu acho que é tão simples assim.

Des sorri para mim e, por uma vez, é genuíno. —Tudo bem, vamos levá-la para o oceano então.

Ele me leva para fora e, em seguida, me envolvendo em seus braços, ele nos leva para baixo dos penhascos atrás de sua casa para uma pequena alcova de uma praia.

Eu saio de seus braços, ouvindo o barulho das ondas. Ela me chama, cada salpico da água me





chamando mais e mais. Distraidamente, eu tiro meus sapatos e tiro minhas meias.

Eu ainda sinto o Negociador atrás de mim, mas eu poderia estar sozinha agora. Eu entro na água, estremecendo apenas um pouco com a temperatura gelada.

O som, o cheiro, a sensação do oceano estabilizam meu pulso.

Eu estou em casa.

De roupas e tudo, eu mergulho no mar. Eu subo apenas para mergulhar novamente. Aqui em baixo nas profundidades do mar, há uma paz tranquila. Segundo a segundo, sinto minhas preocupações e inseguranças desaparecerem. Há apenas eu, a noite e o oceano.

Na próxima vez que eu subo a superfície, olho para a praia. Des me observa da praia, vários fios de cabelo branco batendo em suas bochechas. A expressão no rosto dele é tão familiar; eu vi isso no meu rosto mil vezes. Uma expressão de alguém que fica do lado de fora.

Eu nado para a costa, me arrastando para fora do oceano. Ele avança, provavelmente pensando que estou pronta para voltar. Em vez disso, eu pego sua mão, puxando-o de volta para a água gelada.

Des olha para mim, parecendo enfeitiçado, enquanto eu o arrasto para as ondas. E ele não resiste. Essa é a parte mais estranha de todas.

O oceano sempre foi o lugar onde as sereias matam os homens.





—Callie, o que você está fazendo? — Ele finalmente diz quando a água bate acima de sua cintura.

Não é óbvio? —Fazendo você se juntar a mim.

Nós nos movemos longe o suficiente para que nossos dedos do pé não toquem mais o fundo do mar. Desmergulha a cabeça debaixo d'água e joga o cabelo para trás.

Nós ficamos na água assim por quase um minuto, nenhum de nós falando nada. Eu boio de costas e olho para as estrelas escuras. Seu mundo está acima de nós e o meu está abaixo. Há algo muito gratificante sobre isso.

—Você sabe, — eu digo, —Eu senti sua falta. Todos os dias. — Foi uma dor que durou sete anos. Deveria ter diminuído, mas isso nunca aconteceu.

Ele fica quieto por um longo tempo. Finalmente, ele confessa: —Eu também senti sua falta.

NÃO É ATÉ tarde da noite que, encharcados até os ossos, conseguimos voltar para dentro. O Negociador leva-me ao meu quarto, e quando vejo a gigante cama de dossel à minha espera, eu caio nela de barriga para baixo, rapidamente estragando os lençóis com areia e água do mar.





—Você continua desmentindo a teoria de que as sereias são criaturas graciosas, — diz Des atrás de mim.

Eu enterro meu rosto nos lençóis. — Eu não tenho roupas.

—Eu tenho uma política muito boa sobre ficar sem roupa — ele responde.

—*Des.* — Minha voz é abafada pelos lençóis.

Ele dá uma risada rouca, depois vem, largando uma grande camiseta desbotada do Kiss e um par de cuecas boxer ao meu lado. — Isso é o melhor que eu tenho no momento.

Eu olho para os itens.

Ele coloca uma mão nas minhas costas, e cada célula está ciente desse toque.

Ele se inclina perto do meu ouvido. — Tome banho rápido, e eu poderei colocá-la para dormir. — Ele pontua o pensamento, mordendo minha orelha.

Eu lhe dou um olhar irritado, mas não adianta; minha pele está brilhando como costumava brilhar quando eu era adolescente e meus hormônios corriam soltos.

—Só se você tirar uma miçanga.





— Callie, Callie, Callie, — ele disse, — achei que estávamos além do ponto de pagar pela companhia um do outro.

Eu faço uma careta, lembrando todos aqueles dias em que comprei a presença dele, usando-o para afastar minha solidão.

— Tente ficar fora do banheiro desta vez, — eu digo, deslizando para fora da cama e indo para o banheiro em questão.

— Tente não pensar em mim, — diz ele.

Eu mostro o dedo do meio por cima do meu ombro.

Vinte minutos depois, o Negociador consegue ficar fora do banheiro.

Eu não consigo evitar pensar nele.

Depois de me secar, eu coloco a camisa e a cueca boxer que Des me deu. Elas cheiram como ele. Eu não percebi que ele tinha um cheiro, mas ele tem. É esfumaçado, como fogo de madeira, e masculino.

Quando volto para o quarto, o Negociador já se acomodou na minha cama. Ele me avista e as sombras na sala se aprofundam. Entre elas, seus olhos brilham.

Houve um tempo em que eu teria dado meu primogênito para vê-lo me olhando desse jeito na minha cama.





Agora estou legitimamente com medo. O Negociador poderia pedir qualquer coisa como pagamento.

Qualquer coisa.

E eu seria obrigada a dar.

E com aquele olhar faminto no rosto, sei onde estão seus pensamentos. Não que eu seja contra a ideia de fazer algo a mais com ele. E eu realmente não sou contra isso, e eu deveria ser. Eu posso ser íntima com a maioria dos homens e não sentir nada. Mas não com o Des.

Não com o Des.

—Eu não mordo, querubim, — diz ele, notando a minha hesitação. Ele dá um tapinha no espaço ao lado dele. —Eu até sai do seu quarto.

Com cautela, eu subo na cama. Deito de lado, de frente para ele.

—Eu pensei que você não gostasse de cruzar limites, Des.

Ele envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa para perto. —Quando você tinha dezesseis anos. Agora— ele passa a mão pelo meu braço —estou querendo expandir meu território com você.

Minha respiração pega. —Você quer dizer que...?

Ele se inclina para perto, dando um beijo na minha testa e sai





da cama. —Boa noite, durma bem e não deixe nenhum monstro te morder.

E com isso, o Negociador sai.

NA MANHÃ SEGUINTE, vou até a cozinha de Des, esfregando o sono dos meus olhos.

—Bom dia, querubim.

Eu grito como uma banshee com a voz do Negociador, segurando meu coração. Minha pele brilha, fazendo com que o fim do meu grito se harmonize quando a sereia entra.

O rei dos faes está em uma das cadeiras da cozinha, tomando café. A camisa dele sumiu e vejo claramente a manga de tatuagens que percorre o comprimento do braço esquerdo.

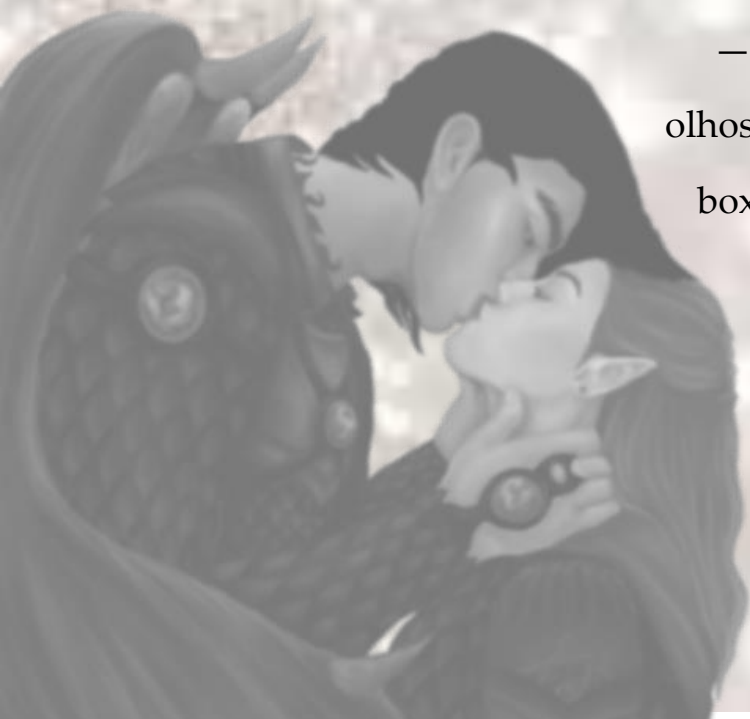
Ele levanta as sobrancelhas para mim como se eu fosse louca. Eu finalmente recupero o fôlego. —Você, você me assustou.

—Claramente. — Sua boca se contorce.

—*Não* ria. — Eu acaricio meu cabelo distraidamente. Parece que está desafiando a gravidade no momento.

—Não foi engraçado, — diz Des. Seus olhos se movem sobre a camisa e a cueca boxer que uso, e sua expressão esquenta.

Quando ele me olha assim, a sereia se recusa a ir embora.





—Des. — Eu tento dizer o nome dele como um aviso, mas em vez disso sai como um ronronar.

Porra. Antes do café, meu controle sob minha sereia não é tão bom.

—Bem, olá amor, — diz ele, dando-me um sorriso que ele salva apenas para minha sereia. Estes dois têm uma atração forte um com o outro. Mesmo quando eu era adolescente e Des deixou claro que ele não ia lá, ele foi extremamente indulgente com ela.

E agora o meu controle nela está escorregando... Escorregando...

Se foi.

Eu ando até ele, balançando meus quadris um pouco, minha pele brilhando. Eu não paro até que eu esteja subindo em seu colo, cada perna do lado da sua cintura.

Eu pego a caneca que ele está segurando e jogo por cima do meu ombro. Ele levanta a mão, presumivelmente para pará-la e o café dentro dele não se chocar contra o chão.

Eu me inclino para perto de sua orelha, mexendo meus quadris até ouvi-lo gemer.

—Sete anos, seu filho da puta, — eu digo
— ou melhor, a sereia diz, já que ela está liderando o show neste momento.





Suas mãos caem para a minha cintura. — As melhores coisas valem a pena esperar, Callie.

Eu enrolo meus braços atrás de seu pescoço.

— Verdade ou desafio?

Seus olhos estão aquecidos, um sorriso se espalhando por seus lábios. — Tentando jogar meu-

— Verdade: Se você tivesse se preocupado em ficar por perto, eu teria dado a você cada um dos seus desejos *mais perversos*. — Eu movo meus quadris contra ele para pontuar minhas palavras.

Eu o sinto reagir, algo que não me traz pouco prazer.

Inclinando-me mais perto, minha língua passa pela sua orelha.

— E eu sei que o meu rei sombrio tem *muitos* desejos perversos, — eu sussurro.

Eu viro seu rosto para o meu, puxando-o até que apenas um pouco de distância separa nossos lábios.

Mas em vez de beijá-lo, digo, — Vou fazer você sofrer, sofrer e sofrer, e não farei *nada* para aliviar isso. Eu vou fazer você pagar por me deixar.

Eu saio dele e saio andando.

— Querubim, — Des diz em minhas costas, — eu vou aproveitar cada doce segundo disso.

NÃO É ATÉ que eu tome vários bons goles de café que a sereia vai embora completamente.





—Deuses, eu senti falta da sua sereia, — diz Des.

Típico que um fae sentiria falta da parte mais sinistra e travessa de mim.

Eu resmungo enquanto me sinto em casa na sua cozinha, fazendo alguns minis waffles e procurando calda nos armários.

Ele realmente conhece minhas comidas favoritas.

O armário acima de mim se abre e a calda sai flutuando. Eu a pego.

—Obrigada, — eu digo por cima do meu ombro.

—Hmm.

Estou brincando de casinha com o Negociador. E parece tão... Normal.

Quando termino de preparar meus waffles, volto para a mesa.

—Agora, os nossos dois nomes estão na lista dos mais procurados, — diz Des quando me sento ao lado dele.

Leva um segundo para perceber o que ele disse. —Espera, eu estou na lista de mais procurados?

Des me passa seu tablet, e com certeza, lá estou eu. Número oitenta e seis.

Eu sinto meu queixo cair. —
Sério, que porra é essa?





Eli perdeu a cabeça. Ele invadiu minha casa e se transformou, me colocando e colocando Des em perigo mortal. E o idiota tem a audácia de me colocar na lista dos mais procurados?

Um segundo depois, percebo que Temper certamente viu a lista, o que significa que ela deve estar indo a loucura. Eu vou atrás do meu celular, só para lembrar que eu nunca tive a chance de pega-lo na noite passada.

Volto minha atenção para listagem, clicando no link. As acusações incluem o uso ilegal de encanto e meu ligamento com o Negociador. É a última acusação que me colocou na lista, disso tenho certeza.

Meu olhar sobe para Des enquanto entrego seu tablet de volta para ele. Há assassinato em seus olhos.

Eu conheço esse olhar. Vingança de fae.

Ao longo dos anos, Des deixou um rastro de corpos mutilados em seu caminho, de clientes que tentaram engana-lo para inimigos que tentaram matá-lo. Ele até desfigurou pelo menos um homem que tentou me prejudicar em meu nome.

—Seja o que for que você está pensando, — eu digo, —não, Des. *Por favor.*

Sua mão aperta seu tablet. —
Você ainda advoga por esse cachorro?





—Eu prefiro não o encontrar picado em pequenos pedaços.

—Isso é uma morte boa demais para o bastardo, — diz o Negociador sombriamente, jogando seu tablet sobre a mesa.

—Des, você *não* vai mata-lo. — De todas as conversas que eu imaginava ter hoje, essa não era uma delas.

Ele se inclina avançando, mechas de sombra se enrolando ao redor dele. — Não é da minha natureza ser tolerante, — diz ele, com a voz baixa. — Então, se você quiser garantir a segurança dele, você vai me conceder um favor.

—O que você quer? — Eu pergunto, empurrando uma fatia de waffle na minha boca.

Ele apenas me olha e olha. — Eu acho que você já sabe.

O waffle fica alojado na minha garganta.

Me dê uma chance, seus olhos imploram.

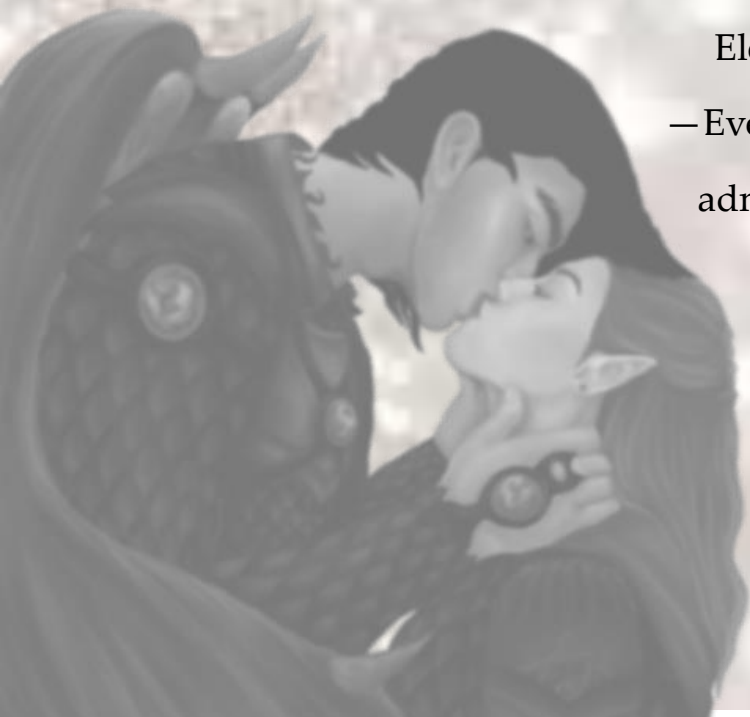
Ele realmente quer mais do que apenas um beijo.

—Por que, Des? — A pergunta que eu sempre faço.

Ele me estuda por um longo momento.

—Eventualmente, eu vou te dizer, — ele admite. — Mas... Hoje não. — Ele toma um gole satisfeito de café.

Eu olho para ele. — Você é tão sortudo que meu encanto não funciona em você.





Ele coloca sua xícara no balcão e eu tento ignorar o modo como seus braços se flexionam com o movimento.

—Você usaria em mim? — Ele pergunta.

—Absolutamente.

Agora ele sorri, o olhar quase feroz. —Isso me agrada muito, querubim.

São respostas assim, que me deixam preocupada.

—Então, — eu digo entre mordidas de waffle, —você está aqui e é dia.

—E?

Eu olho para cima e olho diretamente para seu abdômen. Ele precisa colocar uma camisa urgentemente.

—Não há alguma regra contra aparecer durante o dia?

Ele pega o café de volta. —Eu não sou um vampiro. Eu não vou derreter no momento em que o sol me atingir. — Empurrando a cadeira para trás, ele se levanta. —Termine os waffles, é hora de começar a trabalhar.

Meu prato começa a levitar e eu tenho que pega-lo no ar.

Eu olho para ele. —Só por causa disso, eu vou comer duas vezes mais lenta.

O Negociador sorri e o prato se eleva novamente no ar. Desta





vez, quando eu pego, ele resiste, e tenho que me contentar em pegar os waffles do prato.

—Você é uma pequena merdinha vingativa,
— eu digo, encarando-o. —*Pequena?* — Ele me dá um sorriso precioso. —Não vamos usar adjetivos impróprios agora. — Ele dá um último gole no café e coloca na pia.

Enquanto isso, estou lidando com a bagunça que atualmente é meu café da manhã. Eu enfio os últimos pedaços de waffle na minha boca, minhas mãos cobertas de calda.

Eu faço o meu caminho até ele, ligando a torneira da pia e enxaguando minhas mãos pegajosas.

Seus olhos passam por mim novamente. —Por mais que eu goste de você em minhas roupas, — ele diz, —você precisa se trocar. Há roupas no seu armário.

—Sério? Você acabou de coloca-las lá? — Eu pergunto, tentando descobrir quando ele conseguiu pegar as roupas para mim.

—Não, — ele diz, saindo da cozinha, —as roupas sempre estiveram lá esperando por você. Ontem à noite eu só queria ver você nas minhas.

Bastardo.

—Espero que você esteja pronta para encantar algumas pessoas, — diz ele por cima do ombro. —Em uma hora, estamos partindo para o Outro Mundo.





EU RESPIRO FUNDO enquanto vou para o quarto do portal de Des, me preparando para a viagem para o Outro Mundo.

Meu encanto só funciona com seres terrestres. Quando cruzamos, estou tão bem quanto uma desnuda.

É só uma visita. Nós não vamos ficar.

Eu olho para baixo para o vestido fae cintilante. O material balançando e se abrindo enquanto eu ando, revelando as fitas cruzadas das minhas sandálias que amarram bem em cima das minhas coxas. Assim que abri a porta do meu armário temporário, a roupa flutuou para fora, pousando na cama.

Dica aceita.

Vou dizer isso sobre os fae – eles podem ser filhos da puta sem coração, mas têm um sério bom gosto de moda.

O Negociador espera por mim na frente de seu quarto do portal, um dos dois quartos em sua casa que eu ainda não estava autorizada a ver. Eu nunca vi Des em nada além da combinação de camiseta e calças que ele sempre usa – até agora.

A túnica preta sem mangas que ele usa abraça seu torso. Por baixo, suas calças pretas estão enfiadas em botas de montar escuras. Um cinto de couro baixo é amarrado frouxamente em volta da cintura.





Jesus. Ele se parece com um assassino – um assassino gostoso.

Atrás dele, uma variedade de travas se alinha na porta, e eu aposto que há ainda mais mágicas que eu não posso ver. Não sei se me sinto tranquilizada ou preocupada com as extensas medidas de segurança.

Ainda de frente para mim, Des bate os nós dos dedos na porta às suas costas. —Do outro lado dessa porta, há um portal ativo, — diz ele. Ele estende o braço. —Você vai querer me segurar até saímos da linha ley.

Ele não precisa me avisar duas vezes. Eu pego sua mão, apreciando a sensação quente de sua pele contra a minha.

Uma por uma, as fechaduras se abrem, cada uma aumentando meu desconforto.

Todas as velhas histórias de faes voltam para mim. Monstros que se escondem sob as montanhas. A fae dos dentes que construiu para si um palácio de dentes de crianças. Os faes selvagens que, com um olhar, podem escravizar suas presas.

E depois há os fae que não são tão humanos. Coisas que comem humanos inteiros e usam suas entranhas como joias.

Tudo o que está esperando por mim do outro lado deste portal.





A porta se abre, e Des e eu entramos em um quarto circular, minhas sandálias espremendo-se em grama verde brilhante, pequenas flores brancas e rosas salpicadas no chão.

Videiras entrecruzadas de glicínias cobrem as paredes e o teto. Onde a parede encontra o chão, há um anel de cogumelos circulando a sala.

A grama balança para frente e para trás, e as folhas das videiras tremem quando uma brisa fantasma sopra contra elas.

Como a maioria dos locais onde os portais ficam, as leis da natureza não se aplicam aqui.

Des gira, me avaliando. — Pronta, querubim? — Pergunta ele. Merda, eu estou realmente fazendo isso.

Eu concordo, deixando que ele me leve para frente, para o meio do quarto. O ar parece mais espesso a cada passo, e eu juro que ouço música, mas é tão suave que eu não posso ter certeza se meus ouvidos estão apenas brincando comigo.

Com um olhar áspero, o Negociador me arrasta em seus braços e tudo ao nosso redor desaparece.





CAPITULO 12

Janeiro, sete anos atrás

QUANDO DES APARECE na minha frente, estou uma bagunça fodida. Um punhado de lenços estão espalhados ao meu redor. Meu rosto está molhado e meus olhos inchados.

Eu olho para o Negociador miseravelmente, meu corpo inteiro tremendo.

Ele cruza os braços, a jaqueta de couro fazendo barulho. — Quem eu tenho que machucar?

Eu balanço minha cabeça, abaixando meu olhar. Eu não sei porque eu o chamei. Não deixo que outras pessoas me vejam quando estou assim. Mas estou tão cansada de estar sozinha.

Hoje foi... hoje foi um dia ruim. — Dê-me um nome, querubim.

Eu limpo meus olhos. Eu não terminei de chorar, mas no momento as lágrimas param.

Quando finalmente encontro os olhos de Des, vejo que ele está falando sério. Me leva um momento para perceber que o Negociador está nervoso, e outro momento para perceber que ele está nervoso por mim.

E sou codependente o suficiente para me sentir melhor por causa dessa reação. — Ele é um instrutor, — eu sussurro, minha voz rouca.





Des se senta ao meu lado, um de seus ombros largos roçando o meu antes dele envolver seu braço em volta de mim e me puxar para perto. Pelos cinco minutos seguintes, ele me deixa apenas chorar e bagunçar sua jaqueta de couro, minha cabeça debaixo da dele. Sua mão se move para cima e para baixo no meu braço tranquilizadamente, mas a ação é um pouco arruinada por quão ameaçadora sua presença é.

Finalmente eu consigo me recompor, meu corpo não treme tanto. Eu me afasto dele um pouco.

Franzindo a testa profundamente, ele enxuga as lágrimas das minhas bochechas antes de segurar meu rosto. —Diga-me o que aconteceu. — Eu sinto raiva vibrando fora dele.

Eu tomo uma respiração trêmula. —O nome dele é o Sr. Whitechapel. Ele – ele tentou me tocar...

Mas essas não são as palavras certas, são? Ele me tocou. Ele não parou enquanto não me prendeu no chão, me dizendo o tempo todo que eu queria isso. Que eu o estava deixando louco o semestre inteiro.

Que ele notou cada um dos meus olhares sugestivos.

Ele desabotoou o topo da minha calça, ele levantou minha camisa...

Isso foi até onde ele conseguiu ir. Muito longe.





Eu ainda não tenho controle total do meu dom, mas o medo o acorda. A sereia disse-lhe para parar, disse-lhe para me deixar ir.

E então eu corri até aqui.

E agora eu estou morrendo por dentro, caindo de volta em quem eu era antes do Negociador me salvar do meu passado.

Eu odeio meu rosto, eu odeio meu corpo, eu odeio quem eu vejo no espelho. Eu odeio minha capacidade de atrair pessoas com um único olhar e comando. Eu odeio tudo sobre mim que me faz quem eu sou. Eu odeio que alguém ainda possa me fazer sentir fraca.

Consigo contar a história e começo a chorar de novo. E novamente, o Negociador me puxa para ele. Eu inclino minha cabeça contra seu peito, pela primeira vez sem pensar nele de um jeito romântico. Apenas conforto.

—Querubim, estou orgulhoso de você usar seu poder desse jeito, — diz Des.

Por que isso me faz chorar mais, não posso dizer.

—Quer saber um segredo? — Ele diz, sua mão alisando meu cabelo. Ele não espera que eu responda. — Pessoas como ele nasceram para ter medo de pessoas como nós, — diz ele, sua voz sinistra.

Eu paro em meio aos meus soluços.





O que? O que isso quer dizer? E por que ele está me dizendo isso? Eu fui uma vítima a minha vida toda. Pessoas como o Sr. Whitechapel usam pessoas como eu. Não o contrário.

—Isso é um segredo de merda— eu decido.

O Negociador aproxima seus lábios do meu ouvido. —É a verdade, — ele sussurra. —Eventualmente você entenderá. E eventualmente você abraçará isso.

Improvável. Mas eu concordo de qualquer jeito porque eu não estou com vontade de discutir com Des no momento.

Por cerca de quinze segundos eu estou bem – eu posso até ter superado isso – então a memória das mãos do meu professor no meu corpo me arrasta de novo.

Eu não sei quanto tempo eu choro, só sei que Des me segura o tempo todo. Não tenho certeza se estou chorando sobre o que aconteceu hoje neste momento. Eu acho que estou chorando todos aqueles dias em que eu não fugi a tempo.

Eventualmente, Des nos leva do chão para a cama, cantarolando um hino dos faes sob sua respiração. E eventualmente paro de chorar como uma maníaca e, em vez disso, apenas o seguro perto, como se ele fosse meu cobertor de segurança pessoal.





Eu cochilo assim, embrulhada nos braços do Negociador. Na manhã seguinte, quando eu acordo, ele se foi.

Só mais tarde soube que o Sr. Whitechapel desapareceu. E que, quando ele ressurge uma semana depois há vários países distante, a maioria dos ossos de seu corpo estão quebrados, vários dentes e dedos dos pés estão faltando, e o cartão de visitas do Negociador está em sua pessoa.

Ninguém consegue convencê-lo a falar sobre o que aconteceu com ele. Mas ele está aparentemente muito ansioso para falar sobre a sua má conduta nojenta com seus alunos.

Estudantes. Plural. Aparentemente eu não fui a primeira.

Des não é mais apenas meu salvador; ele também é meu vigilante. E eu tenho que aceitar o fato de que o homem que me deixou chorar em seus braços é também O Negociador, um criminoso procurado conhecido não apenas por seus negócios, mas também por sua imensa crueldade – a mesma crueldade pela qual os faes são famosos.

E Senhor, salve-me, estou bem com isso.

Dias atuais

Eu ainda estou me recuperando quando nosso redor





reaparece. Minha respiração falha quando olho em volta.

Des e eu estamos entre ruínas, o mármore branco brilhando ao luar. Videiras floridas serpenteiam ao redor dos arcos desgastados e da estatuária tombada.

O Outro Mundo.

O som da água correndo nos rodeia por todos os lados, a neblina dela salpica minha pele. Eu me viro em um círculo, cambaleando para trás ao ver a gigantesca cachoeira que bate contra o lado oposto do afloramento em que estamos, nuvens de neblina subindo em torno dela.

—O que é este lugar? — Eu pergunto, admiração entrando na minha voz.

—O Templo da Mãe Imortal – uma das primeiras deusas que meu povo adorava.

Mais uma vez, Des envolve seus braços em volta de mim. —Se segura.

Meus braços deslizam em torno de sua cintura enquanto suas asas se abrem. Ele endurece suas asas começando a bater, a força de cada golpe chicoteando meu cabelo.

Então nós dois nos subimos e eu olho melhor para as ruínas. Eles





se sentam em uma pequena ilha rochosa que se projeta para fora do meio de uma cachoeira gigante.

Eu afasto o meu olhar, apenas para descobrir que o Negociador tem me observado com aqueles olhos fascinantes, seu rosto macio.

Quanto mais eu mantenho seu olhar, mais rápido meu pulso dispara e mais o velho desejo volta. Eu quero desviar o olhar, mas não consigo.

Um sorriso começa a se espalhar por seus lábios e é muito diferente de suas expressões usuais.

—Onde estamos indo? — Eu grito com o vento, só para quebrar o momento.

Seus braços ao redor de mim se apertam. —Meu palácio.

O lugar onde Des reina. Apesar das minhas reservas de estar aqui, estou animada para ver isso. Eu não posso nem contar quantas vezes eu me perguntei como se parecia.

Nós subimos cada vez mais alto no ar noturno, passando por uma nuvem ondulante após a próxima.

Um grupo de pequenos faes cintilantes – duende? – passam por nós, depois circulam ao redor de Des, gritando animadamente.





—É claro que estou de volta, — ele diz em jeito de cumprimento, —não, eu não trouxe nenhum doce, e sim, ela é bonita.

Eu sinto um puxão suave no meu cabelo e ouço o som de riso agudo. Quando olho por cima do meu ombro, vejo vários faes mergulhando no meu cabelo, brincando de o que parece ser esconde-esconde. Uma delas se prendeu em uma mecha que ondula na brisa, guinchando de excitação.

Hum... Tudo bem.

—Essa é a Callypso, — continua Des. —Callypso, estas são os duendes do vento do oeste.

—Oi, — digo por cima do ombro, tentando não surtar com o fato de que pessoas pequenas estão usando meu cabelo como um trepa- trepa.

—Faes acreditam que é uma benção ser tocada por duendes, - diz Des, em voz baixa.

—Oh. — E agora eu sorrio.

Uma delas se agita e acaricia minha bochecha, falando baixinho.

—Ela diz que você tem olhos bondosos.

Eu posso ouvir a voz do duende chiando perto do meu ouvido enquanto o resto delas sobem no meu cabelo e se empoleiram no topo da minha cabeça.





O que ela disse em seguida limpa a expressão de Des. —O que foi? — Eu pergunto.

—Nada de importante. — fala irritado.

—Fim da discussão, — ele diz para a pequena duende, seu tom não mais tolerante. —Vão em frente e diga ao palácio que estamos chegando.

Com um acesso de raiva, as duendes se espalham pelo céu, bagunçando meu cabelo enquanto vão. Eu as vejo voar até as nuvens da noite engoli-los. —Elas são doces, — eu digo.

—Hmm, — diz ele, parecendo distraído.

—O que você tem em mente? — Eu pergunto. —Nada, querubim.

Isso é obviamente uma mentira, mas eu não empurro.

Nós subimos acima de outra camada de nuvens, e então o céu clareia. Um oceano de estrelas enche o céu noturno, mais brilhante do que qualquer outra que vi na Terra. Elas são tão proeminentes, eu sinto que quase posso alcançá-las e tocá-las.

E então eu avisto o palácio de Desmond Flynn, e todos os pensamentos das estrelas desaparecem.

Erguendo-se acima das nuvens há um castelo feito de pálida pedra branca. Na luz do luar, brilhava intensamente, chamando atenção para as altas torres e o labirinto de pontes e muralhas que os conectam.





Descendo de todos os lados, há uma cidade murada, cada edifício feito da mesma pedra branca leitosa.

Devido a forma que as nuvens se espalhavam pela base da cidade, parecia que ela flutuava nas plumas macias. Mas à medida que nos aproximamos e a cobertura de nuvens se dissipava, podia ver o fundo da montanha cinzenta de ardósia em que a cidade é construída. Uma ilha no céu. Impossível, e mesmo assim, aqui no Outro Mundo existe. Até a base da ilha flutuante parece ter sido cortada, esculpida e facetada para parecer mais como edifícios. Vejo colunas e varandas, escadas em espiral e luz piscando em janelas de vidro.

—Uau, — eu suspiro.

Pela minha visão periférica, eu podia sentir o olhar de Des em mim novamente, mas pela primeira vez, estou muito distraída para olhar para ele.

Mais duendes circulam à nossa volta quando começamos a descer. Logo consigo distinguir as ruas que correm entre os prédios e depois noto os faes.

A maioria faz uma pausa para assistir a nossa entrada. Eu sinto cada um daqueles olhos predatórios estrangeiros em mim, e estou dolorosamente consciente de que sou um ser humano em uma terra





que escraviza minha espécie. Eu também estou ciente de que o Negociador está me segurando mais perto do que o necessário, e ele está fazendo uma entrada muito pública, como se ele estivesse orgulhoso de mostrar a humana em seus braços. Ou ele simplesmente não dá a mínima. Conhecendo Des, na verdade estou apostando no último.

Ele bate suas asas mais rápido quando o pátio de pedra branca em frente ao seu palácio se aproxima cada vez mais. Um elaborado portão de bronze envolve o palácio. Além disso, homens e mulheres com orelhas pontudas se juntam, com os olhos curiosos nos seguindo. Vários guardas faes vestidos de branco e prata os mantêm longe. Eles parecem tão curiosos sobre nós quanto eu sobre eles.

Des e eu pousamos suavemente, a cabeça dele inclinada sobre a minha. Eu saio de seu abraço, mas eu não tento me livrar do braço que ele mantém em volta da minha cintura.

A multidão reunida em torno de nós está em silêncio. Então, um por um, eles começam a aplaudir.

Eu olho para eles, minhas sobrancelhas levantadas. Ao meu lado, as asas de Des estão espalhadas, o alcance delas fazendo com que pareçamos minúsculos. Se eu estiver sendo totalmente sincera, gostaria de me





aconchegar em uma delas e me esconder.

—Por que eles estão aplaudindo? — Eu sussurro para ele.

—Há muito o que você não sabe sobre o Reino da Noite. — Com essa resposta enigmática, ele acena para a nossa audiência e, em seguida, me leva para o castelo.

Há dezenas de pessoas reunidas no hall de entrada – o que eu só posso imaginar são seus soldados, oficiais e auxiliares – mas nenhum deles se aproximam de nós, e Des não para de andar para falar com eles, embora eles o cumprimentem com uma Inclinação de sua cabeça.

Meus olhos se movem por toda parte, porque em tudo há uma visão fascinante de se absorver, seja o gigantesco candelabro de bronze cujas chamas cospem e tremeluzem como fogos de artifício, ou o teto que é feito para parecer o céu lá fora. É tudo tão incrivelmente adorável. Des inclina-se para mim. —Eu queria mostrar-lhe este lugar há muito, muito tempo, — ele admite. Eu tiro meu olhar do meu redor para olhar para ele. —Você queria? — Eu não sei o que fazer com isso.

—Eu queria ainda mais que você gostasse, — ele admite.

Meus olhos se movem para o seu rosto antes de eu ver o simples anel de bronze batido que toca a cabeça do rei fae.





Sua coroa.

Eu toco a simples peça em sua cabeça. —
Quando você colocou isso?

—Quando nós pousamos.

Ele não estava carregando isso, o que significava...
Magia. — Fica bem em você. — Realmente fica.

— Eu odeio isso, — ele confessa baixinho enquanto me leva para
um dos seus salões.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Eu nunca me senti particularmente real.

Eu percebo então, enquanto ele me conduz através de seu
palácio no centro do seu reino, que um rei é exatamente o que Des é.
Não é apenas um título bonito, é tudo isso. O que quer que seja
as partes dele que eu tenha recebido todos aqueles anos atrás, quando
ele me visitava, essas eram outra coisa. Naquela época, eu só tinha
visto seu lado perverso, seus atos sujos. Eu nunca vi a sua justiça.

Este é um lado dele que eu não conheço. E acho que pode ser o
seu melhor.

Sua coroa não é o único item que ele
usa. Três faixas de bronze circulam seu
bíceps.

Ele vê onde estou olhando. —
Algemas de guerra, — explica ele.
— Por bravura. — Um rei guerreiro.
E minhas partes femininas estavam





tendo problemas o suficiente ao redor dele antes. Agora sou oficialmente uma causa perdida.

Des me conduz pelo palácio, acenando para as pessoas enquanto nós passamos. Seus olhos se demoram em mim e a maioria das pessoas abaixam suas cabeças.

Eu estico meu pescoço para seguir a mulher fae que parou e realmente fez uma reverência para mim. Não apenas para o rei, mas também para mim. O que diabos? Ele disse a todos que estou aqui para resolver os problemas deles? Porque eu duvido seriamente que eu consiga tirar algo desses humanos que Des não conseguiu.

—Onde estamos indo? — Eu pergunto distraidamente.

—Aos quartos dos empregados. Você vai entrevistar uma babá que está de folga hoje.

Não faz sentido perder tempo, eu acho. O pensamento de encantar esses seres humanos faz minhas palmas suarem.

—Todos os reinos pararam de aceitar changelings? — Pergunto. Des sacode a cabeça. —Apenas o Reino da Noite. O Reino do Dia considerou isso, mas nem os Reinos da Fauna ou Flora farão isso.

O que significa que os humanos ainda estão sendo arrancados da terra.

—E os seus são livres? Não há escravos aqui? — Pergunto.





—Nenhum, querubim.

Eu aceno para mim mesma, limpando minhas palmas suadas no meu vestido.

Os quartos dos empregados estão localizados em um prédio auxiliar ao lado do palácio. Saímos da parte de trás do castelo e passamos por um jardim iluminado pela lua antes de entrarmos no prédio.

No interior, o espaço é apenas ligeiramente menos adornado do que o próprio palácio e os corredores um pouco mais estreitos. Nós paramos em uma porta de madeira escura.

—Você memorizou as perguntas? — Des pergunta.

Eu dou a ele uma olhada. —Eu concordei em fazer isso. Eu dei a minha palavra.

—Estou levando isso como um sim, — ele diz, procurando meu rosto. — É um sim.

Des bate os nós dos dedos na porta. Um momento depois, ela se abre por vontade própria. Dentro, uma única mulher humana se senta em uma mesa, uma pena sobre uma carta.

Pela aparência dos aposentos – e os vários pares de botas de vários tamanhos descansando dentro da entrada – ela precisava dividir o espaço com colegas de quarto. Mas no momento, ela está sozinha.





Assim que ela nota Des, ela se levanta, curvando-se profundamente. — Meu Rei, é uma honra, — ela murmura.

O Negociador vira para mim, dando-me um olhar pesado.

— Seu pagamento começa agora, — diz ele.

Imediatamente a magia toma conta, pinicando minha pele, obrigando a sereia sair.

— Eu odeio quando você faz isso, — eu murmuro.

— Não faça acordos com homens maus, querubim, — diz ele, se encostando na parede, cruzando os braços.

Os olhos da mulher se movem para mim. A primeira coisa que noto nela são as contusões. Elas pontilham seu pescoço e seu peito, continuando sob o decote curvado de seu vestido. Há anéis deles, alguns obviamente mais novos que outros. Quando ela me vê olhando, ela conscientemente cobre as marcas, mas há outro hematoma ao redor de seu pulso. Eu quase consigo distinguir a pequena marca que ela deve ter feito.

— C-Como posso ajudá-los? — Ela pergunta, seus olhos se movendo entre mim e Des.

— Você sabe por que estou aqui? — Eu pergunto, dando alguns passos hesitantes em direção a ela.





Ela balança a cabeça, seu olhar demorando na minha pele brilhante.

—Estou aqui para lhe fazer algumas perguntas sobre o desaparecimento de faes em todo o seu reino, — eu explico.

Ela respira pesadamente, seu rosto visivelmente empalidecendo.

Agora, agora ela tem uma ideia.

Ela começa a sacudir a cabeça, recuando e batendo na cadeira atrás dela. —Por favor. — Ela coloca uma mão sobre as contusões em seu peito mais uma vez. —Eu-Eu não posso. — Vendo seu medo, eu esperaria que ela se fingisse de desentendida. Mas talvez nós duas saibamos que não adianta.

Seus olhos começaram a se mover, procurando por uma fuga. Ela se afasta de mim, batendo desajeitadamente nas coisas.

—Não há lugar para você ir, — eu digo. —Nós duas sabemos disso. — Apesar do meu aviso, ela tenta passar por mim, indo para a esquerda antes de correr, como se eu fosse tentar enfrentá-la.

Infelizmente para esta mulher, estou acostumada a alvos tentando fugir de mim.

—Pare, — eu ordeno, minha voz sobrenatural.

Imediatamente seu corpo para, com seus ombros tremendo.





Quando ela olha para mim, uma lágrima silenciosa desliza por sua bochecha. A visão disso quebra meu coração.

— Por favor, você não tem ideia do que ele fará se eu falar, — ela implora. Ele?

— Vamos sentar, — eu sugiro, minha voz suave, apesar do encanto. Roboticamente, ela se move para o pequeno sofá, mais lágrimas seguindo a primeira. Quando ela olha para mim, eu posso ver a luta em seus olhos, mas ela não pode fazer nada sobre isso. — Qual é o seu nome? — Eu pergunto, sentando ao lado dela e pegando sua mão. Que já está pegajosa de suor. Ela olha para as mãos em seu colo. — Gaelia. — Uma mulher humana com um nome de fae. — Você nasceu aqui? — Eu pergunto. Respirando com dificuldade, ela balança a cabeça.

— O que você faz no palácio? — Eu pergunto, já sabendo a resposta.

Ela olha para Des, que ainda está encostado na entrada do quarto, antes de voltar sua atenção de volta a seu colo. — Eu trabalho no berçário real.

Meus olhos voltam para a contusão em seu pulso. Mais uma vez, a impressão deixada em sua pele faz parecer que uma pequena mão a apertou com muita força. A mão de uma criança... Eu forço meu olhar





de volta para ela. — Por que o seu rei acredita que você sabe alguma coisa sobre os desaparecimentos? — Pergunto.

Sua expressão se desintegra, seus olhos e boca se contorcem enquanto ela chora. — Por favor, — ela implora novamente. Gaelia olha para mim com agonia, e eu posso dizer que este é seu último esforço para impedir que o resto da conversa se desenrole. Ela está implorando pela minha humanidade com os olhos, mas ela não sabe que eu não tenho mais controle da situação do que ela tem. Eu pressiono meus próprios lábios juntos, meus olhos ardendo. Eu não quero fazer isso com ela. Ela não é uma criminosa, apenas a última de uma linha de humanos que já foram escravizados neste mundo.

Ela é uma vítima, uma que teve a infelicidade de trabalhar no lugar errado na hora errada. E graças a mim, ela provavelmente vai sofrer por sua confissão forçada.

Meus olhos se agitam quando repito, — Responda-me, — a sereia está pesada em minha voz. Ela respira profundamente, gaguejando. — Alguns dos bebês da creche real são filhos das guerreiras adormecidas.

— As mulheres nos caixões de vidro? — Eu pergunto. Ela acena com a cabeça. — Eles são diferentes das outras crianças sob nossos cuidados, — continua





ela. —Elas são... Peculiares. — Fae em geral eram peculiares; eu não posso imaginar o que era uma esquisitice para os faes.

—Peculiar como? — Gaelia começa a chorar abertamente mesmo quando responde, —Eles são apáticos, quase catatônicos às vezes. Eles não dormem, eles simplesmente deitam em seus berços, os olhos focados no teto. A única vez que eles fazem alguma coisa é quando, é quando... — Ela toca os hematomas no peito, —eles se alimentam. — Seus dedos se enrolam em volta do decote da blusa e ela puxa a borda do tecido. Eu me inclino para dar uma olhada melhor. Sob o material, hematomas extensos cobrem o peito. Entre todas as descolorações escuras estão cortes estranhos e curvos. Marcas de mordida.

Eu recuo com a visão. Agora que estou olhando, vejo pequenas marcas de furos onde os dentes deles dividiram a carne de Gaelia.

—E quando eles se alimentam, — ela acrescenta, —eles profetizam.

PROFECIA ATÉ NA terra tem sobrenaturais que podem profetizar... Porém, crianças profetizando? Isso é peculiar.

Sem mencionar o fato de que essas crianças estão consumindo humanos.

—Que idade tem esses bebês?

— Eu pergunto.





Gaelia está começando a balançar em seu assento, segurando seus braços perto dela. — Alguns são tão velhos quanto oito anos, — seus lábios tremem a cada palavra. — O mais novo tem menos de três meses.

— E quais são os que profetizam? — Seus olhos se concentram em algo no chão. — Todos eles. — Todos eles? — Mesmo o de três meses de idade? — Eu pergunto com ceticismo. Gaelia acena com a cabeça. — Ela fala e se alimenta como o resto deles. Ela me disse que você e o rei viriam. Ela disse, ‘Não lhes mostre nenhum segredo, não lhes diga nenhuma verdade, ou a dor e o terror serão seus companheiros de cama, e a morte o menor dos seus medos.’ — Ela solta um suspiro trêmulo. — Eu não acreditei nela. Eu nem me lembrava de seu aviso até que você mencionou que queria me fazer algumas perguntas. — Os braços dela se apertaram em torno de si.

— Todos eles me mostram tantas coisas, tantas coisas horríveis...

— Isso é normal? — Eu sondo. — Uma criança tão nova assim falando? — Mais lágrimas. — Não, minha senhora. Nada disso é normal. — O tremor de Gaelia, que tinha diminuído um pouco, voltou tudo de novo. — Eu não entendo, porque é tão terrível em me contar isso? — Eu pergunto.

Ela hesita.





—Você vai ter que me dizer, de uma forma ou de outra, — eu digo. — Pode muito bem ser em seus próprios termos.

Ela cobre a boca com a mão, seus soluços começam de novo. Eu a ouço sussurrar para si mesma, — Perdoe-me. Perdoe-me. — O balanço dela aumentou.

—Gaelia. — Lentamente, seus olhos se movem para os meus e ela solta a mão da boca. —Ele não quer ser encontrado, — ela sussurra. — As crianças me dizem que ele está fazendo muitos planos. Que ele é cauteloso com o nosso rei, o Imperador das Estrelas Vespertinas, — ela diz, seus olhos se movendo para Desmond. — Mas ele não tem medo de outros.

Des vem agora, colocando a mão no meu ombro. Gaelia percebe.

—Ele ainda precisa de mais tempo, — ela continua, envolvendo os braços em volta de si mesma mais uma vez. —Ele não é imparável ainda.

—Por que ele lhe diria isso? — Diz Des. Ela não responde, mas seus dedos apertam a carne de seus braços.

—Responda-lhe, — eu digo baixinho, meu encanto forçando-a a responder. Ainda assim, ela luta com as palavras por mais um segundo ou dois, até que eles saem forçadamente de qualquer maneira.





—Crianças falam qualquer coisa que estão em suas mentes. Até mesmo essas. Desta forma, elas não são tão diferentes das crianças comuns.

—Por que você acredita nelas? — Eu pergunto.

Seus lábios tremem. —Além da profecia? Porque há anos as enfermeiras se queixam de uma figura que se apoia nos berços dessas crianças. E ultimamente, comecei a vê-lo também.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. O Outro Mundo é cheio de bicho-papão, e isso soa exatamente como um deles.

—Como ele é? — Pergunto, saindo do roteiro. Até agora, eu tinha conseguido apimentar as perguntas de Des para o fluxo natural da conversa, mas agora eu abandono o resto delas completamente.

Gaelia balança a cabeça mansa. —Ele é apenas uma sombra... Apenas uma sombra.

—Onde ele está? — Des pergunta.

Ela estremece, nem mesmo se incomodando em lutar mais contra nossas perguntas. —Em todo lugar.

Suas palavras me arrepiam mais. —Você sabe o nome dele? —

Eu pergunto.

—Ladrão de Almas, — ela murmura.

—Ladrão de Almas.

—O que ele quer? — O Negociador rosna. Seus olhos se encontram com os nossos.

—Tudo.







CAPITULO 13

Fevereiro, sete anos atrás

HOJE À NOITE, o Douglas Café está movimentado, uma dúzia de conversas diferentes preenchendo o ar.

Eu olho para a minha xícara de café. —Des, por que você não me faz pagar minhas dívidas? — Des se inclina em seu assento, suas pernas levantadas em outra cadeira que ele arrastou.

Ele toma um gole do menor copo do mundo, a sua mão fazendo com que o copo pareça menor ainda.

Ele coloca a xícara na mesa. —Você está ansiosa para isso, querubim? —Sob a iluminação suave do café, seus olhos brilham de antecipação.

—Apenas curiosa. — Eu procuro seu rosto. —Você está?

—Eu estou o que? — Sua atenção se move casualmente sobre o resto do local. Eu não estou enganada, assim como eu não estava mais cedo, quando ele deliberadamente se sentou no canto do café, certificando-se de que estava de costas para a parede. Desde que o Sr. Whitechapel reapareceu com alguns dedos do pé, da mão a menos, e o cartão de visitas do Negociador em seu peito, a Polítia esteve em busca de Des.





— Ansioso para eu pagar minhas dívidas,
— eu digo. — Se eu estivesse, então você já teria
pago. — Mas por que ele não estaria ansioso? Com
base nos acordos que presenciei, sei que Des é religioso
em fazer seus clientes pagá-lo em tempo hábil.

Minha pulseira agora tem nove fileiras profundas e está
crescendo constantemente. Nem uma vez ele me fez pagá-lo. Nem
por um único desejo.

— Todas essas miçangas me deixam nervosa, — eu digo,
torcendo meu bracelete.

Seu olhar volta para o meu. — Então pare de comprar favores.
— Eu me levando, a cadeira raspando para trás. — Você está sendo
uma péssima companhia hoje à noite, — eu digo. Talvez não seja ele.
Talvez seja eu. Porque no momento, me sinto muito desapontada.
Desapontada por esta noite, por todas as outras como essa. Por querer
algo que simplesmente não posso ter. Por ser muito fraca para desistir
dessa paixão estúpida, embora eu saiba que deveria. Coletando vidas
e vidas de dívidas e me amarrando a um homem mau que não quer
nada comigo.

— Sente-se, — Des comandou, e
sinto o toque de sua magia com a ordem.
Minhas pernas começam a se dobrar,
meu corpo se inclina para me sentar.
Eu luto contra o comando, mas não
é muito útil.





Eu olho para ele. E agora eu entendo um pouco melhor porque meu poder é tão terrível. É um tipo peculiar de tortura, ter seu corpo respondendo a outra pessoa. Peculiar e vil. — Isso é como será o seu pagamento— diz ele. —Só que a compulsão será pior. Muito pior. — Ele se inclina. —Não fique tão ansiosa para pagar suas dívidas. Nenhum de nós vai gostar disso.

—Se você não vai gostar, Des, — eu digo, tentando me levantar. Sua magia me pressiona, forçando-me a ficar sentada, —então por que você não para de fazer acordos comigo? — Mais uma vez, seus olhos brilham. —Você joga um jogo perigoso comigo, sereia. Fazer negócios é seu próprio tipo de compulsão. — Sua voz é tão baixa que só eu posso ouvir. —E você os oferece para mim tão facilmente. — Ele faz uma pausa, seus olhos brilhando maliciosamente. —Não ache que eu vou parar de fazer isso, porque eu não vou.





Dias atuais

DES E EU ESTAMOS quietos quando saímos dos alojamentos dos empregados. Ao meu lado, o Negociador parece ameaçador.

Crianças sugadoras de sangue, visitantes fantasmas e um homem que atende pelo nome de Ladrão das Almas. É o suficiente para me dar pesadelos. Eu esfrego meus braços. — Há quanto tempo esses desaparecimentos estão acontecendo? — Eu pergunto quando saímos do quarto dos empregados e entramos no jardim.

— Há quase uma década. — E em todo esse tempo, nada foi resolvido...

Eu fiz o meu trabalho, eu encantei uma mulher inocente a pedido do Negociador. Eu posso limpar minhas mãos dessa tarefa e deixar essa mulher para seu destino, um destino que a deixou louca de terror. Um destino que ela havia sido avisada por um bebê que deveria ser jovem demais para falar. Eu paro no meio do caminho de pedra.

O Negociador vira para mim, as sobrancelhas juntas.

— Se eu conseguir mais informações para você das crianças, você tirará mais miçangas? — Pergunto.





Ele inclina a cabeça. — Por que você deseja vê-las? — Ele sonda.

Como se não fosse óbvio. — Aquela mulher lá atrás tem medo dessas crianças e do que elas disseram a ela. Elas são quem devemos entrevistar. — Des suspira. — Eu não gosto de usar minha magia nas crianças, e além disso... Eu fui ao berçário mil vezes, e mil vezes eu tentei conversar com elas. Nem uma vez funcionou.

— Mas você nunca levou uma sereia com você, — eu digo.

Toda vez que eu fecho meus olhos, vejo o olhar implacável de Gaelia e sua desesperança. Eu não posso simplesmente deixar isso para lá.

Os cantos dos olhos de Des se franzem. — Isso é verdade, eu nunca trouxe uma sereia espertinha para fazer o meu trabalho sujo. — Ele olha para mim por um tempinho. Finalmente, com relutância, ele concorda. — Eu vou levá-la para as crianças. Duvido que será muito útil comigo lá, mas vou te levar do mesmo jeito.

— No entanto, — acrescenta ele, — no momento em que eu sentir que alguma coisa está errada, sairemos, sem perguntas. — A proteção na voz dele envia arrepios pelos meus braços. — Posso trabalhar com isso.

— DE QUEM SÃO as crianças que as babás cuidam no berçário





real? — Eu pergunto, enquanto percorremos o palácio mais uma vez, a caminho daquele mesmo berçário. Parece estranho para mim que essas crianças peculiares, como disse Gaelia, estejam bem dentro do castelo, no coração do reino. Des aperta as mãos nas costas. —O berçário cuida de crianças órfãs de pais guerreiros — nossa maneira de honrar seu sacrifício final — filhos da nobreza trabalham no palácio e, é claro, quaisquer filhos da família real — inclusive os meus.

—Os se-seus? — Eu ecoo.

Por que eu nunca considere a possibilidade de Des ter filhos? Um rei guerreiro como ele? Ele não ficaria em falta de mulheres... é possível. Desmond olha para mim. — Isso te incomoda?

Eu balanço minha cabeça, não encontrando seu olhar, mesmo quando meu estômago se contorce.

Eu posso sentir seus olhos em mim.

—Verdade— ele diz, —como você se sentiria se eu dissesse que eu tenho filhos?

No momento em que a pergunta sai de seus lábios, sua magia se fecha ao redor da minha traqueia.

Eu agarro minha garganta, olhando para ele. —Algun aviso seria bom, — eu grito.





Minha traqueia contrai. Não é a resposta que ele quer.

Eu sinto a magia arrancar as palavras, muito parecido quando a minha magia arrastou as respostas de Gaelia.

—Eu ficaria com ciúmes, — eu digo. Deuses estou feliz por sermos as duas únicas pessoas andando neste corredor em particular. É embaraçoso o suficiente admitir isso para Des sem ter nenhum público adicional.

—Por quê? — Pergunta ele. A magia não diminui.

Eu aperto meus dentes, mas isso não impede que a resposta saia. —Porque eu sou uma pessoa horrível. — A magia aperta com mais força. Não é verdade o suficiente, aparentemente.

—Por-porque, — tento novamente, — não queria que ninguém compartilhasse essa experiência com você.

—Por quê? — Ele pressiona.

Ele só pode estar brincando comigo. A magia é um laço no meu pescoço.

—Porque essa é uma experiência que eu gostaria de compartilhar com você, — eu falo rapidamente. Imediatamente, minhas bochechas coram.

A magia se solta, mas apenas um pouco.





Os olhos de Des se suavizam. —Você gostaria de ter meu filho? — Não mais, — eu reclamo. Mas mesmo agora a magia sente que minto. Ele aperta minha traqueia, me sufocando. — Siimmm, — eu assobio. De repente a magia me libera, e sei que várias miçangas acabaram de desaparecer sem sequer olhar. Eu não dou a mínima. Estou vendo vermelho. Des parece tão satisfeito. Satisfeito e excitado.

—Nós vamos voltar a esta conversa, querubim, — ele promete. Esse é o momento em que eu pulo nele.

Ele grunhe quando eu empurro contra a parede e coloco meu braço em volta do seu pescoço.

Oh meu Jesus amado, eu estou com raiva.

Ele se afasta da parede, me forçando a perder o equilíbrio enquanto tira meus braços do pescoço. Antes que eu possa atacá-lo novamente, ele me puxa para perto, nossos torsos nivelados um com o outro.

—Você não tinha o direito de fazer isso, — eu digo, sussurro suave.

Tecnicamente, ele tinha todo o direito. Isso é o que acontece quando você negocia com o Des. Ele pode pegar o que quiser como pagamento.





Seus olhos se movem para minhas bochechas coradas. — Você está envergonhada.

Claro que estou envergonhada. Quem gostaria de dizer ao cara que arrancou seu coração, ei rapaz ei, eu ainda quero seus bebês.

Ele passa uma mão pelas minhas costas. — Você não ficaria tão envergonhada se soubesse o que estou pensando agora. — Agora minha respiração falha.

— Fique tranquila, querubim, — continua ele. — Eu não tenho filhos. — Ele me puxa para mais perto, seus lábios roçando minha orelha. — Embora eu esteja sempre disposto a mudar isso. — Agora eu tento me afastar. — Des, deixe-me ir.

— Hmm, — ele diz, sua mão deslizando pela parte de trás de uma das minhas coxas, — acho que não. — Ele a enrola em volta da cintura. Eu tento tirar a perna do seu alcance, mas o esforço é fútil. Ele então envolve minha outra perna em torno de seus quadris.

— Eu acho que gosto de você bem aqui. — Da próxima vez que eu me apaixonar por alguém, não será um rei fae convencido, manipulador — Sua mão se move para baixo, apertando minha bunda. — Com tesão.

Da próxima vez será por um bom menino. — Eu nem quero filhos, — murmuro. Des apenas sorri. Fae. Então, naturalmente, alguém escolhe aquele momento para





passar pelo corredor. O Negociador não faz um movimento para me descer. Em vez disso, ele começa a andar comigo enrolada em volta dele como um coala, acenando para a mulher fae quando a passamos. Tão constrangedor.

Não é até que chegarmos às portas duplas que levam ao berçário que Des finalmente me coloca no chão. Nesta seção do palácio, é estranhamente silencioso. Eu continuo esperando ouvir... Alguma coisa. Crianças são sempre barulhentas. Eu estico minha mão para uma das maçanetas. Antes que eu possa pegar, o Negociador pega minha mão.

—Lembre-se de minhas palavras, — ele diz, —qualquer coisa incomum acontece, estamos fora daqui.

Eu olho para aqueles olhos prateados, suas feições esculpidas estão inquietas.

—Eu lembro, — eu digo. Tirando minha mão da sua, eu abro a porta.

É quase mais silencioso dentro do berçário do que do lado de fora. Até o ar aqui parece parado, como se todos estivessem prendendo a respiração.

Uma empregada solitária afofa os travesseiros de um dos vários sofás ornamentados que repousam na sala de estar. Além dela, um





conjunto de portas francesas se abrem para um pátio privado.

Ela se assusta quando nos vê, mergulhando em uma rápida reverência. — Meu rei, minha senhora, — diz ela, cumprimentando cada um de nós, — Que surpresa inesperada. — Estamos aqui para ver as crianças do caixão, — diz Des bruscamente.

Crianças do caixão — que nome mórbido para elas. — Oh, — seus olhos se movem entre nós. — Cla-Claro—. Eu detecto desconforto? Ela abaixa a cabeça. — Por aqui.

Quando a seguimos por um dos corredores laterais que se ramificam da área comum, noto que ela discretamente estrala os dedos um por um. — Eles estão bem quietos no momento. — Catatônicos é o que ela quer dizer. — Nós tivemos que separá-las das outras crianças. Houve reclamações... — Ela não termina seu pensamento. — Bem, você já sabe disso, meu rei.

— Reclamações sobre o quê? — Eu pergunto.

Ela respira fundo. — Que as crianças estavam se alimentando das outras crianças. Nós decidimos movê-las.

Eles não se aproveitam um do outro. —

Enquanto seguimos atrás dela, passando por cima de alguns brinquedos de vidro e uma lira tocando uma melodia alegre, eu dou a Des um





olhar de 'que - diabos'. Ele levanta uma sobrancelha e balança a cabeça, sua expressão escura.

Ela para em uma porta e bate quando ela entra.

— Crianças, vocês têm companhia.

A sala em que entramos está envolta em sombras, e nenhum dos castiçais iluminados parece afastar a escuridão. O outro lado da sala é composto por uma parede de janelas. Várias crianças estão na frente delas, olhando para a noite além. Assim como Gaelia disse, nenhuma delas move um músculo. Mais algumas estão deitadas na fileira de camas empurradas contra as paredes. Eu não posso ver dentro dos berços, mas eu sei que deve haver bebês em pelo menos alguns deles.

Uma ama de leite senta-se em uma cadeira de balanço à nossa esquerda, pressionando um lenço contra a pele logo acima do seio, estremecendo ao fazê-lo. Ela deixa cair a mão, escondendo o tecido em seu punho quando ela me vê e Des, apressadamente em pé e se curvando para nós.

O Negociador acena para ela, enquanto meus olhos permanecem nas gotas de sangue formando onde ela estava pressionando o tecido em sua pele.

— Vocês duas podem nos deixar, — ele diz as duas empregadas. A mulher que nos levou até aqui não





perde tempo para sair, mas a ama de leite hesita brevemente, lançando um olhar temeroso sobre a sala antes que ela abaixe a cabeça. — Se vocês precisarem de mim, eu estarei lá fora, — diz ela, saindo. A porta se fechando atrás dela.

Agora que nós dois estamos sozinhos com todas essas crianças estranhas, estou assustada, cada instinto gritando para eu sair da sala. Quase como se fossem uma só, as crianças na janela começam a se virar para nós. Eu fico fria com a visão.

Seus olhos se movem para o Des. De repente começam a gritar. Não se mexendo, apenas gritando. Até os bebês estão chorando.

Des se aproxima. — Eu esqueci de te dizer — elas não gostam muito de mim. — Você não me disse? Ele pisa na minha frente, usando seu corpo para bloquear o meu, e eu não vou mentir, agora estou ridiculamente grata pelo meu escudo humano.

Você foi a única que queria vê-los, Callie. Tome coragem.

Eu me forço a sair de trás do Negociador, juntando a última gota de minha coragem. O que Gaelia disse? Que por mais estranha que elas possam ser, elas eram apenas crianças.

Apenas crianças.

Eu dou um passo hesitante e depois outro. Elas ainda estão gritando, seus olhares petrificados em Des.





Começo a cantarolar, esperando que, entre o amor das crianças pela música e minhas próprias habilidades, elas parem de gritar por tempo suficiente para que eu realmente interaja com elas.

De uma só vez, os olhos das crianças se movem para mim, alguns dos seus gritos soluçam um pouco quando eu começo a brilhar, a melodia começa a ter um efeito mágico.

E então eu começo a cantar. —Brilha, brilha, estrelinha... — Me processe por não ser criativa.

Uma por uma, as crianças param de chorar e começam a me observar, hipnotizadas. Eu ando na direção delas, realmente esperando que seja uma boa ideia.

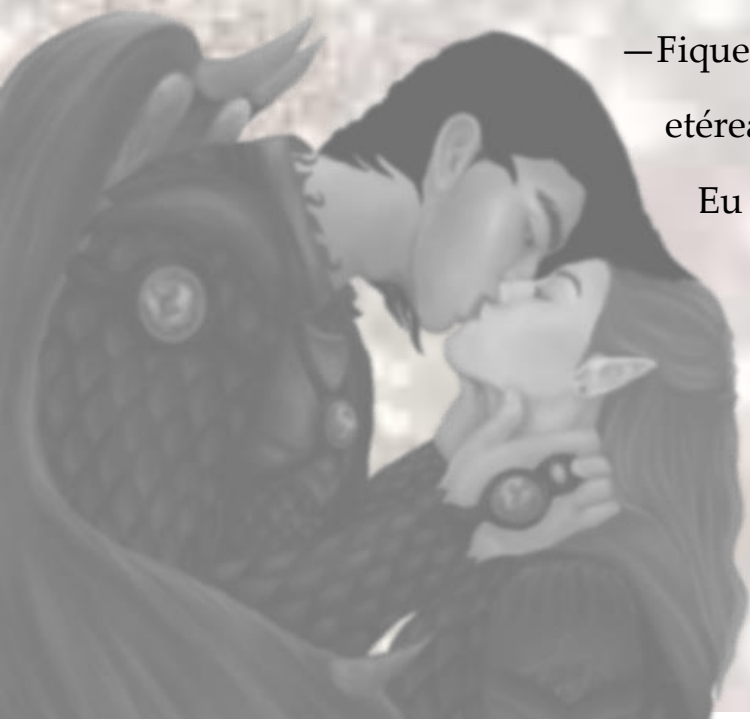
Quando eu termino a música, as crianças piscam, como se estivessem acordando de um sonho. Eu não posso encantar faes — meus poderes só funcionam em seres do meu mundo — mas a música não precisa estar controlando para cativá-los.

Seus olhos se movem para Des e eles ficam tensos novamente.

—Fiquem calmos, — eu digo, minha voz etérea. —Ele não quer fazer mal a vocês.

Eu não quero fazer mal a vocês.

São alguns momentos tensos enquanto espero para ver como eles vão reagir. Quando eles não começam a gritar de novo, eu





relaxo. Pelo menos, eu relaxo o máximo que posso, considerando que estou cercada por um bando de crianças assustadoras. Alguns deles têm sangue seco em volta dos lábios.

Eu tento não estremecer.

—Meu nome é Callypso, mas vocês podem me chamar de Callie. Eu queria te fazer algumas perguntas. Algum de vocês falará comigo? — Seus olhos se movem para mim, e eles me encaram sem piscar.

Eu estou seriamente preocupada que eles fiquem catatônicos novamente quando, como um só, eles acenam, circulando ao meu redor.

—Onde estão suas mães? — Eu pergunto. —Dormindo lá embaixo, — um menininho murmura. —Por que elas estão dormindo? — Eu pergunto.

—Porque ele quer que elas durmam...Dessa vez, é uma garota com a pronuncia ruim que responde. Enquanto ela fala, vejo dois conjuntos de presas. Eu tento não recuar.

—Quem é 'ele'? — Eu pergunto. —
Nosso pai, — diz outra garota.

Um pai só para todas essas crianças? Eu juro que sinto uma respiração fantasmagórica na parte de trás do meu pescoço. Não há nenhuma razão para que eles





saibam disso – ou qualquer outra coisa que eu tenha perguntado até agora – mas eles sabem. E tenho a sensação de que eles têm a maioria das respostas que Des está procurando. Se eles vão compartilhá-los é outra questão.

—Quem é seu pai? — Eu pergunto.

Eles olham um para o outro e, novamente, tenho a impressão de que tomam decisões como uma unidade coletiva.

—O ladrão de almas, — um menino murmura.

Esse nome – Gaelia mencionou ele, e eu vi isso escrito nas anotações de Des.

—Ele vê tudo. Ouve tudo, — acrescenta outro menino. Dez pontos para Sonserina pela resposta assustadora. —Onde posso encontrá-lo? — Pergunto.

—Ele já está aqui, — diz um garoto de cabelos negros. Meus pelos se arrepiam com isso. —Posso conhecê-lo?

Assim que faço a pergunta, a sala escurece. O Negociador não diz nada, mas está claro que ele não está feliz com a minha pergunta.

—Siimmm... — Isso vem de um dos berços no canto mais distante da sala. —Mas você não pode trazer ele junto. — Os olhos das crianças vão para o Des.

—Nosso pai vai gostar de você, — diz uma garota ruiva.





—Ele já gosta, — acrescenta outra. — Ele gosta de coisas bonitas. — Gosta de quebrá-las.

Mais uma vez, aquela respiração arrepiante está respirando no meu pescoço enquanto as crianças falam, seus olhares inabaláveis fixados em mim.

As sombras de Des circulam minhas pernas de forma protetora.

—Callie—.

As crianças apertam o círculo ao meu redor, lançando olhares sobre os ombros para o Negociador. Mais cedo, eu me preocupei que eles não falassem. Agora estou preocupada que eles possam gostar muito de mim.

—Você sabe onde eu posso encontrá-lo? — Eu pergunto. — Ele vai encontrar você.

—Ele sempre encontra quem ele quer — Ele já começou a caçada — A caçada? — Eu não deveria perguntar. Eu sinto que vir ao Outro Mundo me expôs exatamente do jeito que eu temia que fosse me expor.

—Ele vai fazer você ser dele, assim como fez com nossas mães.

— Tudo bem, já chega.

—Eu tenho que ir, — eu digo.

Do outro lado da sala, Des começa a se mover na minha direção, claramente na mesma página.





— Ainda não, — as crianças imploram, se aproximando de mim, suas mãos agarrando o meu vestido.

— Fique conosco para sempre.

— Eu não posso, — eu digo, — mas eu posso voltar. — Fique, — um dos garotos mais velhos rosna. — Ela disse não. — A voz aguda de Des atravessa a sala.

As crianças recuam, várias começando a gritar novamente.

Uma assobia para o rei dos faes, com os dentes pontudos à mostra. — Fique, — várias dizem para mim novamente. Desta vez elas pegam meus antebraços expostos, e quando elas fazem isso... O ar nos meus pulmões foge.

Eu estou caindo em mim mesma. Para baixo e para baixo, na escuridão, passando por gaiolas e gaiolas de mulheres, algumas que batem nas portas de suas celas, algumas que estão deitadas paradas demais. Chãos e chãos cheios dessas mulheres se confundem enquanto eu me afundo. Então o mundo vira até que eu não estou mais indo para baixo, e sim indo para cima. E então eu não estou caindo, mas voando.

Eu caio ao pé de um trono, as asas nas minhas costas abertas. Meus arredores desaparecem, sendo substituídos por uma floresta. Eu estou passando por ela e as árvores parecem uivar. Eu saio do bosque





apenas para acabar na minha antiga cozinha, o local encharcado de sangue.

Meu padrasto se empurra do chão, seu corpo voltando à vida. Oh Deuses, não.

Ele paira sobre mim, seus olhos zangados. De sua cabeça brotam chifres. Eles crescem e torcem a cada segundo que passa. Ele me olha, seu rosto mudando até que eu não estou mais olhando para o meu pai; estou olhando para um estranho, um com cabelo castanho, pele bronzeada e olhos castanhos selvagens. O homem à minha frente está coberto pelo sangue do meu pai e, enquanto eu assisto, ele lambe um pouco do seu dedo.

— Oh, — ele diz, — você é uma coisinha linda, linda.

Ele e o quarto desaparecem e a escuridão me engole inteira.





CAPITULO 14

Fevereiro, sete anos atrás

MEU ALARME DISPARA ao meu lado, assim como fez nos últimos treze minutos. Eu não tenho energia para tirar meus braços dos lençóis e desligar essa coisa. Hoje é o que eu gosto de chamar de um dia de Ave Maria. Porque nada menos que um milagre pode me fazer sair desta cama.

Na maioria dos dias eu sou boa. Na maioria dos dias eu posso fingir que sou como todo mundo. Mas há dias em que não posso, dias em que meu passado me alcança. Dias como hoje. Estou muito deprimida para sair da cama. Estou sendo arrastada por todas aquelas memórias ruins.

A maçaneta girando. O cheiro forte de aguardente no hálito do meu padrasto. Todo o sangue quando eu finalmente o matei...

Uma das minhas companheiras do andar bate na porta. — Callie, desligue seu maldito alarme antes de acordar a escola inteira, — ela grita, depois se afasta.

De alguma forma eu consigo desligar o alarme antes de enterrar meu rosto no travesseiro.

Nem cinco minutos depois, eu ouço a fechadura do meu quarto abrir. Eu começo a me sentar quando, de repente, a porta se abre,





e entra o Negociador. Se alguém está no corredor, eles não notaram sua entrada. — Levante-se — ele rosna.

Ainda estou alguns passos atrás dele. Minha mente está tendo dificuldade em compreender que o Negociador está aqui no meu quarto a essa hora. Tecnicamente ainda está escuro, então ainda é o tempo em que ele reina. Mas uma visita matinal? Isso é novo.

Ele anda o resto do caminho para o meu lado, e apenas pela sua expressão eu posso dizer que ele está aqui para negócios.

Ele puxa meus cobertores afastando-os de mim, uma mão reconfortante tocando minhas costas. — Levanta. — Como ele saberia que eu dormir treze minutos a mais do que o normal não era simplesmente preguiça, e sim uma recaída?

Ele lida com segredos.

Eu gemo e enterro minha cabeça no meu travesseiro. Estou cansada demais para isso.

— Você quer que eu continue aparecendo todas as noites? Você precisa cuidar de si mesma.

E então ele tinha que ir e dizer isso.

— Isso é manipulação emocional,
— eu murmuro no meu travesseiro.
Eu almejo suas visitas mais do que praticamente qualquer outra coisa





na minha vida no momento. — Lide com isso.

Eu viro meu rosto para o lado e faço uma careta para ele. — Você é malvado. — Ele também parece quente o suficiente para pegar fogo, com uma camisa do Metallica que abraça seus músculos e um par de jeans pretos, o cabelo loiro branco amarrado.

Ele cruza os braços sobre o peito, inclinando a cabeça para o lado. — Você acabou de descobrir isso, querubim?

Não, eu sabia disso desde o primeiro dia, mas desde que o conheci, ele se amoleceu para mim.

— Agora, — continua ele, — levanta.

Para enfatizar seu ponto, minha cama começa a se inclinar, um lado levitando. Eu começo a escorregar do colchão.

Eu xingo, segurando as beiradas para não rolar. — Tudo bem, tudo bem! Eu estou me levantando! — Eu deslizo o resto do caminho para o chão, olhando para ele enquanto eu atravesso o quarto.

Des cruza os braços, olhando de volta para mim. O homem é impiedoso.

Eu abro minhas gavetas e começo a remover itens de roupas. Eu me movo devagar, minhas pálpebras ainda caídas, meu corpo ainda cansado e dolorido.

— Isso nunca vai acontecer de novo, entendeu? — Ele diz.





—Você não vai parar de viver a sua vida porque alguns dias são mais difíceis do que outros. — Eu olho por cima do meu ombro para ele como se ele fosse louco. —Não é como se eu quisesse isso! — Que minha mente me sugasse de volta para as piores partes do meu passado. Sentir-se suja, contaminada e sem amor.

Até o meu aborrecimento é uma coisa lamentável agora. Eu não tenho a energia necessária para realmente me envolver com isso.

—Você se sente assim novamente, você procura ajuda, ou você me liga e eu te ajudo, mas a partir de agora, você vai fazer algo sobre isso, tudo bem? — Des diz. Seus olhos são duros; eu não vou receber nenhuma simpatia dele.

—Você não entende.

—Eu não entendo? — Ele levanta as sobrancelhas. —Diga-me, querubim, o que eu entendo?

Ele está me provocando. Isso é tão óbvio. Não me atrevo a continuar porque o quanto eu realmente sei sobre o Negociador? E o quanto ele realmente sabe sobre mim?

Então, ao invés disso, eu o encaro novamente.

—Sim, — ele diz, —é isso que eu quero ver. Sua raiva, sua luta. — Seu tom suaviza. —Eu não estou pedindo para você nunca se sentir triste, Callie, eu estou pedindo para





você lutar. Lutar sempre. Você pode fazer isso, não é? — Eu respiro fundo. — Eu não sei, — eu digo honestamente. Todo o seu comportamento se suaviza com essa confissão. — Você pode tentar?

Eu mordo meu lábio inferior, então com relutância aceno. Se isso é o que preciso fazer para mantê-lo voltando, eu posso tentar.

Ele me dá um sorriso. — Que bom. Agora se vista. Vou pegar o café da manhã antes de você ir para a aula.

Des passa o resto da nossa manhã estranha fazendo tudo ao seu alcance para me fazer rir. E funciona.

Eu não sei como ele faz isso, mas o Negociador levanta meu humor. No que diz respeito a dias de Ave Maria, aparentemente Des é apenas o milagre que eu precisava.





Dias atuais

QUANDO EU ABRO meus olhos, eu olho para um quarto desconhecido. Eu olho em volta para as paredes azuis profundas, minha testa franzida. —Você está acordada.

Eu me assusto com a voz suave do Negociador. Ele está sentado em uma cadeira ao lado da cama, com as mãos juntas pressionadas contra os lábios. Na mesa de cabeceira ao lado dele tem um copo vazio.

—Onde estou? — Eu pergunto.

—Estamos no meu quarto – de volta à Terra, — diz Des. Seus braços se afastam de mim. O quarto dele. Aquele que ele não estava disposto a me mostrar antes. Meus olhos varrem pelos meus arredores, sobre a foto emoldurada do Café Douglas, e outra do Castelo Peel. Do outro lado da sala, um oratório de ouro fica em uma mesa circular, os planetas de metal e mármore em nosso sistema solar suspensos em torno do sol dourado no meio.

Não há nada sobre o seu quarto que parece valer a pena esconder de mim. E então, entre minhas reflexões, minha viagem ao Outro Mundo volta para mim.

O ar assobia entre meus dentes, e meu olhar se volta para o Negociador. —Aquelas crianças.





Des pega o copo vazio e dirige-se para um bar no lado oposto do quarto, servindo-se de uma bebida. Ele toma rapidamente, sibilando com a queima do álcool.

Ele olha para o copo. — Eu entendo por que você gosta dessa coisa, — diz ele. Com cuidado, ele coloca o copo de volta, se encostando no bar.

— Deuses — ele passa a mão pelo rosto. — Eu nunca quis tanto estrangular crianças quanto quis no momento que as vi agarrar você. Suas presas saíram; eles estavam prontos para beber de você.

Eu coloquei a mão na minha garganta. Eles iam beber de mim? Tudo de que me lembro são imagens estranhas e do pesadelo que vi quando me tocaram.

Eu engulo com a lembrança dessas imagens. Foram estas as profecias que Gaelia mencionou?

Eu saio da cama dele. — Des, eles me mostraram coisas, — eu digo.

Eu esfrego a pele onde eles me tocam, percebendo o começo de várias contusões. — Eu vi as jaulas de mulheres, um trono, uma floresta e um homem com chifres.

— Um homem com chifres, — o Negociador repete, com o rosto sombrio.





—Isso ajuda? — Eu pergunto. —
Infelizmente, querubim, — ele diz, —sim— Ele
vai encontrar você. Ele sempre encontra quem ele
quer. Ele já começou a caçada.

Ele vai fazer você ser dele, assim como fez com nossas
mães.

Sento-me dentro do quarto de hóspedes de Des, meus olhos
distraidamente olhando da janela para a noite escura.

O que eu fiz? Eu pensei que estava ajudando Des e Gaelia –
entrevistando essas crianças. Uma parte de mim tinha orgulho do fato
de que eles conversaram comigo quando o Negociador estava tão
certo de que eles não fariam. Mas agora... Como Gaelia, senti lá no
fundo que as palavras das crianças não eram vazias. Que, por mais
irracional que seja, eu acabei de chamar a atenção de qualquer coisa
que Des esteja caçando.

Só que agora, está me caçando.

Eu respiro fundo, com a respiração falha.

Eu preciso deixar este lugar – esta casa – com todas as suas
conexões com o Outro Mundo. Inferno, há
um portal a algumas portas do meu
quarto. Não importa se a criatura vive
em outro reino; contanto que saiba
manipular as linhas ley, levaria
apenas um instante para que ele se
aproximasse da terra.





Eu começo a vestir a roupa seca agora –
incrustada de sal– a que eu vesti aqui, e pego os
poucos itens que eu trouxe. Eu posso sentir a
mesma paranoia que alegou a babá real agora subindo
pela minha espinha.

Eu estou colocando o fecho do meu brinco quando ouço a porta
do meu quarto abrir e sinto uma presença sinistra em minhas costas.

— Você está indo embora.

Uma emoção corre pelos meus braços com aquela voz suave e
sedosa. Eu me viro para o Negociador. — Eu não vou ficar aqui.

— Seu ex vai encontrá-la se você voltar para a sua casa. — Seus
braços estão cruzados. Desagradado.

— Quem disse que eu vou voltar para lá? — Eu totalmente vou.

— Para onde mais você iria?

— Eu tenho amigos. — Ok, eu tenho uma amiga. Uma. Temper.
E ela provavelmente está furiosa comigo no momento por ter sumido
sem falar nada.

— Você não vai voltar para a casa deles. — Não é um comando,
apenas uma declaração de um fato.

— E se eu for para casa? — Eu
preferiria enfrentar Eli, que se preocupa
comigo, que está magoado e com
raiva, a quem eu posso controlar se
necessário, do que ficar aqui e ter a





chance de encontrar um inimigo que nem mesmo Des entende.

O ar se agita e, de repente, o Negociador está ao meu lado, seus lábios pressionados contra o meu ouvido. —Se você for para casa, provavelmente vou ter que roubá-la do seu ex, e isso vai me desagradar muito.

Eu me viro para olhar para ele. —No momento, Des, seus sentimentos não são a minha maior preocupação.

O Negociador olha para mim por um instante. —Você está com medo de ficar aqui, — diz ele, lendo-me. Ele inclina a cabeça, estreitando os olhos. —Você acha que eu deixaria alguma coisa acontecer com você em minha casa? — Eu juro que o homem fica maior, sua presença é esmagadora. A julgar pelo olhar em seus olhos, ofendi o Rei da Noite. Tanto faz. Eu afasto o meu olhar e vou em direção à porta. Um segundo depois, o Negociador se materializa na porta, bloqueando minha saída. Suas mãos seguram o topo do batente da porta. Sem querer, meus olhos se movem para os braços tonificados dele.

—E se eu te dissesse que você não poderia ir? — Ele diz, sua voz hipnótica.

—Que eu quero que você fique e eu usasse mais algumas das minhas miçangas?

Eu realmente não acho que ele tentaria me manter aqui. Ele não





quis nada comigo por tanto tempo que eu realmente não posso imaginar nosso relacionamento de outra maneira.

—Eu não acreditaria em você, — eu digo. —

Agora, por favor, mova-se.

Des está me encarando estranhamente. Ele libera o batente da porta e anda para frente. — Verdade ou desafio?

Eu dou um passo para trás, subitamente nervosa com o olhar em seus olhos.

—Des... —

—Desafio, — ele respira.

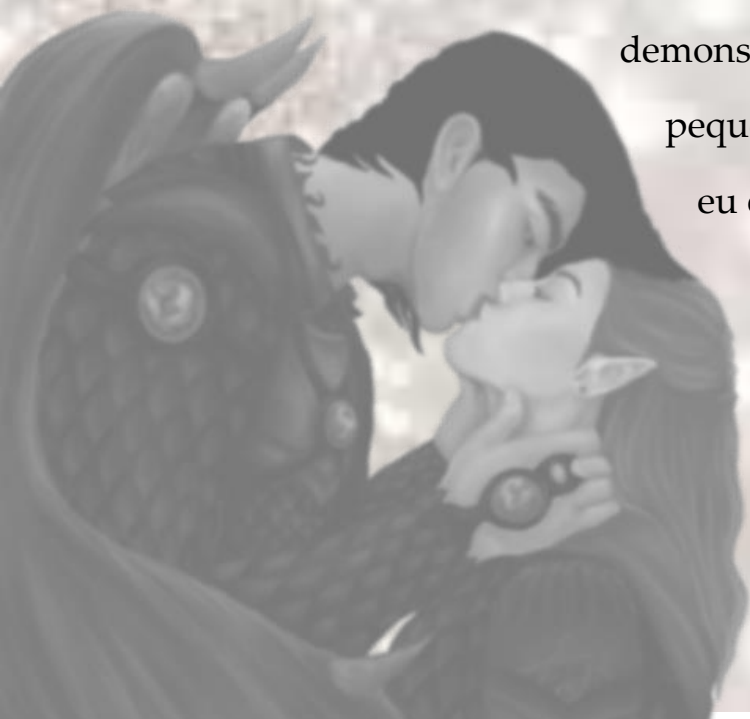
No instante seguinte, ele está em mim, suas mãos cobrindo minhas bochechas. Sua boca bate na minha, seus lábios exigentes.

Des está me beijando, e Deuses, é selvagem.

Eu o beijo de volta sem pensar, absorvida pelo gosto dele e pela sensação dele me segurando.

Eu deveria estar indo embora, voltando para minha casa e minha vida, mas não. Isso não vai acontecer, não quando Des esteja demonstrando de todas as maneiras que o pequeno gosto que tive do homem quando eu era adolescente foi ínfimo.

Eu estou andando de costas, e uma das mãos do Negociador foi para a minha coxa, exposta pelas





fendas altas do meu vestido. Seus dedos se movem subindo e descendo na pele, para cima e para baixo.

Minhas costas batem na parede. Des me prende, segurando-me refém com seu corpo. Meus lábios se abrem e a língua de Des invadi a minha boca, a reivindicando. Sua mão se move para o meu seio e eu arqueio para ele, minha respiração me deixando.

—Deuses, Callie, — ele diz, — A espera... Quase insuportável...

As asas de Des se materializam, espalhando-se e se fechando sobre a parede ao meu redor. Enquanto eu o beijo, começo a passar a ponta dos dedos por elas. Ele geme, se inclinando para o meu toque. —Isso é bom demais.

Ele desliza a mão por baixo da minha camisa, e abri uma das mãos em um seio, fazendo ruídos muito quentes em minha boca enquanto ele se familiariza com isso.

Meus joelhos ficam fracos ao seu toque, e ele desliza uma perna entre eles, me segurando. Minha pele começa a brilhar. Eu quero chorar, isso parece tão certo. Cada um de seus toques parecem certo desde o momento em que nos conhecemos.

—Verdade ou desafio? — Ele sussurra. Eu ainda me importo neste momento?

—Verdade, — murmuro contra seus lábios, recusando-me a





ceder aos meus impulsos mais básicos.

Ele se afasta do beijo tempo suficiente para olhar para os meus lábios inchados, um olhar faminto em seus olhos. —Do que você mais sentiu falta de mim enquanto eu estive fora? — Ele pergunta.

Eu tenho que respirar várias vezes para me recompor. Sua pergunta é como a água fria apagando uma chama. Sua magia me envolve, forçando a resposta. —Tudo. Eu senti falta de literalmente tudo sobre você enquanto você esteve fora. — Des olha para mim, seu peito subindo e descendo enquanto ele recupera o fôlego. Sua mão saindo da minha camisa e seus dedos acariciam minha bochecha. — Você não sabe o que suas palavras fazem comigo.

—Eu gostaria de saber. — Tudo isso que eu estou dando a ele, tudo isso que ele está tomando. Isto não é do que relacionamentos saudáveis são feitos.

Ele passa os dedos pelos meus braços. —Fique, e eu vou te dizer.

O que eu daria por isso! Saber exatamente como ele se sente por mim. Eu quase me apaixono por isso, assim como tenho me apaixonado por tudo mais sobre esse homem. Estou prestes a começar a assentir quando me lembro.

Des é um fae, um trapaceiro. Ele coleta segredos para ganhar a





vida, ele não os dá. E ele nunca se abriu para mim no passado. Ele não vai começar hoje à noite.

Fiz uma promessa a mim mesma depois que Des deixou minha vida, uma promessa de ser independente. Não permitir que homens como ele destruam meu mundo. E agora o próprio homem que me forçou a fazer essa promessa quer escavar seu caminho sob minha pele e em meu coração mais uma vez. Eu seria o pior tipo de pessoa se quebrasse essa promessa no primeiro sinal de tentação.

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo. O que eu estou fazendo? Sério, o que estou fazendo? Eu olho para o chão, como se tivesse as respostas. Então, deixando minhas mãos caírem ao meu lado, eu passo por ele.

Tem sido um longo dia de merda. Eu quero meus pijamas confortáveis, uma tigela de cereal e algum programa de TV inútil que possa me fazer pegar no sono.

Na minha frente, a porta do quarto se fecha... mas parece que o que eu quero não será tão fácil de conseguir.

Viro-me, exasperada, apenas para gritar.

O Negociador está quase em cima de mim, parecendo que ele está prestes a fazer chover retribuição na minha bunda.





—Não vá, — diz ele. Mesmo que ele pareça louco, suas palavras são suaves. Isso por si só me faz hesitar.

Tão perto de desistir.

—Por que, Des? — Meus olhos se movem em seu rosto. Eu ainda posso saboreá-lo nos meus lábios. — Por que você quer tanto que eu fique?

Um músculo em sua mandíbula se contrai. Há uma centena de mentiras plausíveis que ele poderia me contar, mas ele não expressa uma única.

Eu espero. E espero. Sua resposta nunca vem.

Eu suspiro e me viro, indo para a porta. O ar engrossa, a eletricidade estática elevando os pelos do meu braço. Essa é a minha maior dica que Des está descontente. Estou praticamente sufocando em seu poder. Quando olho para trás de novo, suas asas estão a vista. Elas continuam abrindo e fechando. Não descontente, corrijo, fora de controle. Ele está prestes a perder sua cabeça.

Metade de mim acha que ele não vai me deixar ir. E uma parte grande e louca de mim não se importaria com isso.

Em vez disso, o peso no ar se dissipa e suas asas se dobram nas costas.

—Tudo bem, querubim. Vou levá-la para casa.





UMA VEZ QUE descemos em meu quintal,
Des verifica o perímetro da minha casa, depois os
meus quartos, com um olhar maníaco nos olhos. Ainda
estou muito chocada com o local para fazer muito mais do que
olhar. Esqueci que tinha um lobisomem adulto preso na minha
propriedade. Meu lugar está destruído.

Enquanto o Negociador se movimenta pela minha casa, sua
magia reparando o pior dos danos. Paredes desintegradas são
fixadas, minha mesa quebrada se encaixa no lugar, a madeira lascada
encaixando-se novamente como um quebra-cabeça. Janelas
quebradas se selam juntas. Des entra na sala de estar, parecendo
agitado, seu imponente corpo cheio de energia reprimida. —Tudo
está limpo, — ele relata, passando a mão pelo cabelo. —Havia dois
oficiais da politia estacionados na rua, mas eu os mandei embora.
Você deve estar segura por mais um dia.

Um dia é tudo que preciso para caçar a bunda peluda de Eli e
depois criar uma nova.

—Obrigada, — eu digo, apontando
vagamente em torno de mim para o dano
que ele corrigiu, e você sabe, por
assustar a po-po sobrenatural, que
me levaria para a cadeia na primeira
chance que eles tivessem. Ainda é





surreal pensar que atualmente estou na lista dos procurados.

O Negociador hesita, lutando para segurar a língua. Eu sei que ele não quer que eu esteja aqui.

— Fique segura, querubim, — ele finalmente diz. — Eu volto amanhã à noite. — Ele atravessa a sala, indo para a porta para o meu quintal, não me poupando outro olhar. Isso não devia doer, nada disso devia doer. Mas tudo dói. Eu não queria que ele se fosse. Meu coração quer ceder a ele mesmo que minha mente saiba melhor.

A meio caminho da porta, ele faz uma pausa. Xingando baixinho, ele se vira e volta para mim. Ele envolve uma mão em volta da minha cintura e beija meus lábios com selvageria.

Eu ofego em sua boca enquanto ele se roça em mim. O beijo acabou logo depois que começou. Ele me libera asperamente. — Se você quiser me ver por qualquer motivo antes de amanhã, você sabe como me chamar. — Ele anda para trás. — Estarei esperando.

E então ele se foi.





CAPITULO 15

Março, sete anos atrás

— Conte-me sobre sua mãe, — pergunta Des na minha frente.

Nós dois estamos jogando pôquer e bebendo no meu dormitório, enquanto do lado de fora uma tempestade bate contra as janelas.

A bebida tinha sido ideia dele. — Um pouco de corrupção vai te fazer bem, querubim, — ele disse quando apareceu no meu quarto com a garrafa, balançando para mim.

Eu engasguei com a visão do álcool. — Isso não é permitido.

— Eu pareço com o tipo de cara que segue as regras? — Com suas calças de couro e braço tatuado em exposição, ele definitivamente não parecia. Então, com relutância, eu lavei minha caneca e meu copo de água e deixei o Negociador nos servir um copo de uísque — realmente bom pra caralho.

Tem um gosto tão bom quanto uma bunda.

— Minha mãe? — Eu repito agora enquanto Des distribui uma nova mão. Eu pego minhas cartas distraidamente, até ver a mão que ele me deu.

Três dez. Pela primeira vez eu tenho uma chance de ganhar uma rodada.





Seus olhos passam de mim para a parte de trás das minhas cartas, depois de volta para mim. —Três de um tipo, — diz ele, adivinhando minha mão. Eu olho para os dez na minha mão. —Você trapaceou.

Ele pega sua bebida e toma um gole, sua estrutura muscular ondulando de uma forma muito agradável enquanto o faz. —Se fosse fácil assim. Você que é fácil de ler, querubim. Agora, — diz ele, largando o copo. Ele olha friamente para suas próprias cartas, —me fale sobre sua mãe—.

Eu dobro a minha mão, tomando um gole do uísque e estremecendo um pouco quando o líquido bate na minha língua.

Minha mãe é um desses assuntos sobre os quais eu nunca falo. Qual o uso? É apenas mais uma história triste; minha vida tem o suficiente delas. Mas pelo jeito que Des está olhando para mim, eu não vou poder mudar o assunto.

—Eu não me lembro muito sobre ela, — eu digo. —Ela morreu quando eu tinha oito anos.

Des não está mais prestando atenção ao jogo ou à bebida.

Essas duas frases são o suficiente para desviar todo o seu foco. — Como ela morreu? — Eu sacudo minha cabeça. —Ela foi assassinada enquanto ela e meu padrasto





estavam de férias. Foi um erro. Eles estavam mirando no meu padrasto, mas acabaram atirando nela. — Meu padrasto, que era um vidente. Ele não previu isso — ou talvez ele tenha previsto, mas não podia ou não queria pará-los. Inocente ou culpado, aquela noite o assombrou.

— A morte dela foi o motivo dele beber. — E sua bebedeira foi o porquê... Eu suprimo meu tremor.

— Onde você estava quando isso aconteceu? — Des pergunta. Ele ainda tem um olhar calmo e preguiçoso sobre ele, mas eu juro que é apenas um ato como o seu rosto de poker.

— Em casa com uma babá. Eles gostavam de sair de férias sem filhos.

Eu sei como minha vida soa. Fria e quebradiça. E essa era a verdade disso. Tecnicamente, eu tinha tudo — aparência e dinheiro para acompanhar.

Ninguém suspeitaria que houve longos períodos em que fui deixada sozinha na mansão de Hollywood do meu padrasto, com apenas uma babá e o motorista de meu padrasto cuidando de mim. Os negócios sempre vieram primeiro.

Ninguém suspeitaria que aqueles longos períodos de solidão eram muito melhores do que





quando ele voltava de viagens. Ele me via e caía de novo em outra garrafa. E então...

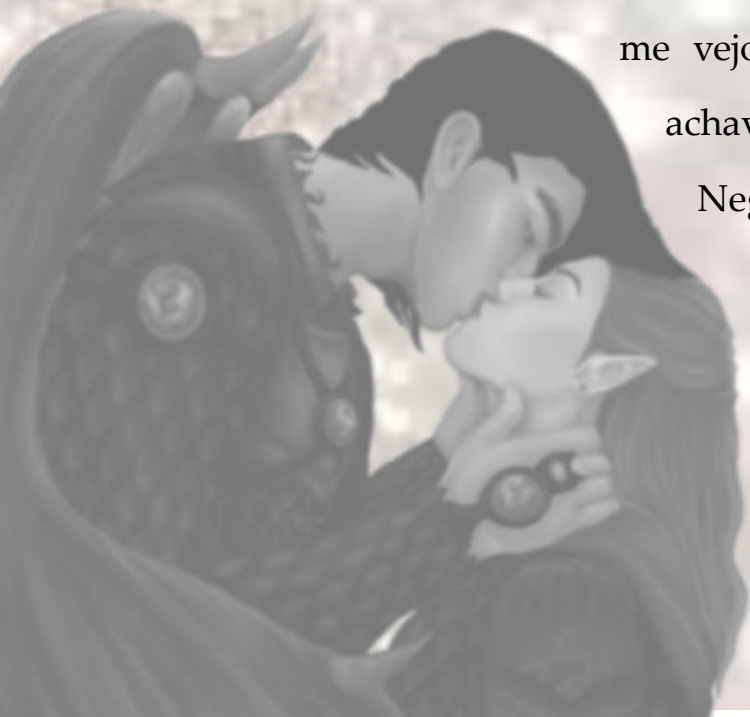
Bem, essas são muitas memórias e eu tento não me debruçar. Minha pele ainda arrepia de qualquer maneira.

— Por que alguém estava tentando matar o seu padrasto? — Des pergunta, o nosso jogo de poker totalmente esquecido. Eu dou de ombros. — Hugh Anders gostava de dinheiro. E ele não se importava quem eram seus clientes. — Chefes da máfia. Lordes de cartel. Sheiks com ligações a grupos terroristas. Ele trouxe o suficiente do seu trabalho para casa para eu ver tudo. — Isso fez dele um homem muito rico, e isso o fez um monte de inimigos.

Talvez fosse por isso que ele tinha o cartão de visitas do Negociador na gaveta da cozinha. Um homem como meu padrasto andava por aí com um alvo nas costas.

— Você já fez negócios com ele antes de me conhecer? — Pergunto.

Eu não pretendia expressar essa pergunta em particular, e agora me vejo prendendo a respiração. Eu não achava que ele o conhecesse. O Negociador não agiu como se o conhecesse quando o chamei pela primeira vez, mas Des era feito de segredos. E se ele conhecesse meu padrasto? E se ele o ajudasse, o cara





que abusou de mim? O homem que direta ou indiretamente levou à morte da minha mãe? Apenas a possibilidade tem meu estômago revirando.

Des sacode a cabeça. — Nunca conheci o cara até que ele estava nadando em uma poça de seu próprio sangue.

A imagem do seu corpo morto pisca diante dos meus olhos. — E seu pai biológico? — Des pergunta. — Como ele era?

— Um ninguém, — eu digo, olhando para o meu copo. — Minha mãe engravidou acidentalmente quando tinha dezoito anos. Eu não acho que ela sabia quem era o pai; ele nunca foi listado na minha certidão de nascimento.

— Hmmm, — Des murmurou quando ele distraidamente balançou sua bebida, seu olhar distante.

Eu não sabia o que ele estava pensando, apenas o que eu pensava — que meus pais pareciam como pessoas de merda. Minha mãe, que estava interessada em me dar uma boa vida, mas não queria muito com isso; meu pai, cuja maior contribuição foi seu esperma; e meu padrasto, que estrelou em todos os meus pesadelos mais vívidos.

— Por que você não me fala sobre seus pais, — eu digo, ansiosa para tirar os holofotes de mim.





Des se inclina de costas e aperta os olhos para mim, um lento sorriso nos lábios. Eu não consigo parar de olhar para ele.

—Compartilhamos tragédias semelhantes, querubim, — diz ele, ainda sorrindo, embora agora pareça um pouco amargo.

Minhas sobrancelhas sobem com suas palavras. Um rei fae compartilhando algo em comum com seu caso de caridade humano?

Eu acho isso duvidoso.

Ele se coloca de pé. —Eu tenho trabalho para fazer. Mantenha o uísque – e, pelo amor dos Deuses, pratique beber sem estremecer. — Ele se vira para a porta.

Eu não me incomodo em tentar convencê-lo a ficar, embora eu queira. Eu já sei que ele não vai ficar. Especialmente não depois da nossa — minha — pequena conversa de coração para coração. Às vezes imagino que a mente do Negociador é um cofre. Segredos entram e eles não saem. Ele faz uma pausa, depois me dá uma olhada por cima do ombro e sua expressão diz tudo. Eu posso não ter contado a ele sobre como meu padrasto me abusou, mas ele sabe.

—Para o registro, querubim, — diz ele, —se o seu padrasto estivesse vivo, ele não ficaria por muito tempo. — Há raiva em seus olhos.





E então, como mágica, ele desaparece na noite.

Dias atuais

EU GASTO MAIS de uma hora limpando minha casa. Há pelo de lobo em todos os lugares. Sem mencionar as marcas de garras. Minha mesa de café e uma mesa lateral vão ter que ser jogadas fora. Neste ponto, eles não são nada além de gravetos.

Deveria ter pedido a Des para arrumar o resto desta bagunça.

Mas então, ele estava tão descontente; eu não queria empurrar a minha sorte.

Des. Faz menos de duas horas desde que ele saiu, e eu já estou ansiosa para vê-lo novamente. Sinto falta da casa dele, dos macarons dele, dos lençóis fofos do quarto de hóspedes. Sinto falta do cheiro dele e do toque dele. Sinto falta dele. É preciso estar de volta na minha casa vazia para lembrar a quão solitária eu sou. Eu esqueci disso enquanto estava com o Des.

Eu faço o que posso para endireitar minha casa, tentando muito, muito não pensar no homem que parecia não querer me deixar mais cedo – para não mencionar aquele que destruiu este lugar lutando por mim.

Eu deveria parar de me relacionar com homens. Nada além de mágoa vem deles.





Mágoa e problemas. Agora, além de me esconder das autoridades sobrenaturais e de um monstro do Outro Mundo, eu tenho que comprar móveis novos porque meu ex quebrou uma das leis mais importantes do pacto e me visitou quando estava no ápice da sua transformação.

Depois de limpar a maior parte da bagunça, volto minha atenção para o meu celular rachado, mordendo o interior da minha bochecha nervosamente. Eu estava adiantado essa parte, mas não podia mais.

Conectando-o no carregador, checo minhas mensagens. Trinta e uma mensagens e vinte e cinco ligações perdidas. Algumas de Eli, algumas de várias partes interessadas, mas a maioria de Temper.

Eu não me incomodo em verificar nenhum um deles antes de tocar no número de Temper e, respirando fundo, retorno a ligação.

Ela atende no primeiro toque. — Onde diabos você está garota? — Ela diz, em pânico. — Estou de volta em casa.

— Casa? Casa? — Sua voz se eleva. — Sua casa foi saqueada, há uma recompensa pela sua captura e você está em casa?

— Está bem. Estou bem.

— Eu pensei que você estivesse morta. — Sua voz falha e eu a ouço fungar. — Eu não consegui encontrar você. — Temper é uma





profissional em rastrear as pessoas com sua magia, mas eu nunca pensei que ela usaria isso para me procurar.

—Você está... Chorando? — Eu pergunto.

—Foda-se, não, eu nunca choro, — diz ela.

—Desculpe por não ligar mais cedo. Eu realmente estou bem, — eu digo baixinho.

—O que aconteceu com você? Você sumiu do mapa e Eli está explodindo meu telefone, mas ele não me diz nada.

Eu pressiono três dedos na minha têmpora. —Hum. É uma longa história.

—Eu tenho tempo. — Eu suspiro.

Ela bufa, sua voz soluçando um pouco. —Não suspire, sua vadia magra — passei as últimas vinte e quatro horas pensando que minha melhor amiga havia morrido.

—Temper, me desculpe. Eu estou bem, sinto muito e estou viva. — Obviamente. Mas às vezes com Temper é importante reiterar o óbvio. —Garota, o que aconteceu? — Ela repete. Eu posso dizer que

ela está andando de um lado para o outro pelo balanço sutil das suas joias. —Quero dizer, o melhor cenário possível que eu consegui pensar foi que você teve um pouco de sexo com raiva com Eli e que oh meus deuses — ele — provavelmente — foi — uma — fera —





com - você - e - isso - é - malditamente -
desagradável. — Tudo sai corrido. — E sim.

Ele triturou tudo - e você no processo. — Eu
estremeço com isso.

Ela solta um suspiro. — Não me diga que ele
transformou você. Por favor, não me diga isso. Eu lembro o quanto o
pensamento disso te assustava. E se ele tiver feito isso, me - ajude -
Jesus - negro, eu vou matar aquela merda peluda e fazer um casaco
de sua pele. Você me entendeu?

A linha fica quieta e ouço apenas o som da respiração pesada
de Temper.

— Puta merda, — eu finalmente digo. Eu limpo minha garganta.
— Hum, não, nós não tivemos sexo animal com raiva; não, Eli não me
transformou; e bom senhor mulher, por favor, não faça um casaco do
meu ex. Ele não me machucou.

— Então o que aconteceu?

É só quando ela pergunta pela terceira vez que percebo que
peguei alguns dos maus hábitos do
Negociador, como esconder segredos.

Eu olho para a minha pulseira, que
está faltando em uma fileira de
miçangas. — Você pode vir aqui? —
Eu pergunto.





—O céu é azul, vadia? — Eu dou um sorriso trêmulo, mesmo que ela não possa ver. —Que bom. Eu vou te dizer tudo quando você chegar aqui.

ASSIM COMO EU prometi a mim mesma, eu como um pouco de comida de conforto e ligo em um programa de tv que apodrecerá meu cérebro enquanto eu espero por Temper chegar aqui.

Nada disso ajuda.

Estou perturbada com a minha viagem para o Outro Mundo, estou chateada com o que aconteceu aqui na minha casa, mas acima de tudo estou chateada por continuar repetindo cada coisa íntima que o Des fez desde que ele veio para mim. Dez minutos depois, a porta da frente se abre e ouço o clique de saltos. Temper para na entrada quando ela me vê, piscando rapidamente. —Minha garota. — Nós duas fechamos a distância entre nós, abraçando uma a outra com força. Quando finalmente nos separamos, Temper funga, seu olhar se movendo sobre o meu lugar. Seus olhos permanecem na minha mesa restaurada e nas janelas inteiras.

—Eu estive aqui esta manhã, — diz ela, tirando as tranças do rosto. —Sua mesa da cozinha estava quebrada.

—Isso é parte do que eu tenho para lhe contar.





— Eu sou toda ouvidos. — Ela coloca suas coisas no chão, em seguida, cai no meu sofá. Um tufo de algodão flutua no ar quando ela o faz.

Perdeu um ponto.

Temper agarra minha tigela de pipoca e começa a comê-la. — Onde está a bebida? — Pergunta ela, olhando em volta. Normalmente, noites como está sempre têm uma cerveja ou um copo de vinho para acompanhá-los.

Porcaria, ela ainda não sabe.

— Hum, estou experimentando toda essa coisa de ficar sóbria, — eu digo, sentando-me cautelosamente ao lado dela.

Ela gira para me encarar completamente, pipoca esquecida. — Ok, o que está acontecendo?

Eu esfrego meu rosto. — Muita, muuita, muuuitaaaa coisa. — Por onde começar?

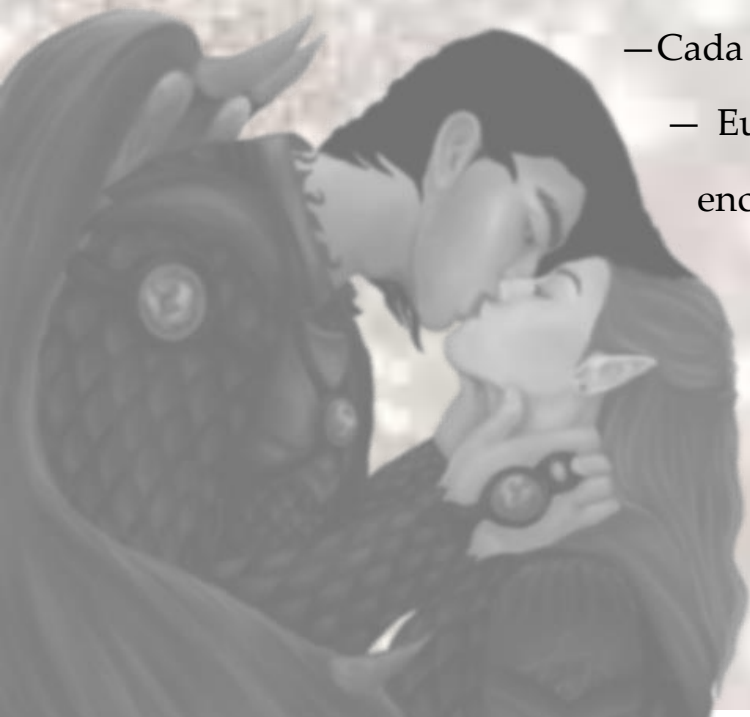
Soltando minhas mãos, eu olho para o meu pulso. — Você conhece essa pulseira? — Eu começo, levantando meu braço.

— Simmm. — Ela não tem ideia de onde eu estou indo com isso.

— Cada uma dessas miçangas é uma dívida.

— Eu passo meu polegar sobre eles, não encontrando seus olhos. — Estou endividada.

Ela se acomoda no sofá. — Então pague, — diz ela, e agora ela continua comendo minha pipoca.





—Você tem dinheiro. — Ela estala os dedos quando uma ideia vem a ela. —Ou, melhor ainda, encante essa merda para que não precise pagar nada. — Eu limpo minha garganta. —Não é tão simples assim. Eu não posso encantar esse cara. E eu estou pagando. É por isso que eu fui embora.

Agora ela aperta os olhos em mim. —Quem é o cara?

Eu dou uma risada nervosa. —Ele é, hum... Ele é o Negociador.
— E quieto por vários minutos.

Temper levanta as sobrancelhas. —Espere, o Negociador? O mesmo Negociador que quase matou aquele professor uma década atrás? O mesmo cara que foi ligado a mais de vinte desaparecimentos? O mesmo cara que está sempre no topo da Lista de Procurados da Polítia porque esse mesmo cara está sempre fazendo coisas doidas?

—Tudo isso são alegações, — eu digo.

Ela bufa. —Vadia, você e eu sabemos que esse filho da puta não é inocente.

—Ele é um cara decente. — E ele beija como uma estrela de rock. —Você está defendendo-o, — ela diz, surpresa.

—É complicado.

—Ele é um cara mau, Callie. E comigo que você está falando. Eu cresci em Oakland — eu gosto





quando eles são maus. Mas até eu acho que ele é muito malvado para dar uma.

Eu rolo meus lábios e olho para minhas mãos.

Ela dá uma olhada no meu rosto e solta um suspiro. — Oh, não, garota, não me diga que você gosta dele?

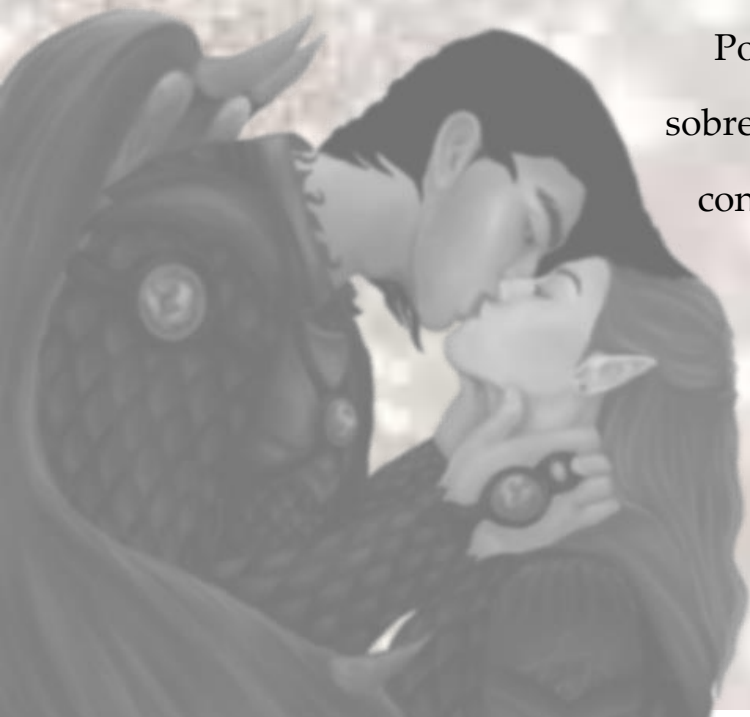
— Eu não digo nada.

— Merda. Você gosta. — Ela estende a mão e agarra a minha. — Deixe-me falar de uma vez para você, vadia, sempre acaba mal com os caras maus. — Infelizmente para mim, eu já sabia muito bem disso.

É TARDE DA NOITE quando finalmente vou dormir, minha mente muito consumida pelos meus pensamentos. Mais cedo, eu consegui contar tudo para Temper, desde dos oito anos atrás. Ela sempre soube que alguém tinha quebrado meu coração, mas até hoje ela nunca soube os detalhes. Eu disse a ela sobre o meu acordo com o Negociador e o mistério em que eu me envolvi, e por último, eu disse a ela sobre Eli vindo aqui durante um dos sete dias sagrados e se transformando na minha frente.

Pobre Eli. Eu não sou mais a única sobrenatural que ele vai ter um acerto de contas. E pessoalmente, eu teria muito mais medo da ira de Temper do que da minha.

Lá fora, o vento assobia contra as minhas janelas, sacudindo as





vidraças contra suas armações. Parece uma criatura moribunda. As ondas batem furiosamente contra os penhascos, a coisa toda tão alta que quando eu adormeço, ela se torna a trilha sonora de um sonho ansioso após o outro. Eu ouço essas crianças faes na minha cabeça.

Ele está vindo para você. Vindo pegar você.

Suas mãos me seguram no lugar enquanto algo à distância se aproxima. Mais próximo. O vento que geme está falando comigo. Cantarolando —Fi, fai, foe, fin, eu senti o cheiro de uma doce sereia. Fi, fai, foe, fin, vou arrancar suas penas e fazer ela cantar pra mim.

Eu tento me puxar contra o aperto das crianças, mas estou presa. Eu olho pela minha janela e juro que vejo uma silhueta escura contra a noite.

Eu derivo, perdida no mar da minha mente.

As portas e janelas tremem. —Deixe-me entrar, sereia; eu vou te dar asas para voar. — Eu juro que posso ouvir a voz no meu ouvido. —Basta abrir a porta e abrir suas lindas coxas. — Minha respiração ecoa no ar parado. —Callypso, não vai demorar muito...

E então o estranho sonho se evapora.

EU ESFREGO MEUS olhos enquanto a luz do sol entra no meu





quarto. Meu nariz coça quando uma pena macia cai flutuando.

Esfregando meu rosto, eu olho para o relógio ao lado da minha cama. Duas da tarde?

Eu não planejei dormir tanto tempo. Então, novamente, durante a maior parte da noite, eu não estava realmente dormindo, mas deslizando através de um sonho inquietante após o outro.

Eu tiro as cobertas de mim, fazendo com que dezenas de penas voem no ar. Eu faço uma careta. Não a colcha também.

Eli deve ter rasgado meu edredom. Eu não tinha percebido...

Eu saio da cama, mais penas se espalhando pelo chão. Ugh.

Eu levanto um pé, tirando os pequenos bastardos da minha pele, quando eu realmente percebo as penas cobrindo meu chão. Centenas e centenas delas estão dispostas em linhas que estão longe da minha cama.

Eu recuo, inclinando a cabeça. Quando eu vejo, meu sangue gela.

É uma asa. As penas estão colocadas em forma de uma asa.

Alguém esteve aqui. Na minha casa. No meu quarto. Alguém ficou perto de mim enquanto eu dormia e meticulosamente colocou centenas de penas.

Eu círculo a cama, minha pele começando a rastejar, apenas para





ver outra asa idêntica arqueando do outro lado dela.

Eu coloco a mão na minha boca. Meu coração parece que vai sair do meu peito.

De onde vieram todas as penas?

Eu vou para a minha colcha e puxo-a para baixo. Mas não é o cobertor que foi rasgado.

O lençol e o colchão estão em farrapos. Bem onde eu dormia. E eu sei que de fato não estava assim quando fui dormir ontem à noite.

Eu não consigo pensar no horror disso. A invasão. Alguém tinha praticamente colocado as mãos por baixo de mim para abrir meu colchão e extrair todas aquelas penas.

Como eu pude não acordar?

Minha respiração vem mais e mais rápida; eu não consigo respirar o suficiente. Eu recuo, quase tropeçando nos meus próprios pés.

Eu abro minha boca, as palavras saindo quase reflexivamente.
—Negociador, eu quero ...

Des se materializa antes que eu possa terminar a minha frase. No começo, ele só tem olhos para mim. E ele parece tão feliz, feliz que eu o chamei.

Mas então ele percebe as penas. As malditas penas, que estão por toda parte.





—O que aconteceu. — Não é nem uma pergunta; é uma ameaça para quem fez isso. A raiva em sua voz faz a parte de trás do meu pescoço arrepiar.

Eu estou balançando a cabeça — Eu não sei.

Ele caminha ao redor da cama, estudando os padrões. Ele quase consegue parecer calmo, mas eu posso ver o contorno escuro de suas asas.

Ele coloca uma mão no colchão, juntando um punhado de penas. — Eles fizeram isso enquanto você dormia?

—Sim, — eu falo. Minha voz soa embaraçosamente fraca. Assustada.

Eu me abraço. Eu me sinto violada em minha própria casa, meu santuário. Des deixa cair as penas e caules do outro lado da sala, verificando as portas. Pelo que posso dizer, elas ainda estão trancadas.

Ele arrasta a mão pela boca. Então sinto sua magia, construindo e construindo. Fios do meu cabelo começam a se elevar com a eletricidade estática no ar.

—Você está sob minha proteção, — diz ele. —Você tem estado por muito tempo. Quem fez isso foi capaz de sentir.

Enquanto ele fala, as tábuas do assoalho tremem sob seus pés e





as vidraças atrás dele começam a sacudir como fizeram ontem à noite. Eu ouço uma delas fissurar.

—Ninguém – ninguém – toca nas pessoas sob minha proteção. — Suas asas piscam dentro e fora da existência com suas palavras.

Eu sou mulher o suficiente para admitir que agora estou com um pouco de medo de Des. Eu posso sentir sua fúria cavalcando a magia na sala. Este é um daqueles momentos em que tenho que reconhecer que os faes são muito diferentes dos humanos. Sua raiva é maior e mais feroz do que qualquer coisa que um humano possa conjurar. E eles são muito mais rápidos para se quebrar.

O rosto de Des se contorce em algo impiedoso, e tenho certeza que ele está perto de perder o controle completamente.

—Por favor, não mate ninguém em meu nome, — eu digo. Isso quase aconteceu antes.

Ele ri, mas está com raiva. —Todas as miçangas do mundo não poderiam me fazer concordar com isso. — O Negociador vem até mim, apertando meu pulso entre as mãos.

Seu rosto ainda parece furioso, mas quanto mais ele olha para mim, mais a fúria se derrete. —Agora, querubim, — suas palavras saem dos seus lábios como mel, —o primeiro pagamento do dia: você está vindo





para casa comigo, e você não vai embora até que
todas suas dívidas tenham sido pagas.





CAPITULO 16

Março, sete anos atrás

DES SENTA NA minha mesa, uma de suas botas empoleirada na parte de trás da cadeira do meu computador. Ele se inclina contra a minha janela, desenhando.

Os estudantes que andam para irem aos dormitórios agora devem poder vê-lo claramente. Eu moro no segundo andar do dormitório feminino e meu quarto fica de frente para o campus. Qualquer um que anda lá fora esta noite deveria ser capaz de ver as costas grande e forte de Des.

Mas eles não veem. E eu sei que não, porque se eles o vissem, a mãe do nosso dormitório estaria na minha bunda em cerca de dois segundos no máximo. As horas de visita aqui terminaram há muito tempo.

O que significa que o Negociador está mascarando sua presença aqui novamente.

—O que há de errado? — Des pergunta, sem olhar para mim. Ele continua desenhando, usando o caderno de esboços e o carvão que eu comprei recentemente.

A visão não seria tão estranha se o carvão e o caderno de desenho estivessem em suas mãos. Mas eles não estão. Em vez disso, eles flutuam no ar a um metro de distância dele, e o desenho de Des





está ganhando vida sem que ele jamais o toque. Seus braços estão cruzados firmemente sobre o peito.

—Nada, — eu digo. —Mentirosa.

Eu suspiro profundamente, olhando para o seu desenho de onde eu estou deitada na minha cama. —Você está envergonhado de ser visto comigo? — Eu pergunto.

—O quê? — O carvão para.

Minhas bochechas estão começando a corar. Isso é humilhante.

—Você está envergonhado de ser visto comigo? — Eu repito.

O Negociador se vira para mim, franzindo a testa. —Por que você perguntaria algo assim? — Eu sinto meu estômago despencar. Ele não está negando isso. —Oh meus Deuses, você está.

Ele desaparece de seu lugar apenas para aparecer ao meu lado. Um momento depois, seu caderno de desenhos e carvão caem no chão atrás dele.

—Querubim, — ele diz, pegando minha mão, —Eu não tenho ideia de onde você tirou essa louca, louca ideia. Por que diabos eu ficaria envergonhado de ser visto com você? —

E assim, minha preocupação se dissipa. Acho que me odeio um pouco que Des tenha tanto controle sobre minhas emoções.





—Você sempre usa sua magia para se esconder ao meu redor, — eu digo.

Ele aperta minha mão e sinto seu toque todo o caminho até os dedos dos pés. —Callie, você tem essa noção absurda de que sou uma boa pessoa, quando estou no topo da lista dos procurados da Polítia. Há caçadores de recompensas procurando por mim neste exato momento. Eles não são os únicos também; eu tenho clientes e inimigos que usaria você felizmente para chegar até mim. Mascarar minha presença é uma segunda natureza, especialmente ao seu redor. — Isso fez sentido.

Ele não soltou minha mão, nem deixou o lado da minha cama. É como se estivéssemos equilibrados na borda de alguma coisa, e quanto mais ele olha para mim, mais eu começo a cair sobre a borda.

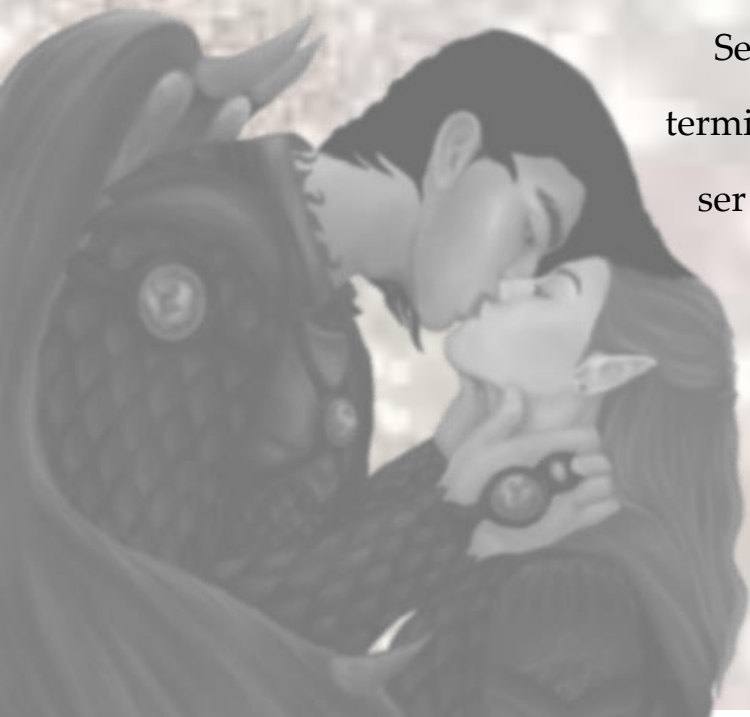
Seus olhos prateados escurecem e eu respiro com o olhar. Eu já vi essa expressão derretida em alguns homens antes.

Mas eles nunca eram Des. Meu pulso começa a correr.

Eu estou girando sobre a borda, caindo naqueles olhos, naquele rosto.

Se apenas o que eu gostasse em Des terminasse naquele rosto. Então poderia ser mais fácil negar o que sinto por ele.

Mas a coisa é, o Negociador salvou minha vida meses atrás, e ele continua a salvá-la





todos os dias desde então. Eu gosto que ele é fodido como eu, que ele é perverso e pecador e não dá desculpas para isso. Eu gosto que ele não se importa que eu possa ser um pouco perversa e pecadora também.

Eu gosto que ele me ensinou como jogar poker, e que eu o fiz assistir Harry Potter... e ler os livros. (Ele não os tocou antes de me conhecer, o pagão.) Eu gosto que eu viajo o mundo com ele toda vez que ele decide me levar em uma de suas barganhas, que meu quarto se tornou uma coleção de bugigangas de nós.

Eu gosto que ele beba café expresso em pequenas xícaras, e que eu possa compartilhar meus segredos com ele, mesmo que ele mantenha a maior parte dele para si mesmo. Ele é a melhor parte das minhas noites.

Não – ele é a melhor parte da minha vida.

E eu estou contente em ser amiga dele, mas hoje, enquanto ele olha para mim assim, eu quero mais.

—Fique aqui essa noite, — eu sussurro.

A boca de Des se abre, e eu juro - eu juro - vejo um sim se formando em seus lábios.

Ele pisca algumas vezes e, assim, o momento se foi.

Ele limpa a garganta, soltando minha mão. —Querubim, isso é inapropriado.





—Eu sou uma adulta. — Ele está se afastando de mim, tanto fisicamente quanto emocionalmente, e eu sei que eu não deveria tentar persegui-lo quando ele está assim, mas eu quero.

Por alguns breves segundos, Des tinha sido meu. E tenho certeza que não imaginei isso.

—Você tem dezesseis anos, — diz ele.

—Exatamente. A Casa das Chaves pensa que eu sou uma adulta, eu não sei porque você não.

—Você tem calcinhas com dias da semana escrito nelas, — diz Des. — Isso significa que você é muito jovem para eu ficar mais.

—Como você sabe que eu tenho calcinhas assim? — Pergunto de forma suspeita.

Ele esfrega as têmporas. —Eu deveria ir. — Ele começa a se levantar, sua impressionante estatura sumindo diante dos meus olhos.

Eu me levanto também. —Por favor, não.

Estamos começando a soar como um disco quebrado. Eu o empurro longe demais e ele foge. A coisa mais assustadora de todas? Quanto mais distância ele coloca entre nós, mais desesperada eu estou para fechá-la, e quanto mais eu tento fechá-la, mais longe eu o empurro.





Estou perdendo meu melhor amigo e nós dois sabemos disso.

Des deixa cair as mãos. —Callie, se eu ficar, eu vou ceder. Se eu sair, eu não vou.

Então apenas ceda.

Mas ele não cede, e ele não vai. Porque apesar de tudo o que o Negociador diz sobre si mesmo, ele é um homem honrado quando se trata de mim. E essa é realmente a raiz dos nossos problemas. Ele pode realmente ser o melhor homem que conheço.





Dias atuais

BOM, MERDA.

Fora da frigideira e direto pro fogo. Isso é tudo que posso pensar no voo para a Ilha Catalina.

Nós pousamos em frente à casa embaraçosamente impressionante de Des, e eu saio de seus braços sem uma palavra. Eu posso senti-lo nas minhas costas, seu olhar me avaliando.

O filho da puta desonesto certamente está tentando descobrir a melhor maneira de se aproximar de mim.

Ele vai ter que continuar tentando. Mesmo eu não sei como me abordar melhor agora porque não tenho ideia do que exatamente estou sentindo.

Aborrecimento, definitivamente. Minha coleira ficou bem mais apertada. Raiva – e incredulidade – que o Negociador realmente me forçou a morar com ele. Dependendo de quão lentamente ele me faz pagar minha dívida, eu poderia potencialmente viver sob o seu teto para o resto da minha vida.

Eu ignoro a excitação de faísca que vem com esse pensamento; meu coração é obviamente um idiota.

Abaixo de todas essas emoções frustradas, há alívio. Alívio que eu não tive que cavar o meu ego e ficar dentro de uma casa que parecia insegura, ou engolir o meu orgulho





e implorar a esse homem que me deixasse ficar com ele novamente depois que eu saí.

—Eu não me arrependo, você sabe, — diz ele atrás de mim, sua voz uniforme transportando através do quintal.

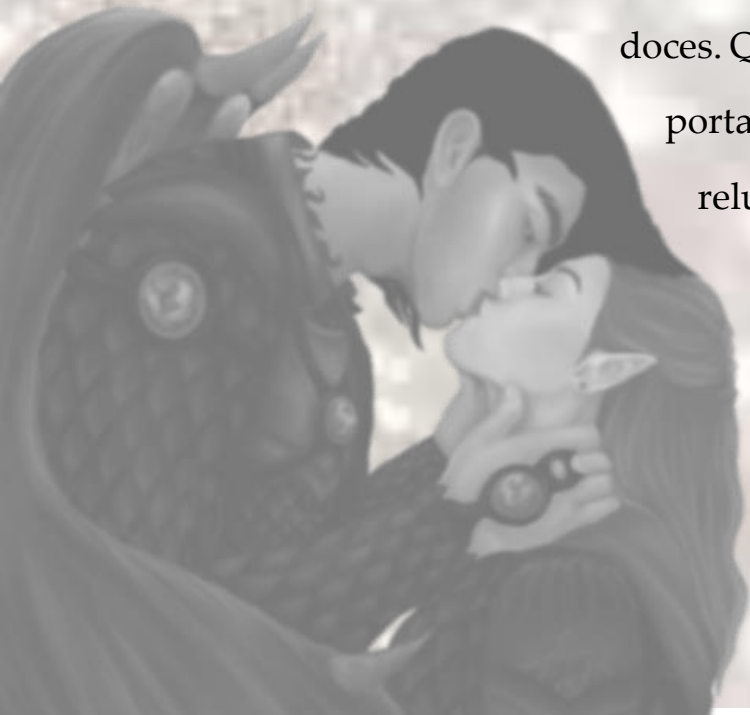
Ignorando-o, subo seus degraus de pedra e entro em sua casa palaciana.

—Café da manhã, — eu digo. — Eu não posso ser civilizada com você até que eu tome café da manhã.

Sinto uma mão nas minhas costas quando o Negociador se materializa ao meu lado. — Então vamos pegar para senhora o que ela quer. Eu tenho a coisa certa para você...

MALDITO CAFÉ DO DOUGLAS. Isso é o que ele estava insinuando anteriormente.

—Tem sido... anos, — eu digo, olhando ao redor do café familiar. O lugar parece inalterado, das mesas de madeira polida para as fotos emolduradas do porto, para os jarros de vidro cheios de doces. Quando Des me levou para sua sala do portal, eu estava mais do que um pouco relutante em me aventurar por uma de suas linhas ley novamente. Mas quando nós saímos da linha e entramos na Ilha de Man, minha opinião fez meia volta.





Fora do café, o céu está escuro. Poderia ser tarde no sul da Califórnia, mas já é noite aqui nas Ilhas Britânicas.

Des se recosta no banco, mexendo o café à toa. Algo muito parecido com nostalgia aperta minha garganta. Des costumava me trazer aqui sempre que ele ficava entediado de ficar sentado no meu dormitório.

Seu olhar segue o meu para cada detalhe do café. — Você sentiu falta desse lugar? — Ele pergunta.

— Não tanto quanto da companhia, — admito. Ele parece quase dolorido com isso.

— Por que você foi embora, Des? — Eu sussurro. Vamos ter que passar por tudo isso em algum momento, se estamos vivendo sob o mesmo teto.

Sua expressão se torna sombria. — Essa é uma conversa para outra hora.

Eu quase gemi de frustração. — Já se passaram tanto tempo, o que importa?

Eu sou uma maldita mentirosa. Ainda importa. Desmond Flynn é uma ferida que nunca foi curada.

— Importa, — é tudo o que ele diz, ecoando meus pensamentos.

Homem bonito e frustrante. Ele está me olhando como um





animal encurralado faria. Isso nunca é uma boa posição para colocar um sobrenatural, especialmente um rei fae.

Eu sei de tudo isso, e ainda assim não consigo deixar o assunto de lado.

—Diga-me, — insisto.

Ele esfrega os olhos, soltando um suspiro. —Não é da minha natureza contar a você. Nada disso está na minha maldita natureza. Vou explicar tudo quando for a hora certa. — Todas as minhas esperanças despençam com isso. —Des, se passaram sete anos. Quanto tempo tenho que esperar que a hora esteja certa?

A atmosfera da nossa mesinha escurece. —Você sabe o significado de esperar? — Eu me encolho com suas palavras.

Ele apoia os antebraços na mesa, uma mecha de seu cabelo branco escapando da tira de couro que ele amarrou de volta. —Sete anos, Callie, e quantos deles você passou solteira? — Ele parece inchar com a emoção em sua voz.

—O que? — Eu vou para trás, olhando para ele. —O que isso tem a ver com alguma coisa?

—Tem tudo a ver.

Des está com... ciúmes?

—Diga-me, — ele repete, as sombras se aprofundando na sala, —quantos desses anos você passou solteira?





Eu ainda estou olhando para ele, estupefata. De todas as milhões de maneiras que eu poderia passar o meu dia, eu não imaginava que isso seria uma delas.

Des pega meu pulso, segurando uma miçanga. — Me responda.

As palavras são arrancadas da minha garganta.

— Nenhum deles.

Ugh. Foda-se a magia. E faes cobradores de dívidas.

— Nenhum deles, — o Negociador repete irritado, mas satisfeito. Ele libera meu pulso.

Eu o encaro. — E eu deveria esperar que você tivesse mantido suas mãos para si mesmo também? — Eu já ouvi muitas histórias sobre o Rei da Noite e sua porta giratória de mulheres. — Seu idiota. Você me deixou. Você partiu meu coração e me deixou. Você não pode ficar com ciúmes do que veio depois disso.

Ele se inclina avançando, seu rosto ameaçador. — Eu não te deixei, Callie.

Agora estou chateada. — Você fugiu do meu quarto naquela noite depois do baile.

Diga-me como isso não foi ter me deixado.

— Você não sabe de nada.

— Então me ilumine.





Nós nos encaramos. Sombras estão se acumulando ao nosso redor enquanto as emoções de Des levam o melhor sobre ele. Os outros clientes não percebem isso, graças à iluminação fraca e ao céu noturno do lado de fora, mas eu percebo.

Só de vê-lo assim deveria ser satisfatório, mas sob minha raiva eu fico perplexa com isso. Ele me deixou todos aqueles anos atrás, e agora ele está insistindo que não. E faz tanto tempo que estou me perguntando se estou lembrando incorretamente.

Mas não, aquela noite em particular está queimada em meu cérebro.

Espero que ele se explique, mas como sempre, ele não faz. Eu empurro a minha bebida e o último pedaço do meu croissant, perdendo o apetite.

Seus olhos observam a ação. —Querubim, o que aconteceu ontem à noite?

—Você vai ter que tirar outra miçanga se você quiser alguma resposta de mim, — eu digo, irritada. Se ele vai lutar explicando a si mesmo, então eu com certeza também vou.

Um pouco da raiva morre em seus olhos cinzentos, substituído por aquele sorriso curvo. Isso ele gosta. Minha malícia, meu combate.





Ele envolve sua mão em volta da minha pulseira, e brevemente meu olhar se move para sua elaborada manga de tatuagens.

—Diga-me o que aconteceu ontem à noite, — ele repete, e desta vez há mágica por trás de suas palavras.

Eu estremeço quando isso acontece, e instantaneamente me arrependo de provocá-lo. —Nada.

Eu começo a sentir pressão contra a minha traqueia. —Minha magia parece discordar, — diz o Negociador.

Eu quero gemer. —O que mais você quer que eu te diga? Depois que você saiu, limpei minha casa, fiquei com minha amiga por algumas horas e fui para a cama cedo. Quando acordei, encontrei meu quarto exatamente como você viu.

Des volta a mexer seu café. —Minha mágica não está liberando você, então você pode tentar pensar um pouco mais.

Eu estreito meus olhos nele.

Ele levanta uma sobrancelha. —Ou você pode lentamente sufocar. Você escolhe.

—Eu não sei o que você quer que eu diga, — eu chiei. —Eu assisti TV, fui dormir, acordei em uma cama desfiada.

— Ainda não há alívio. E agora me sinto como apenas mais um dos clientes do Negociador, contorcendo-se sob seu poder.





Ele toma um gole de café. —O que aconteceu no tempo entre você ir para a cama e você acordar?

Eu dou a ele um olhar perplexo. —Eu dormi. —

A magia pressiona meu peito.

—Profundamente? Intermitentemente? — Ele sonda. —Você teve pesadelos?

Eu me lembro da tempestade que sacudiu a casa e do vento que me invadiu e que invadiu meu sono.

—Eu sonhei, — eu digo.

Há um pouco menos de pressão no meu peito? —Sobre o quê?
— Des pressiona.

Eu tento lembrar. Está fora de alcance. —Desde quando você lê os sonhos? — Eu digo.

—Desde sempre. Eu sou o rei da noite. Eu domino tudo o que engloba isso, inclusive sonhos.

Isso fez algum tipo de sentido.

Eu pego minha bebida e olho para ela, balançando a cabeça.

—Eu não sei. As crianças que conheci estavam lá, me segurando. E havia uma voz — uma voz masculina. — O que ele disse?

Deixe-me entrar, sereia; eu vou te dar asas para voar. Basta





abrir a porta e separar suas lindas coxas.

Minhas bochechas esquentam. Jesus.

—O que a voz disse? — Des pergunta. — Eu não vou repetir isso em público. — O rei fae parece intrigado.

Agora que me lembro do sonho, a magia se intensifica como se soubesse que estou voluntariamente retendo a informação.

Quando eu ainda não respondo, seus olhos se movem sobre mim. — Você realmente vai aguentar, querida?

Não por muito tempo – a mágica está me tirando a vida. — Não em público. — Estou quase implorando.

O Negociador me estuda por mais um momento. Ele estala os dedos e o barulho ao nosso redor diminui, tornando-se abafado.

—Isso é o tanto de privacidade que você vai conseguir.

É suficiente. Bem, para ser honesta, não é o suficiente – eu não quero exatamente admitir o conteúdo dos meus sonhos para Des – mas eu já admiti que quero seus bebês, então não há mais nada do meu orgulho para proteger.

Eu olho para a minha bebida. —Ele disse: 'Deixe-me entrar, sereia; eu vou te dar asas para voar. Apenas abra sua porta e separe suas lindas coxas.

A pressão deixa meu peito.
Finalmente.





Ao nosso redor, o barulho se eleva mais uma vez.

Na minha frente, as sombras de Des estão de volta. Homem temperamental.

—Você nunca viu quem falou? — Pergunta ele.

Eu balancei minha cabeça e tomei um gole da minha bebida.

Eu coloquei a caneca para baixo com cuidado. —Você está realmente levando meu sonho a sério? — Eu pergunto.

Des passa o polegar sobre o lábio inferior. —Talvez, — ele fala distraidamente. —No Outro Mundo, os sonhos nunca são apenas sonhos. Eles são outro tipo de realidade.

Eu deixo isso penetrar. —Você... Você acha que algo do Outro Mundo me visitou na noite passada?

—Eu não sei.

EU POSSO TER um perseguidor fae.

Um que pode se infiltrar em meus sonhos.

Eu me sinto tão suja. Suja e vulnerável. Minha mente pode ser manipulada por alguma criatura, e não posso fazer nada para impedir. Eu pensei que ficar em minha casa me ofereceria alguma medida extra de proteção, mas isso não aconteceu.

—Você acha que isso tem alguma coisa a ver com os desaparecimentos? — Pergunto agora.





Estou sentada no sofá do Negociador, observando-o enquanto ele caminha de um lado para o outro na sala, com os braços atrás das costas.

Ele olha para mim e, franzindo a testa, me dá um aceno brusco. Bem, merda. Do que aquelas crianças chamaram o homem por trás do mistério? O ladrão das almas. Não é exatamente o tipo de nome que lhe dá carinho.

Quantas vezes Temper e eu lidamos com uma situação semelhante? Quantos criminosos nos ameaçaram ao longo dos anos?

Incontáveis. E quando isso aconteceu, a única maneira infalível de garantir nossa segurança foi prender o bandido antes que chegassem até nós.

Eu respiro fundo. — Eu quero ajudá-lo a resolver este caso. Não apenas entrevistar servos, mas realmente resolver isso. — Antes que meu perseguidor cumpra suas promessas.

Des para de andar. — Você deseja ajudar a mim e ao meu povo? — Ele me dá um olhar estranho.

Eu mudo um pouco em seu sofá, inquieta pela estranha intensidade em seus olhos.

— Isso não é o que eu disse. —

Ele anda para mais perto de mim, inclinando a cabeça como se ele pudesse adivinhar meus segredos do meu rosto. — Mas foi o que você quis dizer. — Ele chega ao sofá,





olhando para mim. —Me ajudar mais do que você já tem feito, vai colocá-la em perigo – perigo que até a minha proteção pode não te salvar.

Podemos encontrar outras maneiras para você pagar suas dívidas. —

—Isso não é sobre pagamento, — eu digo.

Seus olhos se aprofundam. Quase com relutância, ele move seu olhar do meu, esfregando o queixo. Suas sombras se envolveram amorosamente ao redor das minhas pernas.

—Eu deveria dizer não, — ele reflete em voz alta. —Há tantas razões pelas quais eu deveria dizer não. — Seus olhos deslizam para os meus. —Mesmo sabendo do perigo, você ainda está interessada em me ajudar? — Pergunta ele.

Eu hesito, em seguida, aceno, apertando minhas coxas. Estou com medo? Claro. Mas isso nunca me impediu de aceitar um caso.

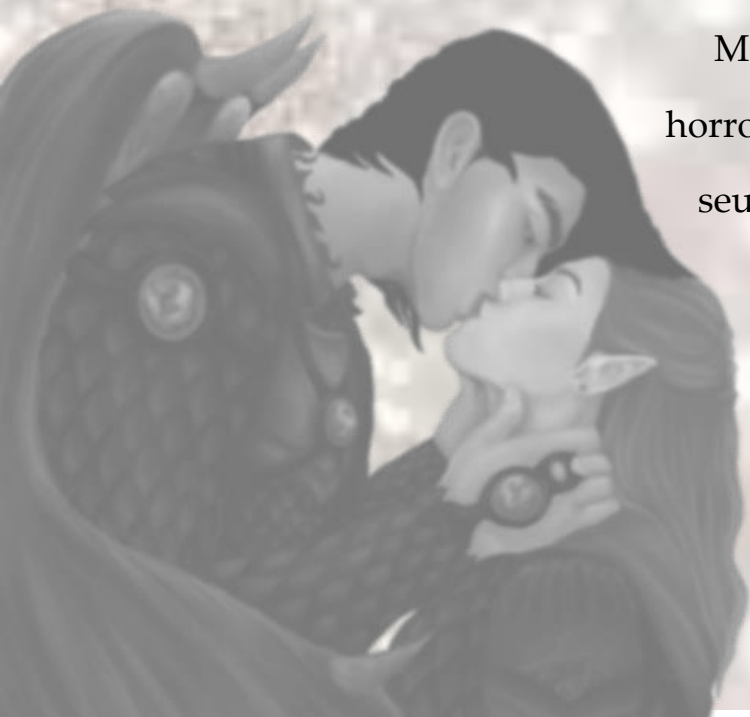
—Tudo bem, querubim, vamos descobrir isso. Juntos.

CAPITULO 17

Março, sete anos atrás

MEU PADRASTO ESTÁ VIVO. Eu olho horrorizada para ele enquanto ele levanta seu corpo ensanguentado do chão, o pescoço ferido ainda jorrando.

Eu sabia. Eu sabia que ele voltaria. Hugh Anders era grande





demais, terrível demais, poderoso demais para ser morto.

Eu tropeço para trás enquanto seus olhos se concentram em mim, e há uma raiva tão assassina neles. Ele nunca me olhou assim quando estava vivo. Havia um tipo diferente de doença em seus olhos então.

Mas agora que eu o matei, as coisas são um pouco diferentes. — Não, — eu respiro. Estou coberta de sangue e ainda me afastando dele. Meu salto desliza em uma poça e perco o equilíbrio.

Meu cotovelo bate no chão primeiro, o impacto fazendo meus dentes estalarem.

O monstro está vivo. Não acabou. Isso nunca vai acabar. Ele está me matando lentamente desde os doze anos. Ele está simplesmente aqui para terminar o trabalho.

Ele persegue em minha direção, o sangue ainda derramando de sua ferida no pescoço. Eu me movo para trás enquanto ele continua vindo para mim. — Você pensou que poderia me matar? — Ele diz, — Eu?

Oh deuses oh deuses oh deuses.

Ele vai colocar as mãos em mim. Eu não vou escapar desta casa, nunca.

Há batidas no fundo. Ou talvez seja o meu pulso. Ele estica a mão até mim. O barulho se espalha ao





meu redor. Mais alto, mais alto, mais alto. É tudo que ouço.

E então se quebra.

—Callie, Callie, Callie, — diz ele. —Callie, Callie,

Callie

- Callie, acorde!

Eu ofego, meus olhos se abrindo.

Olhando para mim, o Negociador parece meio louco, sua mandíbula cerrada impossivelmente apertada e suas sobrancelhas sentadas pesadamente acima de seus olhos selvagens. Seu cabelo claro está solto em volta do rosto.

Eu sugo uma respiração ofegante, enxugando a umidade nas minhas bochechas.

Um pesadelo. Não foi nada mais que um pesadelo.

As mãos de Des seguram meus braços, e agora eu estendo a mão e aperto seus antebraços duros, só para ter certeza de que ele é real.

Estou respirando pesadamente, e agora nós procuramos nos olhos um do outro. Ele está vendo tudo no meu – todos os pequenos pedaços escuros de mim que eu tranco durante o dia. No meio da noite, eles são despidos.

Eu odeio isso, ele está vendo o quanto eu estou com medo do meu passado.





Mas também estou vendo coisas que eu não deveria estar vendo em sua expressão. Como medo, preocupação. Ele está com todas as expressões cruas agora.

— Ele se foi, Callie, — diz o Negociador. — Ele se foi e ele não vai voltar.

Eu não me incomodo em perguntar de como ele sabe disso. Eu simplesmente aceno com a cabeça. É sobre o que ele e eu não falamos.

Então a consciência se infiltra. Des está na minha cama, e nossas mãos estão uma sobre a outra. Se ele fosse qualquer outra pessoa, a presença dele assustaria a vida para fora de mim.

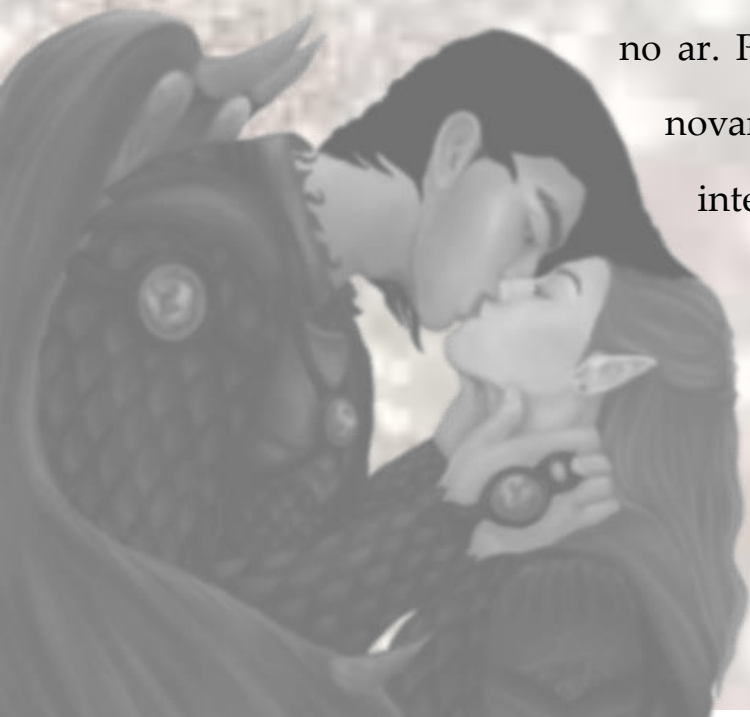
Mas Des é... Des é meu luar.

Uma brisa fria levanta meu arrepio e olho para além dele, para a janela acima da minha mesa. Apenas alguns pedaços irregulares de vidro ainda estão alojados no quadro. O resto do painel da janela estão espalhados em pedaços no meu chão.

Eu pisco algumas vezes, depois volto para o Negociador.

Ele levanta a mão para a bagunça e os cacos de vidro se erguem no ar. Pedaço por pedaço eles se encaixam novamente até que o painel de vidro esteja inteiro novamente. — Eu usei a janela.

— Você voou? — Eu pergunto, cética e um pouco curiosa. Eu ainda nunca vi como são as asas dele.





Ele dá um leve aceno de cabeça.

— Você não queria acordar, — diz ele, e eu ouço um fio de preocupação em sua voz.

Eu geralmente não acordo. Não quando estou tão longe nos meus pesadelos. Eu tenho que deixá-los acontecer.

— Como você soube? — Eu pergunto. — Sobre o pesadelo, quero dizer.

Ele ainda está procurando meu rosto, como se ele estivesse tentando se certificar de que estou bem. — Isso não importa. — Ele solta meus braços. — Vá para o lado.

Eu faço isso, e ele se instala ao meu lado, suas costas descansando contra a minha cabeceira. — O cara era um verdadeiro idiota, não era?

Eu sei que ele fala do meu pai.

Eu flexiono minha mandíbula e então aceno.

Juro que as sombras na sala se aprofundam, e lembro de mais uma vez quem está ao meu lado, ocupando todo o colchão. Por vários segundos estamos quietos enquanto a escuridão toma conta do meu dormitório.

Meu pulso está acelerado, em parte pelo sabor residual do meu sonho, e em parte pelo fato de Des aparecer do nada como uma espécie de salvador sombrio. E agora ele está a um fio de





distância de... Alguma coisa. Raiva, loucura, retribuição – ainda mal consigo ler o homem.

—Fique tranquila, querubim, — diz ele.

Depois, mais suave, —Não deixarei mais ninguém te machucar. — A violência que acompanha sua voz... É outro lembrete de quão feroz ele pode ser e de como sua reputação é bem-sucedida.

—Você vai... Ficar aqui? — Eu digo, escovando alguns fios suados de cabelo do meu rosto.

Ele foi bastante inflexível sobre não dormir aqui a algumas semanas atrás.

Ele está quieto por tanto tempo que eu suponha que ele não vai me responder.

—Sim, — ele finalmente diz, —Eu vou.

Dias atuais

—ENTÃO, QUAL É O nosso próximo passo? — Eu pergunto, meus olhos vagando sobre as fotos emolduradas na sala de estar do Negociador.

Des se senta ao meu lado no sofá e aperta o lábio. —Amanhã, gostaria de mostrar as guerreiras adormecidas. —





Sem querer, um arrepio corre através de mim. Só porque eu concordei com isso não significa que estou feliz em voltar ao reino de Des.

Mas sentar e deixar alguém foder comigo enquanto eu durmo também não é uma boa opção, então...

— Você acha que se eu ver as mulheres nos ajudarão a descobrir o que está acontecendo? — Eu pergunto.

Ele olha para os meus lábios. — Não, — ele diz claramente, — mas eu vou mostrá-las mesmo assim.

Eu olho em volta de nós, em sua sala de estar. — E depois disso?

O canto da boca dele se curva. — Eu vou te dar minhas anotações para ler, e nós vamos ver a partir daí. Fora isso, você vai pagar sua dívida e ficar em casa.

Preso na teia de aranha. Não foi isso que eu senti da última vez que Des me trouxe aqui? Que todas as coisas que aconteceram encaminharam para algum interesse dele, e eu não tinha como saber o que era.

Aquela estranha beleza faz dele olhar para mim sem remorso.

Ele pertence a uma raça de seres que mata selvagememente, brutalmente. Forçar-me a viver sob o seu teto e jogar seus jogos todos os dias não é particularmente cruel ou fora do personagem.





— Eu literalmente tenho que dormir dentro de sua casa todas as noites?

— Não se preocupe com isso, querubim.

Eu rio sem graça. — Isso não é uma resposta, Des.

O que acontece quando eu sair de casa para passar a noite com amigos? Eu vou morrer espontaneamente?

— Amigos? — Ele pergunta ironicamente. — É assim que você chama seus homens? Amigos?

Seus homens?

A única razão pela qual eu não me lancei do sofá e estrangulei Des é porque, como hoje cedo, eu detecto ciúmes em sua voz, e isso me deixa desnorteada.

Eu estreito meus olhos nele. — Você está presumindo muita coisa agora, — eu digo. — Eu estava falando sobre Temper, minha amiga feminina completamente platônica, seu idiota. — Ela e eu tínhamos festa do pijama de vez em quando. Então nos processe por não querer crescer.

Um canto da boca dele se enrola. — Você não vai morrer espontaneamente. Minha magia entende nuances.

A julgar pelo quão estranhamente ele ficou chateado agora, aposto que essas nuances não contam meus homens.





Meu coração começa a bater quando a realidade da minha situação se instala.

Vivendo com o Negociador.

Como isso vai funcionar, praticamente falando?

E se pagar minha dívida levar anos? E se eu tiver que assistir Des namorar outras mulheres? E se eu namorar outros homens?

Viver junto vai ser r-u-i-m. Ruim. Ruim. Ruim.

EU DESLIZO DE VOLTA para o meu quarto, puxando o telefone que eu lembrei de pegar mais cedo quando saí do meu lugar com Des. Eu rolo até o número de Temper.

Considerando que agora eu temporariamente moro em uma ilha, tenho que colocar meus assuntos em dia – a saber, tenho que avisar a Temper que eu ficarei fora do escritório por um tempo.

Eu não penso muito quanto tempo esse tempo pode ser.

Você sabia que um dia isso aconteceria, eu me aconselho.

Eu estava preparada para a possibilidade de ter que sair da West Coast Investigações enquanto pagava minha dívida com o Negociador. Isso não me deixa menos triste.

— Ei, vadia, — ela responde. — Como você está? — Ela pergunta.

Nós temos trocado mensagens uma para a outra o dia todo, então ela sabe que eu estou viva e bem e livre das garras da Politia. Mas ela





ainda não sabe que eu agora moro com Des, em grande parte porque sou uma galinha, e não sabia como dar a notícia a ela.

— Ei, Temper. — Eu esfrego minha testa, tentando manter minha voz leve.

— Garota, você perdeu um bom dia. Aquele cliente de cem mil que ligou perguntando por você? Bem, hoje ele veio aqui, e Opaaaa, aquele filho da puta é um espetáculo. Sem aliança de casamento, então o cara está no jogo. —

Eu mordo meu dedão. É a entrada perfeita e, no entanto, eu não a interrompo.

— Você precisa sair dessa Lista de Procurados, — continua ela, — porque a maneira como esse cara fica perguntando sobre você, estou começando a pensar que ele está interessado em misturar um pouco de negócios com prazer. E garota, você tem que estar morta para não querer este.

— Você deveria pegá-lo, — eu digo, e então eu estremeço.

Ela bufa. — Cadela, se ele estivesse aberto para isso, o acordo seria assinado, selado e entregue. Ele foi inflexível em trabalhar com você.

— Sobre isso... — Eu respiro fundo.

— Eu vou ter que tirar uma licença.

— E isso é novidade desde de quando? — Temper diz.





Eu puxo o telefone para longe e olho para ele por um momento.

Essa não foi a resposta que imaginei.

—Garota, você está na lista de procurados, — ela continua.

—Compreendo. Eu peguei seus casos até que você pudesse voltar.

Eu encosto contra a parede próxima. A lista de procurados.

Claro.

—Temper, eu te amo.

—Claro que você ama. Eu também te amo, senhorita sexy. Agora, — eu posso ouvi-la se mover em seu escritório, —eu ainda acho que você deveria falar com esse cliente. Quer que eu lhe passe o número dele?

—Não, — eu me apresso para dizer. Eu não quero me preocupar com os clientes além de tudo.

—Você está certa, — quase posso vê-la acenando para si mesma, —muito perigoso. Ele poderia te dedurar.

Não me incomodo em mencionar que essa ligação também pode ser rastreada.

Essas são todas as coisas que tanto Temper quanto eu, estamos bem cientes. O problema é que, quando você tem poderes como o nosso,





lidar com coisas incômodas como registros telefônicos é brincadeira de criança.

—Temper, — eu digo, minha voz baixa e um pouco rouca, —eu posso ficar fora por um longo tempo.

—Você não vai. Eu já estou trabalhando na remoção do seu nome, e uma vez que o Eli voltar, vou me certificar de que, quaisquer que sejam as cordas que ele puxou, ele as “despuxe”.

Eu estremeço com a ameaça em sua voz.

—Temper, não é apenas a lista de procurados. Eu queria que fosse apenas isso... — Eu reuni minha coragem. Agora, vamos para a parte difícil. — Você poderá ter que procurar por uma substituta.

A linha fica quieta por vários segundos. Finalmente, —Não.

O tom da voz de Temper levanta arrepios ao longo dos meus braços. Eu sei que se eu estivesse em seu escritório, o lugar estaria vibrando com isso. Este é apenas um vislumbre de seu poder magnífico e malévolo.

—Tudo bem, tudo bem, — eu digo, recuando sobre o assunto.

—Você não tem que encontrar alguém mais, mas a coisa é... O Negociador me recrutou para ajudá-lo com uma série de desaparecimentos no Outro Mundo, e enquanto isso acontece, eu vou ficar com ele.





Silêncio. Mas desta vez, quando a linha fica quieta, não parece sinistra como há alguns momentos atrás. Parece... Julgadora.

—O que? — Eu finalmente digo. —Nada.

Eu reviro meus olhos. — Apenas diga logo.

—Nada.

Eu espero.

Ela limpa a garganta. — Agora você está dormindo na casa do Negociador?

— Não por escolha!

— Hmhm

— Oh meu Deuses, Temper.

— Vadia, apenas me diga isso diretamente: você está se balançando na banana desse cara? É disso que se trata? — Ela pergunta.

— Não, não, não é assim. Isso é estritamente profissional.

— Mentirosa.

Ela bufa, vendo através de mim. — Ele sabe disso?

— Hum... — Eu realmente não sei como o Negociador se sente.

— Ok, querida, vamos nos reagrupar para uma verificação da realidade: você é uma sereia gostosa. Ele é um cara mal. Mal do tipo eu tive pesadelos com ele mal.





Ele quer suas mercadorias. Inferno, eu quero suas mercadorias, e sou hetera como uma flecha. Então, se você ficar aí, você sabe o que vai acontecer, eu sei o que vai acontecer, Jesus negro sabe o que vai acontecer, e mais importante, o Negociador sabe o que vai acontecer: vocês vão ter um caso sério.

—Temper, — eu gemo.

—Nem sequer aja como se não fosse verdade. E quanto à sua licença, não estou preenchendo sua posição. Faça o que você precisa fazer para sair daí, ou eu farei isso acontecer.

NAQUELA NOITE, eu me sento com Des em sua sala de jantar, as palavras anteriores de Temper ecoando em minha mente.

Ela pode ser poderosa o suficiente para enfrentar o Negociador, e isso me assusta.

Talvez eu devesse apenas ceder aos seus desafios... Eu me livraria das miçangas mais rápido assim. E fisicamente, eu me divertiria – oh, eu me divertiria; Com Des, não tenho medo de ficar íntima. Estou com medo da queda que com certeza vem em seguida.

Do outro lado da mesa repleta de comida, o próprio homem se inclina em sua cadeira, com as pernas bem abertas, o rosto todo de beleza





insolente. Essa é sua chocante, própria de realeza, aparência. Tudo o que ele precisa é sua coroa.

Meu olhar se move em torno de nós. A sala de jantar formal do Des é quase fantástica. Esculpida nas costas da cadeira estão todos os tipos de cenas do que eu só posso imaginar são contos de faes. Acima de nós, velas tremulam em um lustre de bronze martelado e as paredes são pintadas com cenas de um jardim iluminado pela lua.

Difícil imaginar que esse homem – esse bandido – encarregou alguém para projetar sua sala de jantar dessa maneira. Parece que os ovários explodiram por toda parte. Ovários elegantes e sofisticados, mas ovários, no entanto.

Sentada com meus saltos levantados em sua mesa, eu pego uma caixa de papelão. Eu mergulho meus pauzinhos e habilmente retiro vários macarrões.

Eu paro, no meio da mordida, quando percebo que Des está apenas me observando, sua expressão fascinada.

—O quê? — Eu olho para o meu peito, apenas para ter certeza de que não derramei nada em mim.

Foi ideia do Negociador nos buscar comida chinesa, mas ele não tocou em sua comida desde que nos sentamos.

—Você mudou.

Eu mudei, não mudei? Em algum lugar ao longo do caminho





eu fiquei um pouco mais endurecida. Talvez fosse Des partindo, talvez fosse minha linha de trabalho, talvez estivesse apenas crescendo.

Eu olho para ele. — Eu deveria estar ofendida?

— De maneira nenhuma, querubim. Eu acho todas as suas versões bastantes... intrigantes.

Intrigante. Essa é uma maneira de colocar isso.

Eu levanto as sobrancelhas enquanto mergulho meus pauzinhos na caixa novamente. — Você não mudou muito, — eu digo.

— Eu deveria estar ofendido com isso? — Des ecoa minhas palavras, sua voz mais rouca do que o habitual.

Eu coloco a embalagem branca na mesa e empurro o último dos alimentos para longe.

— Não, — eu digo.

Ele não deveria estar ofendido, mas eu deveria estar preocupada. As mesmas coisas que me fizeram apaixonar por ele há muito tempo estão me atingindo de novo.

— Hmm, — diz ele, segurando meu olhar por vários segundos.

Então, com um aceno de mão, as caixas de comida desaparecem da mesa de madeira escura.





—Você não queria nada? — Pergunto. — Eu não estou com fome.

Então, por que ele está aqui comigo?

—Você não tem que sentar comigo, — eu digo.

—Eu não sou mais uma adolescente carente.

Eu me encolho ao pensar naquela garota que coletou descuidadamente as miçangas do Negociador para passar apenas algumas horas com ele.

—Confie em mim, eu sei.

O silêncio cai sobre nós. No passado, nunca tinha sido assim. Lá, o silêncio foi sempre confortável. Inferno, havia noites que eu pedia para ele ficar e nós não conversávamos.

Mas agora nós dois temos toda essa bagagem não resolvida.

—O que estamos fazendo aqui? — Eu finalmente pergunto.

Qualquer coisa para tirar esse peso do meu peito.

O Negociador cruza os braços musculosos sobre o peito. —Você está pagando suas dívidas. —

—Pare com isso, Des, — eu digo. —Você e eu sabemos que não é isso que eu quis dizer. Ontem à noite, você ia me contar.

Ele se inclina, apoiando os antebraços na beira da mesa. —Mas só se você ficasse, Callie. Você não ficou.





—Eu poderia dizer o mesmo para você. —
Todos aqueles anos perdidos. —Você gosta
mesmo de mim?

—Eu beijei você, eu implorei para você ficar
comigo, passei a maior parte da semana passada com você. O
que você acha? — Ele diz suavemente.

Como uma resposta consegue ser tudo que eu quero ouvir...
enquanto também me faz querer arrancar meus cabelos?

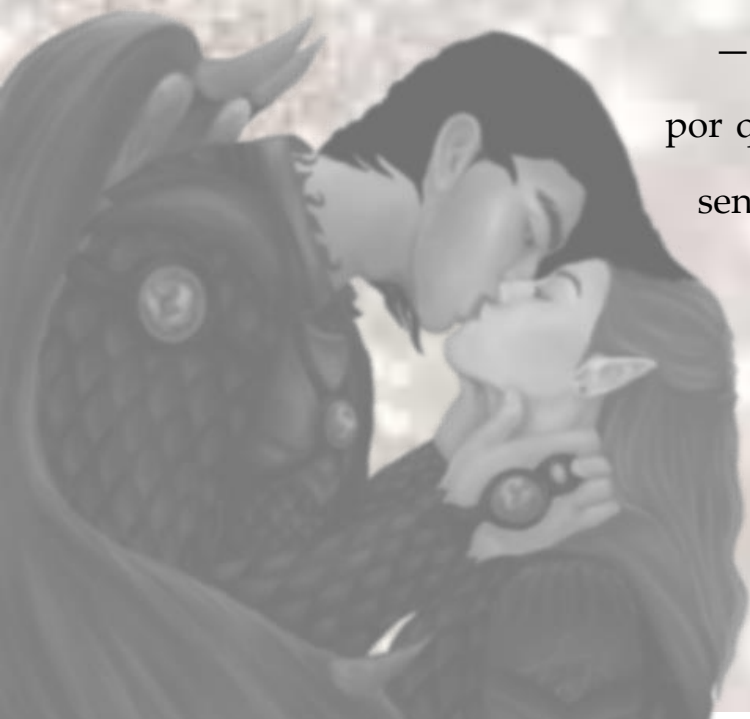
—O que eu acho? — Eu digo, balançando as pernas para fora
da mesa para que eu possa me inclinar para frente. —Não importa o
que eu acho. Isso é tudo que tenho feito nos últimos sete anos —
pensando no que deu errado. Estou cansada de tentar descobrir você.

Des se levanta, elevando-se sobre mim, mesmo do outro lado
da mesa. Ele descansa as mãos contra a superfície. —Há algo, Callie,
que você nunca me perguntou: como eu me senti sobre nossos sete
anos separados.

A audácia! —Isso é exatamente o que eu tenho perguntado a
você, — eu digo.

—Não, você está tentando descobrir
por que eu fui embora. Não como eu me
senti.

Apenas um fae faria esse tipo
de distinção. E, da minha parte,
sempre presumi que o que ele sentia





estava amarrado em por que ele partiu.

—Pergunte-me, Callie, — ele diz suavemente, seus olhos luminosos me suplicando.

Apenas olhando para ele... É difícil não ser sugada por sua beleza feroz e sua voz aveludada. É tudo tão dolorosamente familiar.

E agora ele está tentando desconstruir nosso passado e fazer algo que não era. E eu sou apenas uma otária por permitir que isso aconteça.

Eu não posso acreditar que estou prestes a dizer isso. —Como você se sentiu, me deixando? — Eu pergunto.

Ele segura meu olhar. —Como se minha alma fosse rasgada em duas partes.

Eu paro.

Ele está falando sério?

Eu sinto que meu mundo está sendo derrubado. —E os sete anos que se seguiram? — Eu respiro.

Ele olha para mim, inabalável. —Um pesadelo.

Ele está batendo um martelo nas paredes que eu construí em volta do meu coração, e ele está sistematicamente quebrando-as. E eu quero que ele faça isso. Se o que ele está dizendo é verdade, então talvez eu queira que ele supere todas as minhas defesas.





Por sua própria admissão, sua experiência parece pior que a minha.

—Se foi tão ruim, por que você não voltou para mim? — Eu pergunto, minha voz implorando.

O Negociador abre a boca, e acho que ele vai responder, quando em vez disso ele diz, —Verdade ou o desafio?

Você tem que estar brincando comigo. —Sério, Des?

Apenas quando nós dois começamos a desmiuçar o nosso relacionamento, ele para no caminho.

—Faça isso por mim e eu lhe darei algo em troca.

—Tudo bem, — eu digo, fixando-o com um olhar desafiador. —Desafio.

Seus lábios se enroscam em um sorriso satisfeito, saboreando minha resposta.

—Faça algo comigo que você sempre quis fazer.

Bem, merda.

Isso é o que eu ganho por desafiar o Rei da Noite. Eu engulo.

Existem tantas respostas inapropriadas para esse comando.

Porque sempre houve uma lista interminável de coisas que eu queria fazer com o Des.

Des espera por mim, seus braços pendendo frouxamente ao lado do corpo. Cautelosamente, ando em torno de sua sala de jantar, sua magia me obrigando.





Isso vai ser embaraçoso.

Eu paro na frente dele. Quando eu olho para cima, ele usa uma expressão séria.

Meu olhar cai para o queixo dele. Aquela mandíbula forte e afiada dele. Cuidadosamente, eu envolvo e aperto seu pescoço e puxo seu rosto para perto de mim. Ele se inclina para me acomodar.

Nossos olhos se encontram brevemente, o seu brilhando enquanto ele olha para mim.

Isso parece muito cru. Como se não estivéssemos ligados por dívidas. Como se eu fosse outra coisa além de sua cliente agora.

Ele não queria me deixar sete anos atrás.

Suavemente, eu passo um beijo ao longo daquela mandíbula definida dele.

Eu te perdoo por quebrar meu coração, eu penso quando eu o beijo.

Inclinando o rosto para o lado, pressiono outro beijo em sua mandíbula. Eu ainda quero você.

Outro beijo.

Eu acho que sempre vou querer.

Des fica parado, deixando-me rastrear beijos ao longo da sua mandíbula.

Tocando-o, beijando-o, extrai arrepios ao longo da minha pele.





Parece que há uma tempestade no horizonte, algo grande e imparável que está rolando. Algo que nos varrerá. E queridos Deuses, quero ser varrida.

A magia do Negociador continua a pressionar contra a minha pele. Eu mordo sua orelha, ganhando um baixo ruído de Des. Minha boca desce pela forte coluna de sua garganta, a sereia despertando dentro de mim. Arrastando a gola de sua camiseta para baixo, toco minha língua no oco na base de sua garganta.

A magia se dissipa.

Eu pisco várias vezes, como se estivesse acordando de um sonho. Minha boca ainda paira sobre sua pele. Com esforço, me endireito, soltando sua camisa.

—Você sempre quis fazer isso comigo? — Des pergunta rispidamente.

Sacudindo o último de meu torpor, eu aceno. Suas sobrancelhas estão apertadas juntas, sua boca severa.

—Desde que eu tinha dezesseis anos.

Naquela época, eu queria beijá-lo ao longo de sua mandíbula e pescoço, porque parecia romântico, erótico. Para uma adolescente que queria um relacionamento, mas tinha medo do sexo, beijar um homem parecia um bom compromisso.





Des cobre minha mão com a dele, segurando-a contra o pescoço, as narinas dilatadas com alguma emoção forte.

—Faça de novo, — diz ele.

Minhas sobrancelhas sobem. Então não foi tudo apenas na minha cabeça? Des sentiu aquela faísca entre nós também?

Eu deslizo minha mão da sua para inclinar sua mandíbula para mim. Mais uma vez meus lábios roçam sua pele.

Ele agonizou sobre o nosso tempo separados. Ele chamou isso de pesadelo. E eu acredito nele. Mas onde isso nos deixa? O que isso significa?

Minha boca desce pelo pescoço dele mais uma vez.

Des se mantém tão imóvel, como se o menor movimento me assustasse. E agora eu me pergunto pela primeira vez se ele já esteve inseguro sobre meus sentimentos por ele. Eu assumi que eles eram sempre óbvios, mas é como se nós dois tivéssemos nos impedidos de fazer esse movimento que exporia nossos verdadeiros sentimentos. Eu sempre achei que era porque ele não sentia nada por mim. Eu não

tenho mais certeza de que isso é verdade.

Meu polegar acaricia a pele de sua bochecha enquanto eu o beijo.

E agora estamos com medo um do outro. Isso é o que nós dois estamos. Com medo de ter esperança quando tudo que a





esperança já fez foi nos quebrar. Com medo de obter exatamente o que queremos.

E eu posso estar errada, Des pode realmente estar desinteressado em mim, apesar de todos os sinais. Mas vou parar de negar a possibilidade. E vou parar de negar meus próprios sentimentos.

Então, depois que eu termino de beijar sua garganta, minhas mãos alcançam a borda de sua camisa.

As mãos do Negociador apertam meus braços e eu posso sentir seu olhar curioso e aquecido em mim, mas eu o ignoro.

Não pense demais nisso.

Eu levanto a camisa para cima, me afastando apenas para ajudá-lo a tirá-la.

Meu olhar se move para seu peito esculpido. Eu corro meus dedos por cima do ombro dele, onde suas tatuagens diminuem. Seus músculos flexionam sob o meu toque.

Eu aliso minhas mãos sobre seus peitorais e pelo seu abdômen rígido. Eu estava errada antes quando eu disse que ele não tinha mudado. Quando eu era adolescente, ele nunca me deixaria tocá-lo assim.

Eu pressiono meus lábios entre sua clavícula e começo a beijar até seu esterno.

Eu arrisco um olhar para ele.





Des está olhando para mim... Ele está olhando para mim como se eu, pessoalmente, colocasse todas as estrelas no céu. Um segundo depois, ele fecha o olhar.

—Callie...

Ao nosso redor, o quarto escurece. Quanto mais ele pode ser empurrado antes que suas asas saiam?

Melhor pergunta: quanto mais posso empurrar isso até a sereia sair? Já posso senti-la exigindo participar. Ela vai acelerar-nos, ou ela vai fazer bem a sua ameaça anterior para resistir a Des.

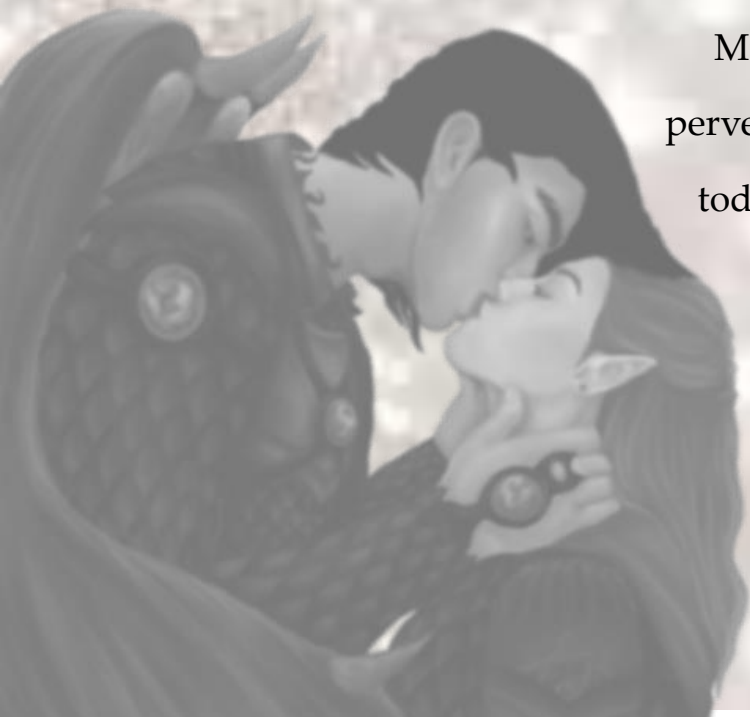
—Diga-me o que você está pensando, — eu respiro.

—Eu tenho medo de que, se eu fizer alguma coisa, você pare. — Eu o vejo engolir. —Eu não quero que você pare.

Eu paro para lhe dar um sorriso tímido, genuíno. —Eu não vou, — eu digo, pontuando minhas palavras pressionando um beijo em seu esterno.

Ele solta um suspiro. —Você continua fazendo isso e eu vou pegar mais favores.

Minha pele se acende. O sorriso perverso que se espalha pela minha boca é todo por causa da sereia. —Diga-me, — eu digo, encanto entrando em minha voz, —você tem pensado sobre o que eu te disse mais cedo?





Eu brinco com o botão de cima da calça de Des, passando a mão pela virilha dele.

— Sobre todos esses desejos sombrios eu teria prazer em cumprir, — eu continuo.

— Eu pensei sobre isso, — ele admite. Ele acaricia meu rosto, um pouco da paixão em seus olhos se transformando em algo... Mais doce. — Eu sinto muito, sereia. Eu tive que deixar você, eu não queria.

Eu franzo a testa enquanto desabotoo o topo de suas calças, a sereia em mim não está completamente certa do que fazer com suas palavras. O resto de mim sabe que ele é genuíno.

Ele realmente não queria me deixar. Isso muda tudo.

Ele pega minha mão assim que eu começo a puxar suas calças para baixo. — Não assim, — ele diz baixinho.

— Ainda se segurando? — Eu digo.

— Ainda me segurando por você, — ele corrige. Seu polegar roça a minha bochecha.

Suas palavras são outro golpe em minhas paredes. Ele está impiedosamente as derrubando.

— Agora, — continua ele, — é a minha vez, querubim, de fazer algo com você que eu sempre quis — diz ele.

Minha pele se ilumina com isso.





Ele me pega e, ainda sem camisa, me carrega pela sua casa. Eu recomeço a beijar a parte inferior de sua mandíbula, a sereia em mim ansiosa.

Tão, tão ansiosa.

Ele geme. — Nunca percebi como isso é bom. Por favor... Tenha alguma piedade.

Meu fôlego se agita contra sua pele, e eu ignoro seu pedido, beijando-o mais, meu sangue emocionando com a reação dele.

Um momento depois, suas asas aparecem. Eles se expandem, apenas para se curvar em torno de nós dois. Eu estico e acaricio uma.

— Jesus ...

Eu nunca pensei que Des se derreteria sob o meu toque. Isso eu posso me acostumar.

Movendo-se para seu quarto, ele força suas asas para trás para que ele possa me deitar em sua cama. Afastando-se, ele fecha os olhos.

Eu me empurro em meus antebraços, tentando descobrir o que ele está fazendo.

Um segundo depois, as asas de Des desaparecem. Só então ele se junta a mim na cama, apoiando-se na cabeceira da cama e me puxando contra ele. Minha cabeça aninhada em um de seus peitorais esculpidos, e minha respiração engata. Até a sereia em mim é capturada no momento. Ela





está acostumada a conduzir o show, mas agora quer ser seduzida – em vez de seduzir – agora mesmo.

Ele olha para mim, uma faísca astuta em seus olhos. — Confortável, amor?

Amor.

Essa é nova.

Eu sorrio como uma idiota.

Não tenho certeza de qual será o próximo movimento dele até que um laptop passe pela porta, aterrissando ordenadamente em seu estômago.

Meus lábios se abrem quando percebo o que está acontecendo, meu pulso na garganta.

Nossas noites de filmes. De volta à escola, costumávamos fazer isso o tempo todo.

Abrindo o laptop, Des clica em Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1.

— Nós nunca terminamos a de assistir juntos, então... Eu pensei que poderíamos assistir os dois últimos filmes.

Isso é o que ele sempre quis fazer comigo?

Minha garganta se contrai. Eu não tinha percebido que ele gostava





de nossas noites de filmes tanto quanto eu.

—Eu realmente gostaria disso, — eu finalmente digo, porque ele está esperando para ouvir alguma coisa.

Dando-me um pequeno sorriso, ele coloca uma mão atrás da cabeça e começa o filme. E então nos acomodamos, como costumávamos fazer. Pela primeira vez, nossa proximidade, nosso silêncio parecem tão confortável agora quanto anos atrás.

Duas horas depois, lágrimas estão silenciosamente escorrendo pelo meu rosto quando o filme termina. Eles escorrem pelo meu rosto e no peito do Negociador. Eu sinto seus olhos se virarem para mim. —Você está... Chorando? — Pergunta ele.

Dar com a língua nos dentes

Eu fungo. —Dobby era um amigo tão bom.

O Negociador faz uma pausa. Então seu estômago começa a tremer. Um segundo depois percebo que ele está rindo.

Ele inclina minha cabeça para que eu esteja olhando para ele. — Querubim, merda, você é muito adorável. — Com cuidado, ele enxuga minhas lágrimas com o polegar.

Adorável. Outro elogio que eu guardo. Mais tarde, quando estiver sozinha, vou retirá-lo e saboreá-lo.

O olhar de Des cai na minha boca e seu olhar vai de carinhoso a faminto. Ele hesita, e eu acho que





ele vai me beijar, mas então seus olhos se movem para o computador e ele sai do filme.

—Você ainda está bem para a segunda rodada? — Pergunta ele. Para ser sincera, deitada aqui no meu travesseiro humano, estou ficando com sono, apesar do fato de que o travesseiro humano manteve minha anatomia acordada por algum tempo.

—Eu ainda estou bem, — eu minto.

Como se eu fosse recusar isso. Eu gostaria de ver alguém tentar me afastar do corpo esculpido desse homem.

Eu juro que os olhos do Negociador não perdem nada enquanto ele olha para mim. Dando uma sacudida na cabeça, ele começa Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2, e eu me encosto no peito dele novamente.

Minha mente se move quando eu começo a assistir ao oitavo filme de Harry Potter.

Além de alguns beijos intensos e algumas pequenas tentativas, o Negociador não levou as coisas adiante comigo. E agora, para meu

desgosto, eu meio que quero que ele faça isso.

Especialmente, se estou sendo sincera comigo mesma, depois do que ele me contou esta noite sobre como se sentiu me deixando. Como se minha alma fosse rasgada em duas partes.





Ele admitiu seus sentimentos. Os deu livremente para mim. Eu ainda estou me recuperando disso. Para qualquer fae, isso é um grande negócio. Segredos são como moeda. Quanto mais você tem, mais poderoso você é.

Para um rei fae desistir de seus segredos? Eu posso apenas imaginar.

Eu me aconchego mais em seu peito, alguma estranha emoção leve me tomando.

Eu poderia me acostumar com isso.





CAPITULO 18

Abril, sete anos atrás

O NEGOCIADOR E EU saímos de um táxi.

—É estranho para você ir de carro em vez de voar? — Pergunto.

Estamos em outro trabalho dele. Alguém cujas dívidas ele precisa cobrar.

—Não é tão estranho quanto trazê-la comigo, — diz ele, pagando o nosso motorista.

Esta noite, nós dois ainda estamos na Ilha de Man, embora eu nunca tenha estado nessa parte específica dela. Eu acho que estamos no extremo norte da ilha. As casas nesta área particular são construídas juntas, muitas delas com pintura descascada e telhas de musgos.

—Você nunca vai me mostrar suas asas? — Eu pergunto, observando-o enquanto ele se afasta do táxi, colocando a carteira no bolso de trás de suas calças. Eu forço meus olhos a não se demorarem nele, ou no modo como suas roupas se agarram ao seu corpo musculoso.

Oh, queria ser essa camisa desbotada.

—Confie em mim, você não quer ver minhas asas, — diz ele, passando por mim, pela estrada pavimentada.





—Por que eu não iria querer? — Eu pergunto enquanto eu o sigo, tirando um macaron com pistache da bolsa que eu carrego. Fizemos uma parada no Douglas Café antes disso.

—Algo que você deve saber sobre faes, — diz ele por cima do ombro, —a única vez que nossas asas saem é quando queremos lutar ou foder.

Considerando a frequência e a profundidade das descrições das asas dos fae em meus livros didáticos eram, essas vadias deviam estar perdendo a cabeça o tempo todo.

Mas não Des, aparentemente. Eu nunca vi suas asas. Nenhuma uma vez. A boa notícia: até agora é que ele não quis me matar. A má notícia: ele também não quis agitar meu mundo.

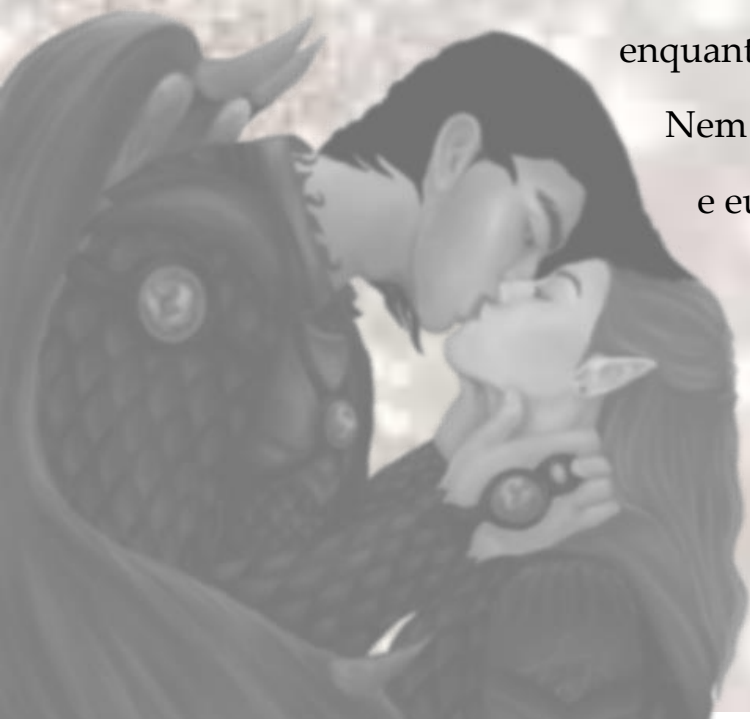
Droga.

Eu alcanço-o. —Você é um fae excepcionalmente bem-comportado— eu digo, dando uma mordida no macaron.

Doce menino Jesus, esses doces são bons.

Ele levanta uma sobrancelha, seus olhos indo para a minha boca enquanto eu limpo o resto do biscoito. — Nem sempre. Depois de algumas bebidas e eu sou um pesadelo. —

—Algumas bebidas, hein? — Eu digo, limpando as migalhas que escorriam pelo meu peito.





Isso é realmente tudo o que é preciso? Ele e eu bebemos juntos...

Ele deve ver meu interesse. —Querubim, me ver bêbado nunca vai acontecer.

Nossa conversa é interrompida quando nos aproximamos de uma casa de aparência modesta, a pintura especialmente desbotada.

Des bate na porta.

—Veja, tão bem-comportado para um fae, — eu digo ao lado dele.

Ele me dá um longo olhar de sofrimento, mas não responde. Quando ninguém atende a porta, Des bate novamente.

E mais uma vez, ninguém responde. —Idiota do caralho, — ele murmura, recuando. —Eu não acho que alguém esteja em — Des levanta um pé e chuta a porta de suas dobradiças, a força fazendo o metal gritar.

Meus olhos estão arregalados de choque quando ela cai para dentro.

Des parece com a morte que veio coletar uma nova alma quando ele se endireita, limpando pedaços de madeira de si mesmo. —Fique aqui, querubim.





Meu coração está na minha garganta, mas eu faço o que ele pede.

O Negociador entra lá dentro, as sombras da noite se agarram a ele como flocos de fumaça.

Ele desaparece no corredor.

Cada segundo de silêncio é agonizante. Eu como outro macaron para me distrair, mas tem gosto de serragem. De repente, eu me sinto como uma idiota, segurando minha sacola de macarons, esperando por esse rei fae impiedoso fazer sabe-se lá o que para a pobre alma que mora aqui.

Eu não deveria estar aqui. Boas garotas não fazem isso. E garotas más... Bem, eu não sou uma dessas eu sou?

Você matou um homem. Você é pior do que uma garota má.

Um grito soa de algum lugar dentro da casa, me assustando o suficiente para deixar cair o meu saco de biscoitos.

—Por favor, não me machuque! — Implora o homem dentro da casa.

Quando Des volta para o que resta da porta da frente, ele está arrastando um homem pela nuca. As sombras que se agarram ao seu corpo se aprofundaram. Eu olho incisivamente para suas costas.

Ainda sem asas.

—Só por ser difícil, você será cobrado som juro, — diz o





Negociador, arrastando-o para baixo os degraus da frente e para o gramado do homem.

—Por favor, por favor, eu pago, me dê uma semana.

—Eu não quero o seu pagamento em uma semana, eu quero agora. — Ele joga o homem na grama.

Por cima do ombro, o Negociador diz para mim, —Pegue seu saco, querubim. É rude jogar lixo no chão.

—Diz o homem que acabou de destruir uma porta, — murmuro enquanto pego o saco, meu olhar fixo no que está acontecendo na minha frente.

O Negociador me lança um sorriso. —Eu não produzir lixo, foi invasão de propriedade. — Ele faz uma pausa, e eu ouço uma série de gemidos estranhos atrás de mim. —E agora é só propriedade.

Sem olhar, sei que ele consertou a porta.

—Anotado, — eu digo, o início de um sorriso se formando em meus lábios.

Pela segunda vez esta noite, os olhos do Negociador vão à minha boca.

frente dele, seu cliente treme no chão, seu olhar encontrando o meu. —

Por favor, me ajude, — ele implora.

Todo o humor é drenado do rosto de Des quando ele se vira.





O Negociador pisa na minha frente e eu juro que a noite escurece. — Você não deveria ter feito isso. — O trovão ressoa à distância.

Des vai até o homem trêmulo, que agora está se arrastando para longe dele. O Negociador coloca uma bota no peito do homem.

— Dê-me o nome, — Des exige.

— Eu não sei do que você está falando.

Des dá um tempo ao homem por vários segundos, depois acena com a cabeça. — Tudo bem, Stan. Levante-se.

Não se levante, Stan, seu tolo.

Mas Stan o Tolo se levanta, uma faísca incrédula de esperança em seus olhos. Como se o Negociador já tivesse liberado um homem de suas dívidas.

— Vamos, — Des empurra a cabeça para um carro batido estacionado na frente da casa, — entre.

Agora Stan hesita, confuso.

O Negociador já está caminhando em direção a ele. — Chaves, — ele exige.

Quando Stan não os entrega, eles saem do bolso dele por vontade própria.

Des os pega no ar.

Ele bate no capô do veículo. —

Entre. Agora.





—O que você está fazendo? — Stan exige.
Eu posso ver o branco de seus olhos.

—Nós vamos visitar o Outro Mundo. — Des
desbloqueia a porta do lado do motorista. — E uma vez
que chegarmos lá, eu vou te dar como alimento para os filhos
das putas mais assustadores que eu conheço.

Isso é o suficiente para quebrar o poderoso Stan. O homem
começa a choramingar mesmo quando ele entra no fundo do carro, e
seu medo é o som mais lamentável de todo o mundo. Eu faço uma
careta para ele. É como se ele não soubesse que esse dia chegaria
quando ele comprou um favor do Negociador.

Quando os olhos de Des caem em mim, eles suavizam. —
Desculpa, querubim, pelo fim da nossa noite. Eu vou te deixar no seu
dormitório. Entre.

Fui para o carro e deslizei para o banco do passageiro da frente,
o interior cheirando a fumaça de cigarro. Mais suplicas vem da parte
de trás. —Por favor, você não entende, — diz Stan, inclinando-se para
frente, — Eu tenho uma família.

—Você tem uma namorada distante e
dois filhos com quem não gasta tempo ou
dinheiro. Acredite em mim, eles estão
melhores sem você. — O Negociador
encosta na estrada escura.





—Eu não quero morrer. — Stan começa a chorar. —Então me diga o que eu preciso saber, — diz Des.

—Você não entende, — lamenta Stan, —ele vai fazer coisas piores do que me matar.

Mais uma vez a escuridão se expande ao redor de Des. —Você sabe quem eu sou, Stan, — diz o Negociador, com a voz gelada. — Minha reputação me precede. Então você já ouviu falar do que aconteceu com clientes anteriores que tentaram me enrolar.

Mais soluços.

—E eles pagaram, — diz Des, sua voz sinistra. —Antes de morrerem, pagaram.

Ah, merda.

Stan chora mais forte, e quando olho por cima do ombro para ele, uma bolha de catarro se formou em uma de suas narinas.

Isso é errado.

—Por favor, — ele implora, mais suave, —por favor. Eu tenho... eu tenho uma família. Eu tenho ...

Talvez seja a bolha de catarro, talvez seja o fato de que um homem adulto está sendo covarde, e talvez seja que eu tenho que sentar em um carro fedorento e assim não posso comer meus macarons em paz, mas esse homem





está meio que arruinando minha noite inteira sendo difícil.

Eu deixo a sereia sair, um brilho suave correndo sobre minha pele enquanto eu viro meu corpo para encarar Stan.

—Querubim— Des adverte. Tarde demais.

—Cumpra seu juramento ao Negociador e diga a ele o que ele precisa ouvir, — eu ordeno, encantando o cliente do Negociador.

—Agora.

Stan passa uns bons segundos lutando contra sua boca, mas ela o trai. Ele começa a chorar mesmo quando diz, —Eles o chamam de Ladrão das Almas. Eu não sei o nome verdadeiro dele, ou o nome das pessoas que fazem o trabalho sujo dele.

Ao meu lado, a boca do Negociador é uma linha fina e irritada.

—Ele tem muitos corpos e nenhum deles...— Sua voz desaparece em soluços. Em algum lugar lá eu o ouço murmurar, — Sua puta.

Des pisa nos freios e o carro para. Um momento depois, ele está fora do carro, puxando Stan pelos cabelos.

Ele arrasta o homem para a escuridão, e posso dizer que ele se camuflou nas sombras pela maneira como a noite se aprofunda.

Eu ouço Stan gritar, e o som substancial de carne batendo em





carne. Então, isso também fica distante. Finalmente, há silêncio. Vários minutos passam assim, e estou meio convencida de que o Negociador esqueceu de mim.

Mas então, aparentemente do nada, Des desce a uma dúzia de metros do lado do passageiro do carro, esfregando os nós dos dedos. —Você voou! — Eu digo, maravilhada. Ele também fez Deuses sabe o que com o Stan, mas eu não vou me demorar sobre isso.

O Negociador não iria matá-lo. Certo?

Des não responde às minhas palavras, e é só quando ele se aproxima que eu percebo que ele está chateado.

Ele abre a minha porta e me puxa para fora, me segurando perto. —Nunca mais faça isso, querubim. — Seu peito está levantando. — Nunca mais.

O encanto?

—Mas eu te ajudei, — eu digo.

Ele aperta meus braços, um músculo aparecendo em sua bochecha. —Você colocou um alvo em suas malditas costas. —

Eu ainda não entendi. —Eu fiz a mesma coisa em Veneza.

—O que também foi um problema— diz ele, —mas isso é diferente. Você fez um homem que





estava disposto a morrer por seu silêncio falasse.

— Ele deixa isso pairar no ar.

Ele estava disposto a morrer por seu silêncio.

Uma lasca de medo floresce. Eu não tenho levado os negócios de Des a sério. A prova cresce em meu pulso. Para mim, eles sempre pareciam jogos. Jogos macabros, violentos, mas jogos, no entanto.

E os jogos não são reais.

Mas isso é real, e porque eu interfeiri, eu poderia arruinar a vida de alguém – bem, arruinei mais do que já estava arruinado.

Des aperta sua mandíbula. — Quantas meninas podem encantar alguém? Apenas pense sobre isso por um segundo.

Eu não sei.

Ele se inclina mais próximo. — Somente algumas preciosas. — Seus olhos se estreitam. — Você sabe o que acontece se alguém vem atrás daquele homem? E se esse alguém fosse aquele que não queria que Stan falasse em primeiro lugar? Eles vão torturá-lo, e que fidelidade Stan tem com você? Ele vai gritar assim que puder, e então quem ele tem tanto medo vai vir atrás de você.

Jesus.

— Eu posso fazê-lo esquecer, —
eu digo, minha voz aumentando. —
Basta trazê-lo de volta para mim. —





Eu olho por cima do ombro de Des e na escuridão.

—Fazê-lo esquecer não vai mudar a situação,
— diz o Negociador. —Se a pessoa errada estivesse interessada o suficiente, eles poderiam sentir seu encanto mesmo sem o auxílio da memória de Stan. E então eles poderiam rastreá-lo de volta para você.

Eu sinto minha náusea subindo. Não apenas em meu próprio nome, mas porque minha intromissão pode ter atrapalhado Stan e Des também.

O mais importante de tudo é que achei que o Negociador ficaria impressionado – até mesmo orgulhoso. Eu me provei útil.

Eu soltei uma respiração instável. —Eu sinto muito, — eu digo baixinho.

Os olhos de Des procuram os meus e pouco a pouco sua raiva se evapora. Ele me puxa para ele, envolvendo seus braços em volta de mim. —Não é sua culpa, — diz ele, sem emoção. —Eu nunca deveria ter trazido você. Eu fui um tolo em deixar você me convencer em primeiro lugar.

Eu fico rígida debaixo dele. Por mais complicado que seja, gosto de acompanhá-lo.

—Eu quero continuar vindo junto com você, — eu digo.





—Eu sei, querubim. Mas nenhum de nós pode viver assim. —

Suas palavras fazem meu coração bater mais forte, embora eu não tenha certeza se sinto medo ou excitação. Eu acho que tudo depende das razões dele.

—Assim como? — Eu pergunto.

Ele apenas me aperta mais forte. —Nada. Esqueça que eu mencionei isso tudo.

Dias atuais

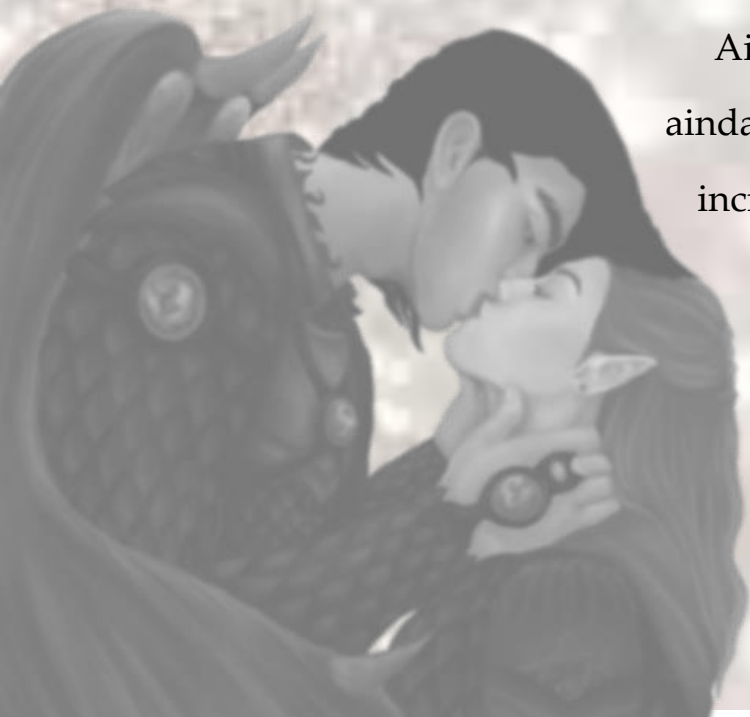
EU ACORDO COM uma quase escuridão total. Uma perna grande foi jogada sobre a minha e um braço está enrolado no meu meio.

Des.

Em algum momento durante o último filme de Harry Potter eu adormeci em seus braços, meu corpo contra o dele. E nas horas seguintes, fui puxada contra o peito dele, seu corpo quase envolvendo o meu.

Ainda estou vestida, assim como ele, e ainda assim algo sobre isso parece incrivelmente íntimo.

Eu esfrego meus olhos, atordoada, observando o quarto escuro. As sombras de Des





espreitam em todos os cantos, a visão delas me faz sentir... Segura.

Eu começo a me mover, apenas para Des me apertar, me puxando ainda mais para perto. Eu soltei um gritinho. Eu sou um ursinho de pelúcia de um homem crescido no momento.

O Negociador se agita, acariciando a parte de trás da minha cabeça. — Você está acordada? — Ele pergunta, sua voz rouca.

Em vez de responder, levanto a cabeça e olho nos olhos dele. Se foi a sua vantagem calculista, se foi a sua vontade. Longe estão os escudos que ele se esconde atrás.

Agora ele é apenas um homem feliz e com sono.

Ele estende a mão e passa o polegar pelo meu lábio inferior. — Eu menti para você mais cedo, querubim, o sono te favorece muito. —

Eu sinto meu rosto corar. Eu não sei como ele vê minha reação na escuridão, mas seus olhos se movem para minhas bochechas. — E corar também. —

Timidamente, estendo a mão e passo pelas madeixas brancas de Des. — Diga-me outro segredo, — eu digo.

Sua boca se contorce. — Você dá a uma sereia um segredo... E ela pede outro.





— Você tem muitos deles, — eu digo. — Não seja um Grinch.

Ele solta um longo suspiro de sofrimento, mas o efeito é arruinado pelo sorriso se espalhando por seus lábios.

Ele se aproxima mais. — Eu não ia te dizer isso, mas se você quer um segredo... —

Eu espero.

— Você babou no meu peito durante o segundo filme, — ele confessa. — Para ser honesto, achei que você estava chorando de novo.

Eu empurro ele, rindo apesar de estar com vergonha. — Não é isso que eu quis dizer quando pedi um segredo!

Ele rola de costas, passando um braço em volta da minha cintura e me levando com ele. E agora ele está começando a rir também. — Eu não faço as regras, querubim, eu apenas as dobro.

Eu o monto, inclinando-me para perto. — Eu deveria ser uma exceção. — Eu nem sei o que me faz dizer isso, mas é tarde demais para voltar atrás.

Espero Des levantar uma
sobrancelha e devolver as minhas
palavras com a língua felina dele.
Mas em vez disso, seu rosto ficou
sóbrio, sua expressão ficando séria.





—Você é. — Seus olhos caem para a minha boca, seus dedos pressionando minha pele.

Na maioria das vezes esse homem me deixa confusa. Mas não agora. Agora ele e eu estamos exatamente na mesma página.

Lentamente, eu abaixo minha cabeça e pressiono minha boca na dele.

O que é melhor do que acordar com Des de manhã? Beijar Des de manhã.

Meus lábios roçam sobre os dele, saboreando o gosto dele. Ele me puxa para mais perto, fazendo um barulho gutural enquanto ele aprofunda o beijo, trabalhando sua língua na minha boca.

Isso parece um negócio inacabado. Ele e eu somos aquela tempestade no horizonte, mas agora, finalmente, aquela tempestade está chegando.

Eu me movo contra ele, querendo mais, impaciente por isso. — Callie, — ele diz, com a voz tensa, — não pode fazer isso, amor. — Lá está de novo.

Amor.

—Diga isso de novo.

— Amor?

Eu aceno, apertando-me mais contra ele. — Eu gosto disso. — Eu me movo contra ele novamente, apesar de seus avisos.





Ele faz um som de dor. — Eu também, — ele respira.

Deslizando a mão entre nós, eu desabotoo as calças e coloco minha mão dentro dela.

— Eu realmente gosto. — Des solta um suspiro.

— Cuidado, — ele adverte contra meus lábios. Seus olhos dizem uma coisa totalmente diferente. Eles estão me desafiando a ir mais longe.

Eu saio de sua boca. — E se eu não quiser ser cuidadosa? — Eu digo, o segurando. Minha respiração se aprofunda com a sensação dele. Nunca fiz isso com ele. Parece mais certo do que o nosso beijo.

— E se eu não quiser que você tenha cuidado? — Eu pontuo minhas palavras, movendo minha mão para cima e para baixo. Para cima e para baixo.

Ele balança contra mim.

Eu me inclino para perto. — O Negociador difícil não é mais tão difícil.

— Callie.

— Amor, — eu corrijo, a sereia começando a infiltrar-se em minhas palavras.

— Amor, — ele diz, — Eu estava planejando isso... De outro... Jeito.

— Que pena, — eu digo.





—Mulher má, — diz ele, sua boca se curvando em um sorriso.

Estou tentada a levá-lo ao limite, apenas para parar. Isso é o que a sereia quer. Desfrutar de sua luxúria e, em seguida, o fazer sofrer.

Mas uma parte maior de mim quer levar isso até o fim. Esse homem que me deixou, mas agonizou sobre isso. Esse amor que pareceu ter inveja dos meus ex. Este rei geralmente polido que vai gozar em suas calças, porque eu quero que ele desmorone sob o meu toque.

Eu o observo com admiração, minhas pálpebras preguiçosas. Suas maçãs do rosto altas são ainda mais afiadas neste ângulo, seus olhos astutos focados no meu rosto enquanto suas mãos apertam minhas coxas.

—Muito bom, Callie.

Eu movo minha mão mais rápido.

Ele solta outro suspiro, suas mãos se movendo sobre mim como se estivessem tentando encontrar exatamente o que querem tocar, mas não conseguem decidir. Eventualmente, elas se estabelecem nos meus quadris.

Eu trabalho com ele, sentindo seu corpo tenso abaixo de mim. Ele geme. —Vou gozar... —Eu me inclino e o beijo enquanto ele empurra contra mim, de novo e de





novo e de novo. Seus dedos se apertam contra a minha carne, tentando me puxar para mais perto dele.

Eu sorrio contra sua boca quando eu finalmente o sinto relaxar.

Ele respira pesadamente contra mim, apoiando a testa na minha. — Você quer saber um verdadeiro segredo? — Ele diz.

Eu aceno com a cabeça contra ele.

— Eu quero acordar com você todas as manhãs.

DESTA VEZ, quando nos dirigimos para o Outro Mundo, eu sei o que fazer.

Nós cruzamos, chegando a outro conjunto de ruínas fae – este aqui é um círculo de pedra composto de estátua após estátua de homens e mulheres faes solenes – antes de Des nos levar para seu palácio.

Ele me segura perto, e eu o pego mais de uma vez me encarando com um olhar desprotegido em seus olhos.

Como se ele quisesse mais de mim.

Eu nunca dei a ele a chance mais cedo. Logo depois que ele gozou, eu saí de sua cama.

Por que eu corri? Talvez porque eu estivesse com medo do que fiz ao nosso relacionamento. E





talvez porque eu queria dar a ele algo para fixar, da mesma forma que eu me fixei em sua confissão na noite passada.

Só agora eu estou começando a fixar nesta manhã também. Com cada olhar acalorado que ele me dá e a cada promessa silenciosa em seus olhos que ele vai terminar o que eu comecei. O rei fae está com fome e está acostumado a conseguir o que quer.

Eu tento me concentrar na tarefa –visitar as guerreiras adormecidas – mas não adianta. Estou mais ciente do Negociador do que nunca.

Nós atravessamos a cobertura de nuvens, e mais uma vez eu vejo a magnífica cidade dele.

—Como se chama? — Eu pergunto, acenando para a cidade flutuante do Negociador.

—Somnia, — ele responde, sua respiração fazendo cócegas na minha orelha. — A terra do sono e pequenas mortes. A capital do meu reino.

A terra do sono e das pequenas mortes. Isso soa sombrio e mágico... o que descreve Des em poucas palavras.

Ele se inclina bruscamente para a esquerda, circulando a cidade quando começamos a descer. As pessoas se esgueiram





para os terraços e para as ruas para nos ver pousarmos. Mais algumas se reúnem fora dos portões em frente ao castelo.

— A próxima maior cidade, — continua o Negociador, — é Barbos, então é Lephys, depois Phyllia e Memnos - cidades irmãs ligadas por uma ponte. Arestys é a menor, mais pobre... — Sua expressão escurece.

— Todas são cidades flutuantes? — Pergunto.

— Elas são.

— Eu quero vê-las.

O que estou dizendo? Certamente isso não veio da minha boca?

A última coisa que quero fazer é passar mais tempo no Outro Mundo.

Des olha para mim.

— ...Começando com Arestys, — acrescento sem fôlego.

Sério, Callie, sua vadia louca, pare de falar.

Mas eu não posso, não quando ele está me olhando assim. — Então eu vou levá-la para todas elas, — diz ele, seus olhos prateados brilhando como se ele não conseguisse ter o suficiente das minhas palavras.

Eu poderia muito bem ter martelado o último prego no meu caixão.

Você teve que abrir sua boca...

Des sobrevoa a frente do castelo, e ao contrário da grande entrada que fizemos da última vez,





nós dois pousamos suavemente em um dos terraços dos fundos do palácio.

Ele me coloca de pé antes que suas asas desapareçam.

—Nenhuma entrada extravagante desta vez? — Eu pergunto.

—Hoje à noite eu não queria compartilhar você. — Suas asas brilham ao se retirarem enquanto ele fala.

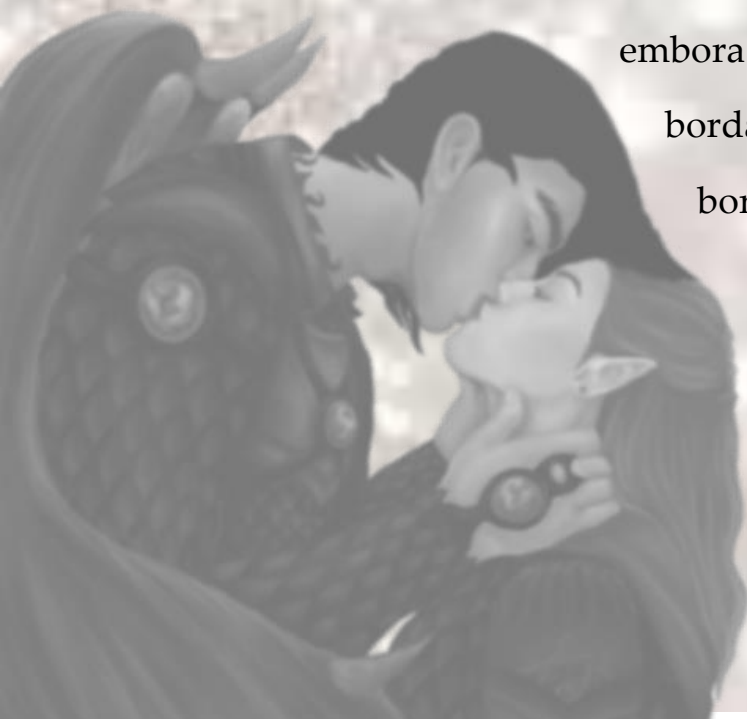
Assim que suas asas desaparecem, sua simples coroa de bronze se materializa. Sob a camiseta preta que ele usa, vejo também a mais baixa das três faixas de guerra de bronze.

Eu sorrio ao vê-lo, meu rei tortuoso, com sua camisa puída e coroa simples. Agora ele não parece nem fae nem humano. Ele parece algo melhor que qualquer um.

Casualmente, ele pega minha mão e me leva para dentro do palácio. Seguimos por um corredor largo e por uma sala cheia de espadas e cetros à mostra.

Os faes que passam por nós nem olham para o traje de Des, embora eles mesmas usem vestidos bordados, túnicas e ternos com botões e bordados extravagantes.

O que seus súditos encaram sou eu. Eu e minha mão, entrelaçadas na do rei. Quando os





vejo olhando, eles se curvam, murmurando
Vossa Majestade para nós quando passamos.

Estou ansiosa para remover a minha mão,
mesmo que seja apenas para impedi-los de olhar. Des,
porém, não se incomoda com nada disso.

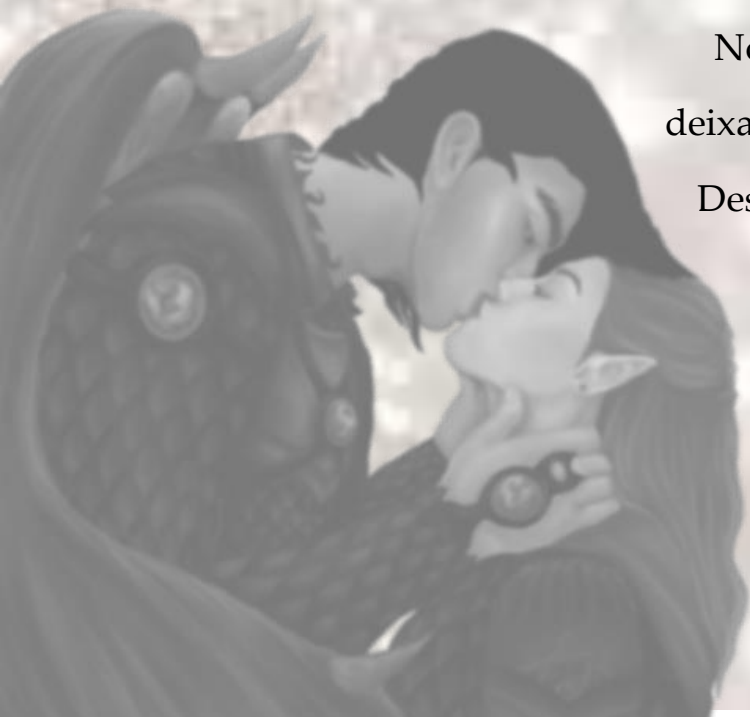
Ele me leva para fora do palácio, descendo por uma passagem
suspensa em arco que liga duas das torres do castelo, e tenho um
momento para observar a arquitetura arrebatadora deste lugar. O
palácio fica no ponto mais alto de Somnia, o resto dos edifícios caindo
por todos os lados.

A partir daqui o mundo parece ser composto de milhares e
milhares de estrelas, cada uma mais brilhante que a anterior. Abaixo
de nós, níveis e níveis de casas de pedra branca pontilham a terra,
alguns até abaixando abismos cortados na cidade. Dá um significado
totalmente novo ao termo fae sob a montanha.

Mais uma vez eu estou impressionada com o quão mágico,
quão impossível, este lugar é. A cidade dos sonhos e pequenas mortes
parece algo de um sonho. Algo que eu tenho certeza que vou acordar.

Nós dois entramos em outra torre,
deixando o céu noturno mais uma vez.

Des nos leva por mais alguns corredores
até que, eventualmente, paramos em
frente a uma porta de bronze batido,
a parte superior curvada como um





arco marroquino, e ele me conduz para dentro.

Assim que entro, percebo onde estamos. Os aposentos do rei.

Eu deveria saber a partir da porta solitária que estávamos indo para cá, mas eu assumi erroneamente que o Negociador estava me levando direto para ver as mulheres dormindo.

Uma luxuosa sala de estar se estende diante de mim e, além dela, uma grande sacada. À esquerda, vislumbro a mobília do quarto. À direita é algo como uma área de jantar.

Lâmpadas de bronze são montadas ao longo das paredes, aquelas mesmas estrelas de luz que eu vi na última visita flutuando dentro de cada caixa de vidro.

Quando me viro para olhar para Des, as sombras se fecharam ao redor dele. Atrás de seus ombros, suas asas dobradas se movem inquietas, como se não pudessem se sentir confortáveis. Elas estão fora desde que desembarcamos.

A fome em seus olhos...

Ele pega uma das minhas mãos e beija meus dedos.

—Verdade ou desafio? — Ele sussurra. Ele tem pensamentos carnavais em sua mente desde aquele pequeno e prático toque de





despertar que eu dei a ele esta manhã.

...E eu também tenho. —Desafio.

Suas narinas se abrem.

Um suspiro e ele está na minha frente, e no próximo eu estou enrolada em seus braços, seus lábios quentes nos meus. Ele me leva através de seus aposentos para o seu quarto, me beijando o tempo todo.

Lâmpadas pendem do teto alto, uma pequena explosão de luz brilhando em cada uma delas. Do outro lado da sala, uma linha de janelas com aquele distinto arco marroquino envolve um conjunto de portas duplas que levam à varanda.

O Negociador me coloca em uma enorme cama com uma cabeceira de bronze batido, seus olhos brilhando na luz. Ele não me segue até o colchão, preferindo ficar ao pé da cama e olhando para mim.

Ele cai de joelhos, uma mão acariciando minha perna, alguns de seus cabelos loiros brancos deslizando sobre o rosto.

Não, eu quero ver a expressão dele. Eu me empurro para cima e estendo o braço para frente, afastando o cabelo do rosto dele.

Ele se inclina para o toque.

Ambas as mãos envolvem minhas pernas. —Quando o pagamento começar, a magia ganha





vida própria, Callie. Você ainda quer o meu desafio?

A julgar por onde estamos, como Des está me tocando, e o calor em seus olhos, eu sei que isso vai ser algo físico.

Eu deveria dizer não. Eu deveria me proteger de mais envolvimento emocional com esse homem. Mas depois da noite passada e desta manhã, decidi tentar uma nova tática. Uma onde eu sou corajosa com meu coração — Sim.

O triunfo explode em seus olhos. Ele empurra meu peito de volta para baixo. Já posso sentir a magia se formando ao nosso redor, esperando, esperando. Diferentemente da maioria das outras vezes em que sentir isso acontecer, agora o poder do Negociador é quente, agradável, como se estivesse lá apenas para aumentar a experiência. Mãos retornam para minhas panturrilhas, ele me puxa para a beira da cama, minhas pernas penduradas no colchão, o vestido de chiffon que eu vesti está agora quase ao redor da minha cintura. As mãos de Des deslizam, sobre meus joelhos e ao longo da parte interna das minhas coxas.

Eu suspiro quando seus dedos roçam a calcinha rendada que estou usando.

A respiração de Des engata quando ele puxa meu vestido para





cima, dando uma boa olhada na minha lingerie.

— Como eu imaginei... — ele murmura, seus olhos vagando sobre mim, — e nunca lhe fiz justiça.

Ele imaginou isso?

Enganchando os dedos em torno das bordas da renda, ele arrasta minha calcinha, me descobrindo centímetro por centímetro.

Sob meu desejo crescente, estou com medo.

O destino é cruel demais para lhe dar mais do que uma amostra do que você quer. Receio que isso seja a minha amostra.

— Querubim, — Des diz, jogando minha calcinha de lado. Ele olha para o meu núcleo, hipnotizado, — Eu vou fazer você se sentir bem. Tão, tão bem.

Empurrando meu vestido ainda mais alto, seus lábios começam a beijar a pele logo abaixo da minha barriga.

— Des... — Meu coração vai martelar para fora do meu peito. Eu lambo meus lábios, minha garganta seca.

Des corre um dedo sobre o meu núcleo. Eu suspiro de surpresa, minha pele começando a clarear.

Ele faz isso de novo e agora meus quadris se movem. Um som baixo vem de Des.

Um dedo mergulha em mim e minha mente fica totalmente vazia.





Ele desliza outro dedo e eu solto um gemido baixo. —É isso, Callie.

—Des. — Eu preciso de mais. Muito mais.

Ele remove os dedos e, enquanto eu assisto, ele os lambe um por um.

Isso é tão obsceno. E Senhor me ajude, estou excitada com isso.

Ele solta um gemido. —Melhor que a minha imaginação. —

Ele engata uma das minhas pernas por cima do seu ombro, depois a outra, me abrindo para ele. É tudo muito indecente. Os olhos do Negociador se movem do meu núcleo para os meus olhos.

—Aviso justo: eu não vou parar até você gozar. — E então ele se inclina.

Ao primeiro toque de sua boca, eu sugo o ar. Vai ser demais, eu já posso dizer.

Ele lambe meus lábios internos, dando um beliscão aqui e ali, me provocando. Em breve vou fazer sons dos quais não me orgulho. Eu não sei o que fazer com minhas mãos, então eu torço elas nos lençóis.

—Meu querubim. Tão doce, tão sensível, — ele diz entre beijos, sua voz áspera.

Jesus, esse homem não estava mentindo quando disse que ele era o soberano – ou rei, alguma coisa – do sexo. Oral já foi tão bom assim?





Essa é uma pergunta retórica. A resposta é não. E ele nem chegou ao meu clitóris ainda.

Ele brinca comigo, e eu não me importo porque o Negociador está entre as minhas pernas e ele não vai parar até eu gozar.

Mas então ele para de brincar comigo e, de repente, ele vai ao que interessa. Sua língua se move sobre o meu clitóris, de novo e de novo.

Oh Deuses.

Muito. Isso é muito. Meus quadris se movem por conta própria, meu corpo brilhando mais do que aquelas luzes penduradas por todo o quarto. Eu não aguento isso.

Eu tento me afastar, longe da boca dele, ofegante. — Ah, ah, querubim, — ele diz, me arrastando de volta, — você não vai a lugar nenhum. Não até eu terminar com você.

Ele não vai me libertar. Ele não vai me libertar, e eu estou me esfregando contra ele.

Eu soltei um soluço estrangulado. — Des, por favor. — Há muita sensação lá embaixo, e está crescendo. Crescendo, crescendo, crescendo.

— Goze para mim. — Agora ele está apenas chupando meu clitóris. Impossível pensar com isso.

— Des. — Meu corpo é apenas um feixe de nervos, todos eles





tensos. Eu não posso fugir e não suporto muito mais disso. Estou bem no limite e a cada golpe de sua língua...

—Goze.

...Eu começo a cair.

—Oh meus deuses, Des. — A sereia entrou em minha voz. Eu olho fixamente para o belo teto, minha visão ficando desfocada, enquanto o meu orgasmo me atravessa castigando, durando mais e queimando mais do que qualquer outro que eu já tive. No momento em que desço, o Negociador está beijando minha parte interna das coxas, seu toque ainda é possessivo. Minhas pernas escorregam de seus ombros, e ele as pega, fechando-as gentilmente e puxando meu vestido para baixo. Ele me pega em seus braços e nos leva para a cabeceira de sua cama.

Eu olho para ele com espanto.

—Isso foi... — Incrível. Surpreendente. Inacreditável.

—Algo que demorou muito para acontecer, — ele termina para mim. Des acaricia meu cabelo para trás, seus olhos cheios de tal desejo. Meu coração aperta ao vê-lo. Inclinando-se, ele me beija e eu me provo em seus lábios. É vulgar e excitante, e minha pele escurecida ilumina de novo.

Seus dedos percorrem meu braço.





Eu olho para ele, tentando como um idiota não pensar sobre o fato de que Des acabou de fazer oral em mim. Esse homem lindo que sempre esteve tão fora do alcance pegou uma miçanga só para que ele pudesse me dar um orgasmo.

O mundo está totalmente de cabeça para baixo – e eu nunca quero que ele se endireite.

—No que você está pensando? — Eu pergunto. —Em tanta coisa querubim.

Eu passo os dedos nas faixas de guerra de bronze que circulam seu braço.

—Eu imaginei você na minha cama mil vezes, — ele continua, seu olhar em mim.

Este momento é surreal para mim.

—Mil vezes? — Eu não sei o que fazer com a sensação tonta que rola através de mim. Está em algum lugar entre euforia e lisonja, e esperança tão forte que dói. Mais uma vez, estou com medo – dele, de nós. De ter tudo que eu sempre quis ao meu alcance, apenas para que ele escorregasse pelos meus dedos. Porque vai escorregar pelos meus dedos. Essa é apenas a natureza das coisas.

Ele pressiona seus lábios perto do meu ouvido. —Você quer saber uma verdade minha?





—Sempre, — eu digo, virando a cabeça para melhor encará-lo.

Ele pega minha mão e pressiona contra seu peito. Por baixo da palma da minha mão, sinto seu batimento cardíaco acelerado.

Meus olhos se movem do peito dele para o rosto dele. — Ele faz isso sempre que estou perto de você, — diz ele.

EU ESTOU EM PÉ na varanda dele, olhando para o céu noturno. Depois que recuperei o uso de todos os meus membros, explorei os quartos de Des, terminando aqui.

Eu olho para todos aqueles prédios pálidos e jardins que se espalham do castelo.

O Negociador reina sobre tudo isso. Sobre tudo isso e muito mais.

Des sai para a varanda.

—Na maior parte do tempo eu esqueço que você é um rei, — eu digo.

—Fico feliz com isso, — diz ele, vindo atrás de mim. Ele apoia os braços no corrimão, enjaulando-me. —Eu não quero que você pense em mim como um rei. Eu quero que você pense em mim como um homem.





Eu entendi aquilo. Rótulos podem ser coisas perigosas, mesmo quando parecem desejáveis.

— Eu quero saber sobre esse seu lado, — eu digo.

Eu quero saber como ele chegou ao poder. Por quantos anos ele esteve governando. Eu quero saber se ele tomou decisões sozinho, ou se ele tinha um comitê de conselheiros confiáveis. Eu quero saber todas as coisas chatas e vazias que acompanharam sua posição, porque eu simplesmente quero saber mais sobre ele.

Ele aperta um beijo no meu ombro. — Um dia, querubim, eu vou te dizer, — diz ele.

Eu me viro para Des, olhando para a pele que ele acabou de beijar. Eu vejo as intrincadas tatuagens que passam pelo braço esquerdo de Des e começo a traçá-las.

Abaixo dos meus dedos, eu o sinto tremer. — Onde você conseguiu isso? — Eu pergunto. — Isso também é uma história para outro momento. — Des e seus segredos. Sempre seus segredos.

Eu suspiro, voltando minha atenção para o seu reino.

Nós dois ficamos juntos assim por muito tempo, sem falar.

— Quer saber um segredo? —
Pergunta o Negociador.

Este deve ser um prêmio de consolação; eu não posso saber sobre quem é o rei Desmond, ou





sobre a tinta que mancha seu braço, mas ele me dará um segredo – esquecer que talvez não tenha nada a ver com nada.

—Sim, — eu respiro. Eu sou patética o suficiente para pegar o que posso conseguir.

Ele envolve um braço em volta da minha cintura, pressionando minhas costas contra o peito dele. —O Reino da Noite é o reino mais forte do Outro Mundo. Diga isso para qualquer outro reino, e eles discutirão com você. Mas é verdade.

Ele aponta por cima do meu ombro para o céu acima. —Diga-me, o que você vê lá fora?

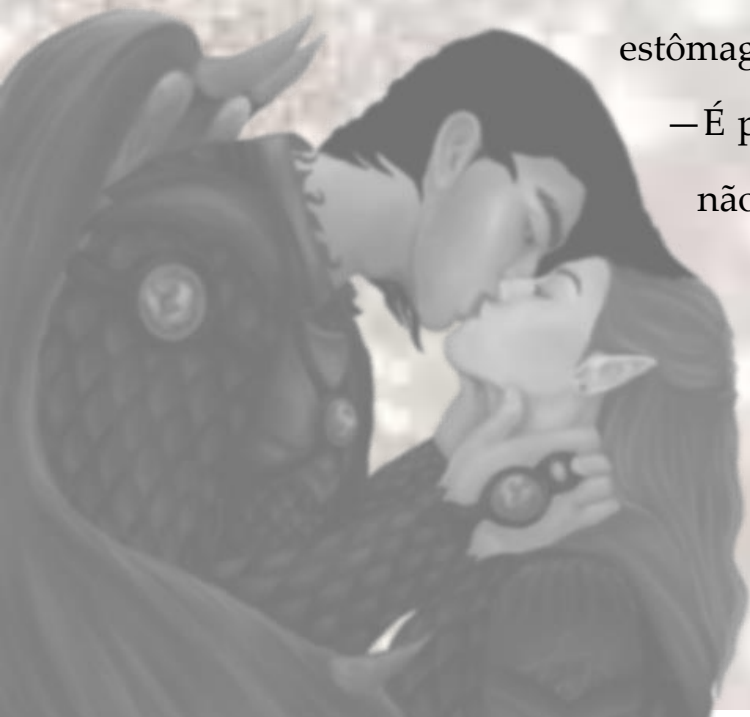
Eu sigo o dedo dele, olhando para o céu noturno. Brilha com milhares e milhares de estrelas, cada uma delas muito mais brilhante do que qualquer outra que eu já vi na Terra.

—Estrelas, — eu digo.

—Isso é tudo que você vê? — Pergunta ele. —Além da noite, sim.

—A noite, — ele repete, o polegar acariciando a pele do meu estômago através do tecido do meu vestido.

—É precisamente por isso que as pessoas não levam meu reino a sério. Mas ninguém vê a escuridão e, no entanto, está em toda parte. Estamos cercados por todo um universo disso. Veio antes de nós,





vai viver muito depois de nós. Mesmo as estrelas podem se formar e depois morrer, mas a escuridão sempre estará lá.

— Isso também acontece por que o Reino da Noite é considerado o mais romântico dos reinos. Não só porque os amantes se encontram sob o manto das trevas, mas porque a escuridão é a mais eterna de todas as coisas. Declarar o seu amor até o final da noite é o mais sagrado e imortal dos votos. — Mais calmamente ele acrescenta, — É o juramento que vou fazer quando me ligar à minha rainha.

Foi como uma faca fosse enfiada no meu intestino.

Eu não quero ouvir sobre a futura rainha de Desmond, não depois do que fizemos juntos. Não é como se ele estivesse fazendo a proposta para mim, afinal.

Estou envergonhada por me importar. Eu não deveria, mas é como se eu não pudesse deixar de me abrir para ele.

— Garota de sorte, — eu digo, me afastando da parede, e dele.

Eu sinto os olhos de Des em mim enquanto atravesso seu quarto.

— Não, — ele corrige, — ela não será a sortuda. Eu serei.





CAPITULO 19

Abril, sete anos atrás

ISSO NÃO PODE DURAR.

Deitei nos braços do Negociador, meus olhos se fechando enquanto ele acariciava meu cabelo. Eu luto contra o sono, não querendo perder um momento disso.

Desde que eu acordei daquele pesadelo, minha janela em pedaços e Des dentro do meu quarto, ele ficou comigo toda noite até eu adormecer. Talvez até mais.

Seu corpo parece que foi feito para mim, cada pedaço se encaixa em mim como peças de quebra-cabeça. Mas é mais do que o jeito que eu me encaixo nele, é o jeito que ele cheira, um perfume que não tem nome, e o jeito que o braço dele se enrola nas minhas costas.

Bem na base do meu estômago há uma sensação de certeza de estar em seus braços, como se este fosse o único lugar onde eu realmente pertencesse.

Ele também sente isso? Ou estou simplesmente fazendo contos de faes de fumaça e sombras?

Estas são perguntas que eu faço frequentemente.

Minhas pálpebras se abaixam e eu luto para mantê-las abertas, meu olhar se movendo para a orelha do





Negociador. Eu a alcanço e traço a borda pontiaguda dela.

Orelhas fae.

Abaixo do meu toque, Des se arrepia.

—Você esconde isso, — eu digo. Eu juro que na maioria das vezes elas parecem embotadas – humanas.

— Às vezes, — ele concorda. Delicadamente, ele remove minha mão.

Está quieto, as luzes ao redor do quarto há muito tempo já se apagaram. Mesmo na escuridão, eu posso sentir as sombras de Des me cobrindo, e elas me fazem sentir segura. Antes dele, eu tinha tantas razões para temer a noite.

Agora, eu antecipo, porque me traz ele. —Obrigada, — murmuro.

—Por quê, querubim? — Ele diz. —Por tudo.

Ele para de acariciar meu cabelo por um momento. Quando ele começa de novo, juro que sinto o polegar dele roçar minha têmpora. A mais leve das carícias.

Começo a adormecer, então não tenho certeza se imaginei as palavras finais que ele respirou durante a noite.

—Para você, nada menos ...

Dias atuais





DEPOIS DA NOSSA CONVERSA, nós dois voltamos aos negócios. Nomeadamente, indo ver as guerreiras adormecidas. Se o Negociador percebe que estou distante, ele não diz nada.

O que há para dizer? Que ele sente muito? Nisso, ele não é culpado. O amor não é algo que você pode fingir. E enquanto Des tem sido carinhoso comigo, gentil comigo e físico comigo, ele não mencionou nada sobre o amor.

Eu sou a única que não pode sufocar esses sentimentos que estão infectados dentro de mim há anos.

O Negociador leva-me para baixo lance após lance de escadas, no fundo das entranhas do seu castelo, até chegarmos a uma varanda que deve estar localizada em um dos níveis mais baixos do palácio. Além disso, a terra cai e os prédios estão em terraços um em cima do outro, todo o caminho até a escuridão.

Nós nos aproximamos da borda do corrimão, o ar rápido da noite chicoteando meu cabelo.

Eu me inclino sobre isso. —Para onde agora?

Os braços de Des envolvem forte na minha cintura.

—O que ...

Eu mal tenho tempo para olhar para as faixas de músculos que me seguram e sua intrincada manga de





tatuagens antes de saltar para o ar, suas asas com pontas de garras se abrindo.

Eu grito enquanto meu corpo vai para cima com ele.

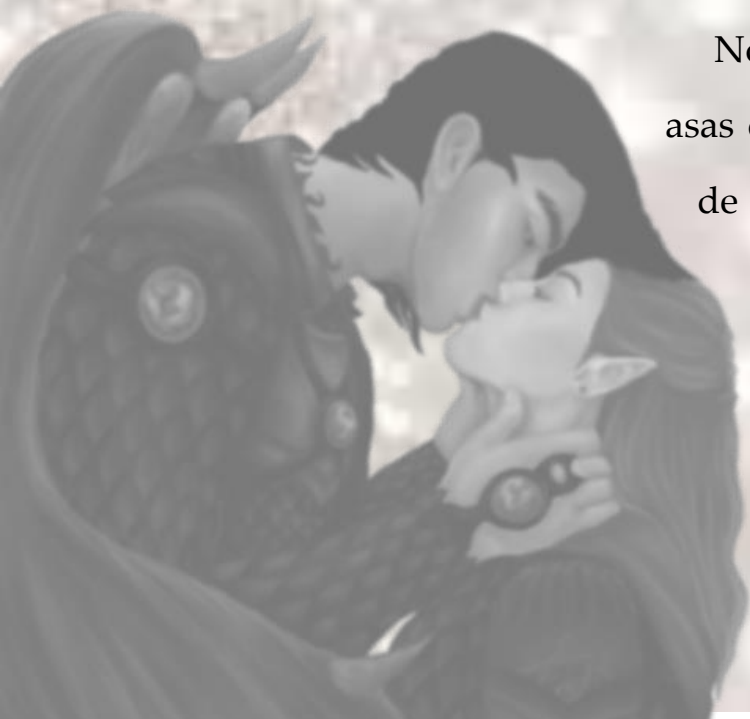
Eu deveria saber assim que vi a varanda que estávamos voando para algum lugar.

Só que, Des parou de bater as asas. É nesse momento em que percebo que não estamos voando. Estamos mergulhando.

Nada pode descrever o terror de cair em um abismo de cabeça. O vento joga o meu cabelo no meu rosto e rouba minha respiração enquanto nós despencamos. Um número estonteante de varandas e jardins sopram por nós, apinhados ao longo das paredes rochosas internas desta estranha ilha. A coisa toda parece uma casa de bonecas. Eu vejo seções transversais de casas e lojas, templos e jardins. E quando mergulhamos, cada nível fica mais e mais escuro.

Continuamos a descer, até os edifícios estarem encobertos pela escuridão. Aqui embaixo, parece menos a cidade da noite e mais como um vazio.

Nossa descida diminui, e as grandes asas do Negociador se desenrolam acima de mim enquanto ele nos inclina para uma sacada desprestenciosa quase no fundo do abismo. Os edifícios ao nosso redor são menos adornados do que os acima, e as trepadeiras





cobertas de espinhos que serpenteiam ao redor dos trilhos e dos pórticos cobertos de colunas parecem quase sinistras.

Assim que aterrissamos, meu corpo balança em seus braços por causa da corrente de sangue.

Seus braços em mim se apertam quando eu tento me afastar. — Dê a si mesmo um momento, Callie, — diz ele, com a voz baixa.

Eu não me importo inteiramente com o seu abraço.

Uma vez que Des percebe que eu parei de balançar, ele me libera.

Eu olho em volta o que deve ser um dos níveis mais baixos da cidade. Está frio aqui, mais frio que o ar livre acima. —O que é este lugar?

—Bem-vinda ao distrito industrial da capital, onde as exportações de Somnia saem e suas importações chegam. —

Então as pessoas não moram aqui por si. Isso é um alívio. Em comparação com o resto da cidade, esta área é uma espécie de chatice. Quero dizer, é lindo, de uma forma assustadora, mas não é um lugar que eu gostaria de morar.

Eu olho para a porta de madeira simples que leva para dentro da nossa varanda. A inquietação agita minha barriga. Não consigo detectar magia da mesma forma que um fae consegue, mas mesmo assim não





quero passar por essa porta, embora tenha certeza de que é exatamente isso que vamos fazer.

Nem um momento depois, minhas suspeitas se provaram corretas quando Des me conduz para a porta.

—Isso costumava ser uma instalação de armazenamento, — explica ele, —assim como o resto dos edifícios nesta área. Foi convertido em um abrigo temporário para o sono quando ficamos sem espaço...

À nossa frente, a porta se abre, e nós dois entramos em um armazém cavernoso e sem janelas. O Negociador acena para um guarda do outro lado da sala que parece estar vigiando.

Sem uma palavra, o guarda sai por uma porta distante, nos dando privacidade.

Eu olho em volta. Como muitos dos quartos do palácio, alguém usou magia para representar o céu noturno no teto. Pequenas explosões de luz brilham suavemente de bolinhos na parede, mas fazem muito pouco para afastar a escuridão que se acumula nesta sala.

Isso é tudo que eu noto do próprio armazém porque— Todos esses caixões.

Existem centenas deles — talvez milhares. Filas e filas de caixões de vidro. Meus olhos passam sobre eles.





—Tantos, — eu respiro.

Ao meu lado, o Negociador franze a testa.

—Quase o dobro desse número de mulheres ainda está faltando em meu reino. — Eu sugo uma lufada de ar. Praticamente uma cidade. Porém uma cidade pequena, mas ainda assim. Tais números surpreendentes.

Dentro de cada caixão vislumbro as mulheres, as mãos cruzadas sobre o peito. Tão estranho.

—Cada uma tinha uma criança com ela? — Pergunto.

O Negociador assente, passando o polegar sobre o lábio inferior. Aqueles lábios que estavam em cima de mim não faz uma hora.

Ele percebe o meu olhar, e qualquer que seja o olhar que eu tenha no rosto, faz suas narinas se alargarem.

Eu tenho que mover meus olhos. Eu realmente não quero ter um momento com esse homem enquanto estamos dentro do que é essencialmente um necrotério.

—Onde estão todas as crianças? — Eu pergunto. Não havia mais de duas dúzias no berçário real.

—Eles estão vivendo com a família restante.

Eu levanto minhas sobrancelhas. Centenas dessas crianças estranhas estão vivendo agora em lares faes?





— Houve alguma reclamação? — Pergunto.
Des acena com a cabeça. — Mas mais do que
isso, houve um aumento acentuado no infanticídio
nos últimos anos.

Demoro um segundo para ligar os pontos. Eu respiro
fundo. — Eles matam as crianças?

Ele vê minha expressão horrorizada. — Você está realmente tão
surpresa, querubim? Até na terra temos a reputação de sermos
implacáveis.

Claro que estou surpresa. As crianças são crianças. Não importa
o quão desconcertante elas sejam, você não simplesmente... As
matam.

— Antes de julgar o meu povo, você deve saber que houve casos
de cuidadoras caindo no mesmo... Sono, assim como essas mulheres.
E em muitos desses casos de infanticídio, essas crianças não são as
vítimas, elas são os executores.

O pensamento de tudo isso me deixa enjoada. Eu não invejo o
seu trabalho como rei. Eu não posso imaginar nada disso.

— Alguma das cuidadoras que
trabalham no berçário caiu nesse mesmo
sono? — Pergunto, olhando para o outro
lado da sala.

— Algumas, — ele admite,
lançando um olhar para trás sobre
os caixões, — os faes. Os humanos





parecem ser um pouco imunes, então agora eles são os únicos que têm contato direto com as crianças dentro do palácio.

Des empurra o queixo para os caixões. — Vá em frente, querubim, — diz ele, mudando de assunto, — dê uma olhada nelas. — Eu arrasto meu olhar de volta para o quarto. Apenas a visão de todas aquelas mulheres deitadas faz os pelos dos meus antebraços subir.

Cautelosamente, deixo o lado de Des, meus passos ecoando dentro da sala cavernosa. Eu ando em direção à fila mais próxima de caixões, quase com medo de olhar para elas.

O vidro brilha sob a luz baixa, fazendo os caixões brilharem na escuridão próxima.

Eu passo ao lado de um dos caixões e me forço a olhar para a mulher. Ela tem cabelos escuros e um rosto em forma de coração. Um rosto doce, que você não imaginaria que estaria no corpo de uma guerreira. Suas orelhas pontudas passam entre seus cabelos.

Eu engulo, olhando para ela. A última vez que vi um corpo assim, era do meu padrasto.

Sangue nas minhas mãos, sangue no meu cabelo... Nunca ser livre.

Eu forcei meu olhar longe do rosto dela. Ela usa uma túnica preta e calças justas enfiadas em botas de camurça. Suas mãos estão cruzadas





sobre o peito, descansando no pomo de uma espada que se deita em seu torso.

Ela está tão quieta, tão serena, e ainda assim uma parte de mim espera que ela abra os olhos e use essa espada para se libertar do caixão.

A visão é tão realista que me forço a passar para outra, antes que eu perca a coragem e saia prematuramente.

Essa tem um cabelo que parece prata e é cortado logo depois do queixo. Apesar de seu cabelo prateado, ela parece jovem, sua pele macia esticada sobre as maçãs do rosto altas e mandíbula quadrada. Esta mulher é toda soldada; mesmo em repouso, posso dizer que a personalidade dela é tudo. Mas nem isso a salvou. Embreada sob as mãos dela está um arco, e ao lado de seus pés está uma bolsa cheia de flechas.

Outra guerreira. Mas não é apenas uma guerreira. Essa tem uma faixa prateada no braço. Uma guerreira condecorada.

Eu começo a abrir caminho pelos caixões. Todas as mulheres usam o mesmo traje preto e cada uma delas carrega uma arma.

Guerreiras que agora são vítimas.

A coisa toda está me colocando no limite. Algumas das mulheres mais fortes do reino de Des estão dentro desses caixões. Como isso aconteceu com tantas que eram tão capazes?





E se esse monstro pudesse fazer isso com essas mulheres, o que ele poderia fazer com uma pessoa comum? O que ele poderia fazer comigo?

Eu começo a cantarolar para aliviar minha ansiedade crescente.

Eu toco um caixão aqui e ali, percebendo que o vidro está quente.

Minha pele se arrepia. Esta situação é...não é natural – errada em seu nível mais básico.

Sem pensar, meu zumbido muda para cantar.

Acorde do seu sono, levante-se do seu sono, me conte seus segredos, eles são meus para guardar.

A sereia em mim gosta de rimar, da mesma forma que uma bruxa soletra. Tenho certeza de que tem algo a ver com a eficácia do meu encanto, mas para mim é simplesmente agradável.

Abra seus olhos, respire o ar fresco, me conte seus segredos, eles são nossos para compartilhar.

Eu dou uma olhada por cima do meu ombro para o Des. Braços cruzados, pés separados e asas para fora – parece que ele está canalizando algo entre estrela do rock e anjo caído. As calças de couro e os braços com tatuagens não





ajudam. Seus olhos se movem sobre os caixões, quase como se ele esperasse que alguém se movesse...

Eu sigo seu olhar, instantaneamente tensa, mas não, as mulheres estão tão imóveis quanto estavam quando eu entrei.

Virando meu corpo de volta para as fileiras de mulheres, retomei minha música.

Acorde do seu descanso, sacuda esse feitiço sombrio, abra sua boca, você tem segredos para contar.

Eu sabia antes de entrar aqui que meu encanto não poderia despertar essas mulheres. Eles eram todas faes. E ainda assim, mantenho um indício de esperança de poder ajudá-las.

Um minuto passa, depois outro. Aguardo qualquer sinal de vida, mas ninguém se move. E agora me sinto boba. Cantando para uma sala cheia de fae que não se mexeram desde que elas foram trazidas para cá.

Eu começo a andar de volta para o Negociador, meus passos ecoando.

Uma risada se ergue atrás de mim.

Eu paro, olhando por cima do ombro. Não há ninguém lá – pelo menos, ninguém andando ou falando.





Eu começo a me mover de novo, meus músculos agora tensos.

Estou assustada e imaginando coisas. —
Escrava... —

Eu paro no meio do caminho, meus olhos se arregalam quando encontram os de Des.

Ele coloca um dedo nos lábios. Uma fração de segundo depois ele evapora em fumaça.

Merda. Para onde ele foi?

Uma respiração espectral faz cócegas na minha bochecha, rindo baixinho, e percebo agora que poderia ter problemas maiores.

Eu me viro, com a certeza de que eu vou encontrar alguém de pé ao meu lado. Mas ninguém está lá.

Outra risada surge das profundezas da sala, seguida de um zumbido. A voz vem do nada e de todos os lugares. Está tudo ao meu redor, multiplicando-se.

Durma bem,

Ou você está assustada?

Este é um jogo que você, está longe de ser superada.

Eu olho em volta para o cantor, mas eu já sei que isso é algum tipo de mágica além da minha compreensão.





Uma mão fantasma acaricia meu cabelo.

Você nos pede para acordar, quando
queremos que você durma, Segredos são
destinados, para uma alma guardar.

Então cante suas músicas, E faça seus versos, Ele está
vindo para você, Estes são tempos perversos.

O canto desaparece até o quarto ficar quieto mais uma vez. —
Putá merda, — eu respiro.

Hora de dar o fora desse lugar.

Eu olho os caixões enquanto passo fila após fila
deles, esperando que qualquer segundo essas mulheres me
ataquem.

Simplesmente teve que criar problemas, não é, Callie?

À minha frente as sombras se juntam, se fundindo em um
homem alado.

Des.

As asas do Negociador estão espalhadas de forma ameaçadora,
e seu rosto é ilegível, o que significa que Des o assassino saiu para
jogar.

Alguém está perdendo a cabeça.

—Oh, que gentileza de você se
juntar a mim, — eu digo, minha voz
alta. Estou prestes a perder minha
cabeça também.





— Eu nunca te deixei, — diz ele.

Eu não vou pensar sobre esse comentário.
Esta situação é estranha o suficiente como é.

Ele olha para os caixões. — Se eu fosse mais cruel,
eu queimaria este quarto, com mulheres e tudo.

Normalmente, uma declaração como essa me chocaria, mas
agora, quando ainda posso sentir aqueles dedos fantasmagóricos
passando pela minha pele, acho que deixar essas mulheres aqui, no
centro da Capitólio de Des, é uma péssima ideia.





CAPITULO 20

Abril, sete anos atrás

MEU DORMITÓRIO SE tornou uma colagem minha e do Des. Uma série de bandeiras de oração penduradas no meu teto, cortesia de uma viagem ao Tibete. A lanterna empoleirada na minha prateleira é do Marrocos. A cuia pintada na minha mesa é do Peru. E o cobertor listrado ao pé da minha cama é de Nairóbi.

O homem me levou ao redor do mundo, principalmente em viagens de negócios, mas às vezes apenas por diversão. Eu acho que ele gosta de ver minha emoção. E de todas essas viagens, colecionei uma sala cheia de lembranças.

Preso nas minhas paredes, entre minhas bugigangas, estão os esboços do Negociador. Alguns deles são de mim, mas quando percebi que eu era um tema recorrente em sua arte, perguntei se ele poderia desenhar para mim fotos do Outro Mundo. Originalmente, minha intenção era diminuir os meus retratos, mas uma vez que ele começou a desenhar imagens do seu mundo, eu fui fisgada por elas.

Agora minhas paredes estão cobertas de esboços de cidades construídas em árvores gigantes e salões de dança aninhados sob montanhas, monstros





aterrorizantes e estranhos, e seres tão lindos que me chamavam mais para perto.

—Callie, — Des diz, me puxando de volta para o presente. Ele está esparramado em toda a minha cama, a borda de sua camisa levantada apenas o suficiente para me dar um vislumbre de seu abdômen.

—Hmmm? — Eu digo, balançando a cadeira do meu computador para frente e para trás.

Ele hesita. —Se eu te perguntasse algo neste exato momento, você me responderia honestamente?

Até agora, nossa conversa tinha sido alegre, bem-humorada, então não penso em nada quando digo, —Claro. —

Des faz uma pausa e diz, —O que realmente aconteceu naquela noite? —Eu congelo, minha cadeira parando.

Ele não precisa explicar em que noite ele está falando. Nós dois sabemos que é a noite em que ele me conheceu.

A noite em que eu matei um homem.

Eu estou balançando a cabeça —Você precisa falar sobre isso, — diz ele, colocando as mãos atrás da cabeça.

—De repente você é um psiquiatra agora? — Há muito mais veneno na minha voz do que eu





pretendia. Eu não posso voltar para aquela noite.

Des alcança minha mão e a segura firmemente na sua. O mesmo truque que eu usei dezenas de vezes nele agora ele se volta para mim: o toque.

Eu olho para as nossas mãos unidas, e maldição, mas o seu aperto me faz me sentir segura.

—Querubim, eu não vou julgar você. —Eu arrasto meu olhar para o dele. Estou prestes a implorar para ele não me empurrar mais. Meus demônios se chocam contra as paredes de suas gaiolas. Ele está me pedindo para libertá-los e eu não sei se posso.

Mas quando encontro seus olhos, que me olham com tanta paciência e carinho, digo algo completamente diferente.

—Ele veio para mim como sempre fazia quando bebia demais.
— Eu engulo.

Merda, estou realmente fazendo isso.

E eu não estou pronta, mas eu estou, e minha mente não faz sentido agora, mas meu coração está falando pela minha boca e eu não tenho certeza se minha mente tem algo a ver com isso. Eu carreguei esse segredo em particular comigo por anos. Estou pronta para me aliviar.

Meus olhos se movem de volta para nossas mãos unidas, e eu





recebo um estranho tipo de força de sua presença.

— Aquela noite demorou a chegar. Começou vários anos antes disso. — Muito antes de minha sereia ter tido a chance de me defender.

Para conhecer a história, tenho que voltar ao começo. Des só me pediu para explicar uma única noite, mas isso é impossível sem conhecer todas as centenas de noites que a precederam.

— Meu padrasto... Me estuprou... Por anos. — Eu me arrasto de volta para aquele lugar escuro e faço uma das coisas mais difíceis que já fiz: digo a ele. Todos os detalhes sangrentos. Porque realmente não existe algo como mergulhar somente um dedinho nessa discussão.

Eu falo sobre a maneira que eu costumava olhar para a minha porta fechada, que eu cheguei perto de fazer xixi na minha cama quando via aquela maçaneta virar. Como eu ainda posso sentir o cheiro da sua colônia e os ânimos azedos em sua respiração.

Que eu costumava chorar e às vezes implorar. Que apesar dos meus melhores esforços, nunca mudou nada. Que, eventualmente, me tornei complacente, e talvez seja o detalhe que mais dói.

Será que o medo e o desgosto vão embora? A vergonha? Intellectualmente, sei que o que ele fez comigo não foi culpa minha.





Mas emocionalmente, nunca consegui acreditar.
E Deuses, eu tentei.

Meus dedos estão brancos por causa do quão
firmemente eu aperto sua mão. Neste momento, ele é
minha âncora, e eu tenho medo quando eu o soltar, ele vai se
afastar de mim.

Eu sou uma coisa suja e manchada, e se ele não podia ver isso
antes, agora ele vai.

—Naquela noite, na noite em que ele morreu, eu não aguentava
mais. — Era ele ou eu no final, e para ser honesta, eu realmente não
me importava com qual seria o resultado. —Matá-lo não foi
premeditado. Ele veio até mim na cozinha e colocou a garrafa no
balcão. Quando tive a chance, agarrei e segurei como uma arma. —O
que você vai fazer com isso? Bater no seu pai com isso?

—Eu a bati contra a parede. — Meus olhos se distanciam,
lembrando daquele encontro. —Ele riu disso. — Uma risada malvada,
uma que prometia dor. Muita dor. —E então ele se jogou em mim.

—Eu não pensei. Eu balancei a garrafa quebrada nele. — Foi
bom lutar de volta. Parecia loucura e me
entreguei a isso. —Eu devo ter cortado
uma artéria. — Meu corpo está
tremendo, e o Negociador aperta
minha mão com mais força.

—Ele sangrou tão rápido, —
eu sussurro.





E o olhar nos olhos do meu padrasto quando ele percebeu que ia morrer. Principalmente o choque, mas também uma dose saudável de traição. Como depois de tudo o que ele fez para me machucar, ele presumiu que eu nunca o machucaria de volta.

Eu engulo a seco, piscando de volta as memórias. —O resto você sabe. —Espero um milhão de reações terríveis, mas não a que o Negociador me dá. Ele libera a minha mão apenas para envolver seus braços em mim e me puxar para fora da cadeira do computador e em seu abraço. E eu estou tão, tão grata que ele está me tocando, me segurando, me dando esse conforto físico quando eu pensei que era incapaz de ser tratada assim um dia.

Eu rastejo o resto do caminho para a pequena cama de solteiro que agora compartilhamos, e quando a lua se põe, eu choro em seus braços. Eu me deixo ser fraca porque esta pode ser a única vez que eu vou conseguir fazer isso.

Um peso sai do meu peito. A dor ainda está lá, mas a represa está quebrada, e toda aquela pressão que existia dentro de mim agora se esvai.

Por fim, entendo por que o Negociador é tão atraente para mim. Ele viu Callie, a vítima, Callie, a assassina, Callie, a garota quebrada que mal consegue manter sua vida





ordenada. Ele viu tudo isso, e ainda assim ele está aqui, acariciando meu cabelo e murmurando baixinho para mim. —Tudo bem, querubim. Ele se foi, você está segura. — Adormeço assim, trancada nos braços fortes de Desmond Flynn, um dos homens mais assustadores e perigosos do mundo sobrenatural.

E ele está certo. Em seus braços, me sinto absolutamente segura.





Dias atuais

De volta aos aposentos de Des no Outro Mundo, eu ando, minha saia flutuando atrás de mim.

Ele está vindo para você.

O ladrão das almas.

Des me avisou que iria piorar. Eu simplesmente não tinha entendido.

—Essas mulheres dormindo já fizeram isso antes? — Eu pergunto, olhando para Des.

O rei dos faes me observa de uma cadeira lateral, seus dedos sobre sua boca.

—Não.

Ele nem tenta se esquivar da pergunta como ele geralmente gosta de fazer.

—E você ouviu tudo o que elas disseram?

—Você quer dizer suas pequenas rimas? — Ele diz. —Sim, eu ouvi.

Ele está incomumente sombrio desde que saímos da câmara de guerreiras adormecidas. Suas asas só desapareceram há alguns minutos atrás, mas eu sei melhor do que supor que ele não está afetado pelo que ouvimos.





Ele é melhor em esconder seu colapso do que eu.

—Primeiro as crianças, e agora isso, — ele diz, seu assento gemendo quando ele se inclina para frente.

—Aparentemente, este inimigo está gostando de você. — Um flash de raiva naqueles olhos prateados.

Meu pânico aumenta novamente.

O Negociador se levanta, sua presença quase ameaçadora enquanto a escuridão se enrola ao redor dele. Sua coroa e faixas de guerra servem apenas para fazê-lo parecer mais intimidador. Ele chega perto de mim, colocando um dedo sob o meu queixo.

—Diga-me, querubim, — ele diz, levantando meu queixo, forçando-me a encontrar aqueles olhos prateados dele, que parecem quase selvagens, —você sabe o que eu faço para inimigos que ameaçam o que é meu? —

Ele está se referindo a mim? Eu não sei dizer, nem sei dizer onde ele está indo com isso.

Ele se inclina perto do meu ouvido. —Eu os mato. — Ele se afasta para encontrar o meu olhar. —Não é rápido nem limpo. —Suas palavras provocam arrepios nos meus braços.

—Às vezes eu alimento meus inimigos para criaturas das quais preciso de favores, — diz ele. — Às vezes eu deixo os assassinos reais





praticarem suas habilidades neles. Às vezes eu deixo meus inimigos pensarem que eles escaparam das minhas garras apenas para recapturá-los e fazê-los sofrer – e como eles sofrem. As trevas mascaram muitos, muitos atos. —Me assusta quando Des fica assim. Quando sua crueldade do Outro Mundo surge.

—Por que você está me dizendo isso? — Eu pergunto baixinho. Ele me encara. —Eu sou a coisa mais assustadora aqui. E se qualquer coisa tentar te tocar, eles vão ter que se ver comigo.

OS PRÓXIMOS DIAS, Des passa no Outro Mundo, cumprindo seus deveres reais enquanto eu fico em sua casa em Catalina. Ele me convidou para ficar com ele, mas, sim, estou bem neste lado da linha ley por enquanto.

Enquanto isso, eu li algumas das notas do caso de Des, que reafirmam o que ele já me disse. Menciona os criados humanos com seus hematomas e olhos assombrados, as faes que caem nesse sono profundo depois de cuidar dessas crianças estranhas, e as pessoas que escolhem a morte em vez de responder às perguntas de Des. Todo o mistério é uma triste e perturbadora trilha de destruição.

Quando não estou lendo sobre o caso, estou explorando a ilha de





Catalina ou a casa de Des. Agora, estou no segundo.

Eu ando pelo quarto do Negociador, acendendo as luzes. Meus olhos se movem da arte pendurada nas paredes, para o modelo de metal do sistema solar, para o bar.

Estou curiosa para saber porque Des não queria que eu visse este quarto quando ele me deu um tour pela casa. Não há muito aqui. Eu me movo para sua cômoda, abrindo as gavetas uma após a outra. Dentro de cada uma estão pilhas de camisas e calças dobradas. O poderoso Rei da Noite armazena suas roupas como o resto de nós.

Eu fecho a última gaveta e me movo mais para dentro do quarto, não vendo muito mais que eu possa vasculhar. Sério, este é um dos quartos mais espartanos que eu já vi, e eu faço o um número razoável em bisbilhotar as coisas na minha linha de trabalho.

Meus olhos pousam em uma de suas mesas de cabeceira. A única coisa que repousa sobre ela, além de uma lâmpada de cabeceira, é um livro com encadernação de couro. Lembro-me de nosso tempo juntos que Des adorava esboçar; eu até dei um caderno para ele em algum momento.

Eu me movo para o livro, minha mão curvando-se sobre a capa mole. Mas então eu hesito. Isto é privado – é essencialmente o diário de Des.





Mas ele nunca esteve disposto a compartilhar sua arte antes. Ao tomar uma decisão, abro o portfólio.

Eu paro de respirar no momento em que vejo a primeira foto. É de mim.

O retrato é bastante simples, apenas um simples básico da minha cabeça, pescoço e ombros. Eu corro meu dedo pela inclinação do meu rosto, percebendo o brilho dos meus olhos no desenho. Quão esperançosa eu apareço. Eu me lembro de Des desenhando isso no meu dormitório há mais de sete anos. Também me lembro de ver a imagem e não me conectar completamente com ela. Eu estava tão solitária, tão cheia de meus próprios demônios, eu não podia imaginar que alguém olhasse para mim e visse essa linda garota. Mas eu fiquei lisonjeada, no entanto.

Depois de todo esse tempo, ele manteve.

Eu sinto mais minhas defesas desmoronando. O muro que eu construí em volta do meu coração está em frangalhos, e aparentemente, Des não tem que estar aqui para destruí-lo.

O próximo esboço é de mim sentada no chão, minhas costas contra a minha cama do dormitório, dando um olhar petulante para o artista me desenhando. Rabiscada por baixo da imagem está uma nota: Callie





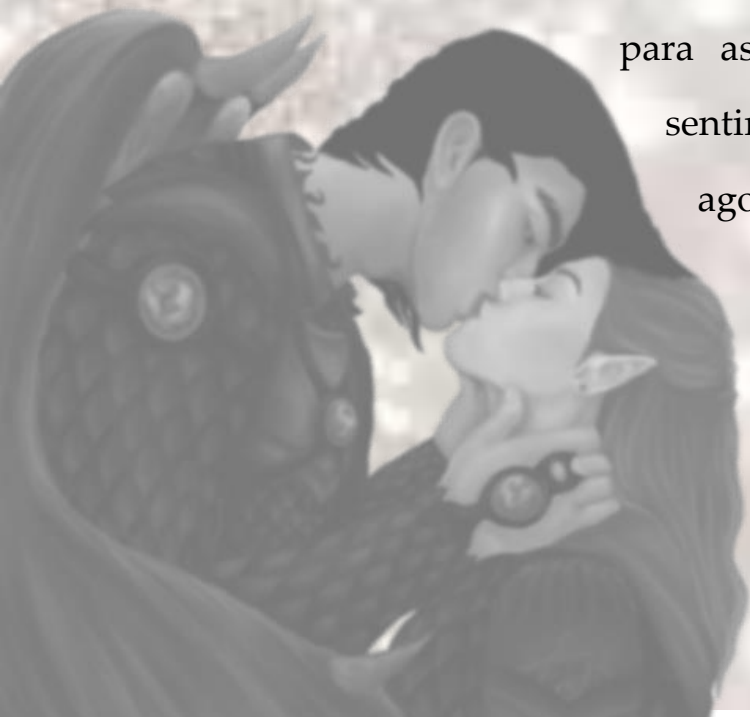
quer que eu pare de desenhá-la. É assim que ela fica quando digo não.

Eu sorrio um pouco enquanto leio isso. Palavras poderosas, mas Des pelo menos parcialmente cedeu ao meu pedido; ele me desenhou todos os tipos de paisagens e criaturas sobrenaturais, além dos meus retratos que ele tanto gostava.

O próximo desenho é um que eu nunca vi, e ao contrário dos outros esboços, este é mais meticulosamente executado. No começo, tudo o que consigo entender é o estranho ângulo do desenho, como se o artista estivesse deitado de costas, olhando para baixo, para o comprimento de seu corpo. Então eu vejo a mulher encolhida contra o peito que estamos olhando. Eu reconheço meu cabelo escuro, o topo do meu nariz e os contornos do meu rosto, que está um pouco enterrado contra o peito de Des.

Essa poderia ter sido uma das muitas noites em que eu dormi enrolada contra ele, mas algo sobre a imagem... Algo sobre isso me faz pensar que foi uma das noites ruins, as noites em que Des ficou para assustar meus pesadelos. Eu posso sentir um eco daquela dor antiga mesmo agora.

Aquelas noites foram o que me fez perceber que eu amava o Negociador. Que não era apenas paixão, mas algo que eu podia





sentir na minha pele e nos meus ossos. Algo que não poderia ser extinto.

Eu não me apaixonei por Des porque ele era bonito, ou porque ele conhecia meus segredos, mas porque ele ficava por perto quando eu era menos amável. Porque ele era um homem que não tentava tirar nada de mim mesmo quando eu deitava ao seu lado, mas em vez disso me dava paz e conforto. Porque cada uma daquelas noites ele me salvou de novo, mesmo que fosse de mim mesma.

E se essa foto fosse alguma coisa, era um momento que Des também queria lembrar.

Eu viro para a próxima imagem, essa está em cores. A maior parte do desenho é definida em tons profundos de azul e verde. Nele estou sorrindo, uma coroa de vaga-lumes descansando no topo da minha cabeça. Eu lembro dessa noite também.

Uma batida na porta me sacode dos meus pensamentos.

O que eu estou fazendo? Eu definitivamente não deveria estar procurando por isso. Mesmo que eu seja claramente a musa do Negociador.

Apressadamente, fecho o portfólio, arrumando como o encontrei. Eu lanço vários olhares para trás enquanto atravesso o quarto. Ele manteve esses desenhos antigos todo esse





tempo. Mais uma vez, lembrei-me de sua confissão sobre como ele se sentiu por ter me deixando.

Como se minha alma fosse rasgada em duas partes.

E mais uma vez, sinto a esperança tão aguda que é quase dolorosa.

Isso também é levado embora quando alguém bate na porta novamente.

Quem visitaria Des aqui?

Recebo minha resposta alguns segundos depois, quando espio pelo olho mágico da porta.

—Merda, — murmuro sob a minha respiração.

—Eu ouvi isso, Callie, — diz a voz familiar e grave. O Negociador não recebe visitantes aqui.

Eu recebo.





CAPITULO 21

Maio, sete anos atrás

—PUTA MERDA, — DIZ Des, materializando-se no meu dormitório. —Está uma zona de guerra no seu corredor.

No corredor eu ouço um grito abafado quando uma garota perde sua cabeça porque seu esmalte está borrado e oh meus deuses não há tempo para arrumar.

Eu fecho meu laptop e giro em minha cadeira. Eu olho para o meu bracelete. Eu não chamei o Negociador hoje à noite, nem no dia anterior, e muitas noites antes disso. Em algum lugar ao longo do caminho, Des começou a se convidar.

Des atravessa meu quarto e espia pela minha janela. Muito abaixo de nós, meninas de vestidos e meninos de smoking cruzam o gramado. —O que está acontecendo hoje à noite?

—O Baile de Maio.

Des olha para mim, as sobrancelhas levantadas. —Por que você não está se preparando?

—Eu não vou, — eu digo. Eu puxo minhas pernas para cima da minha cadeira.

—Você não vai? — Ele parece surpreso.

Não é óbvio? Eu estou usando bermudas e uma camiseta gasta.





Eu chupo meu lábio inferior e balanço minha cabeça.

—Ninguém me convidou.

—Desde quando você espera convite? —

Pergunta ele. —E também, como isso é possível?

—Como o que é possível? — Eu pergunto, olhando para os meus joelhos.

Estou mal-humorada. Oficialmente mal-humorada. Se eu ainda fosse para a minha antiga escola, eu não teria que ouvir os guinchos excitados das garotas enquanto elas se preparavam, e elas não notariam como minha porta estava ameaçadoramente fechada.

—Que ninguém lhe chamou.

Eu dou de ombros. —Eu pensei que fosse o seu trabalho entender os motivos das pessoas.

Quando olho para cima, os braços de Des estão cruzados sobre o peito e tenho toda a sua atenção.

—O quê? — Eu digo, de repente autoconsciente de toda a atenção. —Você quer ir ao baile de maio? — Pergunta ele.

Oh Deuses, eu não estou admitindo isso para ele. Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. —Eu não vejo como isso é importante.

Ele inclina a cabeça, e queridos anjos, ele vai me ler. Ele já está me lendo.





— Isto é importante. Agora, você quer? —
Eu abro minha boca e sei que tudo está em meus olhos. Que eu não me encaixo e as pessoas não gostam de mim. Que eu sou uma pessoa de fora e eu quero, eu sempre quero entrar, mas eu não entro nessa porta em particular. Estou banida para sempre para ver outras pessoas viverem suas vidas enquanto espero que a minha comece — ou termine. Realmente poderia ser de qualquer maneira. Minha existência até agora tem consistido principalmente em eu segurar minha respiração, esperando que o outro sapato caia.

Des está se movendo, fechando o espaço restante entre nós, e eu estou apenas olhando para ele como uma tola, meus joelhos pressionados perto do meu peito.

Ele se ajoelha na minha frente, o ar brilhando além de seus ombros. Ele pega minha mão, seus olhos sérios.

Meu coração está na minha garganta e não posso engoli-lo de volta. Eu me sinto nua da maneira mais requintada, e não sei por que isso acontece.

Ele começa a sorrir. — Você, Callypso Lillis, me levaria para o baile de maio?





Dias atuais

ELI. A LISTA dos mais procurados. É tudo em que consigo pensar quando saio de casa de Des e enfrento meu ex.

Nosso último confronto parece um milhão de anos atrás. Honestamente, depois de tudo o que aconteceu no Outro Mundo, isso parece... Tão insignificante em comparação.

—Você estava tentando ser pega, ou você simplesmente não deu a mínima para isso? — Eli pergunta.

—Eu não dei a mínima para isso. — Eu cruzo os braços sobre o peito e me inclino contra a parede da entrada. Agora sinto o calor da minha raiva voltando. Este bastardo. —Eu não posso acreditar que você teve a audácia de entrar em minha casa e ameaçar minha vida e então, como se isso não bastasse, você colocou meu nome na maldita lista de procurados.

—Callie, eu nunca te machucaria, — diz ele, sua voz suave. Ele parece quase ferido. E tenho certeza que está ferido em algum nível, considerando que ele é o protetor de sua matilha.

—Você entrou em minha casa durante os Sete Sagrados, — eu digo. —Claro que você poderia ter me machucado.

Ele sacode a cabeça. —Você é da matilha. Ou pelo menos você era.

Eu sinto arrepios subindo com sua reação.





—Você coloca todos os membros da matilha na Lista dos Procurados? — Eu pergunto.

Vamos ver o quão grandes são as bolas de Eli.

Eli passa a mão pelo rosto. —O que eu fiz, tudo isso, foi um erro, — diz ele, sua voz derrotada. —Eu estava com raiva, e meu lobo estava exigindo justiça... — Ele suspira. —Não é desculpa, mas me arrependo, se faz alguma diferença.

Eu pressiono meus lábios juntos. Não é como se eu tivesse lidado bem com as coisas, mas colocar alguém na lista de pessoas sobrenaturais mais procuradas supera de longe qualquer irregularidade da minha parte.

—Eu não vou deixar você me prender, — eu digo.

Ele solta um suspiro. —Eu não estou levando você. Eu só...precisava falar com você. —Você poderia ter ligado.

—Eu sinto muito, — diz ele, sua voz genuína. Vindo de um alfa como ele, um pedido de desculpas é uma coisa rara.

Eu flexiono meu queixo. Eu ainda estou tão irritada com a coisa toda. Empurrando minha frustração, eu aceno, olhando para longe. Não tenho certeza se estou reconhecendo o pedido de desculpas de Eli ou aceitando-o. Tudo o que sei é que quero enterrar o machado entre nós.





Os olhos dele se movem para a casa do Negociador. —Minha oferta ainda está de pé, Callie.

Eu olho para ele.

—O que eu fiz foi errado, mas o que esse cara está fazendo, isso é pior. Ele está tirando o seu livre arbítrio, — diz ele. — O Negociador é um homem procurado. Apenas me fale e eu vou lá e cuido disso. —Leva vários segundos para registrar o que ele está dizendo. Quando isso acontece, o horror passa sobre mim. —Não, eu não quero isso.

—Callie. — O alfa está em sua voz.

—Não, — eu aviso. Ele não tem mais o direito de exercer sua influência sobre mim. —Há tanta coisa que você não sabe.

—Então me diga, — diz ele. —Ou então, vou continuar assumindo o pior. —Não é exatamente isso que eu tenho exigido de Des? Deixar de guardar segredos? E aqui estou sendo hipócrita.

Mas esse segredo...

—Eu nunca lhe contei sobre o meu passado. — Eu esfrego meu rosto.

Mesmo agora hesito em contar a Eli.
Dói lembrar, e depois há a vergonha.
Sempre a vergonha.

Mas se eu contar a ele, ele entenderá porque eu agi do jeito





que eu fiz. E talvez isso o ajude a se sentir melhor, comigo, com Des e com a situação.

—Quando eu era menor de idade, — eu começo, —meu padrasto... Meu padrasto... — Eli continua quieto.

—Ele abusou sexualmente de mim. — Eu forço as palavras saírem.

Eu ouço um rosnado baixo. Isso é o que eu sempre amei sobre shifters — sobre Eli. Ninguém fode com seus filhotes. Ninguém.

Eu sopro uma respiração instável. —Isso durou anos. E só parou... — Eu paro de novo, beliscando minha testa. Eu posso fazer isso.

—Quando eu tinha quase dezesseis anos, ele veio até mim e eu lutei contra ele com uma garrafa quebrada. Passei em uma artéria. — Todo aquele sangue. —Ele estava morto em questão de minutos. — O rosnado de Eli está ficando cada vez mais alto.

Eu olho para minhas mãos. —Eu matei um homem. Eu não era nem uma adulta. Eu pensei que minha vida tinha acabado antes de começar, tudo porque eu finalmente lutei contra a pessoa que tinha abusado de mim. — Minha voz falha. —Ele era um vidente tão poderoso. Se eu tivesse feito as coisas da maneira legal, eu só... não sei se teria acabado bem para mim.





Eu respiro fundo.

— Então eu chamei um homem infame por seus negócios... — É tudo que consigo falar antes de Eli me abraçar, me segurando perto. — Eu sinto muito, Callie. Sinto muito pra caralho.

Eu estremeço um pouco enquanto a memória me percorre e eu aceno contra ele.

— Você deveria ter me dito isso. Tudo isso, — ele me adverte baixinho.

— Eu sou ruim em compartilhar, — eu admito.

Ele me segura por quase um minuto e agradeço o conforto.

Eventualmente, eu saio de seus braços, enxugando uma lágrima que conseguiu escapar do canto de um dos meus olhos.

— O que você tem que entender, — eu digo, — é que o Negociador me salvou. Ele limpou a bagunça, me matriculou na Academia Peel, escondeu meu crime. —

Dizendo isso a Eli é uma aposta. O shifter é um dos mocinhos. Ele poderia me arrastar, desenterrar o antigo caso e deixar o sistema fazer o seu trabalho.

Eu estou meio que apostando no fato de que o senso de justiça de Eli — justiça da matilha — irá se alinhar com minhas ações; pessoas que fazem coisas ruins para shifters inocentes simplesmente desaparecem.





—O Negociador não me cobrou por isso, — eu continuo. —Eu sei que você acha que ele fez, mas ele tem seu próprio código de ética. Como eu era menor de idade na época, ele não me permitia fazer negócios com ele assim.

Agora, sabendo o que eu sei sobre faes, verdadeiros favores eram meio que um grande negócio. Os faes viviam para aproveitar uma situação.

Eli parece entender isso também. O lobisomem levanta as sobrancelhas.

—Foi só mais tarde que eu o chamei novamente. E de novo. E de novo. Eu cheguei com todos os tipos de favores apenas para que ele pudesse ficar por um tempo. Porque eu estava intrigada com ele. Porque eu estava apaixonada por ele. Porque eu queria um amigo que não se assustasse com a minha escuridão — e Des não se assustava. —

—Ele nunca deveria ter feito esses negócios com você, — Eli rosna.

Eu brinco com meu bracelete, girando as miçangas em volta do meu pulso. —Não, ele provavelmente não deveria ter feito, — eu concordo. —Mas todos nós cedemos a nossas naturezas mais básicas uma ou duas vezes, não é? — Eu digo.

Eli grunhe, olhando para a propriedade do Negociador.





Ele esfrega o rosto. — Eu gostaria que você tivesse me dito todas essas coisas há muito tempo.

Poderia, deveria. Não adianta ficar chateado com isso agora. — Eu já tive uma chance? — Eli pergunta.

Eu olho para o shifter. — Eu não sei. Mas sei que você merece alguém que possa lhe dar muito mais do que eu posso.

Aproximando-se, Eli descansa a palma da mão contra o lado do meu rosto. — Aquele filho da puta é um homem de sorte.

As palavras mal saem da sua boca quando atrás de nós, as portas da frente se abrem.

Eu me viro a tempo de ver Des saindo de casa, suas asas visíveis. Seus olhos tempestuosos se voltam para Eli, que ainda está perto de mim, e vejo um flash de possessividade neles.

Reflexivamente, eu me afasto do shifter.

É a luz do dia aqui, que não é exatamente a hora favorita do dia de Des. Ele deveria estar no Outro Mundo por várias horas. Claramente, algo mudou.

Ele achava que eu estava em perigo?
Como ele saberia disso?

O chão estremece com o poder de Des, seu olhar fixo em Eli enquanto ele se aproxima dele.

Eu vou para a frente do Negociador, colocando a mão em





seu peito para impedi-lo de qualquer coisa que ele esteja pensando em fazer.

Ele olha para a minha mão, suas narinas dilatadas, antes de seus olhos se voltarem para Eli. —

Você tem dois segundos para sair da minha propriedade antes de eu fazer você sair, — diz ele ao shifter, sua voz suave como licor.

Eli olha para as asas de Des por um longo momento, parecendo atordoado. Finalmente, ele afasta o olhar. — Eu não sabia, — diz ele.

Eu olho entre os dois homens. — Sabia o que? —

O Negociador observa Eli por alguns segundos. Então, muito ligeiramente, ele inclina a cabeça. — Agora você sabe.

— Callie me contou o que você fez quando ela era criança, — diz Eli. — Obrigado por ajudá-la, — continua ele. — Não há mais sangue ruim entre nós, ok? Eu não percebi a situação — nada disso.

Mais uma vez, Des inclina a cabeça.

Eli se afasta, lançando um olhar em minha direção. — Cuide-se, Callie, — diz ele, levantando a mão em um adeus. E então ele se vira e sai da propriedade e sai da minha vida.

Minha testa ainda está franzida por muito tempo depois que Eli sai. Nada sobre o que acabou de acontecer faz sentido.

Eu estava esperando um confronto de algum tipo entre os dois homens, mas em vez disso





recebo desculpas e compreensão. Eu deveria estar aliviada, mas quando Des me leva de volta para dentro, meus olhos se dirigem para suas asas.

Isso é o que Eli estava olhando com tanto choque.

As asas do rei fae. As mesmas asas que Des cuidadosamente escondeu de mim no passado.

Há algo que estou perdendo, e vou descobrir o que é.

ANTES DE DES e eu começamos falar sobre o que aconteceu, eu murmuro uma desculpa sobre precisar ir ao banheiro e ir para o meu quarto.

Trancando a porta atrás de mim – não que isso pararia o Negociador – eu pego meu telefone e ligo para Temper, andando de um lado para o outro pelo banheiro.

— Ei vadia, o que foi? — Ela responde.

— Temper, você sabe o suficiente sobre faes, não é? — Eu digo, pulando direto para o assunto.

Antes de nos tornarmos detetives particulares, quando Temperance Darling era apenas mais uma desajustada na Academia Peel, ela tinha uma pequena obsessão por faes. Quando a conheci, ela queria ser diplomata no Outro Mundo.

— Hmmmmm, saber o suficiente pode estar indo longe





demais, mas eu sei algumas coisas. Por quê? O que você precisa saber?

—Eli me confrontou e...

—Ele encontrou você? — Temper interrompe, sua voz incrédula. —Já? Uau, garota, você é péssima em se esconder.

—E como você acha que ele me encontrou? Poderia ser porque ele clonou seu celular? — Eu digo.

Há uma pausa do outro lado da linha.

—Bem, merda, — ela diz, —isso é uma bagunça.

—Está bem. Nós conversamos sobre nossos problemas, agora estamos bem.

Outra pausa. Temper tem o hábito daqueles ao meu redor. — Você está me dizendo que conseguiu convencê-lo a te tirar da lista dos mais procurados? —Quando ela diz desse jeito...

—Merda, você conseguiu. Vadia, você deve ter uma vagina de ouro.

Eu mordo meu dedão. Do lado de fora do banheiro, posso ouvir o Negociador se movimentando, impaciente.

Eu vou ter que sair e conversar com ele em breve. Ele e eu temos perguntas que precisam ser respondidas.

—Ouça, Temper, eu preciso falar com você sobre algo importante.





Imediatamente, seu tom muda. —O que é?

—O que você sabe sobre asas de fae?

—Hum... Elas são brilhantes – pelo menos algumas delas – saem mais comumente quando um fae perde o controle de suas emoções – você sabe, raiva, luxúria, se um fae bebe demais... Hum, eu sei que há mais. Deixe-me pensar, já faz um tempo desde que eu li sobre essas coisas...

Lembro-me da expressão nos olhos do meu ex hoje quando ele viu aquelas asas: fim de jogo.

—Hoje, quando Eli viu as asas do Negociador, ele recuou. Foi muito estranho e eu só queria saber...

O que eu quero saber?

—Aqueles dois se encontraram? Novamente? — E então o resto do que eu digo alcança ela. —Espera. O que quer dizer com Eli viu as asas do Negociador?

—Não é como se isso fosse algo novo, — eu digo. —Eli os viu antes, quando ele veio para minha casa em torno da lua cheia.

—Sim, mas elas saíam quando o Negociador estava sob ataque se precisasse usá-las para voar, — diz Temper. —O que aconteceu hoje?

Eu brinco com a minha pulseira. — Houve outro confronto entre o Negociador e o Eli, e desta vez, quando Eli viu as asas do





Negociador, toda a dinâmica mudou. Foi estranho. Quero dizer, Eli se desculpou.

Talvez tenha sido por causa de tudo que eu disse a ele. Talvez eu estivesse latindo na árvore errada. Mais silêncio.

Finalmente, —O Negociador mostrou as asas para você? — Temper soa... Estranha. —Fora das situações em que elas são necessárias ou onde ele estava sendo atacado. Ele apenas, você sabe, andou com suas asas para fora? E mostrou-as como se fossem o seu mais novo brinquedo?

—...Sim, — eu digo devagar, meu estômago se apertando. — Por quê?

Ela exala. —Garota. — —O que?

—Há um momento em que os faes gostam particularmente de manter as asas abertas e exibi-las sempre que quiserem. Especialmente os machos.

Ela simplesmente para de falar.

—Oh meu Deuses, seu silêncio está me matando, — eu digo. —Temper, seja o que for, basta dizer de uma vez.

—Faes só fazem isso com suas prometidas ...





CAPITULO 22

Maio, sete anos atrás

ISSO NÃO PODE ser vida real.

Uma hora atrás eu não tinha um encontro, um vestido ou um ingresso para o baile de maio.

Agora eu tenho todos os três, graças ao homem ao meu lado.

Eu olho para Desmond enquanto esperamos para entrar no salão de baile da Academia Peel, e meus joelhos ficam um pouco fracos.

Existe um Deus e ele me ama, eu penso enquanto observo Des. Eu nunca gostei muito de homens de smoking, mas eu nunca vi Des em um.

Seu cabelo loiro branco está livre do amarrador de couro que ele geralmente usa, e ele roça os ombros.

Ele passa a mão pelo cabelo agora, parecendo intocável. E ainda assim eu juro que ele está desconfortável.

Talvez seja porque hoje à noite as pessoas podem vê-lo.

Desde que nós dois saímos do meu dormitório, as pessoas chegaram a um impasse. Callypso Lillis, a bonita, mas estranha excluída, vai ao baile de maio, e o homem que a acompanha é lindo. Pelo menos é o que eu suponho que eles estão pensando com base em seus olhos arregalados e olhares persistentes.





Também pode ser o fato de que Des simplesmente se parece com problemas, com sua estrutura impressionante e características extravagantes. Suas tatuagens estão escondidas, mas não há disfarce da vibração nervosa que ele está emitindo.

Chegamos até a entrada e entregamos nossos ingressos, e então estamos dentro.

Eu posso sentir dezenas de olhos em nós e percebo que estou começando a tremer pela atenção. Este é o ensino médio, onde os alunos se destacam em fazer os indesejáveis se sentirem invisíveis. Eu estive invisível por tanto tempo, e tudo bem comigo. Muito bem.

Mas hoje eu já posso dizer que ninguém vai me ignorar. Não com meu lindo e perigoso encontro ao meu lado. E não enquanto eu uso este vestido, com sua gargantilha de diamantes que mantém a seda prateada ajustada contra o meu corpo. A extensão que deixa minhas costas nua afunda apenas depois dela. Mais cordas de diamantes percorrem minha espinha, segurando as bordas da seda no lugar. A bainha do vestido se arrasta contra o chão. É um vestido que uma celebridade deveria usar, ou uma rainha – ou uma fae. Não eu.

Mas eu realmente não tive escolha no final. Não é como se meu armário tivesse sido pré abastecido com vestidos de formatura. E este foi o que Des procurou para mim.





Nós estamos apenas dentro do antigo salão de baile da escola por um minuto antes de Trisha, uma das garotas no meu andar, se aproximar de mim.

—Callypsie! — Ela grita e, agora, se atira em mim agora, esse apelido precisa morrer.

—Callypsie? — O Negociador diz baixinho.

—Não, — eu aviso. —Se você se importa com suas bolas, não fale nada.

No começo do ano, uma das garotas do meu andar começou a me chamar assim, porque, por alguma razão, Callie não era um apelido bom o suficiente, e simplesmente nunca foi embora.

O Negociador ri. —Ok, você que sabe... Callypsie.

Eu não tenho tempo para fazer jus a minha ameaça antes que Trish esteja comigo.

—Eu não sabia que você estava vindo! — Diz ela, puxando-me para um abraço.

Isto é estranho. Trish é uma daquelas garotas que eu devo ter deixado puta em um ponto no tempo porque seus hobbies incluem cuidadosamente me ignorar.

Exceto por agora.

Eu a abraço de volta, desejando que ela me liberte para que eu possa entender que tipo de





feitiço foi colocado nela para fazê-la se dirigir a mim. E como Callypsie, de todas as coisas. Eu pensei que ela tinha perdido esse apelido durante todo esse tempo que ela fingia que eu não existia.

E então ela se vira para o Negociador, e puta merda, ela está dando a ele um inferno de um olhar predatório. Eu me aproximo um pouco mais dele. Acho que não gosto muito de compartilhar Des. É uma grande ilusão acreditar que ele é meu e só meu, mas entre essa multidão ele pode ser. Ninguém aqui o conhece, ninguém aqui o viu orquestrar um acordo ou cobrar o pagamento. Ninguém bebeu e jogou pôquer com ele, ou bebeu chá e conversou sobre doces com ele. Ninguém teve maratonas de filmes ou conversas de coração a coração com ele. Ninguém aqui sabe que ele é gentil e cruel e perverso e engraçado e tudo mais.

Mas a maneira como Trisha está olhando para ele, como se ela tivesse cinco minutos sozinha com ele, ela poderia conquistá-lo, está me fazendo questionar a minha decisão de ir ao baile. Porque talvez cinco minutos seja o suficiente. Eu realmente não sei e tenho medo de descobrir.

—Hum, — eu digo, —este é o meu encontro.

—Dean, — o Negociador fala por mim, estendendo a mão.





Trish parece surpresa quando pega a mão dele. Eu sinceramente espero que eu não use essa expressão ao redor de Des.

Eu provavelmente uso.

—Como você e Callie se conhecem? — Ela pergunta quando Des solta a mão dela. Ela sorri timidamente, como se ela fosse uma pequena florzinha graciosa. Não consigo decidir se quero sorrir ou fazer careta com isso.

Eu me viro para Des, e estou com tanto medo que ele vai dizer a verdade.

Oh Callie e eu nos conhecemos logo depois que ela assassinou seu padrasto. Ela é muito cruel se você realmente a conhecer...

Des estica o braço em volta da minha cintura e olha para mim com carinho. — Eu salvei a vida dela – pelo menos é assim que ela diz, não é, querubim? — Ele me dá um pequeno aperto quando ele fala isso.

Seus olhos brilham quando eu olho para ele. O homem está definitivamente jogando e se divertindo muito fazendo isso.

Eu não consigo encontrar as palavras para responder, então eu aceno.

—Oh, — Trish diz, franzindo as sobrancelhas, — Isso é... Estranho.

Uau, então vocês dois estão juntos?

— Seus olhos se movem brevemente para mim antes de





retornar ao Negociador. A garota está tirando a roupa dele lentamente em sua mente e, porra, eu tinha um canto naquele mercado em particular até hoje.

O olhar do Negociador passa pelo ombro de Trish. — Seu encontro está esperando por você, Trish Claremont. Não o deixe esperando.

— Como você sabe o meu? — Suas palavras param pelo o que ela vê no rosto de Des. Ela olha por cima do ombro, afastando-se. — Uh, sim, bem, foi um prazer conhecer você, Dean. — Ela não se incomoda em dizer adeus para mim antes de recuar às pressas.

Ele a observa se afastar, seus olhos se estreitam. — Isso foi estranho, — eu digo.

Estranho é apenas um eufemismo para uma emoção na qual não posso realmente colocar um nome. Obviamente, uma parte de mim é territorial, o que é embaraçoso porque Des nem é meu, mas é mais do que isso. É ao mesmo tempo satisfatório e desapontador ser reconhecida pela primeira vez em sua vida por alguém de quem você

não gosta. E é uma pena que uma parte sua se sinta satisfeita com algo tão básico quanto o reconhecimento humano. Mas, novamente, Trisha não tinha realmente me visto hoje à noite. Não como amiga, não como uma ameaça. Minha existência começou





e terminou com a introdução que dei a ela. Trazer Des aqui pode ter sido uma péssima ideia.

Os lábios do Negociador roçam no meu ouvido. —Vamos encontrar uma mesa. Talvez eu até deixe você sentar no meu colo e fingir que somos um casal para a próxima garota que perguntar. — Isso é tudo o que preciso para limpar meu humor sombrio.

Minha pele começa a se iluminar apenas com o pensamento de sentar no colo de Des. O que quer dizer que essa sereia está totalmente com uma ereção feminina.

Des não tem tempo para comentar sobre isso antes que mais conhecidos cheguem. E assim ficamos de novo. E de novo. Bem no meio das apresentações a Clarice, uma garota da minha turma de mitos e lendas, O negociador pega minha mão e me leva embora. Eu mal tenho tempo para lhe lançar um olhar de desculpas por cima do meu ombro antes de ser retirada.

—Onde estamos indo? — Eu pergunto.

Os alunos se separam assim que veem o Des. —Pista de dança,
— diz ele por cima do ombro.

Eu demoro um pouco. Dançar não é realmente minha coisa.

Ele dá um pequeno puxão e qual seja a resistência patética que eu tinha, eu deixo de lado.





Eu chego ao seu lado. — Isso foi insano lá atrás, — eu digo, porque não consigo pensar em nada melhor.

— Isso foi infernal, — diz ele, — e estou acostumado a eventos como esse. Ainda bem que eu nunca fui para o ensino médio. — Isso faz com que umas duas pessoas que nos ouviram o olhem estranho.

— Você nunca fez o ensino médio? — Eu pergunto quando nós tecemos entre casais. Eu não sei porque estou surpresa; nada sobre Des parece particularmente normal.

Mas mesmo assim.

— Minha criação foi um pouco mais não convencional. — Porque Des é um rei do Outro Mundo. Um rei.

Eu levei um rei fae ao meu baile sobrenatural.

Jesus. Tudo que eu preciso é de Monster Mash tocando no fundo para completar isso.

Nós pisamos na pista de dança assim que uma música termina e uma lenta começa.

Eu respiro fundo, prestes a ficar, — Oh, credo, uma música lenta, vamos nos sentar, — apesar de querer agarrar o Negociador como um coala. Mas antes que eu possa dizer uma palavra, ele me puxa para perto,





uma de suas mãos indo para as minhas costas, onde minha pele está exposta.

Há algo estranhamente íntimo em sua mão tocando a pele nua na base da minha coluna, algo que deixa minhas bochechas vermelhas.

Eu não tenho ideia do que fazer com minhas mãos. Nenhuma maldita ideia.

O Negociador se inclina. — Coloque seus braços em volta do meu pescoço, — diz ele. Tentativamente eu faço isso. Eu adormeci enrolada nesse homem, e ainda assim isso parece estranhamente mais exposto, com ele olhando para mim, seus olhos prateados brilhando estranhamente.

Eu dou-lhe um sorriso nervoso, um que tenho certeza que ele vê bem.

Sua cabeça desce ao meu ouvido. — Relaxe, querubim.

Seu polegar acaricia a pele exposta da parte inferior das costas e minha boca seca. Meus olhos caem. Eu posso sentir a atração em ceder a sereia. Eu não tenho um bom controle sobre ela ainda. Mas

enquanto a música continua, fico mais confortável. Eu decido dar uma olhada em Des.

Eu não estou preparada para ver a expressão atormentada em seu rosto.

— O que há de errado? —





—Tudo, querubim, — diz ele. —Tudo.

Dias atuais

Eu olho para o meu telefone muito tempo depois de desligar com Temper.

Faés só fazem isso com suas prometidas.

Tecnicamente, Des e eu éramos amantes. Mas nós não estávamos em nenhum tipo de relacionamento. E nós definitivamente não éramos prometidos, usando a palavra da Temper.

Mas Des estava andando por aí, mostrando as asas para outros homens, forçando-os a recuar sem me avisar.

Meu sangue está começando a ferver.

Como ele ousa.

Eu saio do meu quarto apenas para encontrar o Negociador andando parecendo agitado como o inferno.

—É verdade? — Eu exijo.

Ele faz uma pausa. —O que é verdade?

Estou quase surpresa por ele não saber sobre o que eu falei com Temper. Tanto por ser o Mestre dos Segredos, ou o que quer que seja o título dele.

—Sobre suas asas, — eu digo. —É verdade que você está mostrando para que todos saibam que não devem me tocar? Que eu pertenço a você?





Ele fica completamente quieto, mas seus olhos... Seus olhos estão brilhantes. Ao nosso redor, as sombras começam a se reunir na sala.

Os sinos de alarme estão balançando na minha cabeça. —É, — eu digo quando a verdade aparece em mim. Com cuidado, ele desce em mim.

—Seu bastardo, — eu digo. —Você ia me dizer?

Ele para na minha frente, parecendo um pouco ameaçador. E eu não dou a mínima.

Eu cutuco ele no peito. —Você. Ia?

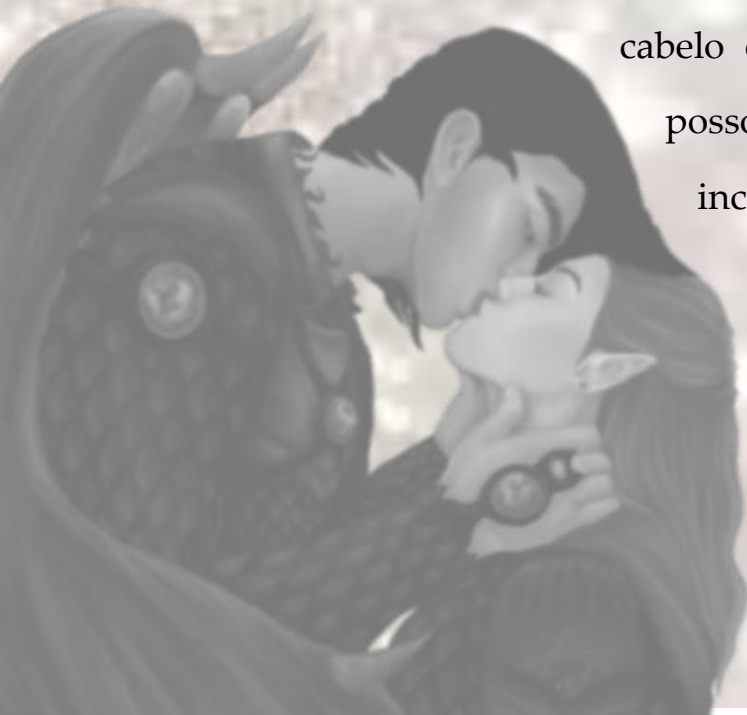
Ele olha para o meu dedo, como se eu o tivesse ofendido pessoalmente. E então eu vejo o canto da boca dele se enrolar.

Ele entra mais fundo no meu espaço, seu peito roçando o meu. —Você tem certeza que quer conhecer meus segredos, querubim? — Ele diz. —Eles vão te custar muito mais do que um pulso cheio de miçangas.

—Des, eu só quero respostas sua. —Estou surpresa ao ver seus olhos se aprofundarem com entusiasmo. Ele pega uma mecha do meu cabelo e esfrega entre os dedos. —O que posso dizer? Faes podem ser amantes incrivelmente ciumentos e egoístas.

—Você deveria ter me contado.

—Talvez eu tenha orgulho de ter minhas asas expostas, — ele admite, colocando minha mecha de





cabelo de volta para baixo. —Talvez eu tenha gostado do jeito que você olhou para elas e do jeito que os outros olhavam para elas. Talvez eu tenha sentido coisas que nunca senti antes. —

Enquanto ele fala, suas asas lentamente se abrem. E com cada palavra que ele diz, minha irritação se dissipa. Em seu lugar é algo mais desconfortável. Algo que faz meu coração doer.

—Talvez eu não quisesse te contar apenas para descobrir que você não sentia o mesmo. Eu sei ser letal, Callie. Eu sei ser justo. Eu não sei como lidar com você. Conosco. Com isso.

—Com o que?

Ele ainda está sendo enigmático, mesmo agora, depois que ele prometeu me contar seus segredos.

Ele passa o dedo pela minha clavícula. —Eu não fui totalmente honesto com você.

Esta não é exatamente uma revelação chocante.

—Houve uma pergunta que você me fez antes, — continua ele.

—Porque agora? Eu fiquei fora por sete anos, Callie. Então, por que eu voltei agora?

Eu franzo minhas sobrancelhas. —

Você precisava da minha ajuda, — eu digo. O mistério, as mulheres desaparecidas. Ele tinha sido muito claro sobre isso.





Ele ri e o som tem algo afiado nele. — Uma mentira que se tornou a verdade.

Agora eu dou a ele um olhar estranho. Se não por essa razão, então por quê?

Ele toca minha bochecha gentilmente.

—Callie. — Não é a forma que ele diz meu nome, mas o jeito que ele diz.

Suas asas se abriram completamente, a extensão delas se estendendo por sua sala de estar. As coisas são enormes. —Uma fae não mostra suas asas para sua prometida.

Ele desliza a mão atrás do meu pescoço, seu polegar acariciando minha pele.

—Um fae mostra elas para a sua alma gêmea.





CAPITULO 23

Maio, sete anos atrás

DEPOIS DA DANÇA, Des me leva de volta ao meu dormitório, desaparecendo apenas o tempo suficiente para passar pela garota que está na mesa principal do nosso saguão.

Agora ele hesita no limiar do meu quarto, parecendo em conflito. Em vez de questionar o olhar, eu pego sua mão e puxo-o para dentro, fechando a porta atrás dele. Eu deixo cair a batinha do meu vestido, que eu carregava desde que saímos do baile, com medo de sujar mais do que eu já tinha feito. É a peça de roupa mais bonita que já usei.

Eu corro minhas mãos nervosamente pelo corpete. — Obrigada, — eu digo em voz baixa, olhando para os meus pés.

Des não responde, mas eu sinto seus olhos em mim. Aqueles olhos maus e calculistas.

— Esta noite foi... — Algo de um sonho. Eu ainda posso sentir o jeito que ele me segurou quando dançamos, — maravilhosa.

O Negociador se senta pesadamente na minha cama, passando as mãos pelos cabelos.

Eu espero por alguma reação, mas não vem.





O silêncio dentro deste minúsculo quarto se estende e, por uma vez, não é confortável.

—Algo está errado? — Pergunto. Eu posso sentir a preocupação se agitando dentro de mim; eu praticamente posso sentir o gosto amargo dela no fundo da minha garganta.

Esta não pode ser a melhor noite da minha vida. Eu não consigo ter nada tão doce.

Pobre Callie. Sempre do lado de fora, sempre olhando.

Ele solta as mãos de onde elas seguram a cabeça. —Eu não posso mais fazer isso.

Ele olha para mim e eu quase cambaleio para trás. Por uma vez, Des é aquele com suas emoções expostas, e ele está me encarando como se estivesse me esperando a vida inteira.

Talvez eu tenha essa noite com toda a sua doçura. Talvez eu consiga mais do que apenas esta noite. —Des? Do que você está falando? —Eu vejo sua garganta funcionar enquanto ele olha para mim, seu olhar desafiador. Ele sai da minha cama, de pé mais uma vez. A maneira como o queixo dele está faz meu coração disparar. Ele parece sinistro.

Perigoso.

Ele começa a andar em minha direção, seus olhos varrendo meu corpo, seu olhar faminto.





Eu me desesperei que esse homem não sentisse nada por mim. Agora uma boa dose de medo inunda minhas veias porque uma voz pequena está sussurrando, oh, mas ele sente, e esse destino é muito pior.

—Dê-me uma boa razão pela qual eu não deveria te levar daqui esta noite. Agora mesmo.

—Me levar daqui? — Eu mostro-lhe um olhar estranho. — Você tem outro negócio hoje à noite? — Ele não tem me aceitado tantos ultimamente, não desde que eu encantei um de seus clientes.

Ele começa a me circular. —Eu te levaria embora e nunca te libertaria. Minha pequena e doce sereia. — Ele passa a mão pela pele nua das minhas costas e eu tremo. —Você não pertence aqui, e minha paciência e minha humanidade se tornam mais fracas.

Alguma coisa não está certa.

—Eu poderia fazer você fazer tantas coisas – tantas, tantas coisas, — ele sussurra. —Você iria gostar de todas elas, eu prometo a você. Você iria apreciá-las, e eu também.

Eu engulo, meu olhar correndo para o meu bracelete. Eu posso sentir sua magia me persuadindo a algo indescritível.

—Nós poderíamos começar hoje à noite. Eu não acho que posso suportar outro ano, — diz ele, olhando-me novamente. —E eu não





acho que você pode também. — Do jeito que ele diz isso é cheio de tanta fome.

Enquanto ele se move em minha volta, eu pego sua mão, tentando impedi-lo e a estas confissões estranhas e enigmáticas dele.

—Des, do que você está falando? — Ele enfia os dedos nos meus, segurando nossas mãos entre nós. —Como você gostaria de começar o pagamento de hoje à noite?

Agora não há nada além de sexo e desejo em seus olhos.

No ano passado, as únicas coisas que me pareciam particularmente feias sobre Des eram seus truques e sua brutalidade. Mas agora Des é só fae. Está nas palavras dele e na expressão assustadora dele. Esta versão dele é sombria e estranha.

Escuro, estranho e atraente.

E quando ele olha para os nossos dedos entrelaçados, seus lábios se abrem para o mais brilhante e cruel sorriso. Eu quase pego minha mão; algo como autopreservação me impede de correr. Tenho a sensação de que este homem está mergulhando os dedos dos pés em águas traiçoeiras agora, e qualquer movimento errado que eu fizer vai mandá-lo cair de cabeça.

Eu solto uma respiração instável. —Desmond Flynn, o que quer que esteja acontecendo, eu preciso que você saia dessa. — Eu





pareço muito mais calma do que me sinto. Meu pulso bate como um tambor entre as minhas orelhas.

Ele traz nossas mãos unidas perto de seus lábios e fecha os olhos. Ele fica assim, imóvel, por pelo menos um minuto. Tempo suficiente para eu me preocupar. Mas eventualmente ele pisca com os olhos abertos, as narinas dilatadas. E eu sei com apenas um olhar que o Des que eu conheço e confio está de volta.

Sua expressão mantém um mundo de remorso. — Me desculpe, querubim, — ele sussurra, sua voz rouca. — Não era para você ver isso. — Ele continua, — Eu não sou... Humano, por mais que eu pareça ser.

Há algo cantando no meu sangue, e tenho certeza que boa parte disso ainda é medo, mas principalmente é esperança.

Eu não sou particularmente corajosa, mas eu decido ser assim agora. — Você... Gosta de mim? — Eu pergunto. Não há dúvidas sobre o que quero dizer.

O Negociador libera minha mão. — Callie. — Ele está se afastando, fisicamente, emocionalmente.

— Você gosta? — Eu empurro.

Porque eu tive essa sensação quando ele estava prometendo me levar embora e me fazer recompensá-lo.





Um dos seus polegares roça na minha bochecha. Ainda franzindo a testa, ele abaixa a cabeça.

Ele gosta.

Minha pele se ilumina, seu brilho é ofuscantemente brilhante, e eu estou feliz, estou tão feliz porque ele gosta de mim, e eu gosto dele, e ele me levou para um baile, e no que diz respeito ao mundo sobrenatural, eu sou legalmente uma adulta.

Isso pode funcionar.

Mesmo que ele seja mais do que um pouco assustador, e mesmo que a minha sereia adorasse nada mais do que se aproveitar dele, ele é a lua no meu céu escuro.

Meu rei sombrio. O meu melhor amigo. Eu fico na ponta dos pés.

—Callie.

Eu o corto com um beijo. É um pouco indulgente chamá-lo de beijo. Meus lábios param sobre os dele e lá eles se demoram.

As mãos do Negociador se movem para meus braços e ele as aperta. Eu juro que ele quer me puxar para mais perto, mas ele não puxa.

Seus lábios ficam rígidos sob os meus e vou perdendo a coragem rapidamente.





Mas então ele solta um som de dor e sua boca começa a se mover. De repente, vai de ser um —beijo— para ser O beijo.

Ele me pega em seus braços, seus lábios varrem os meus e sua boca se move desesperadamente, como se ele não conseguisse ter o suficiente. Como se este fosse o primeiro, o último, o único beijo que ele terá.

A coisa toda me tira o fôlego. Eu deslizo meus braços ao redor de sua cintura, sentindo que estou me segurando pela minha vida. Cada parte de mim se encaixa perfeitamente contra cada parte dele.

O inferno não poderia me dar um homem mais perverso; o céu não poderia me dar um momento mais perfeito. Um ano que esperei, um ano que sofri, um ano em que me desesperei que isso nunca aconteceria.

E agora acontece.

Uma das mãos de Des envolve meu cabelo, agarrando-o com força. Ele não pode me segurar mais apertado, e ainda sinto que ele está tentando. Que ele está tentando se preencher com a minha própria essência.

E aqui eu pensei em me preocupar com a porcaria da minha técnica de beijo. Eu não imaginava isso – que ele me desejasse como um homem morrendo de vontade de amar a vida.





Meus lábios se separam enquanto eu suspiro, e é como se a ação quebrasse um feitiço. Um momento a boca de Des está na minha, no próximo, não está mais.

Ele me libera, cambaleando para trás, sua respiração pesada. Sombras se juntam em torno dele, mais densas do que eu já vi. Eles também me envolvem, parecendo nuvens negras de tempestade.

Mas eu só tenho tempo para me admirar com as sombras dele antes que meus olhos sejam puxados para cima – para cima, para cima.

Atrás de Des, duas asas prateadas e perversas começam a existir, as pontas afiadas de garras erguendo-se acima da cabeça do Negociador.

—Suas asas... — Eu digo, impressionada.

A única vez que nossas asas saem é quando queremos brigar ou foder, ele disse.

E eu não acho que ele quer lutar comigo.

Des não se incomoda em olhar por cima do ombro, ele ainda está olhando para mim. —Sinto muito, — diz ele. —Nunca deveria acontecer assim. Eu deveria ter esperado. Eu pretendia esperar.

—Des, o que está errado? —
Eu digo, dando um passo à frente.





Meu estômago está despencando. Eu já posso sentir seu arrependimento.

Ele arrasta a mão trêmula pelo cabelo. —Eu tenho que ir.

—Não— eu digo, minha pele escurecendo.

—Eu sinto muito, — ele repete. —Eu queria te dar mais tempo. Eu nunca deveria ter feito isso — nada disso.

Nada disso?

Ele não pode estar dizendo o que eu acho que ele está dizendo. Especialmente quando suas asas ainda estão expostas. Elas estão se contorcendo, como se quisessem se espalhar.

—Mas você gosta de mim, — eu digo, sem entender o que ele está divagando, mas ouvindo arrependimento enfiado por toda a sua voz.

—Eu sou um rei, Callie. E você é...

Quebrada.

—Inocente.

—Eu não sou inocente. — Deuses, eu não sou.

Ele se aproxima e coloca a mão na minha bochecha. —Você é. Você é tão dolorosamente inocente de muitas maneiras, e eu sou um homem muito, muito ruim. Você deveria ficar longe de mim porque eu não





consigo ficar longe de você. — Espere. — Ficar longe? Mas por que?

— Eu não posso ser apenas seu amigo, Callie.

— Eu também não posso ser apenas isso.

— Então não seja, — eu digo, minha voz rouca.

— Você não sabe o que está pedindo, — diz ele, procurando no meu rosto.

— Eu não me importo. — E eu realmente não me importava.

— Mas eu sim, — diz ele em voz baixa. Há uma finalidade para suas palavras.

Eu sinto uma lágrima escorrer porque eu sei o que é isso. É um adeus. E eu não entendo nada disso.

Sua voz cai. — Não chore.

— Você não precisa ir, — eu digo. — Tudo pode voltar ao que era. Nós podemos apenas... Fingir que esta noite nunca aconteceu. — Eu praticamente sufoco as palavras. Eu não quero fingir nada disso.

Des franze a testa. Ainda segurando meu queixo, ele puxa meu rosto para frente, beijando cada uma das minhas lágrimas.

Quando ele se afasta, vejo algo em seus olhos, algo que me faz pensar que os sentimentos do Negociador são mais profundos do que imaginava. Isso só me confunde mais.





— Apenas... Me dê algum tempo. — Quase com relutância, ele me libera, recuando.

— Quanto tempo você vai ficar fora? — Eu pergunto. No ano passado eu nunca tinha ficado mais do que alguns dias sem vê-lo.

Seus lábios apertam. — Tempo suficiente para descobrir o que eu quero e o que você merece.

A maneira como ele diz isso faz com que o pânico se desenrole dentro de mim. Este é o fim de alguma coisa. Eu pensei que era o começo..., mas não é. Foi tolice minha ser tão otimista.

— E as minhas dívidas? — Todos as 322. Elas são uma tábua de salvação de repente.

— Elas não importam. — Elas não importam? Este é o Negociador, o homem que fez um império por causa de seus negócios. Ele não iria simplesmente desperdiçar centenas delas.

Agora é mais do que apenas pânico que sinto. Eu estou aterrorizada. Ele está indo embora, não apenas por uma noite, mas por muitas. Talvez pelo resto das noites da minha vida.

Sua mão cai na minha maçaneta. E eu sei, é isso: o momento em que ele sai da minha vida.

Tudo por causa de um único beijo. Um beijo que revelou suas asas.





Nunca antes eu as vi. A única vez que o inabalável Des escorregou estava comigo.

Isso tem que valer alguma coisa, certo? Algo que vale a pena lutar.

—Um último desejo. — Minha voz é mais dura do que eu imaginava. Mais resoluta.

Ele abaixa a cabeça. —Não, Callie, — diz ele, quase me implorando.

Sua única fraqueza – uma barganha. Ele não consegue se ajudar quando se trata de me conceder favores.

Eu não sei o que acontece comigo, que estranha compulsão me leva a dizer palavras que não tenho direito de dizer ao Negociador. Só sei que meu próprio mundo parou e, se não fizer nada, ele sairá de seu eixo.

Eu fecho meus olhos e as palavras de um livro antigo fluem dos meus lábios. —Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn.

Tudo que ouço é a respiração irregular dele.

Eu nem tenho a presença de espírito de estar envergonhada. O velho verso de ligação falado entre os amantes parecia estar saindo dos meus lábios.

Abro os olhos e nós dois nos encaramos. Eu nunca vi horror e admiração ocupar o mesmo espaço





no rosto de alguém, mas ele consegue usar os dois. E então ele desaparece em uma nuvem de fumaça.

Eu não sabia ali que ele não voltaria.

Dias atuais

UM FAE NÃO mostra suas asas para sua prometida. Um fae mostra suas asas para a sua alma gêmea.

Eu paro de respirar.

O mundo inteiro fica quieto, até que tudo que eu possa ouvir é o bater do meu coração, meu coração estúpido e esperançoso.

—Você está mentindo, — eu sussurro.

Ele me dá um pequeno sorriso, seus olhos brilhando tão intensamente. —Não, querubim, eu não estou. — Eu sinto que estou prestes a quebrar.

—Então você está dizendo...?

—Que eu sou apaixonado por você? Que eu tenho sido desde que você era aquela adolescente obstinada com muita coragem? Que você é minha alma gêmea e eu sou a sua? Deuses me salvem, sim, eu estou dizendo isso.

Meus joelhos quase se dobram. Almas gêmeas.





Sim, meu coração sussurra, almas gêmeas.

Sete anos atrás eu enterrei meu passado e me recriei. Sete anos atrás eu me apaixonei.

Eu me apaixonei e nunca caí fora disso. O que foi problemático, porque há sete anos meu primeiro amor partiu meu coração.

— Mas você foi embora, — eu digo baixinho.

Ele fica rigidamente no lugar. — Eu fui, — diz ele, com os olhos tristes. — Mas eu nunca quis ficar longe.

— Então por que você não ficou?

Ele passa a mão pelo cabelo, desvia o olhar, depois respira fundo, seu olhar voltando para mim. — Você era tão jovem, — ele diz baixinho, seus olhos procurando meu rosto. — E você foi abusada. E meu coração escolheu você. Eu senti isso na primeira noite, mas eu não acreditei, até que o sentimento cresceu até que não pudesse ser ignorado.

— Eu não podia ficar longe, eu mal podia resistir a você, mas eu não queria te empurrar para algo. Não quando você acabou de escapar de um homem que tomou e levou. Eu não queria que você pensasse que era apenas isso que todos os homens faziam.

— Eu não posso respirar. Uma lágrima silenciosa percorre minha bochecha. Então outra.





Des limpa minhas lágrimas, sua expressão tão gentil. —Então deixei você jogar seu jogo, comprando favor após favor de mim, até o dia em que eu não aguentei. Nenhuma companheira minha deveria me dever. Mas minha magia, tem uma mente própria... Como a sua sereia, eu nem sempre consigo controlar. Achava que quanto mais você me devesse, mais eu poderia garantir que você estava em minha vida. É claro que essa estratégia chegou a um fim abrupto no momento em que você lançou seu desejo final.

Lágrimas ainda estão caindo pelo meu rosto enquanto eu bagunço meu cérebro pelo desejo que ele está se referindo.

—Esse seu desejo final, — continua ele, —era maior do que qualquer um de nós. Você me queria, eu estava me apaixonando por você e não estava certo, Callie. Eu sabia que não estava certo. Não quando você tinha dezesseis anos. Mas eu poderia ser paciente. Para minha pequena sereia, minha companheira, eu poderia.

Ele me mostra um sorriso suave, os olhos cheios de emoção profunda.

E eu me sinto leve como o ar. Isso é tudo que eu queria ouvir todos esses anos atrás.

E agora está me fazendo chorar mais. Eu pensei que meu coração cheio de cicatrizes tinha se apaixonado pelo homem que não poderia me amar de volta.





Seus olhos ficam distantes. —Mas esse desejo... Eu era um prisioneiro dele.

—Que desejo? — Ele continua mencionando esse desejo sinistro, e eu não tenho ideia do que ele está falando.

O foco de Des melhora. —Seu último desejo. Na noite da dança — ‘Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn—’ ele diz, citando o verso que eu falei há muito tempo.

Meu rosto aquece. —Você nunca concedeu ele.

—Você tem certeza disso? —Minha pele fica fria quando as palavras dele afundam. —Você... você concedeu?

—Eu concedi, — diz o Negociador, seus olhos se movendo para os meus lábios.

Ele concordou em ser meu. Meu cérebro está explodindo com isso.

Eu olho para o meu bracelete. —Mas as miçangas nunca apareceram...

—Eles não apareceriam, já que você já estava pagando. Nós dois estávamos.

Minha respiração fica presa e um nó se forma na minha garganta. —O que você quer dizer? — Eu mal consigo pronunciar as palavras.





—Um favor tão grande quanto o que você pediu exige um pagamento alto, — continua o Negociador. —Você acha que minha magia permitiria que você comprasse um parceiro tão facilmente? Esse tipo de favor exige uma boa dose de desgosto e anos de espera.

— Sete anos, para ser preciso.

— Sete anos.

Oh Deuses.

A magia do Negociador é sutil, se você não estiver procurando por isso, nunca perceberá.

Todo esse tempo eu tentei e não consegui seguir em frente, todo esse tempo eu me resenti do Negociador, tudo tinha sido parte do desejo.

—Todos os dias, depois de seu último desejo, eu me esforcei tentando chegar perto de você, — diz Des. —E todos os dias eu era parado por minha própria magia, que se virou contra mim. —Eu estou balançando a cabeça porque eu não posso falar. O verso de ligação que eu falei por puro desespero.

Quando aquela última noite há sete anos atrás se repete na minha cabeça, eu a vejo de uma nova perspectiva – a de Desmond. Eu inalo nitidamente quando percebo como os eventos se desenrolaram de acordo com ele.





Ele estava ligado ao meu desejo tanto quanto eu estava. Eu nunca percebi que ele não poderia simplesmente parar suas próprias barganhas.

—Então, um dia, — continua Des, —a magia que estava sobre mim se solta. Eu tentei me aproximar de você como eu tinha tentado mil vezes antes, e desta vez, a magia não me impediu. — Seus olhos prateados brilham quando ele olha para mim. — Finalmente, após os sete mais longos anos da minha vida, consegui voltar ao meu amor, minha companheira. A doce sereia que amava minha escuridão e minhas barganhas e minha companhia quando eu não era ninguém e nada mais do que Desmond Flynn. A mulher que tomou o destino em suas próprias mãos quando ela falou aqueles antigos votos e se declarou minha. — Um sorriso malicioso levanta primeiro um lado de sua boca, depois o outro. —Callie, eu te amo. Eu te amei desde o começo. E eu vou te amar muito depois da última estrela morrer. Eu te amarei até o fim da própria escuridão.

—Você me ama, — eu digo, deixando isso penetrar. —Eu te amo, Callypso Lillis, — ele repete.

E então... Eu sorrio. Meu coração parece que vai explodir.

—Você quer... Ficar comigo? — Eu pergunto, de repente tímida.

Parte de mim ainda está descrente.





Des me puxa para perto. — Callie, isso pode ser exagero, mas eu estou sentindo que você quer isso no momento...

Meu sorriso se alarga. — Eu quero. — Seus olhos se movem sobre o meu rosto. — Quero acordar todas as manhãs com você, querubim, e quero me casar com você, e depois quero ter muitos e muitos bebês com você. Se, claro, se você quiser.

Eu olho para Des, com seu cabelo loiro branco e olhos prateados marcantes. Está tudo exposto, seu amor, sua excitação, seu anseio. Des, que salvou minha vida, que está olhando para mim como se eu fosse sua lua e suas estrelas.

Por uma vez o Rei da Noite não está no controle da situação. Ele não segura nenhuma das cartas, mas ele me mostrou a mão. E a mão dele é tudo que eu sempre quis.

E agora ele está me pedindo para decidir se eu ainda quero ou não aquele homem na minha vida.

Eu o queria há sete anos, e todo esse tempo entre então e agora eu continuava a querer ele, mesmo quando sabia que era impossível.

Mesmo quando eu o odiava, eu o queria. Eu o queria ontem, quero ele hoje, quero ele amanhã e no dia seguinte. Eu o quero para o resto da minha vida.

Eu sempre quis.

— Eu serei sua, se você for meu, — eu digo.





Des sorri tão brilhante que atinge todos os cantos do seu rosto.

Eu sou quase atropelada por isso. — Eu sempre serei seu, querubim. — E é pura reação, mas eu começo a sorrir de volta para ele, mesmo quando uma lágrima feliz escapa.

Meu coração está quebrando e está se reformando, e todo o meu corpo está iluminado de dentro para fora.

Des aperta minhas bochechas. — E as montanhas podem subir e descer, e o sol pode ir embora, e o mar reivindicar a terra e engolir o céu. Mas você sempre será minha. — Ele passa os dedos sobre a minha bochecha. — E as estrelas poderiam cair dos céus, e a noite poderia encobrir a terra, mas até que a escuridão morra, eu serei sempre seu.





CAPITULO 24

EU PISCO VÁRIAS vezes quando Des termina de falar.

— Isso foi ...

— A versão da minha terra de um voto. — Ele ainda não deixou cair as mãos de onde elas embalam meu rosto. — Eu queria dizer essas palavras para você por anos. — Ele inclina a testa contra a minha. — Os humanos não são os únicos com votos de amantes arcaicos. — E então Des me beija.

Um beijo para acabar com todos os beijos. O amor é outro tipo de magia sutil. Pode unir as pessoas e destruir vidas. Pode lavar a tristeza, pode perdoar.

Pode resgatar.

As asas de Des nos envolvem até que estarmos no nosso próprio mundinho. — Verdade ou desafio? — Ele sussurra.

— Verdade, — eu digo.

— Você me ama? — Pergunta ele. Eu juro que, uma vez que ele pergunta, ele prende a respiração. Mas talvez eu esteja imaginando coisas.

— Eu nunca deixei. — Por um momento, ele fecha os olhos, aceitando minha admissão. Quando ele os abre novamente, eles estão cheios de tantas emoções, e eu sei o que vai acontecer depois.





Sua mão sobe do meu peito e embala meu pescoço. Ele olha para mim como se eu fosse uma divindade arcaica que ele adora.

—Desmond. —Seus olhos se movem para os meus lábios e, muito lentamente, ele abaixa a cabeça. Eu o encontrei no meio do caminho, nossas bocas colidindo. Ambas as mãos se movem para os lados do meu rosto, enroscando no meu cabelo.

Eu não tento impedir a sereia de assumir a liderança assim que eu desisto. Minha pele brilha mais forte, e eu envolvo meus braços ao redor dele, puxando-o para perto.

Ele se afasta um pouco, arrastando beijos ao longo da parte inferior do meu queixo, meu pescoço, a junção entre minha clavícula.

Eu faço um pequeno barulho na parte de trás da garganta e sinto seu sorriso ao longo da minha pele. Seu cabelo faz cócegas em minha carne onde ela me toca, e os lábios do Negociador... Eles estão se movendo para baixo, em direção entre meus seios.

Nós não vamos parar apenas com beijos. Não essa noite.

Sua respiração flui ao longo da minha pele e eu arqueio para ele. Ele se afasta tempo suficiente para tirar minha camisa, depois meu sutiã. Jogando as roupas de lado, ele gasta vários segundos olhando meu torso exposto. O olhar dele está faminto.





Ele nunca me viu nua antes, e eu nunca o vi nu antes, na verdade. A realização é chocante, considerando tudo o que fizemos.

Alcançando-a pelas costas, Des tira a própria camisa e fico maravilhada com os peitorais esculpidos, os braços tonificados, o estômago duro como pedra. Eu deslizo meus dedos sobre cada um de seus abdominais, pela primeira vez me sentindo como se eu tivesse o direito de tocá-lo. Ele parece esculpido em mármore, sua pele esticada sobre grossas cordas de músculos. Não volumoso como Eli é, mas tão esculpido.

Almas gêmeas.

Ele é meu e eu sou dele.

Estou quase tonta de alegria. Eu já fui tão feliz assim em toda a minha vida?

O Negociador me pega e me leva pelo corredor até seu quarto, chutando a porta atrás de nós.

Ele me coloca em sua cama, em seguida, abaixa-se sobre mim, seus quadris estreitos aninhados entre as minhas coxas. Mesmo esse contato faz com que eu me mova contra ele, impaciente por mais.

Mas, ao contrário de mim, Des parece ter uma paciência ilimitada, seu olhar se movendo para meu seio nu. Sua mão segura meu seio, seu polegar se movendo em círculos ao





redor do meu mamilo até endurecer. Ele se inclina para baixo, seus lábios substituindo os dedos. Sua língua se move sobre ele e eu me arqueio para ele.

Jesus, ele vai me fazer gozar antes mesmo de estarmos totalmente despídos.

Minhas mãos se movem sobre os músculos de suas costas, meus dedos apertando-o para mais perto.

Sua boca percorre meu estômago, suas mãos deslizando em meus lados. O Negociador olha para mim através de seus cílios quando ele atinge o cós do meu jeans.

—Tire-os, — eu respiro.

Ele não faz nada por um segundo, e tenho a impressão de que ele está saboreando esse momento. Então ele se move de volta para cima e me beija. Enquanto ele faz isso, sinto sua magia. Um momento depois, minhas calças se abrem e descem.

Eu não posso evitar, eu interrompo o beijo para rir.

O próprio homem sorri para mim, mas o humor em sua expressão se transforma em algo muito mais perverso.

Seu rosto está a centímetros do meu, seu cabelo caindo ao redor do rosto.





—Meu companheiro, — eu digo maravilhosamente. —Seu companheiro, — ele repete.

Até isso é quase demais. Meu coração e meu corpo não podem levar tantas sensações boas de uma só vez. Eu sinto que vou me separar, e quando eu finalmente me reunir novamente, eu não serei a mesma Callie que eu já fui.

Eu sinto a respiração de sua magia novamente, e desta vez são as calças dele que deslizam. Eu só tenho alguns segundos para apreciar sua cueca boxer preta antes de se arrastar também.

Eu já imaginei isso muitas vezes, mas minha mente nunca fez justiça a ele. Cada curva do músculo que envolve suas coxas, o V definido que aponta para seu grande pênis, a forma como sua cintura se afila e flui com fluidez para seus quadris estreitos e bunda esculpida – é melhor do que qualquer coisa que minha mente possa conjurar.

Ele me deixa o observar por um momento, e então ele se coloca de volta sobre mim, sua ereção pressionada firmemente contra a minha perna.

Estou brilhando como sempre. Normalmente eu tenho que reter alguns dos meus poderes quando faço amor, caso contrário meu encanto pode transformar palavras inocentes em comandos que





controlam meu parceiro – e eu gosto do meu sexo consensual, obrigada.

Mas com o Negociador, não preciso me preocupar com isso; ele não pode cair sob o meu feitiço do jeito que outros homens podem. A sensação de ser eu inteira e completa – algo que nunca senti com outra pessoa – é libertadora.

Sua mão toca minha calcinha rendada. —Essa tem que ir. — No segundo em que as palavras são ditas, sinto uma mão invisível puxando-as de mim.

Não há mais nada engraçado sobre a magia. Não quando o Negociador – Desmond – está olhando para mim com uma promessa em seus olhos.

Ele beija meus lábios, suavemente, gentilmente, depois se posiciona. Eu posso senti-lo na minha entrada.

Ele se afasta dos meus lábios, seus olhos se movendo sobre o meu rosto. Mais uma vez, tenho a impressão de que ele está memorizando o momento. Enquanto ele olha, ele empurra para dentro de mim.

Minha pélvis se levanta para encontrar a dele, e centímetro por centímetro, ele desliza dentro de mim. Meus lábios partem em uma surpresa silenciosa, nossos olhos se





unem. Todos aqueles anos de espera, de esperança, de desespero, tudo isso levou a esse momento.

Perfeição.

Um arrepio envolve seu corpo quando ele está totalmente dentro em mim. —Quero ficar aqui... Para sempre.

Eu solto um suspiro quando minhas mãos se movem sobre seus ombros, depois escorregam em suas costas. Eu quero que ele fique bem aqui também, nós dois embrulhados um no outro.

Ele desliza quase todo o caminho para fora antes de empurrar em mim com força. Eu gemo com a sensação, o som sobrenatural.

O sorriso que ele me mostra é puro pecado. —Eu gosto de fazer minha doce sereia gemer.

Ele entra e sai de mim, seus golpes poderosos.

Deuses, é desconcertante olhar para ele. Suas sobrancelhas estão franzidas, seus lábios entreabertos, e com cada impulso seu abdômen se flexiona. A visão dele fazendo isso comigo é quase suficiente para me fazer atingir o clímax.

Ele se abaixa, seu peito liso encontra o meu e suas mãos afastam o cabelo do meu rosto.

Ele me puxa ainda mais perto, suas bochechas roçam as minhas. Seu ritmo lento e suave.





Fazendo amor. Isso o que estamos fazendo.
Ele está sendo gentil, namorando comigo mesmo
depois que ele recebeu meu amor e se encontrou
entre as minhas pernas.

É assim que sempre será.

Noites como essa que se estendem para o futuro. Meu coração
dói com a possibilidade. Amor verdadeiro – sempre parecia fora do
meu alcance. Eu só acreditava nisso porque eu tinha agudamente
sentido sua ausência todos aqueles anos que passamos separados.

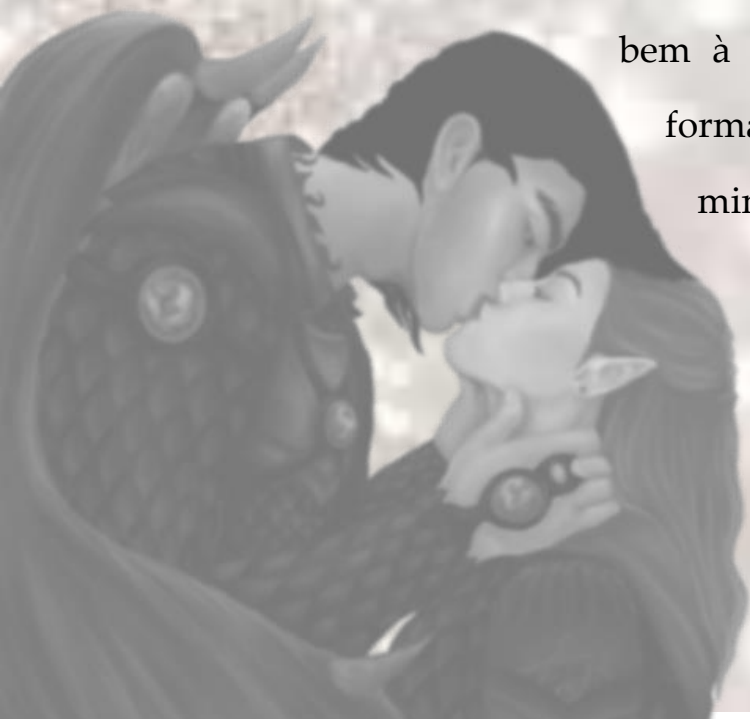
Por muito tempo eu pensei que algo estava errado comigo
emocionalmente. Que eu não podia amar totalmente, que não podia
ser eu mesma. Que eu era fraca. Aqui nos braços deste homem, eu
percebo pela primeira vez em muito tempo que não estou quebrada.
Nem mesmo perto.

Eu sou sua companheira. Ele é o meu.

Minhas mãos deslizam por suas costas, então passam ao longo
de seus braços, aproveitando cada um de seus músculos esculpidos.

O Negociador se abaixa e morde meu seio, e de repente eu estou
bem à beira de um orgasmo que está se
formando pouco depois de Des entrar em
mim.

Como se ele pudesse sentir o
quão perto eu estou, Desmond
aprofunda cada impulso, seus olhos





fixos em mim. Ele mergulha e me beija asperamente.

—Eu gosto deste olhar em você, querubim, — diz ele. —E sabendo que sou responsável por isso. —

Meus braços apertam em torno dele, puxando-o para mais perto enquanto meus olhos se fecham e minha boca se abre.

—Não se atreva a fechar os olhos, — diz ele. —Eu quero ver tudo o que faço para você. —Uma explosão de magia corre através de mim, forçando meus olhos a se abrirem.

—Desmond, — é tudo que consigo dizer antes do meu orgasmo tomar conta de mim.

Eu solto um gemido alto, o som é seu próprio tipo de melodia.

Minha pele brilha, o brilho refletido nos olhos de Desmond.

Os impulsos do Negociador se tornam mais rápidos até que seu corpo para. E então, com um gemido, um orgasmo envolve seu corpo, forçando-o para dentro de mim mais forte e mais profundo do que antes.

Assim que ele termine, ele rola ao meu lado e me pega em seus

braços. Ele me segura com força, como se ele

não pudesse suportar nem um centímetro

de distância entre nós dois. Sua pele

ainda está escorregadia de suor e a

minha está parando de brilhar

lentamente enquanto os últimos

remanescentes do meu orgasmo são





substituídos por uma exaustão saciada. Ele cheira como eu e eu cheiro como ele.

Ele olha para mim, com uma expressão maravilhosa. Seus olhos estão felizes, tão insuportavelmente felizes.

—Minha sereia, — diz ele. —Minha companheira. Os anos que eu esperei por você.

EU NÃO CONSIGO parar o sorriso que se espalha ao longo do meu rosto nos braços do Negociador. Pela primeira vez na minha vida, meu mundo sentiu-se inequivocamente correto.

Um dos dedos de Des traça meus lábios, seu olhar fixo em mim. —Por que você não disse nada no primeiro dia em que você voltou para mim? — Pergunto curiosamente. Isso poderia ter nos poupado muita angústia.

Ele solta uma gargalhada. —Se fosse simples assim, querubim. Eu queria, mas você não tinha me visto em sete anos, estava atualmente em um relacionamento, e praticamente queria esfolar minha bunda viva. Minhas opções eram limitadas.

Eu sorrio um pouco com isso.

Ele me puxa para mais perto.

—Ah, eu daria meu reino por esse sorriso sozinho.





Eu poderia me banhar nas palavras de Des. Palavras que normalmente provocam e atizam e persuadem. Palavras que me seduziram de novo e de novo. Esta noite elas são a mais doce serenata.

Eu corro meus dedos por suas tatuagens. —O que tudo isso significa? — Há uma rosa derretendo em lágrimas. Há anjos e fumaça e escamas que se transformam em um olho. Tudo isso torce e descem pelo seu ombro e braço. É lindo e macabro.

Des acaricia meu cabelo, seus olhos ainda cheios de suavidade atípica. É um olhar estranho no normalmente terrível Negociador. É um olhar que eu nunca quero que deixe seu rosto.

Ele hesita antes de responder. —Eu fiz quando eu fazia parte dos Anjos da Pequena Morte, — ele finalmente diz. —Uma espécie de irmandade. — Isso me faz esticar o pescoço para olhar para ele.

—Você estava em uma gangue? — Pergunto, juntando o que ele não está dizendo.

Ele sorri ironicamente. —Semântica. Nós policiávamos as ruas quando o Reino da Noite estava sob uma liderança diferente. — Ele

olha para as tatuagens, uma carranca se formando. —Foi há muito tempo. —Ele realmente era um bandido antes de ser um rei. Eu não sei exatamente o que fazer, exceto que parece um pouco apropriado.

Apropriado e petrificante.





—Eu pensei que você fosse um rei, — eu digo. —Eu sou um rei. —Eu pensei que você sempre tivesse sido um rei, — eu esclareci. — Decepcionada? — Pergunta ele. Seu corpo endurece, atento.

Eu nunca percebi o quanto minhas palavras o afetam.

Eu traço as linhas da rosa chorosa. —Nem um pouco. — Eu gosto da ideia de que este homem não cresceu em um castelo. —Eu não acho que eu poderia ter lidado com um Desmond Flynn mimado. —Uma mentira descarada. Eu teria aceitado Des de qualquer maneira que ele viesse — eu tinha aceitado Des sem entender completamente o seu passado. Mas saber que ele governou as ruas no Outro Mundo como se ele governasse as ruas aqui... Isso me faz apreciar quem ele é ainda mais. Há, sem dúvida, uma história triste por trás do seu passado. Igual ao meu.

Eu o abraço mais perto. —Diga-me outro segredo, — eu digo.

Eu posso ouvir o sorriso em sua voz quando ele fala. —Na noite em que te conheci, não consegui tirar você da cabeça ...

Eu caio no sono em uma trilha sonora dos segredos mais íntimos do Negociador.

NAS PRIMEIRAS HORAS da manhã, Des me acorda. Rolando sobre mim, ele começa a me beijar, seus lábios exigentes.





Eu sinto ele duro contra mim, pronto para ir.

Eu gemo um pouco, a sereia em mim já está acordando.

—Novamente? — Eu digo, abrindo meus braços para ele enquanto falo. — Você não está nem um pouco cansado? — Eu já estou latejando das duas vezes anteriores esta noite que ele me acordou. Mas, apesar de tudo, sorrio como um gato que lambeu toda o creme, totalmente satisfeito.

Des solta uma risada rouca. —Querubim, há benefícios em ser a companheira do Rei da Noite. —Minha pele começa a brilhar de novo. Normalmente, minha sereia fica apenas querendo. Sempre querendo. Mas o Rei da Noite sabe exatamente como satisfazê-la.

Como me satisfazer.

Eu me movo contra ele enquanto seus lábios roçam minha pele. —Não consigo chegar perto o suficiente de você, amor, — ele murmura. —Você me deixa querendo, mesmo quando estou enterrado dentro de você. —Eu conheço o sentimento. Já existe essa urgência que vibra ao longo da minha pele, tocá-lo, saboreá-lo, respirá-lo em mim e nunca o deixar ir.

E sob tudo isso é pura admiração não adulterada.





Des me ama. Des passou sete anos tentando voltar para mim. Des não tem ideia do que significa ser meu companheiro.

Eu o empurro de costas. Seus braços se fecham em volta da minha cintura e eu acabo montada em cima dele, meu cabelo caindo em cascata pelas minhas costas.

Ele estende a mão e pega um punhado dele, olhando para ele como se nunca tivesse visto o cabelo antes.

Eu me inclino para frente, minhas mãos correndo sobre o peito e os braços dele. —Pequeno fae doce, — eu ronrono, minha voz melódica.

Des levanta uma sobrancelha arrogante. Ele nem precisa dizer nada para nós sabermos que doce e pequeno são as últimas coisas que ele é.

—Eu vou dar a você todos os seus desejos mais perversos, — eu sussurro, a sereia grossa na minha voz. Começo a beijar o peito dele, movendo-me para baixo e para baixo. —Um... por... um.

Ele respira quando percebe o que pretendo fazer.

Abaixando-me entre as pernas dele, minha boca se fecha ao redor dele.

Seu corpo inteiro tenciona. — Deuses, — ele amaldiçoa.

Suas mãos mergulham no meu cabelo, enrolando-o.





Eu me movo para cima e para baixo, para cima e para baixo, trabalhando-o com meus lábios e língua, minhas mãos movendo-se sobre cada ponto de prazer até tê-lo lutando contra mim.

Sua respiração engatou, tornando-se errática e irregular.

Ele não vai durar muito tempo. O pensamento me faz sorrir maliciosamente contra ele.

Tudo de uma vez, ele me empurra para longe. Quando meus olhos encontram os dele, vejo uma fome desenfreada neles.

— Você joga sujo, sereia, — diz ele, rolando-me para o meu estômago. Suspendendo meus quadris, ele esfrega a cabeça de seu pênis sobre a minha entrada. Para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Recolhendo meu cabelo em um punho, ele se inclina para frente, inclinando minha orelha para ele. — Você não acha que o Rei da Noite seria gentil, não é? — Ele diz, com a voz rouca.

Sua mão se move entre as minhas pernas. Ele aperta meu clitóris e eu solto um gemido.

Des dá uma mordida na ponta do meu ouvido. — Hmmm, eu gosto desse som.

— Des... — Eu inclino minha testa contra o travesseiro, ofegante.

De repente, ele está se empurrando contra mim. Eu posso





sentir minhas paredes internas cedendo, abrindo espaço para ele.

E agora eu solto outro gemido quando ele me enche. Uma vez que ele está dentro de mim, ele não se move.

—Querubim... Nunca poderia ter imaginado que seria tão bom... —Tem sido assim, todas as vezes. Como a química elétrica e inquieta entre nós dois está finalmente, finalmente saciada.

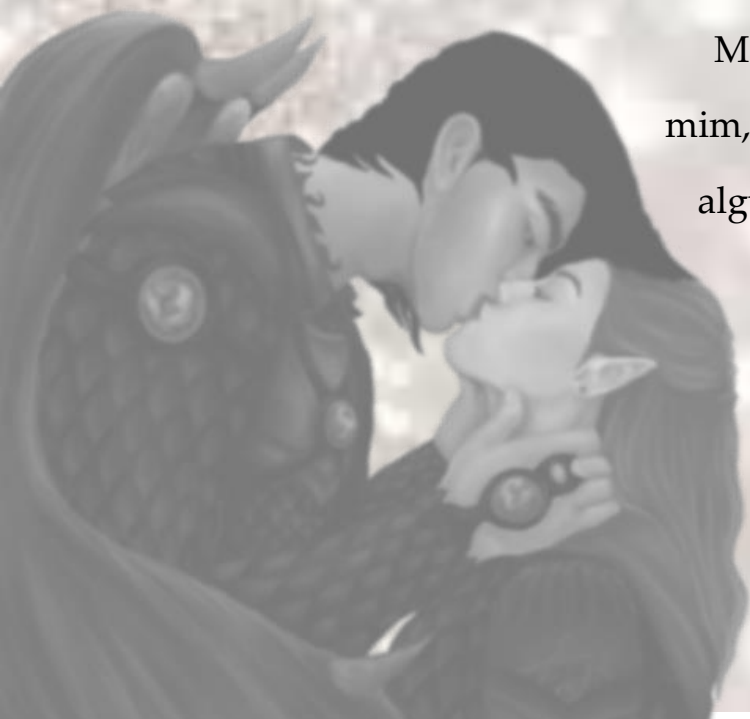
Então ele se move, empurrando para dentro e fora de mim com força. Ele me segura contra ele, meu cabelo ainda preso em seu punho. Eu estou presa em seus braços, arqueando minhas costas contra ele.

Nossos corpos começam a fazer barulhos molhados e escorregadios enquanto suamos. A escuridão se acumula ao nosso redor e minha pele brilhante é a única iluminação do quarto.

Des solta meu cabelo de uma só vez, apenas para beliscar meus mamilos um momento depois.

Isso é tudo que preciso.

Meu orgasmo se quebra através de mim, indo em frente e continuando. Em algum lugar no meio disso, eu ouço Des gemer, e então ele goza também, seu pau entrando e saindo de mim.





Nós dois nos desmoronamos juntos em uma pilha desossada. Da mágoa para isso. A vida não poderia melhorar.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando começo a acordar, me alongo, meu corpo dolorido em todos os lugares certos. O braço de Des aperta em minha volta.

Estou sorrindo antes mesmo de abrir meus olhos. Quando faço isso, vejo primeiro o cabelo loiro branco do Negociador. Eu deslizo a mão por ele, gostando de tocá-lo, explorando-o, mesmo quando ele não está acordado.

Seus lábios perversamente curvados estão ligeiramente separados. Assim, ele parece um anjo. Ele absolutamente detestaria o elogio, mas é verdade. Tudo sobre ele é perfeito.

Quando ele não acorda e eu começo a me sentir como uma esquisita por ficar olhando para ele, eu deslizo para fora da cama dele.

Eu passo no meu quarto para vestir algumas roupas, e então eu vou até a cozinha. As coisas mais idiotas me fazem sorrir, como a maneira pela qual a luz do sol brilha através das janelas, ou a visão da sacola de macarons de ontem.

Eu faço uma xícara de café e caminho até a parte de trás da casa do Negociador. Um grande conjunto de portas francesas se abre





para um quintal palaciano. Um jardim cheio de trepadeiras floridas e arbustos exóticos se alinha.

Uma fonte gorgolejante fica bem no meio do jardim, plantas aquáticas crescendo a partir dele.

Onde o jardim termina, a terra dá lugar ao penhasco.

Além do penhasco, uma extensão azul do oceano se espalha por quilômetros e quilômetros. Hoje é um dia claro o suficiente para que eu possa ver a costa da Califórnia.

Eu lembro de todos aqueles dias em que eu me sentei na beira da minha propriedade e olhei para a Ilha Catalina. Eu nunca imaginei que através daquela água Des estava bem aqui, possivelmente olhando para mim...

Forçado a ficar longe de mim porque fiz um desejo tolo sete anos atrás. E, no entanto, ele estava sempre à vista.

Está tudo acabado agora.

Ele é minha alma gêmea.

Eu não entendo como isso é possível. Aqui na terra, os sobrenaturais sabem se eles têm ou não almas gêmeas, da mesma maneira que eu sei que sou uma sereia.

Quando somos adolescentes, nossos poderes despertam, incluindo os laços de acasalamento.

E nada do tipo foi despertado em mim.





Mas talvez... Talvez funcione de maneira diferente no Outro Mundo. Talvez almas gêmeas não estejam predestinadas lá como estão aqui. Ou talvez o vínculo se manifeste de maneira diferente.

Todas as perguntas que preciso fazer a Des quando ele acordar.

Sento-me em uma mesa perto da beirada da propriedade e tomo meu café.

Eu olho para o meu bracelete. Parece inalterado desde ontem, mas quando conto as miçangas, faltam três linhas inteiras. Eu não acho que Des até os tenha removido conscientemente.

Sua magia removeu.

Percebo, no entanto, que a noite passada não removeu a pulseira inteira. Claramente, a magia do Negociador não acredita que uma noite de revelações e proclamações de amor (e muito sexo) seja o suficiente para selar o acordo.

Parece que a magia de Des é tão caprichosa quanto minha sereia é desobediente.

Fecho os olhos e respiro o ar salgado, ouvindo as ondas baterem nas pedras e o mar.

—Callypso Lillis, eu estive procurando por você. —Eu congelo ao som do meu nome completo e da





estranha voz masculina nas minhas costas.

Eu me viro na minha cadeira e espremo meus olhos, olhando para o sol. O brilho diminui e, em seu lugar, está um homem de beleza impressionante. Seu cabelo parece dourado e seus olhos são o azul celeste do céu. Algum tipo de sobrenatural. Nada além de magia faz um humano parecer assim.

Um momento depois, meu cérebro me alcança.

Por que um estranho está na propriedade de Des – em seu quintal, não menos? E como ele sabe meu nome?

Tudo sobre a situação parece errado, errado, errado, mas estou muito chocada no momento para reagir.

Minha sereia, no entanto, não está.

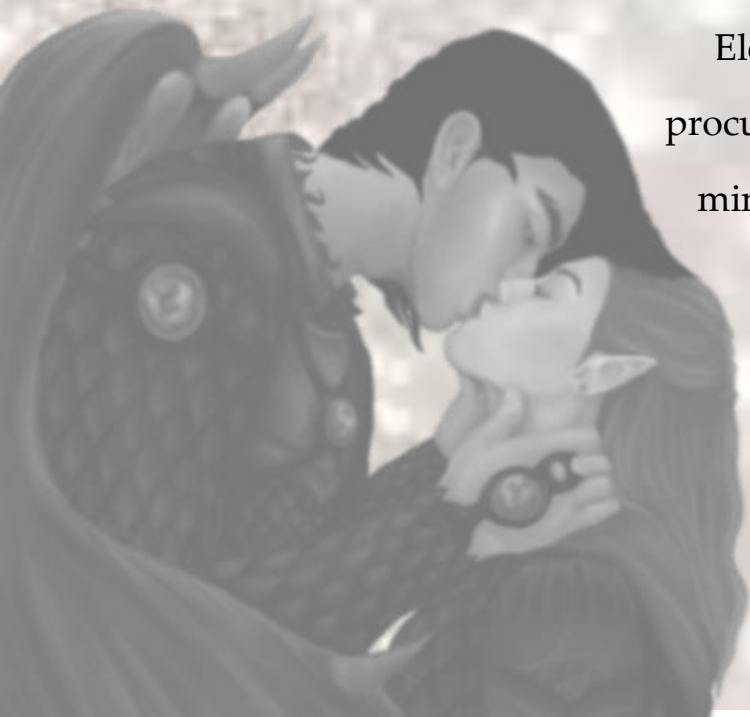
A luz luminescente ondula pela minha pele enquanto ela surge.

Eu estou de pé abruptamente. — Como você chegou até aqui? — Eu exijo, minha voz etérea.

Isso é tudo o que posso dizer. Não, dê o fora desta propriedade.

Não, eu vou chamar a polícia. Não, DES!

Ele se aproxima. — Eu te disse, eu estive procurando por você. — Ele responde a minha pergunta, mas eu não acho que a sereia o obrigou a fazer isso. Ele não parece um homem com o encanto. Ele não está clamando para se





aproximar de mim, esperando pelo meu próximo comando.

Que significa... Fae.

Merda. A única outra criatura do Outro Mundo que eu conheço procurando por mim é o Ladrão das Almas.

Esse é ... Ele?

Ele avança. —Você é surpreendentemente difícil de ficar sozinha, — diz ele.

Eu vou para trás, batendo na mesa atrás de mim.

Ele vai me pegar.

Eu ajo por instinto, pegando minha xícara de café da mesa e jogando-a nele. Ele levanta a mão no ar, e a caneca e o líquido saindo dela congelam no ar.

Ele estica a palma da mão e, gentilmente, a xícara flutua sobre ela, o café se afunilando de volta na caneca.

Eu abro minha boca. —DE!

Seus olhos se estreitam em meus lábios e minha voz corta, meu grito agora em silêncio.

Eu agarro minha garganta. —O que você...? — Eu poderia muito bem-estar somente mexendo os lábios, minhas cordas vocais não estão mais produzindo nenhum som.





—Sua colega, a Sra. Darling, disse que você estava ocupada, mas não parece que você está ocupada.

O cliente que está me importunando.

Eu continuo recuando, meus olhos correndo até a casa.

Ele sorri, e é como se ele inventasse o ato de sorrir, é tão incrivelmente brilhante. —Ele não vai te salvar. — O homem desaparece. Um momento depois, seus braços se fecham ao meu redor enquanto ele me agarra por trás.

Eu fico louca, chutando, minhas mãos arranhando qualquer coisa que eu possa alcançar. Eu grito e grito, indiferente que minha voz tenha sido silenciada.

—Chega, — ele respira.

Magia bate em mim e o mundo fica escuro.





CAPITULO 25

MEUS OLHOS SE abrem e eu esfrego minha cabeça, minha mente grogue. Acima de mim é um teto de pedra áspera. Sentando-me, olho para o meu corpo. Eu não estou mais vestindo minha roupa dessa manhã. Em vez disso, estou envolta em um vestido fino de cor cobre, as bordas dele bordadas em padrões intrincados e cintilantes.

Não me lembro de trocar de roupa...

Eu tremo. Estou com frio. Realmente, muito frio.

Eu olho em volta. Três paredes de pedra me cercam. E a quarta...

A quarta é uma parede de barras de ferro. Presa. Mas onde? Por quê?

Eu rolo da paleta que eu acordei. No canto da sala, há o que eu chamaria indulgentemente de banheiro. Mais como uma tigela no chão.

Riscado na parede mais próxima a mim estão marcas de registro. Dezenas e dezenas deles. Nenhum está cortado, e eu não posso decidir se isso é porque o último prisioneiro intencionalmente registrou os dias desta maneira... ou se vários prisioneiros separados começaram a contabilizar e nunca passaram das quatro.

Percebo que o bastardo que me capturou está longe de ser visto. Ele era o ladrão das almas ou





alguém completamente diferente? Ele nunca tentou explicar a si mesmo ou seus motivos.

Eu faço o meu caminho para a frente da minha cela, ignorando o gosto amargo na parte de trás da minha garganta – o gosto da magia residual. Meus olhos estão fixos à minha frente.

Uma caverna de celas de prisão. Linha após linha, nível após nível. Eles se estendem até onde eu posso ver em todas as direções – para cima, para baixo, para a esquerda e para a direita.

Dentro de cada uma delas está uma mulher vestida de forma semelhante a mim.

Arrepios estalam ao longo da minha pele. Parece com a minha visão.

São estas as mulheres desaparecidas?

Se sim, então estou totalmente fodida. Des não descobriu o mistério que está em andamento há quase uma década. Eu não estou prendendo a respiração a espera que isso vai mudar simplesmente porque eu estou aqui.

Onde está o Des? O que ele deve estar pensando? —Olá? — Eu chamo. Ninguém responde.

À distância, ouço murmúrios silenciosos e o clique suave de sapatos ao longo das calçadas do lado de fora das celas, que deve





pertencer aos guardas da prisão. Eu faço uma careta. Se esse é o caso, então há pelo menos um punhado de pessoas que sabem o que aconteceu com as mulheres guerreiras que desapareceram do Outro Mundo. E elas estão encobrindo isso.

Além desses poucos sons, os blocos de células são estranhamente silenciosos.

Este é o lugar onde a esperança vem para morrer.

E então, um pensamento me atinge, que me dá coragem. — Negociador, — eu corro para dizer, — Eu gostaria de fazer um acordo. — Espero que o ar brilhe e o corpo grande de Des ocupe espaço na minha cela.

Um segundo se passa. Então outro. E outro.

A célula continua exatamente como eu a encontrei. — Negociador, eu gostaria de fazer um acordo, — repito.

Ele sempre veio no passado. Sempre. E depois da noite passada, sei que ele virá para mim agora que nossos sete anos acabaram.

Mais uma vez espero.

Nada acontece. Meu quarto permanece vazio. Horivelmente vazio.

E agora eu tenho que aceitar que Des não pode chegar até mim, ou porque ele foi incapacitado — uma ideia que rejeito com cada fibra do





meu ser – ou algo está impedindo-o.

Algo como mágica.

Algo tão poderoso que um rei fae não consegue contorná-lo imediatamente. É com isso que agora tenho que lidar. E se eu quiser sair daqui viva, precisarei descobrir uma maneira de superar isso.

CATIVEIRO É ... chato.

Assustador, mas chato. Consiste em grande parte de mim sentada na minha cela, imaginando o que exatamente vai acontecer comigo e como consegui chegar a uma prisão do Outro Mundo. Uma que está capturando secretamente as fêmeas fae para algum propósito nefasto.

Meus pensamentos só são interrompidos a cada hora, quando um grupo de guardas passam pela minha cela. A primeira vez que os vi, fiquei surpresa com a visão. Cada um parece uma mistura de animal e homem. Alguns têm focinhos em vez de narizes, outros possuem patas em vez de pernas e alguns, bigodes, garras e presas.

Para uma humana como eu, a visão é... Desagradável. Mas, novamente, os guardas também são meus inimigos no momento, então sou um pouco injusta.

A única vez que os guardas se desviam de sua patrulha por hora é





quando, como agora, dois deles levam uma mulher fae pelas axilas de volta para sua cela.

Eu pressiono o meu rosto nas barras, observando os ombros caídos, a cabeça baixa e o cabelo desgrenhado, pendurado frouxamente na frente do rosto. Seus pés descalços arrastam pelo chão atrás dela. Eu assisto até que eles passam pela minha linha de visão, seus passos ecoando na sala cavernosa.

Meus olhos se dirigem para as outras prisioneiras. A maioria fica sentada ou deitada imóvel dentro de suas celas. Eu não acho que elas estão mortas, mas eles não parecem tão vivas também.

Não estão mortas, mas não estão vivas.

E isso vai acontecer comigo também?

Eu não sou uma guerreira fae. Eu sou o que os faes chamam de escrava. Uma humana. Pra ser justa, sou sobrenatural, mas no final do dia ainda sou humana. Eu não tenho valor aqui como prisioneira.

Então, por que me pegaram?

A resposta está bem ali na minha frente.

Porque você significa algo para o Rei da Noite.

De alguma forma, seus inimigos aprenderam isso e me capturaram para chegar até ele. Eu olho meu fio de vestido. Nem vou pensar no fato





de que eu não coloquei isso. Minha situação já é horrorosa o suficiente como está.

Uma noite de felicidade, seguida por isso. Eu tive que aproveitar as vantagens de ser a companheira do Rei da Noite por um dia.

E agora isso.

Aqui está a queda depois da alta. E no meu mundo há sempre uma queda. Eu sabia que era bom demais pensar que conseguiria um homem como Des depois de todo esse tempo. Ele sempre foi feito para ser alguém fora do meu alcance.

Dois conjuntos de passos se dirigem em minha direção, interrompendo meus pensamentos. Outra rotação para os guardas da prisão.

Só que, desta vez, eles param na frente da minha cela.

AS ALGEMAS de ferro ressoam entre meus tornozelos e meus pulsos enquanto os guardas de cada lado de mim me levam para longe da minha cela. Meu nariz coça quando a venda que um dos guardas amarrou em volta da minha cabeça faz cócegas no meu nariz.

Exageraram muito?

Eu nem sequer fico lisonjeada com isso também. É provavelmente um procedimento padrão para as guerreiras encarceradas.





Poderia ser pior. Se eu fosse uma fae, as algemas de ferro não estariam simplesmente esfregando a pele; estariam cortando minha carne e drenando minha energia.

Gradualmente, os murmúrios silenciosos desaparecem e o ar começa a cheirar mais fresco, embora ainda seja mofado, pesado com o cheiro de... Animais.

Demora mais cinco minutos antes de eu ser depositada em um quarto. O ar aqui parece pesado, sinistro.

Coisas ruins acontecem aqui. Coisas ruins vão acontecer comigo.

Eu tento não entrar em pânico. Passei anos me certificando de que nunca mais seria uma vítima, e tudo isso foi em vão. Meu encanto não funciona em nenhum desses seres e, sem isso, sou simplesmente uma mulher humana lutando contra faes poderosos.

Os guardas me soltam, seus passos recuando atrás de mim. Um momento depois, a porta se abre, depois se fecha suavemente e estou sozinha novamente, acorrentada e vendada neste quarto que parece ruim.

Minha consciência se estende. Eu posso ouvir alguém respirando.

Porra, não estou sozinha afinal. Meu pânico aumenta.

—A única fraqueza de Desmond Flynn. — A voz profunda





e vibrante preenche a sala, e eu posso sentir o poder da criatura em suas palavras. — E eu tenho ela. — Meu coração está acelerado e, à medida que meu medo cresce, minha sereia também cresce.

Eu ouço o som de passos pesados atravessando a sala em minha direção. É preciso mais da minha força de vontade para não tropeçar para trás.

— Eu não teria imaginado o grande Rei do Caos escolhendo uma escrava para si mesmo. — O homem para bem na minha frente.

Eu pulo quando sinto seu toque ao longo da minha bochecha, que deve estar brilhando neste ponto. — Nem mesmo uma como você.

— Ele corre o polegar ao longo do meu lábio inferior. — As pessoas daqui te chamam de feiticeira. Mas me diga, humana, você poderia me enfeitiçar? — Em vez de responder, afasto a mão dele com as minhas algemas. A ação faz com que ele de uma risada, e então sua mão está de volta no meu rosto, acariciando minha pele.

— Pare de me tocar, — eu rosno.

— Oh, minha senhora, você não ouviu? — Eu sinto sua respiração quente contra o meu ouvido. — É nisso que eu sou melhor, — ele sussurra.

A sereia está inquieta dentro de mim.

Ele quer uma feiticeira, vamos dar-lhe uma feiticeira, ela sussurra. Deixe-o pensar que estamos





dispostas até o último segundo. Então, vamos ficar de pé sobre o corpo dele e rir enquanto ele tira a própria vida. Tolo por pensar em nos atravessar.

Minha sereia também não percebe nem se importa que esse homem não possa ser encantado. Não se ele é fae.

Ele tira a venda do meu rosto e eu pisco contra a luz. A primeira coisa que noto são os chifres do homem. Chifres afiados e imponente que acrescentam outro um metro à sua já grande estatura. Cabelos castanhos de seda moldam seu rosto bronzeado.

É o homem dos meus sonhos.

As pupilas de seus olhos dourados se expandem quando ele me observa.

—Você é muito bonita, — diz ele. —Eu posso ver porque o Senhor dos Segredos tomou você como sua companheira.

—Mas você é dolorosamente fraca, — continua ele. —Que vulnerabilidade. Ele deveria saber melhor.

—Quem é você? — Eu pergunto, minha voz etérea.

—Meus modos! — Ele se curva. —Eu sou Karnon, Rei da Fauna, Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem e Rei das Garras. — O rei da fauna? O rei louco? Porra do caralho, isso não é bom.





Ele se endireita, esticando os braços para mostrar a sala ao seu redor. — Bem-vinda ao meu reino. — Eu olho em volta do local – o quarto. O lugar está coberto de peles. Móveis grossos de madeira e marfim estão espalhados por toda a sala, cada peça esculpida, embora nenhuma seja tão impressionante quanto a cabeceira em sua cama. Uma cena de caça é esculpida na madeira, embelezada com pedaços de marfim, madrepérola, pedras semipreciosas e partículas de ouro.

Uma cama para um rei.

De todos os quartos para encontrá-lo, este é o que ele escolhe.

Também não é bom.

Eu tiro meus olhos da enorme cama para olhar para Karnon, que está me estudando com um pequeno sorriso, seus olhos se estreitam. Seus olhos dançam ao som da minha voz hipnótica. Ele se aproxima, seus chifres quase me tocando. — Eu já tenho um caixão escolhido para você. Um caixão especial para uma dama especial.

— Nós entregaremos você diretamente aos pés de seu companheiro. — Ele sabe que Des e eu somos companheiros?

O dedo de Karnon se prende a gola baixa do meu vestido. — Eu me pergunto se vai quebrá-lo ver seu amor assim – parada como se estivesse morta e segurando o bebê





de outro homem. Ele vai matá-la? Mantê-la? Oh, as possibilidades... — Ele corre as costas de seus dedos sobre o meu peito. Eu noto o sangue seco nas dobras de sua mão.

Eu engulo a seco com a vista. Até agora ele tem sido apenas um pouco excêntrico, mas não tenho dúvidas de que a qualquer momento ele poderia quebrar.

— Eu nunca estive com uma mulher humana, — continua ele. Ele abaixa a voz. — No Reino da Fauna é um tabu dormir com uma escrava. Vocês feras terrenas são tão sujas. Mas você é agradável o suficiente para olhar. — Seus olhos correm sobre mim. — Sim, muito agradável. Estou ansioso para ver o resto de você.

Jesus.

Ninguém nunca vai nos machucar como antes, minha sereia promete. Ele vai pagar.

O Rei da Fauna inclina a cabeça. — Talvez devêssemos começar agora? — Antes que eu tenha tempo para reagir, ele agarra meu queixo. Olhando-me nos olhos, ele se inclina e pressiona seus lábios nos meus.

Não é um beijo. Não no sentido mais verdadeiro. Em vez disso, ele força minha boca aberta e depois exala.

Uma onda de magia é forçada para baixo da minha garganta, com





gosto de podridão. Eu luto contra ele mesmo quando meus joelhos começam a se dobrar.

Seu braço vem ao redor da minha cintura, me segurando enquanto ele continua a respirar em mim.

Eu tento trazer meu joelho até sua virilha, mas minha perna só sobe antes das algemas redor dos meus tornozelos ficarem apertadas.

Karnon nem percebe.

Meus braços acorrentados estão presos entre nós. Completamente imobilizados.

Como último esforço, eu puxo minha cabeça para longe, em seguida, bato com ela no Rei da Fauna. Ele cambaleia para trás, colocando a mão na testa.

Sem o seu aperto me segurando, minhas pernas agora se dobram.

Os lábios de Karnon se enrolam de volta no que pode ser um sorriso. Tudo o que vejo são vários conjuntos de presas. — A escrava sabe brigar. — Eu me forço a ficar de pé, balançando nos meus pés. Eu

estou sufocando em qualquer magia corrompida que ele forçou em mim. — O que você fez comigo? — Eu resmungo, minha voz rouca.

Ele inclina a cabeça, examinando-me com aqueles olhos estranhos dele. — Estou ansioso





para ver mais dessa pele bonita, — diz ele. —
Guardas! — Ele chama, sem olhar para longe de
mim.

Dois soldados fae correm, um que tem penas no
lugar de cabelo, o outro que tem garras.

— Acabamos aqui, — diz Karnon.

Mais uma vez, eu balanço meus pés, me sentindo tonta e
desorientada. Cada momento que estou aqui, enfraqueço. Algo está
muito errado comigo. Tudo está se movendo mais devagar — meus
membros, minha mente.

Rudemente, os soldados me vendam de novo. Agarrando meus
braços, os dois me arrastam de volta para minha cela, me jogando
descuidadamente no canto.

Eu mal estou ciente disso. O que quer que tenha sido forçado
para baixo da minha garganta está deslizando através de mim,
transformando minhas veias em gelo.

Eles não se incomodam em remover o pano em volta dos meus
olhos, e eu não tenho energia para fazer isso sozinha.

Flutuando, flutuando...

Minha mente escurece até que tudo
o que me rodeia é uma interminável
escuridão sem esperança.





CAPITULO 26

SUFOCANDO. SUFOCANDO EM magia.

Está batendo atrás da minha testa, tencionando meus músculos, apertando minhas entranhas.

Eu acordo com um grito, o som ecoando pelo bloco de celas.

Em algum lugar ao longe, um guarda solta um aviso.

Eu me sento, ofegante, colocando uma mão suada na coluna da minha garganta.

Apenas um sonho. A escuridão sufocante, a magia corrompida, Karnon...

Só que, não é, percebo quando finalmente recupero o fôlego. Eu ainda posso sentir o seu aperto em mim, seus lábios na minha boca, a escuridão insidiosa que se infiltrou em minhas veias.

Meu rosto está coberto de suor e meu estômago está se revirando – Eu mal consigo chegar ao banheiro a tempo de vomitar. Passo as próximas horas assim – ou tremendo no meu canto, ou limpando meu estômago de cada porção do seu conteúdo.

Em algum momento, os guardas deslizam uma refeição através de uma escotilha na base dos ferros. A comida fica intocada na borda da minha cela.

Eventualmente, o enjoo se dissipa. Não completamente, mas o suficiente para me fazer funcionar.





Estômago roncando, eu me arrasto para fora da cama, em direção à tigela de lata. Um olhar para o mingau e eu decido que ficar com fome é melhor do que gastar mais algumas horas com a cabeça no banheiro da prisão.

Eu inclino minha testa suada contra as barras e olho para fora da minha cela assim que um guarda se aproxima.

Eu olho para ele quando ele passa, notando a cauda de leão que balança atrás dele.

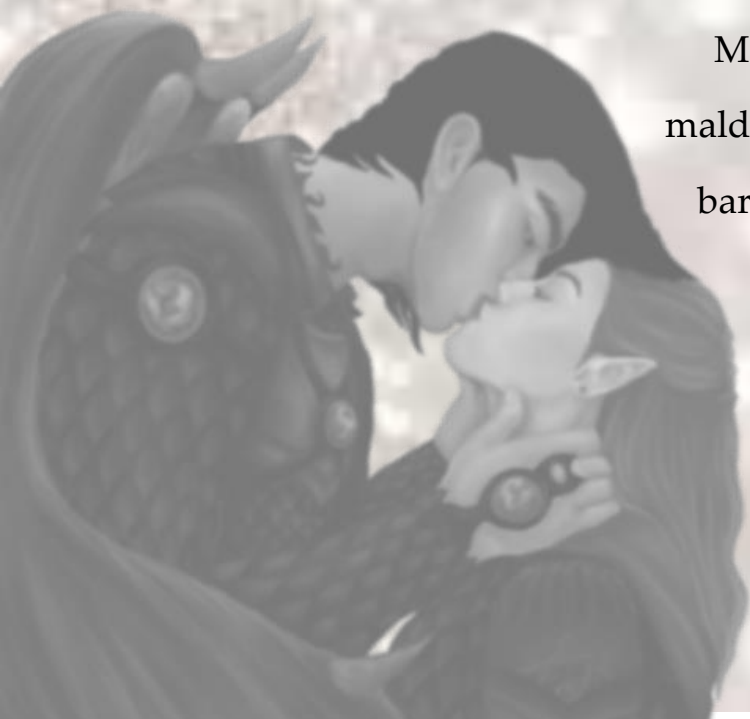
Todas os faes da Fauna compartilham aspectos como bestas?

O guarda anda devagar, piscando-me um olhar frio. — Não olhe para mim, escrava. — Estou tão fodidamente farta deste mundo já. — Belo rabo, idiota, — eu murmuro.

Isso o faz parar, e eu sou apenas uma idiota para sorrir com o fato de que fiquei sob sua pele.

Ele bate as palmas das mãos enluvadas contra as barras. — Considere-se com sorte que o rei quer colocar seu pau em qualquer lugar perto de você, — ele rosna.

Meu sorriso cresce, se tornando maldoso. Então eu jogo minha tigela nas barras, o molho de pimenta espirrando contra seu rosto. — Vai se foder, porco. — Eu nunca teria adivinhado de antemão, mas eu não sou uma boa prisioneira.





Por um segundo, o guarda não faz nada, seu rosto chocado. E então ele solta um rugido de leão, correndo para as barras.

Eu me giro, ignorando uma onda de tontura que corre através de mim, assim que ele estica uma garra para mim. Sua mão se fecha em nada além de ar.

— Sua escrava imunda e vil! — Ele grita. — Eu poderia matar você agora mesmo! Bem onde você está! — A luz ondula através da minha pele enquanto minha sereia sobe. — Você poderia me matar? — Eu digo, minha voz musical provocando. — Por que você não entra aqui e descobre? — Ele ruge novamente. Porque obviamente ele não pode colocar um dedo em mim. Não na vantagem que Karnon acredita ter sobre Des.

— Ou você está com medo? — Eu me inclino contra uma das paredes de pedra. — O leão que tem medo de uma mulherzinha. — Ele rosna, batendo contra as barras até que outro soldado – um com orelhas de cavalo – o puxa para longe, piscando-me um olhar que deveria me assustar. Mas nada é mais assustador do que o destino que já me espera.

Observo-os ir embora, feliz que por uma vez minha sereia não teme nada e ninguém. Os animais podem sentir esse tipo de coisa, e é isso que esses guardas são – parte animal. Não é





tão diferente de Eli quando se trata disso.

Eu deslizo pela parede, inclinando minha cabeça para trás contra ela. Estou exausta e só tem sido o que? Um dia?

Este lugar nos quebra rapidamente.

—Psiu, humana, — uma voz feminina chama da cela ao lado da minha, uma vez que as vozes dos guardas desapareceram, — você está bem?

—Sim, — eu falo de volta fracamente. Minha pele parou de brilhar, e toda a força que vem com a sereia fugiu, deixando-me exausta.

—Isso foi corajoso, o que você fez aí. Imprudente – idiota até – mas também corajoso. — Eu solto uma risada. Eu não sei muito sobre faes, mas soltar um insulto em um meio a um elogio parece algo que eles fariam.

Eu inclino minha cabeça contra a parede. —Qual é o seu nome?
— Eu pergunto a ela.

—Aetherial, — diz ela. —O seu? — Callypso.

—Você é nova aqui, não é? — Ela pergunta.

—Sim, — eu suspiro, meus olhos se movendo para essas marcas de registro.





—Quantas vezes você se encontrou com o Rei da Fauna? — Ela pergunta depois de uma pausa de silêncio.

Aparentemente eu não fui a única que teve visitas especiais com ele. Eu imaginei isso.

—Só uma vez.

—Oh, a diversão só está começando para você, — diz ela.

Isso me faz dar um sorriso. Minhas colegas presas são guerreiras faes. Essas mulheres são as mais duras das duras. Em algum lugar ao longo do caminho, eu esqueci disso. Eu só as associava com as mulheres adormecidas presas dentro daqueles caixões de vidro. Eu não pensei que elas poderiam ter lutado contra o seu destino tanto quanto eu estava planejando fazer. Mas neste momento, ouvir Aetherial fazer pouco caso da nossa terrível situação, eu me lembro.

—Quantas vezes você já o encontrou? — Pergunto.

—Quatro, — diz ela. — Eu perdi o movimento em meus braços e pernas. Ele tira deles primeiro. Não quer que suas mulheres sejam difíceis.

—Isso é o que aquele beijo foi? — Eu digo, surpresa. Essa, afinal de contas, foi a única vez que Karnon forçou sua magia em mim. —Uma maneira de nos imobilizar? — Eu mexo meus





dedos das mãos e pés enquanto falo. Eu não perdi nenhum uso dos meus membros.

—Entre outras coisas, — diz ela
sombriamente.

Um arrepio corre pela minha espinha. —O que isso significa? — Eu pergunto.

Ela faz uma pausa. —Diga-me que você não sente isso — que a doença se sente em casa em seus ossos. —Eu senti quando acordei, mas depois de vomitar minha coragem, a sensação foi embora. Agora eu me sinto fraca. Incrivelmente fraca.

—E depois, claro, há toda a questão de ficarmos grávidas, — acrescenta ela. —Você sabe disso?

—Eu sei. Desculpe arruinar a surpresa, — eu digo. —Ainda estou esperando que a concepção imaculada esteja envolvida em todo esse processo, — acrescento, não brincando.

—Concepção imaculada? — Aetherial repete, divertida. — Agora isso seria algo. Todas nós, prisioneiras, apenas magicamente nos engravidamos. — Ela ri para si mesma. —Eu gosto de você, humana, — diz ela.

—Eu sou uma sereia. — Eu não tenho certeza porque eu faço o esclarecimento. Talvez para que eu não pareça tão indefesa entre todas essas fortes guerreiras.





—Uma sereia? — Ela assobia. —E aqui eu estava esperando que Karnon não tocasse em você — por você ser humana e tudo mais. Sem ofensa, — acrescenta ela. —Eu fiquei com muitas mulheres humanas no meu tempo, mas é uma coisa para algumas faes. —Eu lembro das palavras anteriores de Karnon. —Eu ouvi sobre isso. —Nós caímos em silêncio por um momento, ambos provavelmente refletindo sobre nosso destino.

—De que reino você é? — Eu finalmente pergunto.

—Do dia. — Ela exala. —Guarda real virando prisioneira. Isso que é ironia para você.

Tudo dói. Ouvir sua história, conhecer seu destino, conhecer o meu.

—Então me diga, — continua ela, —como uma humana fica presa nesse inferno com o resto de nós?

—Eu tenho excepcionalmente má sorte, — eu gracejo, mesmo quando faço uma careta para as minhas mãos.

Eu ouço sua risada rouca. —Aparentemente esse tipo de coisa é contagiante por aqui.

Outro pequeno sorriso se estende pelo meu rosto. Quem pensaria que eu seria amiga de uma guerreira fae enquanto estivesse presa?

Distraidamente, vejo os guardas patrulharem as fileiras de





celas à minha frente. A maioria tem alguma característica animalesca óbvia, como bigodes, rabos ou cascos. Mas há alguns que andam nesses corredores que não têm essas características óbvias.

Eles poderiam ser fae de outro reino? Humanos? Meu coração bate com essa última possibilidade.

— Ei, Aetherial, você pode me fazer um favor? — Eu pergunto, meus olhos estudando um cozinheiro uniformizado entregando bandeja após a bandeja de refeições as prisioneiras. Ele parece totalmente humano daqui, mas estou tão longe que é difícil dizer.

— O que você gostaria, sereia?

Eu assisto o homem uniformizado enquanto ele se move para baixo de uma cela. — Você pode distinguir um humano de um fae apenas pelo olhar? — Eu pergunto.

— Quase sempre, — diz ela. — Por quê? — Eu não posso ajudar o pico de excitação que sinto. — Você viu algum humano aqui desde que você foi trazida?

— Hmm, não que eu me lembre. Eu não estava procurando por eles. — Eu continuo a olhar para o cozinheiro enquanto ele se move pelo bloco de celas. Pela vida de mim eu não posso dizer o que ele é.

— Se você ver algum, — eu digo distraidamente, — você vai me deixar saber? — Se eu puder fazer





um humano se curvar à minha vontade... As possibilidades são infinitas.

Estou tentada a experimentar meus poderes agora, mas uma dose saudável de medo me mantém em silêncio. Eu temo que se eu encanto um desses caras prematuramente e não funcione, os guardas me impedirão de ter outra oportunidade.

—Minha visão está bastante limitada no momento, mas sim, eu vou deixar você saber. — É silencioso por um tempo. —É verdade então, o que eles dizem sobre a voz de uma sereia?

Minha boca forma uma linha sombria. —É verdade. — Sua ideia provavelmente vai te matar. — Eu gargalho. —Você prefere a alternativa? —Eu ouço a risada roucas de Aetherial. —Eu estava certa sobre você. Estúpida e corajosa. —Nenhuma de nós fala de novo até que uma série de guardas se aproxima de uma cela no meio do caminho, um deles carregando dois grandes bastões por cima do ombro. Na parte de trás da cela, uma mulher fae com cabelo vermelho fogo está mole em sua cama.

As barras de sua cela deslizam para trás, o metal raspando ao longo dos trilhos.

Os guardas entram na cela e o guarda que leva os bastões os abre. É quando percebo que não estou olhando para os bastões, por si só,





mas uma maca grosseira. Um pedaço de pano manchado é esticado entre os dois eixos.

Eles colocam a maca no chão, em seguida, pegam a mulher, situando seu corpo no material frágil.

Então, como um, os dois guardas da prisão levantam a maca e a carregam para fora. Eu os assisto até que eles estejam fora de alcance.

—Eles removem as sem vida, — diz Aetherial da cela, observando claramente ao meu lado.

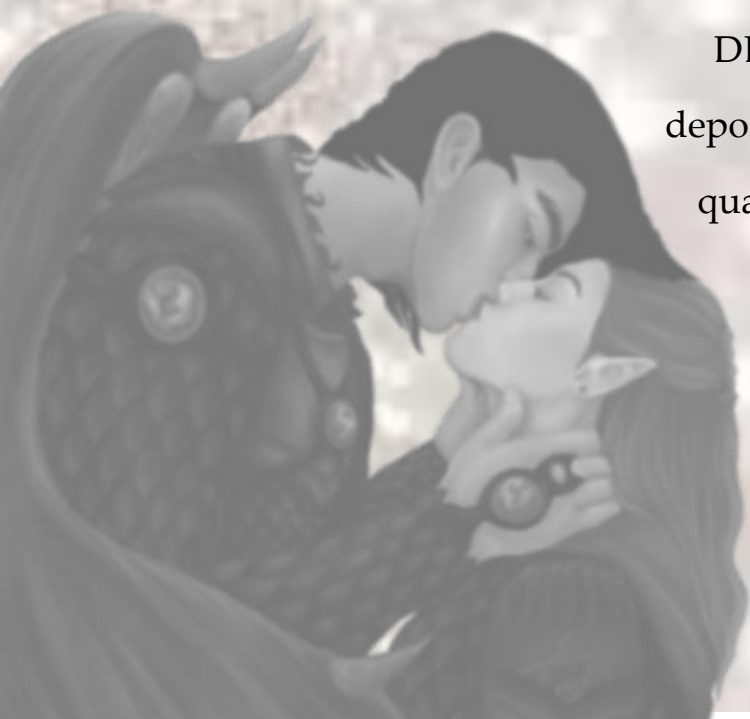
Eles estão paralisando as mulheres.

—Fique aqui por tempo suficiente, — continua Aetherial, —isso vai acontecer com você também. —Eu franzo a testa, mesmo que ela não possa ver.

Todas aquelas mulheres adormecidas no reino de Des, todas paralisadas aqui... Não pode ser uma coincidência.

O que significa que — Eu acho que sei quem é o ladrão das almas. Karnon.

DESTA VEZ, QUANDO sou depositada no que só posso presumir ser o quarto de Karnon, sei o que esperar. A imprensa ameaçadora do ar, a retirada silenciosa dos guardas, a abordagem de Karnon.





Estou mais uma vez acorrentada e cega,
completamente a mercê do monstruoso rei fae.

No entanto, no momento em que ele fala, algo sobre
nossa dinâmica parece diferente.

—Meu precioso pássaro, eles cegaram você, — ele diz,
horrorizado. Um momento depois, suas garras cortaram o material,
deixando o pano pendurado em fitas em volta do meu pescoço.

—Bela criatura, — ele murmura, me observando. Suas narinas
se abrem quando seu olhar se volta sobre mim. —Humana..., mas
não. Criatura dos céus e do mar. —Seu olhar para nas minhas mãos.
—Algemas também? Isso é um absurdo. Você é minha convidada.

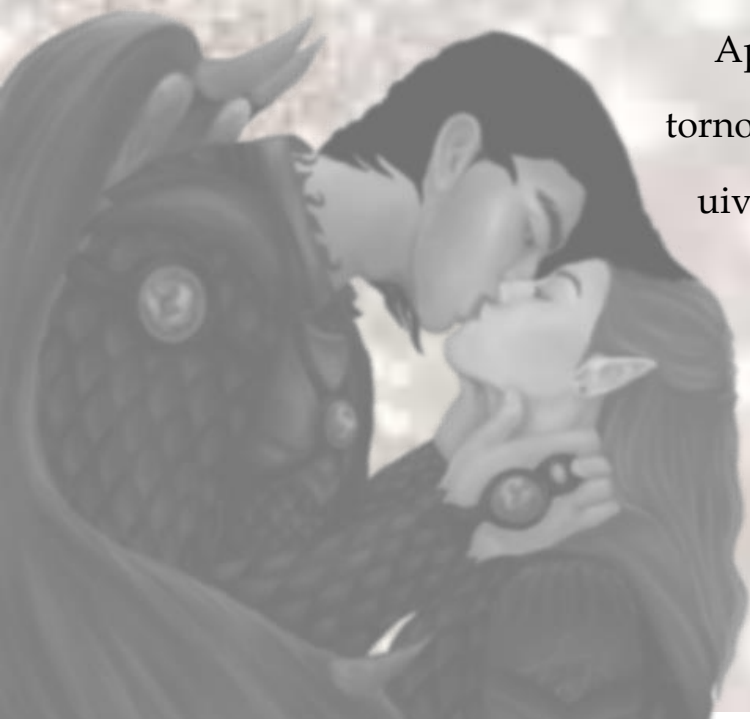
Ele rasga as algemas de ferro que prendem meus pulsos,
sibilando quando ele faz isso. Eu me assusto com a demonstração de
força. Presumi que ele era poderoso, mas ver uma demonstração ao
vivo é decepcionante.

—Metal amaldiçoado! — Ele cospe quando as algemas atingem
o chão. Ele aperta os punhos e eu posso ouvir sua pele chiando.

Ferro o queima.

Apesar da dor, ele alcança meus
tornozelos e rasga as algemas também,
uivando mais uma vez com a dor.

Isto é o que as guerreiras
suportaram quando usaram isso?
Um guarda enfia a cabeça dentro —
Sua Majestade.





—Fora! — Karnon grita.

A porta se fecha nem um momento depois.

Para mim, ele murmura, —Eles estão se atrevendo demais, os guardas indo e vindo sem bater.

Devo fazer um exemplo de um deles e logo. — Ele não sabe que, enquanto fala, as palmas das mãos estão fumegando.

Karnon se levanta, aqueles chifres pairando sobre nós. Seus olhos são brilhantes e desfocados, suas pupilas dilatadas.

Ele cobre meu rosto e imediatamente eu tensiono, suas palmas ardentes aquecem minha pele.

—Passarinho assustado, você não tem nada a temer de mim. — Ele começa a acariciar minha pele. — Tudo que eu quero é te acalmar. Domesticar você. —Ugh. Rei louco, de fato.

Suas mãos correm pelos meus braços. Na metade do caminho ele para e vira. —O que é essa carne nua? — Ele diz. —Onde estão suas marcas? —O que?

Suas mãos se movem para o meu pescoço, e ele sonda a pele lá. —E suas guelras! — Ele diz, horrorizado. —Onde elas estão? — Eu dou-lhe um olhar cauteloso. Hoje Karnon parece mais gentil, mas definitivamente mais louco do que a última vez que nos encontramos.

Ele me gira e respira fundo. — Suas asas! Quem cortou? —Ele me vira, e mais uma vez eu vejo de





perto aqueles olhos selvagens e as presas que seus lábios nunca conseguem esconder. Suas pontas de garra cravam em minha carne.

Eu percebo depois de um momento que ele espera que eu responda.

Eu pisco algumas vezes, atordoada por todo o maltrato. — Ninguém cortou minhas asas. Eu nunca tive nenhuma para começo de conversa. — Seu bastardo maluco.

—Nenhuma para começo de conversa? — Ele se move atrás de mim, fazendo-me ficar tensa novamente, e ele pressiona as mãos contra as minhas costas. —Não, não. — Ele balança a cabeça com veemência. —Dormente. — Ele acaricia minha pele, e eu estou começando a ficar desconfortável. —Oh, mas elas devem brotar.

Eu não entendo nada disso. Eu não falo a língua dos psicóticos. —Lindo pássaro. Pássaro trágico. Meu pássaro. Você não é como as outras. Elas cheiram a árvores e a terra banhada pelo sol. Algumas sentem frio como o congelamento do inverno. Nenhuma fera entre elas – salva para meus sacrifícios. Deve ser feito, deve ser feito.

Se eu tentasse fugir agora, até onde eu chegaria?

Suas mãos descem pelas minhas costas, até a minha cintura, e eu decido que não me importo com as minhas chances de escapar.





Eu me viro, deixando a sereia sair.

Seus olhos brilham quando ele observa
minha pele brilhante. —Criatura de tirar o fôlego.

Coisa engaiolada, sem voo. Você é rara!

Eu bato meu joelho em sua virilha.

Ele faz um som pequeno e sufocado, seu corpo se dobrando
enquanto ele se agarra.

Seu erro foi me ver como inofensiva. Eu corro para a porta.

Eu ouço um grunhido atrás de mim. Um momento depois, ele
se materializa na minha frente, bloqueando a porta. Seus olhos
brilham, um rugido ameaçador ressoa em sua garganta. —Se você
correr, eu vou perseguir você e eu vou te quebrar, lindo pássaro.

—Fique longe de mim, — eu digo. Minha voz se tornando
etérea.

Os olhos do Rei da Fauna piscam e sinto que não estou mais
encarando Karnon.

Aqueles olhos... Estou olhando para um abismo e o monstro
que está no fundo.

Eles são os mesmos olhos que eu olhei
ontem.

Ele passa as mãos pelo cabelo,
domando sua juba selvagem. Esse
homem não é bestial, não é como
Karnon. Ele é cultivado. Seus olhos
estão focados, astutos.





O interesse brilha em seu olhar. —Bela escrava. Nos encontramos de novo. —Esta... não é a mesma pessoa com quem eu estava falando há um momento atrás. Estou acostumada a ter dois aspectos de mim mesma, então conheço bem os sinais.

A maneira como Karnon está me estudando agora, sua expressão irritada – e faminta – me deixa preocupada. O Karnon que eu conheci antes era louco, imprevisível, feroz, mas ele não parecia mal. Não como ele parece agora.

Eu começo a recuar. Em resposta, o rei fae segue em frente. Esse homem é brutal, violento, implacável. Ele é o tipo de homem que pega e pega e pega.

Ele fecha a distância entre nós, envolvendo a mão no meu pulso. A palma de Karnon se move sobre o meu bracelete. —O que é isso? — Ele dedilha as miçangas. —Você não deve usar nada além do que eu lhe dou. — Enquanto ele fala, seus dedos se enroscam ao redor da pulseira. Ele puxa com força, e eu solto um pequeno som enquanto as miçangas cavam em mim. Mas isso não a quebra.

Franzindo a testa, ele tenta novamente. Mais uma vez, minha joia encantada é rápida. Eu apreciaria sua frustração se meu braço não estivesse sendo esfolado no processo.

—O que é essa magia? — Ele rosna, olhando mais de perto as





miçangas. De repente, ele empurra a cabeça para trás. —O Bastardo do Arestys, — ele rosna, soltando minha mão. —Guardas!

Eles entram no quarto.

—Por que não fui informado de que ela usa a magia de Desmond? —Eles olham um para o outro, obviamente confusos. Como se eles soubessem. Esses guardas são obviamente apenas músculos.

—Sua M-Majestade, — um deles gagueja, —não estávamos cientes—Karnon dá um passo ameaçador para frente. —Não estavam cientes? — Ele diz. —Você é cego?

Ele espera por resposta.

Os guardas balançam a cabeça.

Enquanto os três falam, começo a me aproximar da porta. Meu coração bate mais e mais rápido. Esta pode ser minha única oportunidade para escapar.

—Você trouxe magia estrangeira aqui, — diz Karnon. —Pode ser rastreada. —Rastreada?

—Sua Majestade, não tivemos nenhum envolvimento — Mas o Rei da Fauna parou de escutar.

Karnon ruge, passando uma mão com garras no ar. Vários metros de distância, os guardas gritam quando cada um de seus





estômagos se abre em quatro longas linhas irregulares. Marcas de garras. Karnon fez isso com sua magia.

Quase imediatamente sangue e entranhas saem de suas barrigas.

Não perdendo outro segundo, eu corro para a porta. Eu nunca consigo sair.

Karnon me agarra por trás, suas garras cortando minha pele enquanto ele me gira ao redor. — Nós não terminamos, — ele sussurra em meu ouvido. Ele agarra meu queixo, apertando-o ao ponto da dor. E então ele respira em mim mais uma vez.





CAPITULO 27

EU ESTOU MORRENDO, meu corpo apodrecendo de dentro para fora. Acho que um dia ou dois se passaram desde a minha última visita a Karnon, mas não tenho certeza. Tudo o que sei é que minha vida consiste em tremer, adoecer e dormir.

O guarda que eu chamei de Rabo de Leão passa de vez em quando pela minha cela, batendo nas barras de ferro com as mãos enluvadas, me provocando. Eu fracamente consigo mostrar o dedo a ele, mas não tenho ideia se mostrar o dedo para alguém é considerado ofensivo no Outro Mundo. Tudo o que sei é que o Rabo de Leão não se assustou com a visão como eu esperava que ele fizesse.

— Ei, Callypso — — Aetherial chama.

Minha cabeça rola fracamente em direção a sua voz. — Sereia!

— Sim? — Eu resmungo fracamente. — Arraste sua cama até aqui, — diz ela. — Eu não sei se posso, — murmuro.

— Você pode, eu sei disso. — Ela nem sequer parece triste, a voz dela comandante. Fraca, mas comandante.

Ugh. As guerreiras fae são muito fortes.

Leva um tempo
embaraçosamente longo para
mover minha cama, mas





eventualmente eu faço exatamente isso.

—Como você está se sentindo, sereia?
Ainda tem movimento suficiente em seus membros?

—Você me fez arrastar minha cama até aqui e agora você me pergunta isso? —Ela dá uma risada ofegante. —Estou tentando ter uma conversa educada. Não questione isso. —Meus lábios se curvam ligeiramente.

Nós duas ficamos em silêncio novamente, e minha mente flutua. —As algemas... — Eu finalmente digo. —Eu não percebi o quão doloroso elas devem ser.

—Eu aguentei pior. — Jesus.

Depois de um momento, ela acrescenta, —Nós enrolamos pano em volta dos punhos – a barreira para a maior parte da dor. —Mas não toda ela.

Ao ouvi-la, percebo que sua voz está arrastada, seu discurso é muito mais lento, como se ela escolhesse suas palavras com cuidado.

Perdendo a capacidade de mover a boca.

—Você está bem, Aetherial? — Ela não fala por muito tempo.

Finalmente, ela diz, —Tudo está indo. Até minha mente parece nebulosa. —Pelo pouco que sei dela, posso dizer que Aetherial é uma





criatura orgulhosa demais para dizer que ela não está bem.

Ela suspira. —Você sabe, a pior coisa sobre isso é que minha esposa vai ter que me ver assim.

Eu não me incomodo em comentar. O que Des faria quando

e se – eu voltasse para ele em um caixão?

—Ela vai pegar esse pequeno monstro assustador que inevitavelmente vai nascer. Eu sei que ela vai, aquela mulher doce e tola.

—Você também as viu? — Eu pergunto.

—Eu fui mordida por uma daquelas criaturas.

Eu me encolho, lembrando que Des tinha me dito que aquelas crianças tinham estado perto de me morder também.

Des. Apenas o pensamento dele me entristece. Eu não sei se vou voltar a vê-lo, segurá-lo novamente, falar com ele novamente.

—Você é casada? — Eu pergunto, mudando de assunto e forçando a minha mente a partir da única coisa que vai me deixar

leve. Porque não há suavidade neste lugar. E

se eu quiser aguentar o maior tempo

possível, tenho que ser mais forte que

aprendi a ser na ausência de Des.

Eu ouço Aetherial exalar cansadamente. —Sim, — diz ela.

Depois de um momento, ela





acrescenta, —Nos casamos no Reino da Noite. Tecnicamente, nosso casamento não é reconhecido no Reino do Dia.

— As relações com os seres humanos não é a única coisa tabu aqui. Mas tecnicamente, eu realmente não dou a mínima.

Eu sorrio para isso.

—A propósito, Callypso, — diz ela. —Callie, — eu corrijo.

—Callie, — ela repete, —Apenas uma atualização: eu não vi um humano na prisão — além de você, é claro.

Meu coração despenca. Eu estive aqui dias e estou ficando mais fraca com cada um que passa. Estou perdendo minha janela de oportunidade.

Eu olho para o meu bracelete, girando-o em volta do meu pulso. Nem toda a esperança está perdida. Se eu entendi Karnon corretamente, Des poderia rastrear minha magia.

Mas se ele pudesse, ele já não teria aparecido? —Callie? — Aetherial interrompe meus pensamentos. —Sim?

—Ninguém fica magicamente grávida aqui.

O significado dela não se registra no começo, mas quando isso acontece...

Meus olhos se fecham com isso. No que ela não está dizendo.





Forte Aetherial imobilizada, impotente para impedir o que aconteceu com ela.

—Foi Karnon?

—O próprio diabo, — afirma ela.

Eu não tenho palavras. Aconteceu comigo antes, pode muito bem acontecer comigo de novo, e em algum lugar entre tudo isso, você pensaria que eu teria algo a dizer, mas eu não tenho. Não para a valente Aetherial.

Ela limpa a garganta o melhor que pode. —Só pensei que você deveria saber.

Eu engulo. —Obrigada por me avisar, — eu sussurro, minha voz rouca.

Mas não tenho certeza se é melhor saber o que aconteceu com ela, o que me espera.

Às vezes, saber é apenas outro tipo de inferno.

NÃO ESTÁ FUNCIONANDO.

Qualquer veneno que Karnon esteja tentando me alimentar não está funcionando. Eu me aconchoo no canto da minha jaula, meu corpo coberto com um brilho de suor. Meu corpo inteiro treme violentamente. Do meu melhor palpite, faz quase uma semana desde que cheguei. Eu passei por mais duas ministrações





do Rei da Fauna, e cada vez que meu corpo rejeita sua magia envenenada, ele fica cada vez mais frustrado.

Ele ainda não me tocou. Talvez o monstro não goste das vítimas que revidam. Embora eu duvide que neste momento eu apresentaria um grande desafio para Karnon; eu estou muito fraca para fazer muita coisa sozinha. Apesar do meu estado lastimável, eu não estou sendo arrastada por sua magia, não como as outras mulheres aqui.

Um horrível tipo de mal-estar está se instalando em meus ossos. Parece que a mágica ou fará o lance de Karnon, ou eu deixarei de existir. E até agora, não está fazendo o lance de Karnon.

Eu supus que toda magia fae funcionava em humanos. Afinal de contas, o Negociador conseguia usar sua magia em mim. Mas talvez minhas suposições estivessem erradas. Talvez haja alguns limites para a magia fae. Talvez ser humana agora seja uma coisa boa.

Embora seja difícil chama o estado em que estou de boa coisa. Eu me deito desanimada na cama, meu vestido pendendo frouxamente em mim. Agora os guardas simplesmente me levam aos aposentos de Karnon sem lutar. Não há mais conversa fiada.

Se eu for saudada com a versão maligna de Karnon, ele vai direto ao trabalho. Se eu me deparo





com a versão mais gentil e mais louca de Karnon, ele me balança contra ele, murmurando bobagens sobre asas e brânquias, garras e escamas.

— Aetherial? — Eu chamo.

Silêncio. Tem sido assim nos últimos dias.

Eu começo a falar com ela de qualquer maneira, caso ela ainda possa me ouvir, dizendo-lhe qualquer coisa que cruze minha mente. Mas nem uma vez eu menciono a única coisa que pesa mais fortemente em minha mente— Eu vou morrer aqui.





CAPITULO 28

SABE-SE LÁ QUE MALDITO DIA É A visita número seis com Karnon, o cara que está começando a estrelar todos os meus pesadelos.

Quando chegamos, os guardas me largam sem cerimônia no chão antes de recuar.

Gemendo um pouco, eu me empurro em meus antebraços, alcançando minha venda. Ultimamente os guardas pararam de amarrar meus pulsos e tornozelos. Qual é o ponto? Eu estou muito fraca para escapar.

Eu puxo o pano em volta dos meus olhos, piscando contra o brilho da sala. Eu congelo quando percebo ao meu redor.

A primeira coisa que noto é que não estou no quarto de Karnon. Aqui, folhas mortas estão espalhadas pelo chão, e vinhas mortas, finas, cobrem a maioria das paredes e grande parte do teto. Eles estão até mesmo enroladas no grande lustre de chifre que termina bem acima de mim. Esta sala abandonada parece ter sido deixada para os elementos.

Um quarto selvagem para um rei louco e selvagem.

Meu olhar cai para uma plataforma elevada do outro lado da sala. A cadeira maciça empoleirada no centro dela é uma cadeira feita





inteiramente de ossos. E sentado nele está Karnon.

Ele me avalia do seu trono. —Pássaro precioso, — ele diz, —você está morrendo.

Ele se levanta, e essa simples ação sozinha envia um arrepio pela espinha.

Hoje não será como as outras visitas.

Seus passos ecoam quando ele desce as escadas à sua frente, triturando sob as botas.

Eu dou uma boa olhada em seus olhos, e é meu padrasto de novo. A luxúria meio louca que parece mais animal que o homem. O temperamento curto que pode se transformar em raiva à menor provocação.

Ele para a menos de 30 centímetros de mim. Somos apenas nós dois nesta sala; quaisquer guardas ou auxiliares ou oficiais que estão normalmente estacionados aqui agora se foram.

Karnon se ajoelha ao meu lado. Eu tento me afastar, mas meus membros estão pesados e lentos. Eu quero gritar de frustração. Eu jurei há muito tempo que nunca mais seria uma vítima. E aqui estou eu, impotente sob a vontade de um rei louco.

Ele começa a acariciar meu cabelo. —Que bonito, bonito pássaro. Uma vergonha você não





pode voar, presa como você está nesta gaiola de um corpo.

Ele cobre meu rosto. —Você está morrendo porque o animal em você está sendo sufocado. —

Cerrrto, é por isso.

—Eu estou morrendo porque você está me envenenando, — eu digo.

Ele olha de volta para mim, seu olhar distante, e eu já posso dizer que minhas palavras não foram registradas por ele. Ele começa a acariciar meu cabelo novamente. —Como uma criatura pode sobreviver quando ela não tem guelras para respirar ou asas para voar?

Quando eu não respondo, ele me dá uma olhada como se o meu silêncio estive fazendo o seu ponto por ele. Seu toque se move do meu cabelo pelas minhas costas.

Eu tento afastar suas mãos, meus membros lentos. Isso não é bom.

—Criatura doce, — diz ele, acariciando minhas costas, — não se preocupe. — Ele se inclina perto do meu ouvido. —Hoje vou libertá-la.

Eu me viro para olhá-lo, meu olhar trancado com aquelas pupilas dele. Nós nos encaramos por vários segundos, suas mãos pesadamente





nas minhas costas. Seu corpo começa a tremer e, de repente, ele libera toda a sua magia em mim.

SUA MAGIA É como uma marreta nas minhas costas, penetrando na minha pele, nos meus ossos com a força de um trem de carga. A onda de choque se agita ao nosso redor, sacudindo as próprias paredes da sala do trono.

Então vem a dor, dor mais vasta e aguda do que qualquer coisa que eu já senti. Minha sereia sobe em resposta.

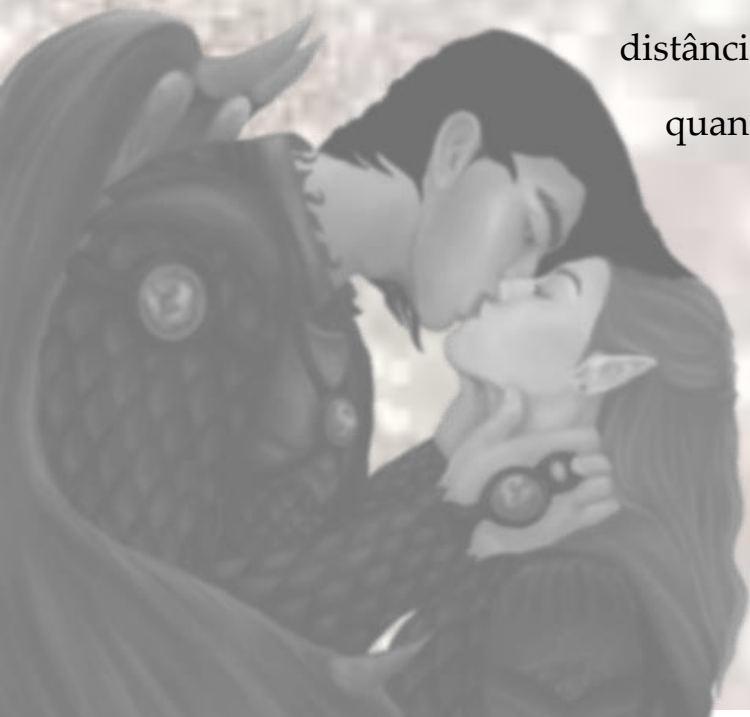
Eu abro minha boca, meus olhos rolando para trás, e eu grito e grito enquanto agonia diferente de qualquer coisa que eu já senti rasga através de mim. Meu corpo parece estar se desfazendo, meus ossos se quebrando, meus músculos se rasgando, minha pele se esfolando.

É interminável e insondável, a força disso me prendendo no chão. Eu estou indefesa sob o aperto de Karnon nas minhas costas, um aperto que eu não posso abalar neste momento.

O rei da fauna ri, o som rouco como um trovão ressoando à distância. — Meu lindo pássaro canta melhor quando está sentindo dor.

Ele pressiona com força contra a minha pele. — Sereia, — ele grita, — venha adiante!

Outra onda de energia me atinge.





Meus gritos atingiram um novo decibel, o som se harmonizando consigo mesmo.

Minha coluna e costelas parecem estar rachando, quebrando. Eu não sou mais feita de músculo e osso. Tudo foi pulverizado sob a magia de Karnon.

—Sim! — O louco grita. —Mais!

Meu corpo parece se dobrar quando outra onda de energia passa por mim. Minha pele está queimando, queimando. E minhas costas!

Minhas costas estão pegando fogo! Deve ser; é aí que o pior da dor é. Karnon me libera, mas o poder agonizante que ele está empurrando em mim não diminui. Se alguma coisa, está piorando. Porque está mudando de rumo; em vez de se enterrar em mim, agora está tentando se forçar para sair.

Eu me inclino, respirando pesadamente, meu cabelo grudado no meu rosto.

—Mais! — Karnon grita.

Estou rasgando de dentro para fora. Minha pele não cabe mais no meu corpo. É muito pequena. Eu vomito de novo e de novo, mal conseguindo aguentar a dor que estou sentindo.

—Mais!

Meus gritos se tornam cada vez mais agonizados enquanto seu





poder bate contra o interior da minha carne.

—MAIS!

De repente meus gritos cessam e a magia entra em erupção.

Minha pele se divide em ambos os lados da minha coluna, e eu ouço o som de estalos molhados e estalando.

E então... Eu sinto isso. Duas saliências úmidas e pegajosas saem da minha carne rasgada, desdobrando nas minhas costas.

Então finalmente, finalmente, a magia diminui.

Eu desmorono em mim mesma, tremendo, tremendo. Sangue por toda parte.

—Sim! Meu lindo pássaro, você está livre! — Karnon diz alegremente.

Eu não consigo me mexer. Nenhuma energia sobrou. Enquanto estava deitada, avistei minhas mãos. Onde antes eram unhas, agora tenho garras afiadas e pretas. E meus antebraços... Escamas delicadas e semitransparentes os cobrem, ouro brilhando onde respingos de sangue não os cobrem.

Eu mal consigo entender a visão.

Mas então vislumbrei algo por cima do meu ombro. Algo escuro, algo sangrento... E há um peso estranho nas minhas costas...





A sereia dentro de mim está
sussurrando, os mundos se enroscando
em minha volta.

Eu sou poderosa.

Eu sou a vingança.

Eu estou livre.

Os passos de Karnon se aproximam de mim.

Ele agarra as coisas escuras e sangrentas atrás de mim,
esticando-as para cima e para fora. Eu sinto meus músculos esticarem
enquanto estendo meus braços.

Mas meus braços estão bem na minha frente...

Eu pego outro vislumbre dessas coisas sombrias. E então eu
entendo.

Asas.

Eu produzi asas.





CAPITULO 29

AO VÊ-LAS, volto a vomitar. Isso deve ser um pesadelo.

Garras e escamas e asas. Eu sou agora mais animal do que mulher.

—Você gosta delas? — Karnon pergunta, suas palavras provocando.

Eu rolo minha testa contra o chão de mármore sangrento.

Não posso suportar a vista.

Bem atrás de mim, alguém bate nas portas que levam até aqui, a madeira estremecendo contra a força dos ataques. Se eu tivesse mais energia, teria pulado com o barulho.

Em vez disso, eu apenas deito aqui. As portas continuam a bater. E bang.

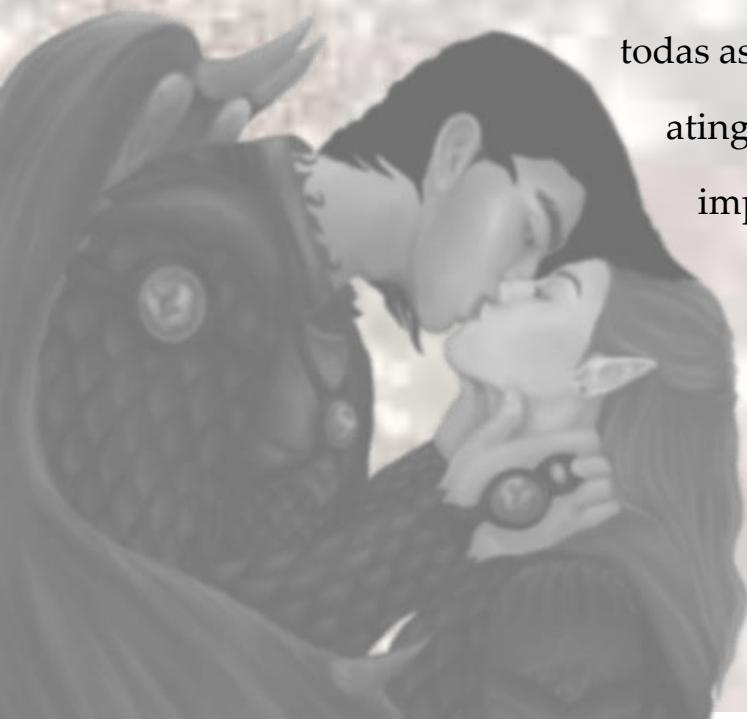
Karnon deixa cair minhas asas, e com um barulho molhado elas caem para os meus lados. Seus passos recuam.

BOOM!

As portas de metal se abrem, a madeira se despedaçando de todas as maneiras. As enormes portas duplas atingiram o chão da sala do trono, o impacto delas sacudindo as paredes da sala.

Eu o sinto antes de ouvir seu agoniado berro.

Des.





Ele me encontrou. Um fraco fio de felicidade empurra minha exaustão.

Sombras se enrolam em mim como fumaça.
Eu olho cansada para elas.

—Então, seu companheiro encontrou você depois de tudo, — diz Karnon. —Levou tempo suficiente. O ar muda e, um momento depois, Des está agachado ao meu lado.

Eu sinto sua mão deslizar sobre a carne sensível das minhas asas.

—Eu sinto muito, querubim, — ele sussurra, sua voz se quebrando. —Por tudo. Ele vai pagar.

Eu começo a tremer.

—Diga-me, como você gosta da sua companheira agora? — Karnon diz ironicamente. —Ela melhorou, não é?

Eu pego outro vislumbre de mim mesma – minhas douradas escamas, minhas unhas afiadas... minhas asas.

De repente, eu não posso olhar para o Des.

Eu sou monstruosa. Não uma mulher, não mais.

As mãos de Des me deixam. Ele se levanta e a atmosfera da sala parece repentinamente sinistra. Viro a cabeça bem a tempo de ver o





Negociador se aproximar de Karnon.

—Você sabe, que estará quebrando a mais sagrada lei da hospitalidade atacando um rei dentro de seu próprio castelo, — diz Karnon, recuando.

O Negociador não se incomoda em responder. Ele é a personificação da ira. Eu posso ver isso se construindo sob sua pele, queimando em seus olhos. Um abismo sem fim disso.

Isso me lembra do olhar frio de Karnon...

Mas meu companheiro está tão calmo. Toda essa fúria está contida dentro dele enquanto ele se move, e isso só serve para fazê-lo parecer ainda mais ameaçador.

—Eu nunca imaginei que você fosse se apaixonar por uma escrava. Mas o fraco atrai fracos... — Karnon insulta, tentando irritar Des enquanto começa a recuar.

A reação nunca vem. O Negociador continua perseguindo Karnon com a mesma raiva constante de seu rosto, em um tom intransigente.

—Embora eu apreciei seus gemidos...

— E ainda assim, Des não reage.

Karnon rosna, claramente ficando impaciente. De repente, e sem aviso, ele passa a mão pelo ar. Sinto a magia passar por mim e, tarde demais, deixo escapar um grito





agudo, lembrando-me dos guardas que Karnon estripou alguns dias atrás.

Des nem tenta bloquear o ataque. Vejo pano e pele divididos em quatro marcas de garras irregulares em seu estômago, e seu sangue começa a derramar.

—Não, — eu murmuro fracamente, começando a me arrastar pelo chão.

O rosto do Negociador ainda é uma máscara de raiva. E enquanto eu assisto, vejo suas feridas começarem a se endireitarem.

Eu sinto sua magia construindo e construindo; engrossando o ar enquanto enche a sala.

Des é pura escuridão. Eles se reúnem em torno dele, escurecendo o quarto. Pouco a pouco, as sombras apagam as luzes. Seu rosto é tão sinistro quanto eu já vi. Mesmo Karnon parece um pouco inseguro neste momento, dando um passo para trás.

As sombras varrem a sala, cobrindo-me e tudo mais até que a sala fique preta como breu.

—Você acha que não posso ver nessa escuridão? — Diz o Rei da Fauna.

Está quieto.

Então ...

—Eu sou a escuridão. —O poder de Des detona, explodindo pela sala, puxando meu cabelo para trás.





Eu achava que Karnon era desconcertante?
Isso não é nada – nada – ao lado da fúria e pura
força da magia que se move através de mim. Um
líquido quente me bate, respingando no meu cabelo,
meu rosto. Eu provo o sabor acobreado dele nos meus lábios.
Sangue. De quem?

Com um grito ensurdecador, as paredes e o teto explodem,
pedaços de mármore e gesso se espalham aos quatro ventos, o prédio
essencialmente vaporizado.

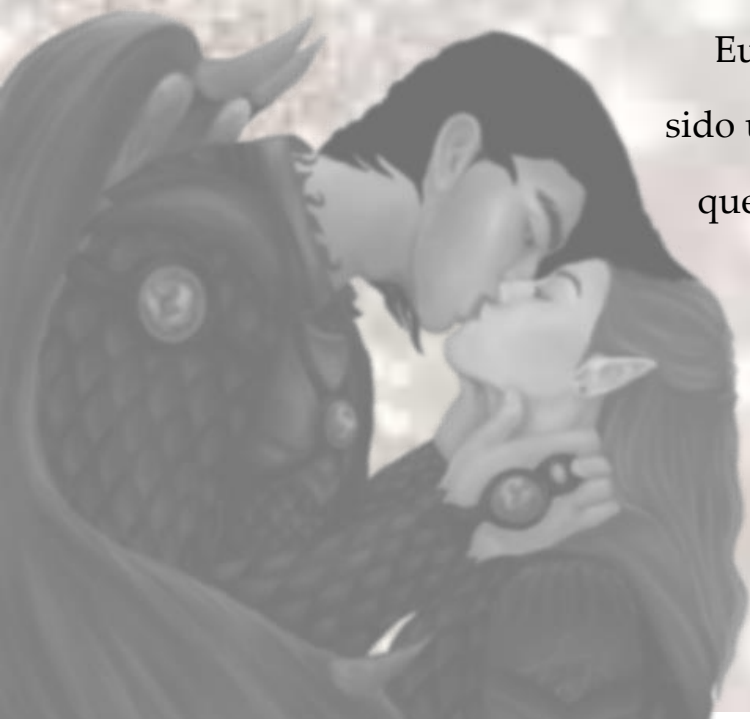
E então acabou.

A escuridão recua, e quando isso acontece, a primeira coisa que
vejo sob o obscuro céu crepuscular é... carne. Carne – e pedaços de
osso espalhados pela sala.

Isso é tudo o que sobrou de Karnon.

Ajoelhado atrás dele está Des, que não tem um pedaço de
sangue em suas roupas, nem um fio de cabelo loiro branco fora do
lugar. Além das bordas rasgadas e sangrentas de suas roupas, ele
parece totalmente intocado.

Eu olho em volta de nós. Este deve ter
sido um grande castelo, mas agora tudo o
que posso ver é a sua base e pedaços de
mobília que não foram
completamente destruídos na
explosão.





Além das muralhas do castelo, as árvores que a cercam estão totalmente intocadas.

Des fez tudo isso. Eu tremo com a visão de tudo isso.

O Negociador levanta a cabeça, com os olhos fixos nos meus. —O rei da fauna não existe mais.

DES VEM ATÉ mim, suas mãos deslizando sob o meu corpo enquanto ele me levanta. Eu soltei um pequeno e dolorido ruído. Tudo dói, meu couro cabeludo, meus dentes, meus ossos, meus dedos — meu coração.

Especialmente esse último.

—Tudo bem, querubim, está tudo bem.

Eu faço um som abafado e viro minha cabeça para o peito dele.

Não está tudo bem. Eu posso sentir as pontas das minhas asas se arrastando pelo chão. Um leve pó de escamas cobre meus braços e tenho garras.

Monstruosa. Tão monstruosa quanto meus captores. E agora eu sempre vou carregar o lembrete.

A única coisa que tempera minha repulsa é minha vontade. Eu estou lutando para ficar consciente.

Des continua lançando olhares preocupados em mim. — Fique comigo, amor.





Eu forço meus olhos a permanecerem abertos.

—Boa menina, — diz ele, acariciando meu cabelo para trás. —Estamos indo para casa. — Sua expressão está cheia de tanta agonia.

É doloroso para ele até mesmo olhar para mim.

Talvez fosse melhor quando ele estava simplesmente fora da minha vida. Foi um golpe único que eu consegui sobreviver. Vê-lo olhar para mim dessa maneira uma e outra vez – cada momento é um soco no intestino. Em resposta à minha ansiedade, minhas asas estão tensas, prontas para levantar.

—Fique calma, amor, — diz Des.

Lentamente, eu me forço a relaxar minhas costas, minhas asas ficando frouxas novamente.

Ele dobra os joelhos, enrijecendo. Um momento depois, nós atiramos no céu.

Eu olho para as estrelas, as lindas e desoladas estrelas, meu corpo no final de sua corda. Minhas pálpebras se fecham.

—Callie...

Mas nem mesmo a voz de Des me traz de volta da escuridão.





CAPITULO 30

EU ACORDO COM a sensação de uma mão acariciando minhas costas.

Eu cansadamente pisco meus olhos abertos. Eu não reconheço imediatamente o que me rodeia. Não até eu notar os bolinhos de parede de bronze e um arco marroquino.

Quarto do Des. Fiquei deitada de bruços no meio da cama, aninhada entre todos os lençóis.

Por que estou no meu estômago? Eu nunca durmo de barriga para baixo.

—Querubim, você está acordada. — A voz suave do Negociador levanta arrepios em minha pele.

Eu começo a sorrir, ainda confusa, quando me lembro. A prisão, Karnon, minha metamorfose.

Minha metamorfose.

Eu levo minha mão até as minhas costas. Quando meus dedos roçam as penas, solto um grito abafado.

Não foi um sonho.

—Elas são... lindas, — diz Des. Sua mão se move sobre elas. Sob o seu toque, elas se movem, minhas penas fazendo um barulho suave enquanto se esfregam umas nas outras.





Eu aperto meus olhos fechados. —Não, —
eu digo, minha voz rouca.

Eu não quero ouvir sobre como elas são
bonitas. Elas foram forçadas em mim por um louco.

Por um psicopata que teria rido se a transformação me
matasse. O mesmo monstro que violou milhares de mulheres.

Eu estava pronta para morrer. Eu estava pronto para viver em
estado vegetativo.

Eu não estava pronta para isso.

E sei que não é o pior destino, mas parece que sim. Porque agora
eu pareço com todas aquelas faes da fauna. Meus captores. Meus
aterrorizadores. Uma coisa era suportar as punições. Outra é olhar
para mim e vê-los.

—Não o quê? — Diz Des. —Não toque em você? Elogie você?

—Tudo isso, — eu digo, abrindo meus olhos. Eu estou
horripilante de se olhar.

Meus braços tremem quando começo a me colocar em uma
posição sentada. Eu vejo essas escamas de ouro escuras que correm
pelos meus antebraços como armaduras
chapeadas.

Eu começo a coçar para arrancá-las
da minha pele, uma por uma.

Assim que começo a me
sentar, sinto pressão nas costas.





Minhas asas desajeitadas são longas demais, os ossos muito delicados.

Eu não posso me sentar na cama.

Eu sinto uma lágrima frustrada vazar quando eu caio de volta de barriga para baixo.

Tão fraca.

Um momento depois, Des me pega. Minhas asas emaranham atrás de mim, as pontas arrastando ao longo do chão. As penas são pretas como breu, mas sob a luz, elas têm um brilho espetacular.

Elas são bonitas e eu as odeio ainda mais por isso.

Enquanto ele me carrega, meu rei fae olha para mim como se ele estivesse se afogando.

Ele me pega olhando. —Vamos superar isso, — ele jura, — assim como fizemos da última vez. Nós fizemos isso uma vez antes. Podemos fazer isso de novo.

—Eu não sei se consigo. — Minha voz se quebra.

Des me coloca de pé na frente de um espelho de corpo inteiro em seus aposentos. —Diga-me o que você vê, — diz ele.

Eu franzo a testa, primeiro para ele, então – com relutância – para o meu reflexo. Eu não quero nem olhar. Eu não quero ver se sou mais monstro que humana. Mas quando olho, vejo meu rosto e isso é absolutamente imutável. Esquecendo que Des está





de pé ao meu lado, eu toco minha bochecha. Eu pensei que talvez... Que talvez eu não me reconhecesse no espelho. Que eu seria verdadeiramente uma fera. Mas eu não sou.

Meus olhos se movem para a minha mão. Por um longo momento eu olho para as garras afiadas, e então meu olhar se move para os meus dedos. Aqueles ainda são humanos. Na verdade, se eu lixasse minhas garras, além da cor preta das minhas unhas, elas pareceriam mãos normais.

Meus antebraços têm um brilho delicado de escamas, que brilham sob a luz. Eles começam no meu pulso e terminam diante do meu cotovelo, e algumas fileiras deles tocam meu braço antes de voltar à minha pele normal. Eles não continuam no meu pescoço, peito ou rosto. Eu levanto a saia do meu vestido para olhar minhas pernas. Elas também estão livres de escamas. Elas estão como sempre pareciam. E meus pés ainda são pés humanos – não há garras adornando meus dedos.

E quando meu olhar se volta para o meu reflexo, ainda tenho as mesmas proporções. Eu sou a mesma mulher que sempre fui, apenas com algumas adições. E enquanto esses poucos acréscimos – garras, escamas e asas – são dolorosos de se olhar, eu não sou o monstro que eu pensei que poderia ser.





Na verdade, eu pareço um pouco fae.

—O que você vê? — Des pergunta novamente. Eu engulo. —Eu vejo Callie.

—Assim como eu, — Ele mergulha a boca perto do meu ouvido. —Querubim, pessoas como nós não somos vítimas. Nós somos o pesadelo de alguém.

Eu não sou uma vítima.

Eu não sou uma vítima.

Como eu me esqueci disso? Porque, ao longo do caminho, eu tinha esquecido. E isso quase me quebrou.

Eu não sou uma vítima.

Aqui no Outro Mundo, perdi minha arma mais poderosa – meu encanto. Mas ganhei garras e asas.

Meus olhos se movem para o Des. —Me ensine novamente como ser o pesadelo de alguém.

Eu precisava me sentir perigosa, poderosa, traços que perdi em algum lugar ao longo do caminho.

Uma sugestão de um sorriso perverso aparece e, encapuzado em suas sombras, é ameaçador. —Com prazer, companheira.

EU FICO EM PÉ dentro de um dos armazéns desapropriados do Reino da Noite, olhando para a multidão de guerreiras adormecidas. Milhares delas. Matar Karnon





deveria ter libertado todas essas mulheres de qualquer magia negra que as mantinham presas.

Mas isso não aconteceu.

E agora há tantas outras mulheres adormecidas, descobertas nos quartos subterrâneos bem abaixo do castelo de Karnon.

O armazém parcialmente vazio está subitamente repleto de caixões. E as mulheres em todos os novos estão grávidas. Ninguém sabe quando – ou se – elas darão à luz.

Os outros reinos também receberam a sua parte de guerreiras adormecidos recuperados das entranhas da prisão de Karnon, guerreiras pertencentes aos Reinos do Dia, Flora e – o mais estranho de todos – a Fauna. Karnon estava abusando das mulheres soldados do seu próprio reino.

Eu mal posso envolver minha mente em torno disso.

Ainda há a questão dos guerreiros masculinos, os homens que ainda estão desaparecidos. E depois há as mulheres cativas, como Aetherial, que estão se recuperando de sua provação. Cativas que reclamam de uma escuridão que ainda permanece dentro delas.

Nada está resolvido.

Eu toco minha mão em uma das tampas do caixão, minhas pontas da garra estalando contra o





vidro. —Acorde, — eu sussurro, encanto
escorregando na minha voz.

Se as mulheres adormecidas ouvem, elas não
obedecem.

Eu até espero que o som de vozes parecidas com
fantasmas cresça ao meu redor, assim como antes.

Mas tudo está em silêncio. Tudo está parado.

Fumaça e sombras envolvem meus braços. Um momento
depois, eles se transformam em mãos.

—Querubim, — Des sussurra em meu ouvido, apertando meus
braços suavemente.

Em sua voz, minhas asas se movem, roçando-se contra o peito
dele.

Eu não deveria estar surpresa que ele me encontrou. Ele é o
Negociador, senhor dos segredos, mestre das sombras e rei da noite.

Ele toca meu queixo, virando meu rosto.

Eu fecho meus olhos e engulo. É bom ter o Negociador me
tocando assim, apesar do fato de que Karnon fez a mesma coisa, dia

após dia. Porque com Des, é diferente.

Sempre foi. Sempre será. —Eu acordei e
você se foi, — diz ele.

Eu entendo o que ele não diz.

Que ele temia que ele me perdesse
de novo.





—Eu tive que vê-las. — As palavras são quase inaudíveis.

Eu tive que ver as mulheres que foram menos afortunadas do que eu. Aquelas que foram incapazes, mesmo após a morte de Karnon, de escapar de suas garras.

Meus olhos examinam a sala, meu peito apertado com a visão. Se eu não fosse humana, eu poderia estar entre elas, meu corpo deitado entre todos os outros. Meus pulmões não estariam respirando, meu coração não estaria batendo, meu corpo não estaria vivo.

Mas também não estaria morta.

Suspensa em algum lugar entre os dois. Esperando.

Ele está vindo para você. Arrepios saem pela minha pele.

—Não acabou, — eu sussurro. Eu posso sentir isso nos meus ossos. Nós simplesmente demos o primeiro tiro.

—Que nossos inimigos venham, — diz Des, sua voz sedosa letal. —Eles têm um acerto de contas esperando no final da minha espada – e a vingança da minha sereia para lidar.

Eu me viro para encarar Des, seu cabelo loiro branco varrido para trás sob sua coroa. Suas tatuagens e bainhas de guerra estão escondidas sob seu traje fae, mas mesmo sem isso a mostra, ele é tão obviamente uma coisa perigosa, com seus olhos brilhantes





e asas volumosas, que estão se mostrando quase constantemente desde a noite em que ele matou Karnon.

Ele coloca as mãos nos dois lados do meu rosto.

—Deixe nossos inimigos virem e eu matarei todos eles. Enquanto você estiver ao meu lado, querubim, eu tenho algo pelo que lutar.

Este é talvez o mistério mais surpreendente de todos na sequência da morte de Karnon. Minhas mudanças físicas não diminuíram o que Des sente por mim. Ele na verdade parece bastante... apaixonado pelas mudanças. E toda vez que ele olha minhas asas, minhas garras, minhas escamas com adoração, eu as tolero um pouco mais. E eu me apaixono pelo meu companheiro mais e mais.

Este homem que me salvou tantas vezes, que me puxou da minha própria escuridão atormentada para a dele. Esse homem que esperou sete anos por mim. Este homem que, contra todas as razões e desvantagens, é meu companheiro.

Eu me inclino e dou um beijo nos lábios dele. — Eu estarei ao seu lado, — prometo, — até que a escuridão morra.

